

Textos e versões

Cadio, de George Sand.
Uma Adaptação teatral por
Paul Meurice.

Carlos Alberto da Fonseca
Tradução e notas

Resumo

Tradução e notas do drama *Cadio*, de George Sand. a partir de eventos da Revolução Francesa.

Palavras-chave: George Sand, *Cadio*, Revolução Francesa.

Abstract

Translation and notes from the drama Cadio, by George Sand. from events of the French Revolution.

Keywords: George Sand, Cadio, French Revolution

Cadio George Sand

(née Amantine Aurore Lucile Dupin > Baronne Dudevant)

Adaptação de
Paul Meurice

Originalmente,
Romance Diálogo = Romance Dialogado (1867-1868)

Em 11 partes, com 96 cenas.

Notícia prévia: Revue des Deux-Mondes, 1867.

1ª edição: Paris, Michel Lévy Frères, 1868.

Tradução de
Carlos Alberto da Fonseca¹

1 **Nota do tradutor:** O texto de George Sand foi todo escrito em francês culto. Por conseguinte, todas as personagens podem ser lidas em francês culto, na edição em livro. Destaco, todavia, duas rubricas no início da cena 1 da parte 9, em que se refere que as personagens por elas indicadas falam “num dialeto”. Essa notação introduz a ideia de que se deve considerar que as personagens, que configuram um largo espectro da sociedade francesa da época, falam registros linguísticos diferentes. A mim me parece que essa questão da linguagem diferenciada das personagens na peça deve ter sido (e deve ser) resolvida com o recurso, na produção teatral da peça, a variantes regionais do francês mais conhecidas do público. No conjunto das personagens, há dois macrogrupos bem identificados: de um lado os nobres/monarquistas e seus códigos morais e culturais e seu francês padrão culto e, de outro, o vulgo da Bretanha e seus códigos e seu bretão, que deveria parecer bastante “estranho” ao espectador dos teatros parisienses. Como, a nosso ver, a linguagem também configura a personagem e, assim, faz parte de sua imagem, resolvi traduzir as falas das personagens bretãs ou de regiões vizinhas com uma forma “estranhada” da língua portuguesa culta (sem qualquer outra intenção senão a da estranheza, sem marcar formas regionais do português, mas dando-lhe uma gramática outra) para forçar na leitura pelo nosso leitor uma imaginação mais pormenorizada de diferenças, além do figurino, entre aqueles grupos sociais em conflito. O personagem Cadio, um matuto ingênuo no início, fica algum tempo ausente da narrativa, e nesse interim, passa por um processo de reeducação: o aprimoramento de seu francês (ele já sabia um pouco de latim e grego) faz par com seu aprendizado político e sentimental, como bom personagem do Romantismo. O suíço Stock recebeu, mais que no original, marcas da fonologia alemã em suas falas. A linguagem de um oficial inglês recebeu marcas de um francês com sotaque inglês. O Sr. De la Tessonière teve sua linguagem afetada vigiada com atenção, bem como a da criada La Korigane, carregada por excelência. Vale anotar aqui que o bretão é uma língua britânica falada na parte ocidental da Bretanha, descendente das línguas célticas que foram levadas da Grã-Bretanha pelas migrações bretãs para a Armórica (região da Gália) no início da Idade Média. A palavra francesa baragouiner “falar mal uma língua” foi construída, com sua finalização padrão de verbo, com as palavras bretãs *bara* (pão) e *gwin* (vinho) – imagine-se seu significado primário. Só esse exemplo já basta para anotar os problemas de convivência de níveis linguísticos diferenciados numa sociedade estratificada e que fazia questão de desconhecer qualquer republicanismo inerente à diversidade.

Personagens

CADIO

O marquês **SAINT-GUeltas DE LA ROCHE BRULÉE**
HENRI DE SAUVIÈRES

O conde **DE SAUVIÈRES**, seu tio
REBEC, pequeno burguês

LE MOREAU, municipal

MOUCHON, burguês

CHAILLAC, comandante da guarda nacional
O capitão **RAVAUD**

O barão **DE RABOISSON**

O Sr. **DE LA TESSONNIÈRE**

O Chevalier **DE PRÉMOUILLARD**

MÂCHEBALLE, caçador ilegal, chefe de *partisans*

STOCK, ex-suboficial dos Suíços

SAPIENCE, um cura

TIREFEUILLE, bandido

LA MOUCHE, bandido

MÉZIÈRES, criado de quarto do conde de Sauvières,

MOTUS, trompete republicano

TIO CORNY, granjeiro bretão, filhos, domésticos

O **DELEGADO** da Convenção

Primeiro **SECRETÁRIO** do Delegado

Segundo **SECRETÁRIO** do Delegado

Um cabo da Guarnição, soldados

LOUISE DE SAUVIÈRES, filha do conde

MARIE HOCHÉ

ROXANE DE SAUVIÈRES, irmã do conde, solteirona

LA KORIGANE

JAVOTTE, criada de Rebec

MADÉLON, criada de Rebec

TIA CORNY

A Louca e seu Filho

Duas Crianças

Um Carpinteiro

Um Notário e seu Escriturário

Dois Advogados

Um Peruqueiro

Camponeses, camponesas etc.

Parte 1

*Primavera 1793. No castelo de Sauvières,² na Vendéia.³ Um grande salão rico.
Uma grande sala com escadaria ao fundo.*

Cena 1

*Conde de Sauvières, Roxane, Louise, Sr. de la Tessonnière, Marie Hoche.
La Tessonnière joga cartas com Louise, o conde lê um jornal,
Roxane conversa, Marie borda.*

CONDE

Não, minha irmã, não. Não se vai restabelecer a monarquia com um punhado de camponeses.

ROXANE

Um punhado! Eles já são mais de vinte mil em armas.

CONDE

Mas nem que fossem cem mil, não vão conseguir nada. Não existe mais rei. Louis XVI carrega nossa última esperança em seu túmulo.⁴

LOUISE

Nem mesmo existe um túmulo, não é?

ROXANE

A realeza é imortal. O delfim reina.⁵

2 **Nota do original:** As localidades indicadas são pura convenção.

3 **Vendeia:** *Vendée*, em francês; departamento da região do rio Loire, no golfo de Biscaia. O nome deriva do rio epônimo que corre pelo sudeste do departamento. Região marcada pela oposição histórica à Revolução francesa – a Revolta da Vendéia de 1793, quando artesãos e camponeses se insurgiram contra a Revolução e a burguesia das grandes cidades e a favor da Igreja católica e do sistema monárquico, com o apoio da aristocracia. O estopim do levante teria sido a determinação do governo republicano de alistar um grande contingente de camponeses para combater os exércitos estrangeiros contrarrevolucionários (ingleses, austríacos e prussianos). Apesar dos sucessos iniciais, foi brutalmente esmagada pelas tropas republicanas, deixando algo entre 100 e 250 mil mortos, incluindo combatentes e civis.

4 O rei Louis XVI (1754-1793) foi deposto e preso por ocasião da insurreição de 10 de agosto de 1792; julgado pela Convenção Nacional, considerado culpado de alta traição e guilhotinado em 21.01.1793.

5 O delfim, Louis Charles, (1785-1795) filho de Louis XVI e Maria Antonieta, foi considerado Louis XVII, rei de França e Navarra, após a morte do pai. Mantido prisioneiro em condições subumanas, vai morrer na prisão em 10.08.1795.

CONDE

Sim, numa masmorra, não é?

ROXANE

Havemos de libertá-lo! (*Louise, com um gesto, parece aprovar sua tia. La Tessonnière faz sinais de impaciência quando ela se distrai no jogo*)

CONDE

Libertá-lo, aquele pobre garoto! Tentar fazer isso seria o jeito mais certo de apressar sua morte. Ah! os emigrados⁶ certamente terão a morte do rei em sua consciência!

ROXANE

Então, não se vai fazer nada? É mais cômodo, mas é mais covarde! Ah! minha sobrinha, se fôssemos homens, estaríamos sofrendo o que está acontecendo?

CONDE

Louise, responda, minha filha: o que você faria? (*Louise abaixa a cabeça e não responde*) Seu silêncio parece me condenar... Entretanto... você sabe que eu tomei algumas providências...

LOUISE

(*suspirando*) Eu sei, meu pai!

LA TESSONNIÈRE

(*com humor*) Eh! você colocou um valete sobre um nove, isso não vale! (*Marie toma o lugar de Louise e continua a partida com La Tessonnière*)

ROXANE

(*para o irmão*) Suas providências, suas providências! Ninguém precisava delas!

CONDE

Eu as tomei; e então, elas existem. Você mesma aprovou quando jurei defender nosso distrito contra todos, aceitando o comando da guarda nacional. (*di-*

6 As classes altas francesas assistiam assustadas a todos os eventos que ocorriam na França por ocasião da nova Declaração dos Direitos; quanto mais o processo da Revolução francesa avançava, maior era o número de nobres, ricos burgueses e prelados que fugiam para países absolutistas em busca de proteção contra os rigores do novo regime ou para participar de projetos contrarrevolucionários; eram os chamados “emigrados”. Entre 1789 e 1800 cerca de 140.000 pessoas deixaram o território francês devido às turbulências causadas pela Revolução francesa. Vão começar a retornar após a queda do Primeiro Império de Napoleão em 6.04.1814, exigindo a restituição de seus bens confiscados, o que será regulamentado por Charles X em 1825, com grande indignação da população.

rigindo-se a Louise) Fui apenas eu que agi dessa maneira? Não foi essa a palavra de ordem de nossa coligação?

ROXANE

A palavra de ordem, sim, com a condição de caçoar dela mais tarde.

CONDE

Eu, eu não aceitei o subentendido daquela palavra de ordem.

ROXANE

Ah! tome tento! Se você não tivesse feito suas provas para o exército do rei, no tempo em que havia um rei, eu acreditaria que você era um poltrão! Sim, entenda o que quiser... quero dizer... um covar...

LOUISE

Titia!...

CONDE

Isso não me ofende, minha filha! Diante das apreensões de sua própria consciência, um homem pode tremer e recuar.

ROXANE

Então você está recuando? Está decidido? Felizmente, nosso sobrinho Henri... Ah! esse... seu noivo, Louise, é a esperança da família!

LOUISE

A senhora acha que Henri...?

MARIE

Sim, com toda certeza, o senhor Henri vai voltar para você.

CONDE

Pode ser que sim! Alistado à força, para escapar da terrível lista de suspeitos, ele tem o direito de desertar.

LOUISE

Ah! o senhor aprovaria isso? Com efeito, é o que ele deveria fazer! Esperemos que ele compreenda isso. Quando ele soube em que situação o senhor se encontrava, entre a burguesia que é forçado a proteger e os camponeses que ameaçam se voltar contra o senhor, ele correu para perto de um comandante no exército vendeano e fará respeitarem o senhor em todas as coligações.

CONDE

Minha pobre Louise, também você acredita então no sucesso da insurreição?

LOUISE

Como duvidar dela quando se vê tudo caminhar para uma guerra santa, até os padres, as mulheres e as crianças? Como esse impulso é bonito, e como o coração se lança nessa cruzada!...

ROXANE

Queira Deus, Louise! Você tem razão: isso enleva, isso embriaga! Há momentos em que tenho vontade de pegar pistolas, calçar esporas e saltar sobre um cavalo e sair caçando esses incômodos do interior!

CONDE

Você?

ROXANE

Sim, eu! Essa que lhe fala, sinto ferver em minhas veias o sangue de minha raça!

CONDE

Pobre Roxane! Reserve um pouco dessa valentia para os acontecimentos que ameaçam vir, porque temo que ao primeiro tiro de fuzil...

ROXANE

Você não me conhece! Eu sou capaz... *(para Marie, colocando familiarmente as mãos em seus ombros)* não é mesmo, Marie? diga; mas me esqueço sempre que vocês não pensam como nós!

MARIE

Esqueça isso, se isso te irrita; não vou te lembrar disso nunca!

LOUISE

Sabemos disso, boa Marie! Mas, no fundo... *(em voz baixa)* você aprova meu pai?

MARIE

(também em voz baixa) O que ele diz é bastante nobre, o que ele pensa é bastante respeitável!... *(Louise pensa)*

MÉZIÈRES

(entrando) Uma carta pro senhor conde.

LOUISE

De Henri talvez! Sim! *(entregando a carta para o conde)* Leia depressa, papai!

MÉZIÈRES

Eu já tinha visto... o timbre... Posso ficar pra saber...? (*Louise faz um gesto afirmativo*)

ROXANE

(*para o conde*) Ele volta, não é? Diga...

CONDE

(*que percorre a carta com os olhos*) Ele está bem, ele está bem!...

MÉZIÈRES

(*saindo*) Deus seja bendito! Aquele menino tão querido! Ele tá bem! (*sai*)

ROXANE

(*para o conde*) Mas você está com um ar espantado?

CONDE

(*entregando a carta para Louise*) Sim. Parece que ele não recebeu nossas cartas. Talvez tenham se extraviado.

ROXANE

Ou a prudência o impediu de responder claramente. Vejamos! É preciso adivinhar...

CONDE

(*para Louise*) ele se mostra embriagado de alegria por ter lutado...

ROXANE

Lutado!... Contra quem ele lutou?...

LOUISE

Os prussianos...

ROXANE

Os emigrados, por conseguinte... Pois bem, então...mas não, não...ele está fingendo, é muito correto de sua parte...

CONDE

(*que lê com Louise*) Ele é oficial agora.

LOUISE

E está orgulhoso disso.

ROXANE

Ao contrário, sente-se humilhado com isso. É preciso tomar pelo contrário tudo o que ele diz. É muito fino, cheio de espírito, aquele menino!

LOUISE

(entregando a ela a carta) Minha tia, compreendamos a carta pelo nosso lado, e não tenhamos ilusões: Henri está nos abandonando... Isso não me espanta mais que à senhora. Ele sempre teve um caráter leviano.

MARIE

Leviano?... mas não, querida Louise

ROXANE

(lendo) Ah! meu Deus! Como ele trata nossos amigos estrangeiros! Ele ficou louco?... E que tom nessa carta! “Nós lhes demos uma fumada!” Fumada, essa agora! Então virou um soldado velho agora? Um menino tão bem-educado! “Eu espero que minha tia Roxane esteja orgulhosa de mim...” Nem conte com isso, seu patife! “E que, para festejar minha dragona, ela coloque seu mais belo vestido, sem esquecer de acrescentar rosas às suas bochechas...” *(jogando a carta)* Moleque!

LOUISE

(recolhendo a carta) Console-se, titia, não sou tão mais bem tratada. *(lendo)* “Conto também que minha pequena Louise se vestirá com toda sua pompa e que prenderá uma flor de prata nos cabelos de sua boneca!” Ele me faz a honra de acreditar que ainda brinco com bonecas, é um gozador!

CONDE

Ele esquece que já se passaram dois anos desde sua partida.

LOUISE

Ele esquece as tristezas de nossa classe, não percebe que, entre nós, não há mais crianças!

CONDE

Ele próprio é um criança: com 22 anos.

ROXANE

Tanto pior para ele! Louise, espero que você jamais se case com esse senhor!

LOUISE

Nunca quis me casar com ele, minha tia, e se meu pai me deixar livre para escolher...

CONDE

Jamais a constrangerei; mas você mantinha uma boa amizade com ele apesar de suas briguinhas. Ele era tão bom para você... e para todo o mundo!

LOUISE

Amizade... isso é uma coisa. Eu lhe darei a minha, se se desculpar de seus erros; mas é preciso se casar para ser amigo?

MARIE

Você não está dizendo o que pensa!

LOUISE

Bem feito! Desse jeito, por que não me casaria com o senhor de la Tessonnière?

LA TESSONIÈRE

Hein? O que foi?

ROXANE

Nada; continua aí a soma das suas cartas.

LA TESSONNIÈRE

(mostrando suas cartas) Então, a partida...?

LOUISE

Um pouco mais tarde, meu amigo...

LA TESSONNIÈRE

(para Roxane) E a senhora... a senhora não quer...?

ROXANE

Um pouco mais tarde, um pouco mais tarde; é hora de seu passeio.

LA TESSONNIÈRE

A senhora acha? Não gosto nada de passear sozinho; os camponeses são umas figuras tão singulares hoje em dia...

CONDE

Singulares? Por quê?

LA TESSONNIÈRE

Sim, sim... eles se tornaram um tanto perigosos.

ROXANE

Vamos, então, vamos! Vai sentir medo, agora? Vá aí no jardim mesmo, perto das janelas.

MARIE

Eu vou com o senhor.

LA TESSONNIÈRE

Muito bem, então. *(sai com Marie)*

CONDE

O que ele quis dizer? De que é que ele tem medo?

ROXANE

De tudo! É hábito dele, você sabe bem disso pois veio se instalar aqui por isso.

CONDE

Ele tinha medo dos camponeses dele, que o achavam um tanto covarde; mas os nossos são tão doces, tão tranquilos...

ROXANE

Não confie nisso, meu caro! Eles sempre estão esperando que você se mostre!... Mas aí vêm os outros hóspedes do castelo.

Cena 2

Os mesmos, o barão de Raboisson e o chevalier de Prémouillard.

RABOISSON

Senhoras, trago-lhes novidades.

ROXANE

Ah! barão, essa palavra sempre me faz tremer! Boas ou ruins as suas novidades?

RABOISSON

Bah! Desde que sejam novidades, elas sempre dão um fim ao tédio. A insurreiçã veio ao nosso encontro.

LOUISE

Finalmente!

CONDE

É sério isso, Raboisson, o que está dizendo? Como soube...?

RABOISSON

Meu criado de quarto veio da cidade. Só se fala da marcha do exército monarquista.

CHEVALIER

Infelizmente, é a décima vez pelo menos que a vila de Puy-la-Guerche se movimentou para nada.

CONDE

O senhor disse *infelizmente*?

CHEVALIER

Sim, senhor conde. A inação a que, por consideração ao senhor, estamos condenados começa a me pesar mais do que posso dizer. Espero que em presença de uma força considerável como essa que se anuncia, o senhor não vai aconselhar à guarda nacional do distrito uma resistência inútil... e desastrosa!

CONDE

Vou me informar sobre as circunstâncias, *chevalier*. Primeiro preciso saber se se trata de um verdadeiro exército comandado por chefes razoáveis, caso em que determinarei que a gente da cidade se submeta; mas, se for uma corja de bandidos sem ordem e sem mandato...

RABOISSON

Mandei alguém verificar, logo saberemos o que é preciso. O boato do momento é que essa tropa é comandada por Saint-Gueltas.

CONDE

Quem é esse? Não me lembro de o ter conhecido...

RABOISSON

Ah! é o nome informal do famoso marquês!

LOUISE

O marquês de la Roche-Brûlée? Ah! meu pai, dizem que é tão cruel!... Seja prudente!

ROXANE

E dizem que é invencível! Meu irmão, não se arrisque.

CONDE

Cumprirei meu dever; se esse homem agir por conta própria e sem ordem da corte, eu aconselharei e ordenarei a resistência.

RABOISSON

Mas se estiver tudo em regra?... e aí, eu mesma lhe respondo... Saint-Gueltas é tão prudente quanto duro.

LOUISE

O senhor o conhece, senhor de Raboisson?

RABOISSON

Eu o conheci bastante em sua juventude.

ROXANE

Então não é jovem?

RABOISSON

(sorrindo) Médio... uma quarentena, como nós!

ROXANE

Dizem que é charmoso!

RABOISSON

Ao contrário, é feio, mas agrada às mulheres.

LOUISE

(ingenuamente) Por quê?

RABOISSON

(embaraçado) Porque... porque é feio, não vejo outra razão.

ROXANE

(para Raboisson) E porque ele as ama, não é?

RABOISSON

(do mesmo modo) Cala-te! Ele as adora!

ROXANE

Então, é um herói como César, como o marechal de Saxe.

CONDE

(que estivera falando com o Chevalier) Eu só lhe peço uma coisa, não correr à

frente da insurreição. Isso seria me expor a desconfianças... se se interessar por ela em passant, não tenho de prestar contas a ninguém; mas não se esqueça de que, se eu lhe der asilo em minha casa nesta época de perseguição, terei que arcar com minha própria honra.

CHEVALIER

Não me esquecerei disso, senhor.

RABOISSON

Quanto a mim, meu caro conde, há uma circunstância que me tornará tão sábio quanto o senhor possa desejar: é que a insurreição é fomentada pelos padres; ora, não estou desse lado, voltairiano vivi, voltairiano vou morrer.

CHEVALIER

Não tem do que se gabar, senhor!

RABOISSON

Perdoe-me, jovem! É livre para professar todo tipo de ideias contrárias. Criado para a igreja, o senhor é abade desde o ano passado. A morte de seus pais colocou uma espada em sua cintura, e o senhor está impaciente de usá-la pela causa que acredita santa; mas eu, eu amo a linha direita e não quero cumprir ações do fanatismo sob o pretexto de cumprir ações da monarquia.

CHEVALIER

Entretanto, senhor...

ROXANE

Ah! meu Deus! Os senhores agora vão discutir? É mesmo o momento exato, não? Falem mais do charmoso Saint-Guelfas...

MÉZIÈRES

(entrando) Senhor conde, tá aí o senhor Le Moreau, municipal de Puy-La-Guerche, com o senhor Rebec, seu adjunto..., esse senhor agora é estalajadeiro, mas antes foi um mercador de lã.

ROXANE

Um patife em todas as formas! (para o conde) Você vai receber essa gente?

CONDE

(para Mézières) Faça-os entrar. *(Mézières sai; para sua irmã)* Esse Le Moreau é um homem muito galante.

ROXANE

Esse aí? Um abominável esbirro da Gironda,⁷ que aprovou o assassinato do rei?

CONDE

Minha irmã, mantenha a calma.

ROXANE

Não! estou indignada.

LOUISE

Então, não fique aqui. Vem, minha tia, vamos sair.

ROXANE

Sim, sim, vamos! Vou explodir de raiva aqui! Meu irmão, você é um frouxo, um...
(*Louise lhe fecha a boca com um beijo*) Oh querida, sem você eu me tornaria uma fraticida. (*elas saem*)

RABOISSON

Devemos ficar?

CONDE

O senhor, com certeza; mas o Chevalier é esperto.

RABOISSON

E jovem!

CHEVALIER

(*para o conde*) Eu me retiro, senhor. (*sai*)

Cena 3

O conde, Raboisson, Le Moreau, Rebec.

REBEC

(*obsequioso, com grandes gestos*) Nós se permite, senhor...

CONDE

Sejam bem vindos. O que posso fazer pelos senhores?

⁷ Departamento francês, situado no sudoeste do país, na região da Nova Aquitânia. Criado durante a Revolução francesa a partir das antigas províncias da Guiana e da Gasconha.

REBEC

(emocionado) Eis o que acontece, cidadão conde. Os bandidos tão às nossas portas.

CONDE

(incrédulo) Às nossas portas?

REBEC

Foi visto vários bando espalhado nas floresta, e até mesmo perto daqui foiam encontrado restos de acampamento.

RABOISSON

E se tem certeza de que eram bandidos?

REBEC

Sim, cidadão barão, camponeses revoltado contra o sorteio.⁸

CONDE

Causaram algum dano?

REBEC

Até agora não; mas...

CONDE

Talvez o senhor esteja apressado demais em tratá-los como bandidos!

REBEC

Ah! meu Cristo! Se o senhor conde acredita que eles não quer nossas pessoa e nossos bem... é possível! Eu, eu ignoro ... *(em voz baixa, para Le Moreau, que se mantém digno e frio, observando com severidade o conde e Raboisson)* Não precisa se irritar, também! *(alto)* Eu, eu tenho opiniões moderada... Sempre fui devotado à família de Sauvières.

CONDE

(com um pouco de altivez. Sente-se ferido pelo exame feito por Le Moreau) Minha família sempre soube reconhecer as provas de respeito e de fidelidade; mas eu sei que o senhor é um alarmista, senhor Rebec, e gostaria de ser informado seriamente. Por que o senhor Le Moreau está tão quieto?

LE MOREAU

(sentando-se e dando a entender que ainda não lhe haviam dito para se sentar) O senhor conde ainda não me deu a honra de me interrogar.

⁸ Em cada cidade e aldeia, os combatentes eram sorteados entre os solteiros de 16 a 40 anos e os recrutadores tinham a ajuda da Guarda Nacional para garantir que suas ordens fossem cumpridas.

CONDE

(fazendo-lhe sinal para se sentar) Faça o obséquio de falar, senhor.

LE MOREAU

Não estou assim tão convencido quanto o senhor Rebec sobre a aproximação desses bando; mas a população tá preocupada, é preciso deixar ela sossegada. Os campones dos distrito vizinho, conquistados pelo exemplo dos distrito mais distante, começa eles mesmo a cometer atos de banditismo, não tem como duvidar. A lei do sorteio e do recrutamento é dura pra eles, de acordo, e eles não compreende sua necessidade; sugestões de culpa, intrigas perversa que não preciso assinalar...

RABOISSON

Quanto a isso, não lhe direi o contrário. O clero dos campos...

CONDE

Não vamo falar do clero, eu respeito o clero.

LE MOREAU

Eu também respeito ele, quando ele não prega a guerra civil.

CONDE

A guerra civil! Já chegamos a ela, meu Deus?

LE MOREAU

Sim, senhor, já tamos em guerra e, se o senhor não sabe disso, tá estranhamente iludido.

CONDE

O povo só quer os jacobino,⁹ senhor, e graças a Deus, essa praga não existe no nosso distrito.

LE MOREAU

Pelo menos, tem poucos deles; mas, em revanche, tem muitos homem que pensa como eu.

CONDE

Todos pensamos da mesma forma; queremos todos o fim dos furores demagógicos.

9 O Clube Jacobino foi um grupo político da Revolução francesa, sendo seu fundador Maximilien de Robespierre. Deve seu nome ao Convento dos Jacobinos (situado na Rue Saint-Jacques = *Jacobus* em latim), onde se instalou em 1789. Os jacobinos eram pequenos-burgueses ainda muito ligados às suas origens rurais e pobres, pouco cultos, com pensamentos políticos e sociais radicais (queriam o extermínio dos nobres) e sua aristocracia.

LE MOREAU

É por isso, senhor conde, que a gente deve reprimir todas as demagogia, de qualquer título que se enfeitem. Se vier a comandar nossas guarda nacional e, se é verdade que essa torrente se dirige contra nosso lado, ela vai passar por nossa cidade sem ousar permanecer nela.

REBEC

De outro modo, elas vai fazer o que fez em Bois-Berthaud, vão devastar tudo. Vão pilhar os albergue, vão desperdiçar as provisão de boca...

LE MOREAU

E, coisa mais grave, vão insultar nossas mulher e ameaçar nossas criança! Se apresse, senhor. Se as notícia for exata, nessa manhã eles saquearam a aldeia de Jardier, a seis légua daqui; podem estar aqui esta noite.

CONDE

Mas não são gente de nossas redondezas. Quem são? De onde vêm?

LE MOREAU

(desconfiado) O senhor não sabe, senhor conde?

CONDE

(atingido) Pode ver que não, pois estou perguntando.

LE MOREAU

Eles vêm do baixo Poitou.

RABOISSON

E são comandados...?

LE MOREAU

Pelo poderoso¹⁰ marquês de la Roche-Brûlée, um homem perdido em dívidas e deboches.

RABOISSON

O senhor é severo com ele... Ele talvez valha mais do que a reputação que tem.

LE MOREAU

Se o senhor o conhece, senhor, e se a gente tiver de capitular, o senhor ia vir em nossa ajuda e, servindo de intermediário, não ia esquecer a confiança que

10 No original, **ci-devant**: Neologismo em voga principalmente em 1792-1793. Qualificava tudo o que se referia ao Ancien Régime; também, para designar os poderosos e as pessoas de prestígio no Ancien Régime, em particular os aristocratas.

as autoridade de Puy-la-Guerche acreditou poder testemunhar ao senhor; mas vamo começar por nos defender, eu lembro o denhor, e imagino que o senhor comandante de nossa guarda cívica não vai nos abandonar em perigo.

CONDE

Essa dúvida me ofende, senhor. Dê-me tempo de dar algumas ordens por aqui e então o seguirei. (*para Raboisson*) Venha, barão, é ao senhor que quero confiar a guarda do castelo em minha ausência. (*saem*)

Cena 4

Le Moreau, Rebec.

REBEC

Pois bem, pelo menos ele tem cara de quem quer cumprir seu dever, esse grande *gentilhomme*! Viu como ele hesitava no começo? Não fosse eu lhe dizer o que fazer...

LE MOREAU

Ele ainda vai hesitar, é preciso vigiar o homem. Homem honesto, timorato e humano, mas irresoluto e monarquista. Essas pessoa são confusa, acredite, quando tenta fazer aliança com a gente. A gente se vangloria algumas vez por ter feito elas prometer que ia romper com sua banda; mas, no dia em que pôde falsear sua companhia, disse que a gente tinha colocado uma faca em sua garganta.

REBEC

Bah! esses aí a gente pega e... (*olhando por uma janela*) Vão chegar! Eu, eu...

LE MOREAU

Vai sair? Onde vai?

REBEC

Vou depressa conferir a chegada de meus víveres.

LE MOREAU

Que víveres?

REBEC

Minhas provisão, meus porco e galinha, minhas cama, minha roupa branca e minhas dez criada que não posso abandonar aos acaso de uma *jacquerie*.¹¹

¹¹ **Jacquerie:** um termo utilizado para designar revoltas camponesas de cunho violento por parte dos revoltosos, que geralmente eram respondidos por igual brutalidade por parte dos nobres.

LE MOREAU

Tome suas precaução; mas para onde vai levar tudo isso aí?

REBEC

Ora, aqui mesmo, por Deus!

LE MOREAU

Aqui?

REBEC

E tem lugar melhor? Eu não sou o único que procura abrigo pra fugir da pilhagem daqueles larâpio atrás dos muro do poderoso¹² senhor da província. Meus vizinho da avenida e também os de Vieux-Marché, enfim, tudo os que têm alguma coisa a perder, somos uma dezena, com nossas charrete, nossas carroça, nossos animal e nossa gente, que a gente resolveu se entrincheirar aqui, tomara que isso agrade ao conde. A gente fez nossa parte no fogo e se salvous do melhor modo nas cave e nos celeiro da feudalidade. A gente espera que sirva pra nós de alguma coisa os castelo que a gente fez ficar de pé.

LE MOREAU

O senhor está louco! Se o senhor de Sauvières protestar...

REBEC

Uma razão a mais, tava na cara, pois se ele não se conduzir bem na cidade, se ele virar a casaca, como se diz, nós vamo fechar no seu nariz as porta do feudo dele – e vamo prender suas mulher e seus hospedeiro como refém. Os muro e parede é bom, muito melhor do que a muralha arruinada de Puy-la-Guerche e, quando se trata de sustentar um cerco, viva uma pequena fortaleza bem situada como essa aqui! Ah! ali tá meu cortejo. Vou correndo...

Cena 5

Os mesmos, Roxane, Louise, Marie

ROXANE

(sem corresponder à fala de Rebec) O que tá acontecendo? O pátio da masmorra tá lotado, a população da aldeia tá vindo pra cá, e é os senhor que causa pra nós esse incômodo e esse perigo? Eles acredita que a gente não tem

12 No original *ci-devant*. Cf. nota 10.

nada pra fazer se não for defender seus burros esquelético, suas charrete cheia de queijo fedorento e seus velho bardo puxa-saco?

REBEC

(para Le Moreau, em voz baixa) Diabo! Ela não é mesmo polida, essa velha!

LE MOREAU

(para Roxane) Senhora, eu não encorajei esse pânico ridículo lá fora. Não o aprovo. Vou tentar dar um fim nessa bagunça. *(saúda-a e sai com dignidade)*

ROXANE

(para Rebec) Ah bom, já não era sem tempo! Mas o senhor, seu estalajadeiro... quer dizer você, o antigo bugigangueiro, tão feliz outrora quando se esquentava no fogo de nossa cozinha...

REBEC

Senhora, sou cidadão e adjunto à municipalidade... Nomeado por meu mérito, não me envergonho de meus antecedente.

ROXANE

Estou esperando, monsieur adjunto, o senhor fazer cair fora toda essa quinquilharia e juntar todos os seus trapo.

LOUISE

(baixo, para Rebec) Deixe minha tia falar. Ela é assim espevitada, mas muito boa. Além disso, meu pai, que jamais recusou hospitalidade a quem quer que fosse, ordenou que o pátio fortificado e a masmorra fossem abertos a quem quisesse ali se refugiar, e enquanto houver lugar...

REBEC

Muito obrigado, amável cidadã e nobre castelã, a senhora mereceu sua pátria, e a masmorra vem a calhar! Obrigado pela masmorra! Com sua permissão, vou lá instalar minha pequena propriedade.

LOUISE

Vai, senhor Rebec, *(ele sai)*

ROXANE

Ah! Louise, você também, vai albergar esses animais todos?

LOUISE

É preciso, minha tia; não é sem temor que vejo meu pai ir à cidade com eles. Por uma desconfiança qualquer, podem fazê-lo prisioneiro, denunciá-lo ao seu tenebroso tribunal revolucionário...

ROXANE

Ele não terá mais do que merecer!

LOUISE + MARIE

Ah! o que está dizendo?

ROXANE

É verdade, estou errada! Não sei o que digo, perdi a cabeça!

MARIE

Entretanto, é preciso mostrar um pouco de coragem! Você tinha prometido que a teria!

ROXANE

E eu tenho; sim, sinto uma coragem de leão, se o marquês Saint-Gueltas estiver mesmo à frente desses bandos! Um homem do mundo, galante, segundo o que dizem! – Mas, se são camponeses sem chefe, pivetes perdidos, desesperados... se colocam fogo em tudo... se ultrajam as mulheres... E meu irmão que nos deixa!

MARIE

Por algumas horas talvez; se ele souber na cidade que ainda existe pânico...

ROXANE

Quem sabe o que está havendo? Ah! me sinto acabada. Não usei meus cremes hoje. Eu os peguei? Nem sei onde estou mais!

MARIE

Você não os pegou, e está mesmo na hora. *(Ela vai sair para chamar alguém com a sineta)* Ah! mas chegou aí a pequena bretã com seus cremes. Ela é mesmo pontual.

Cena 6

Os mesmos, La Korigane

LA KORIGANE

Tava me esperando, senhora? *(entrega um pote de creme para Roxane)*

ROXANE

Não, não, baixota, tá bem assim. *(ela aplica creme)* É delicioso esse creme. Ah! pobre criança, tamo passando um mal bocado, não? Tá com medo?

LA KORIGANE

Eu, medo? E medo de quê, sua dona?

LOUISE

Dos bandido!

LA KORIGANE

Oh! Eles eu conhece, eu, os bandido, é tudo gente como eu.

ROXANE

Como você? Ora essa! E onde você conheceu eles?

LA KORIGANE

Oh! Santo Cristo! Nos cafundó pelaí. A dona bem sabe qu'eu rolei de buraco em buraco e de castelo em castelo antes de sentar a bunda aqui. A dona me pegou porque sua sobrinha, onde eu tava antes, mandou pra senhora umas vaca mocha e eu de contrabando, igual um cachorro que vai junto com o gado. Ela não ia com a minha cara, nem eu com a dela. Um dia me disse: "Você não presta mesmo, nem adianta ensinar nada pra você; mas você sabe cuidar de bicho, então vou te mandar pra umas senhora bastante rica e bastante boazinha." Aí eu falei: "Maneiro, deixa eu ir embora. Adoro é mudar de ar, ficava aqui só por caso das vaca mesmo." E então...

ROXANE

Bom, bom, para de cacarejar agora! Vai nos contar suas histórias um outro dia. Leva daqui este pote.

LOUISE

Permita, minha tia, talvez ela tenha visto lá na nossa prima du Rozeray...

ROXANE

Eh! De fato!... ela recebia lá todos os chefes, a prima!... Sim, sim. Diz aí, Korigane... você ouviu falar por lá de um certo personagem... um certo marquês?...

LA KORIGANE

Um marquês! É daquele Saint-Gueltas que tá falando?

ROXANE

Justamente! O senhor de la Roche-Brûlée. Você o viu?

LA KORIGANE

Se eu vi ele! Tá me perguntando se eu vi ele?

ROXANE

Sim, é isso; será que não se lembra mais?

LOUISE

Você tem sempre a língua solta, agora não fala nada? (*para Roxane*) Ela se esqueceu.

LA KORIGANE

(*exaltada*) Se esqueci não! Esquecer Saint-Gueltas, aquele homem, eu! Senhorinha Louise, se tivesse visto aquele homem nem que fosse por um décimo de um momento, ia saber que nunca ia se esquecer dele, nem quando tesse cem anos.

ROXANE

Ah! cara! Tá me dando inveja de ter visto ele.

LA KORIGANE

(*para Louise, olhando-a fixamente*) E você, também tá curiosa de ver ele?

LOUISE

(*embaraçada*) Vê-lo?... Pouco me importa; mas estão nos ameaçando com sua chegada na região e eu gostaria de saber se devemos nos alegrar ou... nos esconder?

LA KORIGANE

(*enfaticamente, ingenuamente*) Pelo bom Deus e pelos bom padre, as senhora se alegre. Se aquele Saint-Guelfas vem aqui com seus belo rapaz de Poitu, da Bretanha e do Loire, porque tem gente de todo canto com ele, pode apostar que a Santa Virgem vai tar lá na frente, e que nenhum republicano, nenhum traidor, nenhum frouxo, vai restar sobre a terra. Quando aquele Saint-Guelfas passa por um lugar, não sobra nada! É como o fogo do céu! – Mas, pra sua segurança, minhas senhorinha, vocês se esconda; esconda suas nágua cor de rosa e suas cabeleirinha empoada, e esconda muito bem, porque ele sabe rastrear as jovem como quem colhe as amora, tanto as das aldeia com tamanco quanto as burguesa com sapatilha e as princesa com chinelinha de cetim! Sim, sim, esconda tudo isso aí ou então só vai haver infelicidade pra todas.

LOUISE

(*para a tia*) Ela fala como uma louca! Ela me dá medo!

ROXANE

E eu, a mim ela me diverte! (*para La Korigane*) É tudo muito estranho isso que você nos conta; mas explique-se melhor. Ele não respeita nada, esse teu famoso marquês?

LA KORIGANE

Ele não precisa respeitar nem perseguir; ele olha!... Oh! Ele te olha com uns olho... É como a serpente que encanta sua presa. Então, a gente queira ou não queira, a gente só pensa nele todos os dia. Entendeu o que eu quis dizer, dona senhorinha senhorita Louise? (*Louise, perturbada, se afasta com um ar de desdém*)

MARIE

(*calma, sorrindo, para La Korigane*) Fale apenas por você, menina.

LA KORIGANE

Por mim?

ROXANE

Por Deus! Vê-se muito bem que você está apaixonada por ele.

LA KORIGANE

Apaixonada? Sei não, dona senhora. Só tenho dezesseis ano, eu, e já corri mundo pra ganhar a vida. Pude aprender muita coisa. Pois bem, não sei muito mais do que suas senhorinha, mesmo porque não sei se já tive apaixonada alguma vez ou se tou agora.

ROXANE

No seu tempo! Pensava que fosse uma jovenzinha inocente, e aprecio ver que...

LA KORIGANE

Tu não viu nada. Na idade de seis ano, eu já tinha um amigo que eu seguia por todo canto: era um bastardo achado nos campo pelaí como eu. Eu chamava ele de maridinho, e ele, ele me chamava de irmãzinha. Quando ele tinha dezoito e eu catorze, a gente se irritou, porque eu dizia pra ele “A gente tem de casar junto” e ele, mas ele não queria nem amizade muito menos casamento. Tinha virado um doido; na ideia dele, agora queria virar monge. Então a raiva dele subiu nos olho. Dei com meus tamanco na cabeça dele e me mandei dali, pés no chão, sempre correndo. Não tinha pai nem mãe; ninguém me acudiu, e eu pra um canto e pra outro, sem amar ninguém e sempre com ódio, sempre pensando naquele imbecil que não tinha desejado me amar! Pensei nele té o dia que vi o tal Saint-Gueltas. Depois disso só pensei no tal Saint-Gueltas, e esqueci daquele um.

ROXANE

E Saint-Gueltas... ele deu atenção para você?

LA KORIGANE

Não sei! Um dia, sua prima du Rozeray me disse umas bobagem e uns insulto e umas injustiça; eu bem vi que ela estava era com ciúmes...

ROXANE

Cuidado, sua impertinente! Quer nos fazer crer que a condessa...

LA KORIGANE

Ara, se se empombam aqui comigo, não digo mais nada.

ROXANE

Tá certo, pode falar: você nos diverte, nos distrai. – O que está olhando, Marie? Meu irmão... Ele prometeu que não partiria sem nos ver.

MARIE

(*à janela*) Ele está ali, senhorita. Não compreendo... ele dá ordens. O pátio da masmorra está cheio de gente da cidade...

LOUISE

E meu pai mandou fechar as grades das entradas. Será que ele quer fazer todos prisioneiros?

ROXANE

E faz muito bem. Esses idiotas o terão ameaçado! (*para La Korigane*) Vai ver o que está acontecendo e venha nos contar.

LA KORIGANE

(*à janela, na qual ela sobe*) Oh! Vou dizer tudo em seguida. De um lado, os republicanos da cidade tão se escondendo e... no outro, meu doce Jesus!... é a gente do rei que entra! Reconheço direitinho aquela bandeira!

ROXANE

(*assustada*) Os bandidos! Vão se bater ali, debaixo da nossa janela!

LOUISE

Não, não, eles nem vão se ver! Meu pai vem para cá, com um chefe.

ROXANE

Ah! Quem é? O marquês?

LA KORIGANE

(*olhando*) Aquele lá? É o Mâcheballe, o general dos caçadores ilegais. Só pode ser ele mesmo!

ROXANE

Mâcheballe, o assassino, como o chamam? Estamos todos perdidos!

LA KORIGANE

Cristo Jesus, se ele soubesse como a senhora dona trata ele! Não ia deixar a dona passar em branca nuvem, e ele não é bem assim suave, só digo isso pra dona!

LOUISE

calem-se, calem-se, ele está aí.

Cena 7

(Os mesmos, o Conde, Mâcheballe, uma dezena de camponeses armados (cujo número aumenta insensivelmente e invade o salão. São pessoas de diversas províncias e alguns vendeanos recentemente recrutados por eles), o Chevalier, o Barão, La Tessonnière, Mézières, Stock. Alguns vendeanos, um pouco mais bem vestidos ou mais bem armados que os outros e simulando uma espécie de estado-maior, rodeiam Mâcheballe. Têm o chapéu ou um lenço sobre o rosto.)

O CONDE

(para Mâcheballe, que faz entrar) Entre aqui, e fale, senhor, já que se apresenta em nome do rei e seus poderes estão em ordem. Escutarei as palavras que me traz e vai dizer em presença de meus hóspedes e de minha família.

MÂCHEBALLE

Pois bem, senhor conde, é o seguinte. Não sou grande orador ou mensageiro, mas a coisa que tenho pra lhe dizer não tomará nem o tempo de recitar uma trovinha. Eu estou diante do senhor, eu, Pierre-Clément Goutureau, dito Mâcheballe, comandante ou general, como preferir, não me importo; tenho minha banda de bons menino e cuido dela o melhor que posso; se tão contente comigo, isso me basta!

INSURGENTES

Sim, sim, viva o general!

MÂCHEBALLE

O senhor vê, eles quer que eu seja! Vamo ver isso mais tarde, quando a gente tiver organizado; pro próximo quarto de hora, a gente se reúne. E, depois de três mes avançando nessa região, a gente junta, no caminho, todos os bom servidor de Deus e da Igreja. A gente já é vinte e cinco mil, cada corporação marchando sua marcha. Aqui na casa a gente é só uns cinquenta; mas, ao redor dela, nas floresta, tem tantos homem quantas são as árvore, senhor conde! E não vale a pena não desdenhar de nós porque a gente parece só um punhado. A gente veio aqui em confiança...

CONDE

É inútil me ameaçar, senhor; estivesse apenas o senhor, sozinho, o senhor estaria em segurança em minha casa.

MÂCHEBALLE

Então, senhor conde, o senhor vai, eu acho, reunir seus meeiro, seus domésticos e todo o mundo de sua paróquia, e vai com a gente, não mais tarde do que daqui a pouco, fazer um assalto à cidade de Puy-La-Guerche?

CONDE

Não, senhor, não farei isso, e lhe peço, lhe careço a necessidade de se retirar do distrito onde tenho o dever de comandar a guarda nacional.

MÂCHEBALLE

(rindo) O senhor me expulsa, em nome de quem?

CONDE

Em nome do rei, senhor.

MÂCHEBALLE

Como, então, foi que o senhor conseguiu isso nesse lugar?

CONDE

Nesta terra, procede-se como em qualquer lugar em nome da República; mas com o senhor eu invoco a única autoridade legítima que eu reconheço.

MÂCHEBALLE

Então, como o senhor arranja essas coisa nos seus miolo? *(os vendeanos riem)*
Como é que o senhor quer, em nome do rei, me impedir de servir o rei?

CONDE

Cada um compreende o serviço ao rei à sua maneira. O senhor desconhece a santidade de sua causa cometendo excessos e crueldades sem par. Eu honrei aqueles que assinaram seu mandato. A guerra que vocês fizeram é um pretexto para a pilhagem e para as vinganças pessoais. *(Murmúrios dos insurgentes, o conde eleva a voz)* Ela me repugna, e eu a condeno. Sigam seu caminho. Quando um chefe monarquista digno desse nome surgir à minha frente, eu vou me entender com ele, se puder fazê-lo sem trair o mandato que me foi confiado. *(Murmúrios dos insurgentes)*

MÂCHEBALLE

(irritado) Pelo santo cibório! Não sei como deixo vocês dizer tantos sacrilégio!
(Coloca a mão nas pistolas. Um de seus homens passa à frente dele, e o em-

purra para trás dizendo-lhe baixinho: Chega! Cala a boca. Eu faço isso!” Esse homem tira seu chapéu. La Korigane grita: “Saint-Gueltas!” Louise, que se atirou na direção de seu pai, recua com pavor. Roxane também deixa escapar uma exclamação)

SAINT-GUeltas

Saint-Gueltas, marquês de la Roche Brûlée. Parece que meu nome assusta as damas; mas o senhor, senhor conde, talvez me desse a honra de me considerar como o chefe sério de uma força considerável..., a menos que o senhor não me julgue indigno também de servir o rei? É possível, se o senhor proscrever a pena de morte! Eu, eu aposto que ainda não descobri o meio de fazer a guerra sem expor minha vida e sem comprometer a dos outros.

MÂCHEBALLE

Boa fala! *(ele explica em voz baixa as palavras de Saint-Gueltas a alguns camponeses bretões que se aproximam)*

CONDE

Eu sei, senhor marquês, o respeito que é devido à sua bravura, ao seu devotamento e à sua habilidade; mas seu sarcasmo não me impedirá de reprovar as atrocidades de seus triunfos. O senhor pode ter cometido excessos...

SAINT-GUeltas

(baixando a voz e se aproximando dele e das mulheres) Excessos! Como não os cometer numa guerra de partidos como essa que fazemos? Faltam-nos chefes, senhor conde, e não posso estar em toda parte; mas começamos a nos organizar. Siga o bom exemplo, dê um bom exemplo àqueles que ainda hesitam, e nossos camponeses se tornarão soldados submetidos a uma disciplina; é o dever de todo bom monarquista e de todo bravo *gentilhomme*.

O CONDE

Diante de tão sábias palavras, só posso lamentar vivamente os engajamentos que assumi...

MÂCHEBALLE

(baixo, para Saint-Gueltas) Ele também recusa o senhor?

SAINT-GUeltas

(baixo, para Mâcheballe) Tenha paciência. Eu lhe respondo que o leve. *(alto, para o conde)* Posso pelo menos expor minha proposta às pessoas livres que o rodeiam? *(dirigindo-se a Raboisson)* Aqui está um amigo que talvez não me renegue?

RABOISSON

(*apertando-lhe a mão*) Certamente que não; mas você serve os padres, marquês, e eu...

SAINT-GUeltas

Eu sei, eu sei. (*faz um sinal a Mâcheballe, que se retira para o fundo do salão até a peça do fundo com os vendeanos*) – Meu caro barão, você pode ficar tranquilo. Não sou mais beato do que você. Não mudei! Nós nos servimos do misticismo dos camponeses; mas as pessoas sábias nos auxiliam e recolocaremos em seus lugares os senhores ambiciosos e os demagogos de batina.

RABOISSON

(*baixo*) Bom... Então, desejo ardentemente seguir você, pois aqui me entedio consideravelmente; mas como fazer?

CHEVALIER

(*baixo, para Saint-Guelfas*) Eu também, senhor marquês, quero muito segui-lo; mas aqui somos de algum modo prisioneiros pela palavra.

SAINT-GUelfas

É bastante simples. Vão esta noite a Puy-La-Guerche e se deixem aprisionar por mim.

CHEVALIER

Seria melhor vencer os escrúpulos do senhor de Sauvières e nos mudarmos todos juntos.

RABOISSON

Oh! O senhor nunca vai vencer os escrúpulos dele!

CHEVALIER

A menos que a filha dele nos ajude. Ela pensa bastante bem e tem alguma ascendência sobre ele.

SAINT-GUeltas

A filha dele?... (*olhando para Marie, que está mais perto dele do que Louise*) Seria essa amável e doce figura, que parece um sorriso de sol na tempestade?

RABOISSON

Não. Essa aí é a senhorita Hoche, uma orfãzinha sem eira nem beira, recolhida pela família. Ela pensa muito mal, mas age direitinho.

SAINT-GUELTAS

Quem é esse? (*aponta Stock, que se aproximou com hesitação*)

RABOISSON

Um suboficial das guardas suíças que escapou ao massacre... senhor Stock!

SAINT-GUELTAS

(*para Stock*) Ah!... E como fez, senhor Stock, para sobreviver ao dia 10 de agosto?¹³

STOCK

(*com sotaque pronunciado*) Estafa na gvarniçón afec mon patalhao zobre o Loirre.¹⁴

SAINT-GUELTAS

Quero crer; mas o que o senhor faz aqui quando seu lugar está marcado há bastante tempo nas fileiras daqueles que vingam a morte de seus irmãos?

STOCK

(*com dignidade*) Esperrafa pelo zenhor.

SAINT-GUELTAS

(*estendendo-lhe a mão*) Eis aí uma bela resposta, senhor Stock. Eu o recebo, o senhor vai comandar um destacamento. (*para Raboisson, apontando La Tessonnière*) E esse aqui?

RABOISSON

(*baixo*) O maior covarde da terra. Eu desafio você a fazê-lo marchar.

SAINT-GUELTAS

Vamos ver isso direito. (*para La Tessonnière*) O senhor certamente é um dos nossos?

LA TESSONNIÈRE

Oh! Eu, eu já estou muito velho para guerrear.

SAINT-GUELTAS

Não mais velho do que o senhor Stock!

13 Referência aos acontecimentos da noite do dia 10 de agosto de 1792, em que os parisienses, liderados por um grupo de revolucionários conhecidos como sans-culottes, tomaram o palácio das Tulherias, onde vivia a família real. Nesse momento, a monarquia francesa acabava de vez, dando lugar à República, proclamada no dia 21 de setembro.

14 No “10 de agosto” ref na nota anterior, fora alguns aristocratas armados e um certo número de membros da Guarda Nacional, o palácio estava protegido pela Guarda Suíça, cerca de 950 homens.

LA TESSONNIÈRE

Minha religião me proíbe derramar sangue.

SAINT-GUELTAS

Pois bem, então, senhor, o senhor é um servidor inútil aqui. Mas vou empregá-lo.

LA TESSONNIÈRE

Em que, então, senhor, por favor?

SAINT-GUELTAS

Eu prometi, em troca de muitos dos meus bravos caídos nas mãos dos azuis, entregar um número igual de trãsfugas da República. O número ainda não foi preenchido, o senhor vai completá-lo.

LA TESSONNIÈRE

O senhor quer me fazer... vai me mandar para a guilhotina!

SAINT-GUELTAS

Vou mandá-lo para o céu. Escolha, ou derramar o sangue dos celerados ou dar o seu por uma boa causa.

LA TESSONNIÈRE

(perdido) Vou pra luta, senhor, prefiro mais combater. *(Raboisson ri)*

CONDE

Não sei se essa coisa é agradável, mas considero-a arbitrária e cruel. Sejam quais forem os poderes do senhor marquês, eu protesto contra todo constrangimento exercido nesta casa.

LOUISE

(animada) Eu também me oponho! Esse senhor é nosso parente, o mais antigo de nossos amigos. É idoso, está doente. Bravo ou não, eu o respeito e o amo. Ninguém vai lhe causar qualquer violência ou injúria enquanto me restar um sopro de vida.

ROXANE

(baixo, para Louise) O fato é que aqui se trata, um pouco cavalheirescamente, da questão do herói.

SAINT-GUELTAS

(caminhando para Louise, olhando-a com insolência e ameaça; de repente, se suaviza e, com uma emoção toda sensual, segura sua mão e a beija) A beleza de um

anjo e o orgulho de uma rainha! Eu lhe rendo minhas armas, senhorita de Sauvières! Prenda seu lenço em meu braço e me considerarei seu cavalheiro e vou sair daqui sem levar aqueles que quiser conservar.

LOUISE

O senhor me estabelece condições, senhor. Ouvi dizer que os cavalheiros não fazem isso para as damas.

SAINT-GUeltas

Pois bem, conceda-me um pedido, não se recuse a me oferecer uma braçadeira; é um encorajamento devido a um homem que talvez seja morto em duas horas; pois me bato, eu, com toda minha alma, e corpo a corpo, todos os dias e duas vezes mais que uma. Vejamos, um olhar, uma palavra, um penhor fraternal que levarei para o combate e que logo será sem dúvida manchado com meu sangue...O que teme em me oferecer esse mimo? Não é seu coração ou sua mão que lhe peço. Um homem na minha posição pode pensar em acorrentar o destino de uma mulher? Não nos casamos mais! Não temos mais rendimentos domésticos nem jóias de família; somos mártires. Uma mulher de boa índole como a senhorita deve nos compreender, nos estimar e nos agradar, e, quando lhe pedimos nada mais que uma lágrima ou um sorriso, tem ela o direito de desviar os olhos com terror... ou desdém?

LOUISE

(comovida) Pois bem, senhor, tome meu penhor! *(Saint-Gueltas se ajoelha enquanto ela prende o lenço em seu braço)* Veja bem a prova de meu entusiasmo pela fé de meus pais, da qual o senhor é um campeão. É preciso que esse entusiasmo seja imenso para me fazer esquecer que suas vitórias foram sujas por seus crimes!

SAINT-GUeltas

(baixo, erguendo-se) Me ame, adorável criança, e me tornarei misericordioso! *(ele se afasta)*

LA KORIGANE

(baixo, para uma Louise estupefata e como que perdida) Ah! ele olhou pra ti... te falou baixinho... já tá amando ele?

LOUISE

Ora, cale essa boca, menina, me deixe!

LA KORIGANE

(enciumada) Pois eu te digo à senhorita que a senhorita ama ele, senhorita. Pior pra senhorita mesmo, né! *(Louise se refugia junto à sua tia)*

RABOISSON

(*para Saint-Gueltas*) A bela Louise não nos pediu nenhum favor; espero que você não renuncie a nos tirar daqui.

SAINT-GUeltas

(*baixo*) A bela Louise acabou de condenar seu pai a nos seguir de imediato.

RABOISSON

Como assim?

SAINT-GUeltas

Porque, para levar uma, é preciso levar o outro. Compreendeu?

RABOISSON

Tenho medo de compreender! Você já está amarrado à senhorita de Sauvières?

SAINT-GUeltas

Como um louco!

RABOISSON

Mais essa então!

SAINT-GUeltas

Espantado, por quê? O amor nasce com um olhar, e um olhar dura um relâmpago.

RABOISSON

Diabo! Você disse que não se casaria, e agora! Mas essa moça é pura, seu pai é meu amigo, e ela está prometida a um jovem primo...

SAINT-GUeltas

Um primo é coisa de costume. Ela vai esquecer logo!

RABOISSON

Ele vai defender seus direitos.

SAINT-GUeltas

De armas em punho? Pois bem, a gente mata o homem. Vamos colocar pressa nisso. (*dirige-se ao conde*) Senhor de Sauvières, sua adorável filha me pregou uma boa lição. Tornei-me um selvagem nesta guerra selvagem; perdoe a rudeza de minhas maneiras. Estes senhores (*mostra Stock, o Chevalier e Raboisson*) já acederam: virão comigo por vontade própria.

CONDE

Então, é por vontade própria que eles me colocam na lista de traidores e me mandam para a morte?

RABOISSON

Tomaremos precauções tais que o senhor não ficará comprometido.

CHEVALIER

Eu, eu vou me envergonhar com qualquer coisa que o senhor de Sauvières diga.

CONDE

Senhor...

CHEVALIER

Não compreendo que o senhor persista em sua fidelidade a essa infame República.

CONDE

Infame República?... Ela guilhotinou seus irmãos, bem sei; mas homens mais humanos lhe permitiram encontrar em minha casa um refúgio; então é aos republicanos que o senhor deve sua vida. Não era preciso aceitar, mas agora o senhor não pode se esquecer disso.

SAINT-GUeltas

(baixo, para Raboisson enquanto o conde e o Chevalier discutem vivamente)
Princípios demais! Esse homem não serve para nada.

RABOISSON

Deixe-o aí.

SAINT-GUeltas

Não quero nem posso deixá-lo, meu pessoal está se impacientando...

MÂCHEBALLE

(que se aproximou, para Saint-Gueltas) Então, por mil raios do diabo! Tudo isso vai terminar logo, ou não?

SAINT-GUeltas

É necessário utilizar os grandes expedientes. Nossos camaradas chegaram?

MÂCHEBALLE

Tão aí fora, no pátio.

SAINT-GUeltas

Que subam as escadas! E não se esqueça do homem vestido de cânhamo.

MACHEBALLE

Não tenha medo! (*ele sai*)

ROXANE

(*aproximando-se de Saint-Gueltas*) Meu irmão treme com qualquer coisa, minha sobrinha é uma criança que se deixou levar por um simples lençinho! Eu, eu posso lhe bordar uma echarpe de cetim branco com flores de lis em ouro.

SAINT-GUeltas

Ouro sobre nossas roupas? Ele ficaria bem melhor em nossos cofres, senhora!

ROXANE

Senhorita, senhor.

SAINT-GUeltas

Então, perdão! Não pode fazer nada para nós.

ROXANE

Mas sim! Sou maior de idade!

SAINT-GUeltas

(*irônico*) Jura? Eu não acreditaria.

ROXANE

(*à parte*) Nossa, como é charmoso! (*alto*) Tenho numa bolsinha dois mil escudos de ouro para servir o rei.

SAINT-GUeltas

Serviria para dar tamancos aos nossos camaradas que marcham descalços sobre espinhos.

ROXANE

Pobre gente! Vou correndo buscar minha bolsinha (*sai, fazendo sinal para Marie, que a segue*)

SAINT-GUeltas

(*para Raboisson, que ouviu o colóquio*) Ela tem economias!?...

RABOISSON

E o coração sensível!

SAINT-GUeltas

Bom, é uma boa mulher! Você vem comigo, então!

MÉZIÈRES

(*ao conde*) Eles chegam às centenas, senhor! Vêm de todos os lado sem que a gente pode ver eles se aproximando; é como se saísse de debaixo da terra.

CONDE

Desde que não entrem no pátio da masmorra!

MÉZIÈRES

Não tem esse risco. Tranquei aqueles pobres burgues a chave, e eles estão quietinho. Sentindo um medo enorme.

CONDE

(*olhando para a sala do fundo e vendo novos grupos entrarem*) Os insurgentes estão entrando até aqui?

MÉZIÈRES

Eles não têm cara de ameaça, mas não pede permissão. E também tem a gente da paróquia que se reúne ao redor das muralha e que parece querer se insurgir também.

CONDE

(*chegando perto de Saint-Gueltas e lhe mostrando a sala do fundo; num tom de reprovação*) Isso tem aparência de uma invasão, senhor marquês; não tenho o costume de receber companhia tão numerosa nos apartamentos reservados às damas.

SAINT-GUeltas

(*que estava voltado para a outra sala*) São amigos, amigos quentes, senhor conde. Acabam de nos trazer o burgo de Jardier, e reúnem aqui seus chefes para receber ordens para esta noite.

CONDE

Ordens... seria a de atacar Puy-La-Guerche esta noite?

SAINT-GUeltas

Que o senhor conta defender? Fique à vontade, senhor conde! Se o senhor quer manter seu posto, uma palavra minha vai lhe abrir lealmente as fileiras daqueles que o senhor aceita como inimigos; mas, antes de tomar uma determinação tão grave, reflita mais um instante, eu lhe suplico!

CONDE

(*alto*) E o senhor esperaria a chegada dessas numerosas testemunhas para dar mais importância à minha resposta?

SAINT-GUeltas

Não o nego, senhor conde; o tempo das ambiguidades de linguagem e de conduta já passou. Faz mais de um ano que preparamos tudo para uma guerra em regra, para a qual a guerra de partidários serviu até aqui de preâmbulo. Ela explode agora em todos os pontos da Vendeia. Até aqui o dinheiro foi suficiente para nos organizarmos. Aqueles que combatem como eu nisso jogaram toda sua fortuna junto com sua vida. aqueles *gentilshommes* que não quiseram pagar com sua vida nos deram um ano de sua renda.

CONDE

(*elevando a voz*) Eu, senhor, já doei dois, e o fiz voluntariamente.

SAINT-GUeltas

Ninguém ignora isso, e é essa nobre liberalidade que torna sua posição falsa e impossível de sustentar. O senhor não pode pagar as despesas da guerra contra si mesmo. Além disso, esses generosos sacrifícios, esses socorros úteis, não são mais suficientes. Faltam braços para a santa causa, braços novos e corações provados. Faltam soldados, faltam oficiais sobretudo. O senhor serviu, o senhor tem talentos militares; o senhor ainda é jovem e robusto, dispõe de antigos vassallos hoje em dia, seus meeiros e seus servidores devotados, os quais, nós sabemos, só querem marchar sob suas ordens. Escute! escute o que exigem. (*ouvem-se, vindos de fora, clamores e gritos de "Viva o rei!"*) Chegou a hora. Estamos aqui em suas terras com uma aparência de invasão que libera o senhor de suas promessas feitas para a burguesia. Nós abrimos nossas fileiras com respeito para lhe dar um lugar nelas. Venha para nós, é hoje ou jamais!

CONDE

(*tocado, dando um passo*) Pois bem (*ele para, topando com Mâcheballe à sua frente*)

MÂCHEBALLE

(*demonstrando numa certa familiaridade com Saint-Gueltas e querendo se gabar de ter feito o conde se decidir*) Sim, Santo Cristo! é hoje! não amanhã! já faz tempo que os nobres fazem nossos tamancos de escravo pra garantirem seus escarpim, e o sangue que a gente derramou no ano passado, eles viram ele hipocritamente escorrer sem suas caçadas, galanteria e festas ser incomodada! Isso já encheu o saco da gente! o senhor acredita que vamos lutar a vida toda como cachorro pelado e faminto pra garantir seu privilégio? Não, de modo algum pela pele do diabo! A gente só tem um interesse, que é tanto o

seu quanto o dos camponês. Que a monarquia seja estabelecida de novo com a eliminação dos dízimo,¹⁵ da milícia, e que devolva nossos convento, nossos bom padre e nossas festa. Tudo ficou reconciliado lá em 89. Tem que voltar para lá! Falta que o senhorio cumpra aquilo que é do camponês e, porque o camponês quer vingar seu rei e seu Deus, falta o nobre lutar como a gente, os atrasado se apressar e tocar os sino de alarme de suas paróquia, ou então a gente vai fazer isso; um barulhão de sinos! É isso aí, se mexa aí os senhor! (*gritos e clamores dos insurgidos que invadem o salão. Saint-Gueltas vai na direção deles com uma autoridade irresistível e os faz recuar*)

CONDE

(*com energia*) Diante dessas ameaças, o senhor compreende, senhor marquês, que eu diga não, não, três vezes não! Eu coloco as mulheres de minha casa sob a salvaguarda de sua honra, e vou a Puy-La-Guerche! (*aos insurgidos*) Parem aí, se ousarem!

SAINT-GUeltas

Ninguém ousará... Mas ainda um momento... Alguém quer lhe falar... (*aos insurgidos*) Silêncio! (*baixo, para Mâcheballe*) O homem de cânhamo!

MÂCHEBALLE

Aqui tá ele! (*faz sair do grupo atrás dele um jovem camponês bretão vestido de cânhamo dos pés à cabeça, cabelos longos, um ar doce, espantado*)

LA KORIGANE

(*gritando*) Mas esse bicho é Cadio! (*Cadio olha para ela, indiferente e oferece ao conde uma roca com fitas cor de rosa*)¹⁶

CONDE

(*surpreso*) O que quer de mim?

CADIO

(*simplesmente*) Eu, senhor? Nada! Só me mandaram entregar isso aqui, pega.

RABOISSON

(*querendo pegar a roca*) Você se enganou, amigo, isso é coisa de mulher!

15 No original, **dîme**: Imposto, retirado das colheitas, devido ao clero na Idade Média e sob o *Ancien Régime*.

16 A **quenouille** é um antigo instrumento utilizado para a fiação de matéria têxtil, sobretudo do linho, do cânhamo e da lã. Desde a Antiguidade, considerado símbolo de um trabalho exclusivamente feminino.

CADIO

(retirando a roca) Não, solta aí! Me falaram: “Entrega a roca pra aquele senhor!” Tou fazendo o que mandaram.

CONDE

(pegando a roca) Quem lhe pediu isso?

CADIO

(apontando Sapience, que está à frente do grupo. Está vestido de camponês) Por Cristo! Foi aquele ali! Conheço ele muito bem.

CONDE

(para Sapience) Aproxime-se, miserável, que quebro seu presente na sua cabeça!

SAINT-GUELTAS

(segurando-o e rindo à socapa) Pare, senhor, é nosso...

SAPIENCE

(ar inspirado e enfático) Inútil dizer, o senhor conde está vendo perfeitamente que levei a melhor!

CONDE

(olhando-o com surpresa) Um camponês... o chicote na mão, o saco de farinha no ombro... Tenho certeza! Já entendi! É um sinal de reunião adotado por homens cuja profissão de fé e de caridade concorda muito mal com provocações semelhantes! Eu respeito seu caráter, senhor, e é àqueles que fingem uma personagem inviolável para me dirigir o mais sangrento ultraje que envio essa reprovação de covardia. É o senhor, senhor marquês de la Roche-Brûlée?

SAINT-GUELTAS

Não, senhor, eu mesmo o teria desafiado. É o conselho do exército católico que, apesar de mim, encarregou o senhor Sapience, nós o chamamos assim, de oferecer ao senhor, em caso de recusa...

CONDE

(mostrando Cadio) E esse aí... ele também é um ministro?...

SAPIENCE

Não, é um pobre idiota que achamos no meio do caminho e que não sabe o que faz. Não o culpe de nada. Nenhum de nós teve coragem de infligir um castigo qualquer a um homem até aqui respeitável e puro; mas as ordens eram formais, e eu devia obedecer ao meu bispo.

CONDE

Que bispo? O nome dele!

SAPIENCE

Monsenhor bispo de Agra.

RABOISSON

(baixo, para Saint-Gueltas) Mas o que é que é isso? Um bispo na sua turma?

SAINT-GUeltas

(baixo) Essa é boa! Silêncio! *(ao conde, que continua segurando a roca)* Pois bem, vai ficar com ela, senhor conde? É exagerado heroísmo e orgulho!

LOUISE

(tremendo de cólera) Oh! Meu pai, assim é demais!

CONDE

(vencido pelo impulso de sua filha) Eu devia levar adiante o respeito à minha palavra; mas isso seria romper com minha religião, e Deus me desobriga! *(coloca a roca numa cesta perto da lareira e se dirige a Louise)* Vamos deixá-la aqui, minha filha, e se Henri voltar, ele verá a humilhação que sofri antes de me decidir a romper seu noivado. Ele serve à República, e a serve de boa fé. Ele vai saber que não existe mais acordo possível entre as facções; já o disseram aqui agora, não há mais futuro, nem repouso, nem laços de coração, nem família! Ah! Louise! O que vai lhe acontecer, minha menina?

LOUISE

O senhor vai, meu pai? *(apontando os insurgidos)* Com eles?

CONDE

(para Saint-Gueltas) Sim, vou para lá. Deixe-me me ocupar de um refúgio para minha família.

LOUISE

Vou com o senhor, meu lugar é ao seu lado.

SAINT-GUeltas

(com uma exclamação de alegria) Viva a senhorita de Sauvières! *(todos gritam agitando seus chapéus. Cadio permanece isolado e olha para Louise, sem gritar)*

MÂCHEBALLE

(sacudindo-o) Grita também, seu selvagem!

SAPIENCE

(para Mâcheballe) Deixe-o, é um maluco! *(vão para o fundo e conversam entre si)*

LA KORIGANE

(para Cadio, que continua olhando para Louise) E então, Cadio? Cadio! Não tá me reconhecendo?

CADIO

Ah, é você? Eu tou bem, bem.

LA KORIGANE

E daí, então, o que é que me conta? Já virou padrego?

CADIO

(como que saindo de um sonho) Ah! Sim, bom dia! *(ele sai)*

LA KORIGANE

Tá com os miolo virando sopa! Pobre Cadio!

SAINT-GUELTAS

(no fundo, aos insurgidos) Vamos, rapazes, para as florestas, eu os sigo. *(mostrando o conde e seus amigos)* Nós vamos atrás de todos vocês. Eu lhes disse com clareza que ninguém ficaria aqui! Não, nenhum vendeano cruza os braços quando Deus e o rei comandam.

TODOS

(gritando) Viva o rei e Saint-Gueltas!

SAINT-GUELTAS

Não, não: viva o rei e Sauvières!

TODOS

(saindo, gritando) Viva Sauvières e Saint-Gueltas! *(O Chevalier, eletrizado, sai com eles. Stock faz a mesma coisa)*

SAINT-GUELTAS

(para Mâcheballe, que ficou por último) Vai pra cabeça da gente da paróquia! Sauvières não pode mudar de opinião!

MÂCHEBALLE

Não tenha medo! A gente vai esquentar o sangue do mundo inteiro! *(sai)*

Cena 8

Saint-Gueltas, Conde, La Tessonnière, Raboisson
(*ainda se ouvem os gritos de “Viva Sauvières e Saint-Gueltas”*)

SAINT-GUeltas

(*para o conde*) O senhor está ouvindo, nossos nomes compõem juntos um único grito de guerra. O senhor faria muito bem em aparecer no nosso acampamento. Seus cabelos brancos e a presença da senhorita de Sauvières inflamariam o ardor de nossa gente. É entusiasmo, é prestígio que falta a essas almas simples!

CONDE

Senhor marquês, o senhor não vai conseguir que eu o acompanhe ao ataque a Puy-La-Guerche. É demais abandonar essa cidade infeliz, eu não a entregarei jamais. O senhor tem minha palavra. Diga em que lugar e em que dia devo encontrá-lo depois que o senhor tiver feito esse ataque.

SAINT-GUeltas

Não vai durar muito, não permanecemos nas terras conquistadas; levamos o terror e o castigo de cidade em cidade. Esta noite, vamos surpreender Puy-La-Guerche; amanhã, estaremos em Buzanays.

CONDE

Eu estarei lá também.

SAINT-GUeltas

O senhor terá que se colocar a caminho sem demora... de outro modo, os republicanos virão se opor à sua partida.

CONDE

(*tristemente*) Quer dizer, minha fuga! Eu vou fugir, senhor, e sem demora!

SAINT-GUeltas

(*baixo, para Louise*) Não acredita que seu pai não volte atrás de sua decisão? Ela custa muito para ele!

LOUISE

O senhor tem a palavra dele... e a minha! Até amanhã, senhor!

SAINT-GUeltas

(*ternamente*) Até amanhã! (*à parte*) – Nos vemos em breve!

CONDE

(saudando-o) Adeus, senhor marquês!

SAINT-GUeltas

Adeus, senhor conde! *(saúda-o profundamente, olha para Louise com paixão, beija a braçadeira e se retira fazendo um sinal para Raboisson, que o segue)*

CONDE

(para Mézières) Faça que preparem tudo para a partida. Precisamos sair daqui em uma hora. *(Mézières sai)*

LA TESSONNIÈRE

Em uma hora! O senhor não vai ter tempo de carregar seus móveis. Pense então que os republicanos vão vir aqui pilhar quando souberem da loucura que estamos cometendo!

CONDE

Talvez façam pior! – Ah! minha filha! Diga adeus à casa onde nasceu!

LOUISE

Estou resignada a tudo, meu pai! Eu previ tudo; e me perdoe a febre de alegria que sinto. Finalmente, eis o senhor entregue a si mesmo! *(abraça-o)* Vamos ser apenas uma alma e um coração...

CONDE

E Henri... não pensa nele?

LOUISE

Seu exemplo vai fazê-lo decidir. Ouvindo falar de seus perigos, ele há de acorrer para defendê-lo com o próprio corpo... Se não o fizer, vai receber todo meu desprezo!... Ah! é Deus que o quer, vamos! Partamos, partamos! Vamos dar ordens.

LA TESSONNIÈRE

Uma carroça... isso me permitiria ir junto com as mulheres... para as defender!

LOUISE

Eu vou a cavalo, meu amigo; o senhor vai na carroça com minha tia.

ROXANE

(entrando) Vou para onde?

LOUISE

Para a guerra, titia! Alegre-se, vamos servir o rei! Já nos declaramos, vamos partir!

ROXANE

Ah! Deus seja louvado! Abrace-me, meu irmão! Sim, sim, a guerra, o movimento, a poeira, o perigo, o triunfo! Você será generalíssimo na Vendeia, e marechal da França quando o rei for proclamado.

CONDE

Trate de guardar suas ilusões, minha irmã, e não perder a cabeça ao primeiro revés!

ROXANE

Bah! A coragem não é necessária quando tantos bravos estão à nossa volta! A França inteira vai se erguer. Toda a Europa está conosco. Em um mês, em seis semanas talvez, o jovem rei estará de novo nas Tulherias – e nós também. Quando partimos?

CONDE

Precisamos saber primeiro para onde você vai... Na Bretanha se está tranquilo...

LA TESSONNIÈRE

Ah! Onde é que se está tranquilo por lá?

ROXANE

Mas eu não quero ficar tranquila, eu! Quero lutar, serei Joana d'Arc e Saint-Gueltas será meu ajudante de campo.

CONDE

Tome cuidado para que Saint-Gueltas não se torne seu general, minha irmã, e pense em conquistar Guérande, onde temos parentes.

ROXANE

(Mézières entra) Guérande? Talvez! É uma boa cidade, uma praça de guerra in-conquistável, onde todo o mundo pensa muito direito. As pessoas se vêem muito; vai ser preciso levar vestidos, Louise.

CONDE

Não levem nada. Vocês hão de se arranjar com suas toaletes. E vão partir sem barulho daqui a cinco minutos.

ROXANE

Em cinco minutos! Façam como eu!

CONDE

Você acha que está indo para uma festa?

ROXANE

Mas...

CONDE

É preciso, e quero assim!

ROXANE

Vamos! Pelo rei, estou pronta a todos os sacrifícios! Vou sair com vestido de chita!

CONDE

(baixo) Não esqueça de pegar dinheiro. *(para La Tessonnière, que está meio atordoado)* Vamos, prepare-se, meu amigo! *(Roxane sai)*

LA TESSONNIÈRE

Sim, sim. Certamente! Mas... onde vamos dormir esta noite?

CONDE

Onde for possível. O senhor vai conquistar rapidamente a cidade insurgente. Mézières vai saber arranjar tudo.

LA TESSONNIÈRE

Mas... jantar... onde vamos jantar?

CONDE

Em lugar nenhum; o senhor vai comprar pão e linguiça durante a viagem.

LA TESSONNIÈRE

Oh! Meu Deus! Isso vai ser um martírio sem fim!

LOUISE

Vamos, vamos, coragem, meu amigo!

LA TESSONNIÈRE

(saindo) É um martírio, eu lhes digo que vai ser um enorme martírio! Afff...

CONDE

Você, Louise...

LOUISE

Eu, eu não vou deixar o senhor.

CONDE

Sei que é o que você quer. Vou ter coragem para ver você compartilhar de meus sofrimentos?

LOUISE

Não vou sofrer com nada, desde que não o abandone.

CONDE

Ah! se Henri estivesse lá!... Mas não posso confiar você à minha irmã e a La Tessonnière; eles são duas crianças!... *(para Mézières, que entra)* Tudo está pronto?

MÉZIÈRES

Sim, senhor conde, mas tô com medo que nenhum de nós consiga fazer o que desejar.

CONDE

Como pode ser isso?

MÉZIÈRES

Seus camponês são como os setembrista!¹⁷ Eles quer marchar pra Puy-La-Guerche; eles diz que o senhor não vai sair daqui hoje.

CONDE

Verdade? Estão doidos! Mas quem está chegando aí? *(faz sinal para Louise, que entra em seu apartamento)*.

Cena 9

(os mesmos, Le Moreau entrando, Mézières saindo)

LE MOREAU

Sou eu, senhor! Por que razão, já tem uma hora, tamo feito prisioneiro no pátio da sua masmorra?

17 Participantes, ou apoiadores, dos Massacres de Setembro de 1792, uma série de execuções sumárias e em massa que se desenrolaram de 2 até 7 de setembro de 1792 em Paris, um dos episódios sombrios da Revolução Francesa. Os historiadores não estão de acordo quanto às motivações que levaram o povo a cometer esses atos criminosos contra prisioneiros encarcerados na sequência dos acontecimentos comumente denominados “Jornada de 10 de Agosto de 1792”. Essa jornada determinou o fim da Monarquia e culminou com a prisão do Rei Luís XVI. A matança foi perpetrada não apenas em Paris, mas igualmente em outras cidades do país, como Orléans, Meaux e Reims, sem no entanto alcançarem a mesma amplitude da capital. Cf, a propósito, a peça *La patrie en danger*, particularmente o ato II, publicada em *Revista Dramaturgias* n. 14 (2020): <https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias>

CONDE

Foi para sua segurança, senhores. Não perceberam o que está acontecendo?

LE MOREAU

Eu ignoro o que se passa entre os bandido e o senhor; mas eu sei que, quando eles entrou, não era mais que vinte, e que com sua gente o senhor poderia esmagar tudo eles. O senhor acabou permitindo que eles se reunisse na sua casa e aí sair gritando “Viva Sauvières e Saint-Gueltas!”

CONDE

(atingido) E é o senhor que vai lhes impor silêncio?

LE MOREAU

Assim Rodeado de gente semimorta de medo, certo de ser traído pelo senhor, o que que eu podia fazer?

CONDE

Traído? Eu entreguei o senhor?

LE MOREAU

Então, se explique o senhor, não vou me contentar com respostas evasiva.

CONDE

O senhor se tem em muito alta conta; o senhor se esquece que...

LE MOREAU

Não me esqueço que tô em sua casa e que o senhor pode mandar eles me atirar pela janela como fazia seus bom ancestral quando a gente pobre da minha espécie tentava abrir a boca pra trocar ideia. Não ia ser Rebec nem os iguais a ele que ia me defender, eles tão escondido debaixo dos molho de palha dos seu celeiro, senhor; mas, aconteça o que acontecer, eu vou cumprir meu dever; preciso da verdade e o onrigo o senhor a dizer a verdade.

CONDE

(irritado) O senhor me obriga... *(diante da corajosa atitude de Le Moreau, ele se perturba e torce as mãos uma na outra em silêncio)*

LE MOREAU

E então, senhor?

CONDE

Pois bem... é verdade, eu me afasto do senhor.

LE MOREAU

Nesse momento de perigo?

CONDE

Perigo igual para uma parte e para a outra e, além disso...

LE MOREAU

Não responde, senhor, a verdade deixa o senhor aniquilado. Ah! a nobreza! É sempre assim a recompensa de nossas aliança com ela, de nossa confiança nos seus protesto de civismo,¹⁸ de nossa paixão imbecil por suas sedução detestável! É assim que, enquanto especula sobre nossa candura, a nobreza engambela a gente e cospe na nossa cara! Ah! os burguês, pobres trouxa, pobres idiota que a gente é! A gente merece muito bem o que acontece pra gente. Que isso sirva de lição pra alguns, é o que espero; mas aqueles da gente que tiver se bandeado pro senhor eles vai sentir indignação e vingança atroz: vai ser aquilo que eles tiver desejado, senhores traidor! Sejam infeliz! A gente vai aceitar mais o reino do terror do que sua amizade pérfida. Por mim, saio daqui sacudindo a poeira dos meu pé, como ia sair de um lugar maldito onde um canhão republicano não deixava pedra sobre pedra! (*sai*)

CONDE

Insolente!... Não, um homem honesto! Oh meu Deus, o que fiz? Onde me leva minha honra? (*ouvem-se gritos e sinos tocando*) O que acontece? Os sinos tocam sem minha ordem? (*um tiro de fuzil muito perto. Louise entra, vindo do interior. Está vestindo roupas de amazona*) Louise, o que foi isso?

LOUISE

Ainda não sei. (*ela vai até à janela*)

CONDE

(*puxando-a com força*) Não fique aí, saia! (*vai sair. Le Moreau, sangrando, ferido, surge na segunda sala; ergue seu chapéu para o alto e grita: "Viva a República!" Um segundo tiro de fuzil, partindo da escada, o atinge em pleno peito. Ele cai morto na soleira da porta. Ouve-se gritar na escadaria: "Abaixo o municipal!"*)

CONDE

Ah! miseráveis! (*atira-se, espada à mão, sobre seus camponeses que surgem ao fundo, armados de fuzis e foices. Mézières se precipita ao seu encontro e o força a recuar cobrindo-o com seu corpo*)

18 **Civisme**: Particularmente "virtude cívica"; se oposto era o **incivisme**, que era passível de ser punido sob o Terror

MÉZIÈRES

Para! Eles tão furioso, tão completamente transtornado! (*Louise também se lança na direção deles, que se interrompem diante dela*)

LOUISE

(*aos camponeses, apontando o cadáver de Le Moreau*) Desgraçados! O que fizeram? Cem contra um é execrável! É covardia!

CONDE

(*exasperado*) Assassinos! São todos assassinos! (*os camponeses param, consternados, alguns levam Le Moreau.*) Ah! minha filha, é isso aí a guerra civil! E você a queria! (*cai numa cadeira, sufocado*)

LOUISE

Meu pai, é preciso se jogar para conter aqueles que desonram a causa! É um dever, o senhor sabe disso muito bem!

CONDE

(*levantando-se com energia*) Sim, conter e castigar! (*aos camponeses*) Quem fez isso? Quem assassinou dentro da minha casa?

VÁRIOS CAMPONESES

Não fui eu! – Nem eu! – Nem eu!

CONDE

(*para Tirefeuille, que surge, fuzil na mão*) Foi você, canalha?

TIREFEUILLE

(*irredutível*) Sim, fui eu! E daí?

CONDE

E daí o quê?

TIREFEUILLE

(*mostrando um camarada*) Tem ele, o Mouche; cada um atirou com seu fuzil. A gente não é da turma dos desajeitado.

CONDE

(*pegando-o pelo colete, com vigor*) Vocês todos aí! Gente honesta que não pôde impedir essa infâmia, prendam esses dois selvagens e os atirem na masmorra. Eu os entrego à vingança de nossos inimigos! (*os camponeses fazem um movimento para obedecer e param. Mézières protege Tirefeuille*)

UM CAMPONÊS

Sim... mas... fala, então, senhor conde, a gente tem de saber se o senhor tá a nosso favor ou é contra nós!

CONDE

Sou seu capitão e mando vocês para a guerra pelo rei e pela religião.

TODOS

Viva nosso capitão! A caminho!

TIREFEUILLE / MOUCHE

Sim, sim, a caminho, depressa!

CONDE

(mostrando-os aos outros camponeses) Esses dois homens para a masmorra, primeiro, ou, diante de vocês, eu estouro meus miolos!

CAMPONESES

Oh!... Por que isso?

UM CAMPONÊS

Sim, por quê, senhor conde?

CONDE

(exaltado) Porque, se eu não for obedecido, vou fazer com vocês uma guerra de demônios, e não uma guerra de cristãos! Prefiro antes morrer do que levá-los à danação eterna!

CAMPONÊS

Ele tem razão...sim, sim... é verdade isso!

TODOS

Sim, sim, viva Sauvières!

CAMPONÊS

Viva a religião! À masmorra os assassinos!

TODOS

(agarrando Tirefeuille e o Mouchea) Viva Sauvières e a religião! *(saem)*

MÉZIÈRES

Tá tudo pronto, senhor; sobe no cavalo. Eu ajudo o senhor com essa roupa toda.

CONDE

(para Louise, que se atirou aos seus braços) Ah! Louise, que começo e que presápio! A soleira de minha casa está manchada de sangue inocente; mereço passar por ela pela última vez! *(sai pelo interior, Mézières o segue)*

Cena 2

(Louise e Marie, que entra)

LOUISE

(atirando-se aos braços de Marie) Ah! Onde você estava? Querida Marie, estou quebrada!

MARIE

Eu sei de tudo, apressei-me em fazer seus preparativos e os meus.

LOUISE

Os seus? Vai voltar para sua família?

MARIE

Quando precisar de mim, em quem vai pensar, Louise?

LOUISE

É verdade, mesmo? Ah! brava menina... Mas é impossível, você não é monarquista nem por situação nem por crença. Você não pode renegar seus pais, seu ambiente, sua opinião, para vir compartilhar nossos perigos, talvez nossos reveses!

MARIE

Minha família, que se reduz a uma velha tia e a um irmão doente, viveu do trabalho que sua amizade me concedeu aqui em sua casa. Uma pequena pensão acaba de ser concedida graças à consideração de um primo que temos por baixo dos panos e que serve bem à República. Eu, eu sou livre, não preciso de nada, eu a serviria melhor que uma criada de quarto por mais dedicada que ela seja.

LOUISE

Você, me servir?...

MARIE

Sim, eu, porque não são apenas cuidados materiais que lhe faltam; é uma amizade à prova de tudo, coragem para sustentar a sua, numa palavra: aquilo que

não se pode exigir nem obter pelo dinheiro, nas que se deve aceitar de um coração reconhecido, sob pena de ofender se dele se duvidasse!

LOUISE

Ah! minha querida amiga, vem, então! Sim, com você serei capaz de suportar tudo! Ah! como preciso de você! Minha alma já está perdida, tremo em pensar que aconselhei mal meu pai... mas é muito tarde, é preciso partir ou abandoná-lo à vingança dos republicanos. *(para La Korigane, que entra)* Pois bem, minha tia está pronta?

LA KORIGANE

Ela já tá na carroça com seu pai, e seu cavalo já tá impaciente lá embaixo.

LOUISE

(olhando pela janela) Mas o meu cavalo não está lá.

LA KORIGANE

Quem ficou com ele te deu um melhor.

LOUISE

Como assim quem ficou com ele? Quem foi?

LA KORIGANE

Foi aquele Saint-Gueltas, claro! E não faz essa cara...

MARIE

(para Louise, baixo) Não responda a essa maluca. Eu vou montar seu cavalo. Aceite esse que lhe oferecem, porque é melhor.

LOUISE

(para La Korigane) Diga a meu pai que o espero lá embaixo. *(ela sai com Marie)*

LA KORIGANE

Sim, sim, caminha, vai! Pra onde esse cavalo vai, você vai ter de ir, e onde a quele Saint-Gueltas te levar, vai ser melhor que teu pai vai atrás de você! Aquele Saint-Gueltas ganhou a aposta! Essa mocinha é mesmo do agrado dele. E eu, ele nem olhou pra mim... O que que vai ser de mim nessa confusão? Vamo lá, sempre posso encontrar Cadio. *(ela sai)*

Parte 2

Fim do verão, 1793. A sala de jantar do castelo de Sauvières. A grande porta do fundo está aberta para o parque, cujo portão de entrada ostenta a inscrição: “propriedade nacional”.

Cena 1

(Rebec está à mesa com Mouchon e Chaillac; Madelon e Javotte, criados de Rebec, os servem. Tochas acesas, é noite lá fora. A mesa está ricamente servida.)

MOUCHON

Brrr!... A noite tá um breu, cara... e nada quente, sabia?

REBEC

(com dignidade) Javotte, acende a lareira! Madelon, fecha as porta.

CHAILLAC

(com um tom imperativo e militar) Acende tudo o que quiser, mas não fecha nada. Em minha posição, a vigilância é obrigatória.

REBEC

O senhor tem razão, comandante! A gente bebe é pra se aquecer. Com esse belo vinho a gente não vai ter surpresa nenhuma. Bom, assim inflama os coração... dá até vontade de cantar!

CHAILLAC

Canta, senhor. Guardião do sequestro de bens, canta! Canta pra nós a tomada da Bastilha.

REBEC

Justamente, era essa mesmo minha ideia. *(canta na melodia de Ma tendre musette)*

Ó dia memorável,
Quando se ia morrer,
Sem nada de admirável
Para nos socorrer!
Dos fatos da história
Vem o ensinamento.
França, canta a vitória

Neste tão feliz momento.
(*Os dois outros entoam o refrão*)
No fio de tua espada
Conserva essa memória
Que torna afamada
Essa nossa história.
Aquela bastilha temida
Pra sempre desaparecida.
Jamais será...

Me desculpe, gente, esqueci!

MOUCHON

(*dançando*) Ah! bah! Compadre, você canta errado e desafina! E essa tomada da Bastilha já era! Já é coisa do passado agora!

CHAILLAC

Perdão, desculpe aí, cidadão Mouchon. Se desfazer assim da tomada da Bastilha não é bom não. Não tem nada tão grande na nossa história.

MOUCHON

Não quero lhe dizer que não, o senhor bem que estava lá.

REBEC

Sim, ele tava lá, e brindo à saúde de Harmodius Chaillac, um poderoso vencedor da Bastilha!

CHAILLAC

Como poderoso? Eu poderoso¹⁹ por quê?

REBEC

Desculpa, minha língua tá um pouco engrolada. Quero dizer o bravo Chaillac, vencedor da poderosa²⁰ Bastilha e comandante atual da heroica guarda nacional de Puy-La-Guerche, eleito no campo de batalha tem quatro mes, substituindo o traidor Sauvières, que passou pro lado inimigo. Aí tão seus título de glória.

CHAILLAC

(*brindando*) Obrigado; à sua. Mas a modéstia me obriga a dizer que Puy-La-Guerche não é um feito de armas comparável à tomada da Bastilha e que, se o senhor Sauvières, o poderoso conde,²¹ não se interposse entre nós e os monarquista...

19 No original, nas duas ocorrências na fala da personagem, **ci-devant**. Cf. nota 10.

20 No original **ci-devant**, cf. nota 10.

21 No original **ci-devant**. Cf. nota 10.

MOUCHON

(*bêbado*) E eu, eu lhe digo... eu lhe digo que sim... a Bastilha, era a Bastilha. Lá tinha gente, toda Paris tava lá pra tomar a Bastilha, enquanto que em nossa cidade, a gente era apenas duzentos homem armado contra os milhar de mil bandido!

CHAILLAC

Ah! Você não sabe de nada, você não tava lá!

MOUCHON

Eu não tava lá, não tava lá, você gosta de dizer isso!

REBEC

Vamos, compadre Mouchon, não precisa brigar; a gente não tava lá!

CHAILLAC

Vocês tava aqui com muitos outro, e vocês tava escondido!

REBEC

Como a gente é imbecil – como a gente foi imbecil! Pensando que o Sauvières fosse pela gente, enquanto o opressor segurava a gente em ferro e entregava a gente pros sicário monarquista.

CHAILLAC

Não precisa exagerar nada, é inútil. O cidadão Sauvières não era nosso opressor, e ele não entregou a gente, já que a gente tá aqui são e salvo desde a caçada que a gente deu na vanguarda do Saint-Gueltas!

MOUCHON

Grande ação, ação sublime, comandante Chaillac, e que burila seu nome no frontispício da fama!

CHAILLAC

Sim, sim, você me bajula pra eu não reprovar sua covardia! Se você tivesse um pouco de coração na barriga, naquele dia, a gente não teria massacrado diante dos seus olho aquele infeliz do Le Moreau.

REBEC

Comandante, as porta tava fechada entre a gente e aqueles muro execrável.

CHAILLAC

Era preciso pressionar todos eles! Os da Bastilha era mais sólido! Pobre municipal! Um homem de coração, aquele lá, e falava tão bem!

REBEC

Um pouco enfático demais pro meu gosto...

MOUCHON

Ele era sim enfã... fã... O que você disse mesmo?

REBEC

Eu reforço o significado, ele gostava de se ouvir falando, era seu defeito. Ele deve ter falado aos velhos Sauvières – deve ter entediado eles com suas frase...

CHAILLAC

O que você tá dizendo? Você quer dizer que Sauvières ordenou a morte dele?

REBEC

Santo Cristo! Não é que os aristocrata²² são capaz de tudo?

CHAILLAC

Vocês não sabe o que diz! Os dois assassino foi encontrado acorrentado na masmorra da torre nova com uma inscrição: “Sauvières deixa esses dois criminoso pro castigo que eles merece”.

REBEC

Muito bem! Mas vocês só fuzilou um! O outro, um certo Tirefeuille, um idiota de dois costado, conseguiu se fugir... E quando se pensa que um celerado como aquele talvez ainda ronde pelas cercania! Você podia jurar que não é mesmo segura essa vida que a gente leva aqui, Mouchon e eu.

CHAILLAC

Vocês tava doente quando aceitou o posto de guarda desse castelo. Vocês deve levar uma vida de cão, não tem nenhum saco de nada, nenhum embutido na despensa, pelo que vejo.

REBEC

E nem galinhas viva. Quer mais um pouco de tokay?²³ Esse tem...E é suave, mas sobe!

22 **Aristocrate**: Epíteto utilizado inicialmente contra nobres opostos à reforma de 1787-8. Mas, em 1793, especialmente, utilizado para designar todos os que supostamente apoiavam o *Ancien Régime*, qualquer que fosse seu estatuto, e utilizado mais como termo moral e político do que como categoria social.

23 **Tokaji** (“procedente de Tokaj” em húngaro) é a denominação recebida pelos vinhos produzidos na região de Tokaj-Hegyalja, na Hungria, e também numa pequena extensão da Eslováquia. Foi adquirindo diferentes nomes na Europa, dos quais o mais comum é **Tokay**, utilizado na França e na Inglaterra. O vinho de Tokaj é citado no próprio hino nacional húngaro.

CHAILLAC

Não, já tomei bastante. Até fiquei triste. Parece que tô vendo o sangue do Le Moreau escorrendo lá no chão... desde a toalha da mesa!

REBEC

Pelo amor de Deus! Cala-te boca, comandante! Até faz tremer palavras como essa! Ah sim, o vinho deixa o senhor triste, o vinho! *(levanta-se)*

MOUCHON

(escutando) Schtt!

CHAILLAC

O que foi agora?

MOUCHON

Não ouviu nada?

REBEC

Mas eu sim, tou ouvindo!

CHAILLAC

O que que tá ouvindo?

MADOLON

(que está no fundo) Parece gritos e gemido!

JAVOTTE

Não! É como gritos de alegria ao longe!

CHAILLAC

(no fundo) Tão malucos esses cara! É uma corneta na porta da masmorra aí fora. *(às criadas)* Vão lá abrir! Me ouviram?

REBEC

Espera um pouco. E se for os bandido do Saint-Gueltas que volta pra se vingar! Vocês não têm nem uma escolta mínima, e aqui não pode contar com os habitante!

CHAILLAC

(ouvindo) Fica tranquilos! É uma brigada militar em regra. Os bandido não age assim dessa maneira. Vamo! A tropa chegou, vamo receber eles fraternalmente. Vem atrás de mim. *(para as criadas)* Ilumina aí. *(sai com Mouchon e Madelon)*

Cena 2

(Rebec e Javotte)

REBEC

Eu, eu não sou um herói do 14 de julho, não é essa minha condição. Minha cara Javotte, dá a chave aí pra mim.

JAVOTTE

A chave do esconderijo? Não tá comigo.

REBEC

Ora, ora, eu dei ela pra você de manhã pra você varrer lá. Dá a chave aí! (Javotte procura nos bolsos) Você não varreu lá?

JAVOTTE

Claro que sim, varri; mas eu devolvi a chave pra você, de verdade, juro!

REBEC

(*se revistando*) Você tem razão, ela tá aqui! É tão pequena... Javotte, vai dar uma espiada e, se for amigos chegando, me avisa.

JAVOTTE

Você vai se trancar de novo aí pra nada, aposto! Depois que descobriu esse buraco aí na parede, entra nele como uma mosquinha voando.

REBEC

(*que girou a chave*) Aí, ó! Merda! Não consigo abrir!

JAVOTTE

De tanto ficar tentando, deve de ter estragado a fechadura!

REBEC

Não! É como se tivesse trancada por dentro!

JAVOTTE

(*rindo*) Santo Cristo! Vai ver alguém de fora sabia disso antes de você e tá usando esse esconderijo contra você... algum bandido!

REBEC

(*assustado, recuando*) O Tirefeuille, talvez! O assassino do...

JAVOTTE

(que estava no fundo) Vamo, esconde seus medo! São bravos soldado republicano que tâ chegando. Olhaí, nem acabei de falar e aí já tá um deles. Magnífico!

REBEC

Um oficial? Veio saber minhas ordem, sem dúvida. Sai, Javotte, vai haver uma reunião de Estado aqui. *(Javotte sai)*

Cena 3

(Henri de Sauvières, Rebec)

REBEC

(à parte) Belo rapaz, tão jovem! O que é que ele tem a ver com tudo isso aqui? Tem um ar tímido... *(alto)* Saúde e fraternidade, general!

HENRI

(num tom resolutivo) Tenente, por favor! É o bastante para dois anos de serviço.

REBEC

Ah! meu Deus! Sr. Henri!

HENRI

Ora, ora, Rebec! Como você está, meu velho?

REBEC

Bem, senhor conde; e o senhor?

HENRI

Por que me trata assim? Meu tio ainda está vivo, graças a Deus. Você tem notícias dele?

REBEC

Você deve saber o mesmo que eu. Deve ter dito pro senhor na cidade que ele tinha vencido em toda a linha de frente, na margem do rio Loire.

HENRI

Vencedor? Foi isso que lhe disseram? O exército vendeano está em plena derrota...

REBEC

Mas ele não para de avançar!

HENRI

Porque o exército não pode recuar.

REBEC

Ah! Por Deus! É possível. Eu, eu não sei nada do que acontece. Tou aqui pra...

HENRI

De fato, você está aqui para...

REBEC

Ai de mim! Senhor Henri, o senhor sabe, o sequestro dos bem!

HENRI

Ah sim! Você é o preposto...

REBEC

Eles me forçou a aceitar esse posto. Isso é muito ruim pra minha permanência na cidade, e incomoda muito naqueles meus pequeno negócio.

HENRI

Eu achava que você estava adjunto à municipalidade.

REBEC

Já pedi minha demissão, o posto era muito perigoso e trabalhoso.

HENRI

E você não é exatamente um bicho de guerra, você, eu me lembro...

REBEC

E depois meu devotamento me ordenava continuar aqui.

HENRI

O devotamento à República?

REBEC

À sua família sobretudo. Um guardião fiel...

HENRI

Sobretudo é exagero. Ninguém lhe pede tanto. Faça seu dever e não se ocupe do resto.

REBEC

Ah! então... o senhor, o senhor tá conosco? Completamente? Sem segundas intenção?

HENRI

Como sem segundas intenções? Você exige isso a um oficial de cavalaria do exército republicano?

REBEC

Ah! o senhor tá na cavalaria? E cadê seu regimento?

HENRI

Parte aqui, e parte em Puy-La-Guerche.

REBEC

Finalmente! Finalmente! Até que enfim o senhor chegou pra proteger a gente? Deus seja louvado! E é esse aí o uniforme?

HENRI

Santo Cristo! Ainda não ficou pronto. Não somos gente da corte, a República não é rica, nós nos contentamos com o que ela nos dá.

REBEC

Oh! O senhor é mesmo um verdadeiro patriota, um bom sujeito! Alegria o coração ouvir o senhor falar desse jeito. Então, o senhor rompeu com sua poderosa família?

HENRI

(*rindo*) Minha poderosa²⁴... Ficou maluco? Minha família é sempre minha família.

REBEC

Perdão, fui longe demais... Existe ideias... e interesse que não se pode esquecer, não é? É justo, é bastante justo.

HENRI

Diga, então, você! Você parece estar me submetendo a um interrogatório. Foi encarregado disso?

REBEC

Oh!! Eu, trair o senhor? Eu que amo tanto o senhor! Eu que vi o senhor desde

24 No original, nesta fala e na anterior de Rebec, **ci-devant**. Cf. nota 10.

pequeno e que eu carregava de cavalinho naqueles tempo em que eu vinha aqui comprar lã? O senhor gostava muito de apressar seu animal com suas bota no lombo dele! E a senhorita Louise que o senhor queria levar na garupa... e que morria de medo!

HENRI

Pobre Louise! Ela tem muitas outras coisas de que ter medo agora!

REBEC

Mas... o senhor sabe como ela se tornou intrépida! Ela não abandona o pai, é uma das heroína do exército católico.

HENRI

(suspirando) Já me disseram.

REBEC

Isso não adianta as tratativa pro casamento?

HENRI

Elas andam a zero, como você sabe.

REBEC

Isso deve desgostar o senhor mais do que tudo.

HENRI

(bruscamente) Pois bem, de que adiantaria me desgostar?

REBEC

Porém ela era um bom partido! Filha única! E o senhor nem não tem nada, né!

HENRI

Justamente, aí está o que me consola um pouco.

REBEC

Ah! lhe agrada?

HENRI

Nada disso impede que eu deseje notícias dele para meus parentes. Como você não sabe nada, você que se pretende tão devotado à família?

REBEC

É que...ninguém ousa fazer pergunta nesses tempo de suspeita e temor; a gente tá arriscado parecer interessado ...

HENRI

O que aconteceu com a senhorita Hoche?

REBEC

A senhorita Marie partiu com as dama.

HENRI

Para o exército católico? Ela?

REBEC

É como lhe digo.

HENRI

Por devotamento, então? Moça generosa! Ela sempre foi bonita...

REBEC

Ah! no presente não sei lhe dizer. Ela tava mais bonita que nunca quando seguiu a senhorita Louise. O senhor sabia que elas havia de ser as flor do país sem essas maldita guerra? O senhor não tava um pouco apaixonado por uma ou pela outra?

HENRI

Que perguntas idiotas você me faz, em vez de me dar informações sérias?

REBEC

Santo Cristo! Quando não se sabe! Mas sobrou o velho homem de negócio de seu tio, ele ficou aqui, e se o senhor quiser ver ele...

HENRI

Sim! Vá correndo procurá-lo para mim... Não, não vá. Vou vê-lo por acaso. Não é preciso comprometê-lo.

REBEC

Ah! acredite, senhor Henri, que a República é bastante desconfiada e que é bastante difícil se esquecer... Mas quem sabe? Tudo caminha de um jeito tão tão estúpido hoje em dia!... E, no fim das conta, rapaz de família alistado contra a vontade, como o senhor por exemplo, bem que podia, se quisesse, trazer de volta os velho tempo que não ia ser tão ruim. Hein, tou errado?

HENRI

Meu amigo Rebec, vejo que você não mudou nada.

REBEC

É bom se dobrar conforme as circunstância, mas, no fundo, senhor Henri, eu sempre penso muito bem... e também...

HENRI

E também tão estúpido quanto no passado.

REBEC

Isso agrada o senhor?

HENRI

Você entendeu muito bem, meu caro, e você é idiota em acreditar que um nobre poderoso²⁵ não pode servir fielmente sua terra.

REBEC

Não é o que eu digo! Do contrário! Vejo muito bem que o senhor detesta a mentira e que, entre a gente aqui, o senhor seu tio faltou ao seu dever ao trair daquele jeito tão covarde...

HENRI

Cale-se! Não repita mais essa palavra na minha frente se tem amor às tuas orelhas. Meu tio acreditou obedecer à sua consciência. Ele se enganou, mas como se engana um homem galante, sacrificando-se. Ele sabia que a Vendeia só chegaria a uma bagunça e a um desastre. Ele vai se fazer matar e vai deixar apesar de tudo uma lembrança pura. Eu, eu vou acabar de barriga aberta também por querer domar a revolta e talvez receba os golpes pela mão de um dos meus camponeses ou de um dos velhos domésticos que me carregaram em seus braços e deram mingau em minha boca! Ou então vai ser o padre que me deu a primeira comunhão que vai quebrar meu queixo ou ainda ... meu próprio tio, o mais doce, o mais terno, o melhor dos homens! É assim, é o que parece essa guerra civil. Uma ideia bonita! Mas, quando se está nela se está mergulhado nela e, quando se vai para o fogo, não é para receber maçãs assadas. É hora, Rebec, vá se deitar, estou perdendo meu tempo em fazer você compreender o que nunca vai compreender.

REBEC

Me deitar, não! Vou levar você de volta.

HENRI

Nós vamos dormir aqui, nós, o capitão e o destacamento, se isso não contraria você.

25 No original **ci-devant**. Cf. nota 10.

REBEC

Ah! meu Deus, não diga isso! Vou dar minhas ordens...

HENRI

Está bem, nossos bedéis não precisam de você para instalar nossas camas...

REBEC

Mas... seu capitão, onde ele vai dormir? Todos os quartos são ocupados, fora...

HENRI

Exceto aquele que reservou para você? O capitão vai ficar com ele; qual é?

REBEC

Esse aqui, do lado.

HENRI

O apartamento de minha tia Roxane? Era o melhor. Você não escolheu mal, camarada!

REBEC

Senhor Henri, é por causa dos cheiros! Esse quarto é perfumado, e eu sou maluco por cheiros bons.

HENRI

Pobre tia! Talvez agora esteja dormindo em algum estábulo.

REBEC

Quer que lhe peça uma ceiazinha leve?

HENRI

Não, nós comemos bem em Puy-La-Guerche.

REBEC

(dirigindo-se à mesa) O senhor toma pelo menos uma taça de tokay? Vamo, sem cerimônia?

HENRI

Você é muito bom! Você faz as honras de minha casa com uma graça...

REBEC

E, sem ser muito demais curioso, o que é, então, que o senhor veio fazer aqui?

HENRI

Isso não me diz respeito. Se me mandam, eu obedeco; mas suponho que se queira guarnecer um castelo que poderia servir de ponto de reunião e de refúgio para os rebeldes.

REBEC

Já faz três meses que isso devia ter sido feito! Aqui a gente vive em transe, e se os bandidos tivessem tentado... Ah! essa República é bastante negligente!

HENRI

Sim! Ela aloja você num castelo fortificado, ela lhe dá as chaves de uma adega maravilhosa, um leito de rendas e penas de ganso, e se esquece de lhe atribuir uma guarda de honra para que você possa ali dormir tranquilo; é imperdoável!

REBEC

Tá gozando de mim, é?

HENRI

Bem que poderia. Vamos, vai preparar aquele quarto perfumado para meu capitão. Ele não tem outro jeito de roubar um bom descanso e uma boa noite!

REBEC

Tá bem, e o senhor?

HENRI

Eu vou dormir numa poltrona. Sei que estou numa terra conquistada, mas respeito o passado, e não vou me esquecer dele me aproveitando do leito de meu tio...

REBEC

Mas seu antigo quarto!...

HENRI

Chega de delicadezas, você me irrita assim. Vai buscar seus lençóis e travesseiros. Apressemos-nos!

REBEC

Vamo lá, tenente; não se impaciente.

HENRI

(a um cavaleiro que entra com a valise do capitão) Vá preparar o leito, camarada. Por ali. Depois saia pelo outro lado. *(Rebec sai, seguido do soldado)*

Cena 4

(Henri, o capitão Ravaud)

CAPITÃO

(*homem distinto, de figura suave*) Pois bem, meu jovem tenente, como vai esse pobre coração emocionado?

HENRI

Bem, meu capitão. Não recebi aqui nenhuma má notícia de minha família. Esperemos que meu tio coloque as mulheres em segurança em tempo útil; quanto a ele e a seus amigos, eles fazem como nós, sofrem os acasos da guerra.

CAPITÃO

Estamos sozinhos? Tenho algo para lhe dizer.

HENRI

(*indo fechar a porta lateral*) Pronto, capitão; pode falar.

CAPITÃO

(*sentando-se*) Vejamos, Henri, vamos entrar em campanha e temo que vamos fazer coisas terríveis!

HENRI

O senhor está brincando, capitão, as coisas terríveis não lhe causam temor.

CAPITÃO

Eu lhe peço desculpas. A guerra civil acarreta rigores que o senhor não prevê, e, conforme as ordens que nossos generais recebem, eu espero tudo. Pretende-se terminar bruscamente e sem volta com a Vendeia e, para os exaltados que no momento nos governam, todos os meios são bons. A Convenção²⁶ considera

26 A **Convenção Nacional** ou simplesmente **Convenção** foi a denominação dada ao regime político que vigorou na França entre 20 de setembro de 1792 e 26 de outubro de 1795, no processo da Revolução Francesa. Sucedeu ao regime da Assembleia Nacional Legislativa (o parlamento francês instituído pela Constituição de 1791) e fundou a Primeira República Francesa. Seus membros foram eleitos por sufrágio universal masculino, fato inédito na França e no mundo, com a finalidade de dar uma nova constituição ao país. Exercia o poder legislativo. Aboliu a realeza; no dia seguinte, foi proclamado o ano I do calendário republicano. A Constituição do ano I, uma constituição democrática (embora votada por sufrágio universal apenas masculino) e descentralizadora, foi elaborada quando a Convenção era dominada pelos *montagnards* e promulgada solenemente em 10 de agosto de 1793 após referendum, porém jamais foi aplicada em razão do estado de guerra interna e externa. Em 10 de outubro de 1793, a Convenção consagrou o estabelecimento de um regime de Terror, declarando: “O governo provisório da França será revolucionário até a paz.”

que a instrução dos processos dura muito tempo. Talvez ela nos proíba fazer prisioneiros. Se ela for por esse caminho, Deus sabe onde ela vai parar. O senhor teria forças para ir até o fim?

HENRI

Isso é uma prova, meu capitão? O senhor me trouxe para cá, de preferência aos outros jovens oficiais meus camaradas, para ver se, em presença do feudo onde passei minha infância e para onde me chamam todas as lembranças de minha vida, eu sentiria enfraquecer meu patriotismo?

CAPITÃO

Sim, meu caro menino, fiz isso de propósito, não para surpreender os tormentos secretos de sua consciência, mas para lhe dizer: Jamais um homem de coração foi submetido a uma prova mais cruel. Alguns cérebros vencem as forças morais mais temperadas e aquelas que vamos lhe impor repugnam tanto à natureza quanto à humanidade. Talvez o senhor se veja diante de seus parentes, de seus amigos...

HENRI

É possível, fácil de prever!

CAPITÃO

O senhor previu a maldição de sua família, a indignação de sua casta... e a de uma pessoa... O senhor me disse que estava noivo de uma parente...

HENRI

Não falemos disso, meu capitão; esse seria o ponto fraco. Eu tinha pela prima uma amizade... talvez já fosse amor; mas ela não podia sentir isso por mim; era uma criança e Deus sabe que, depois da insurreição, ela deverá me desprezar com toda a força de seu coração.

CAPITÃO

Ela perdoaria o senhor se... Vejamos! Admitamos todas as probabilidades: o que o senhor diria se me tivesse sido dada a ordem de queimar o castelo de Sauvières?

HENRI

(erguendo-se) Essa ordem... o senhor a tem, capitão? Sim, entendi! O senhor a tem.

CAPITÃO

E o senhor deve ordenar a execução da ordem. Querem assim.

HENRI

Diabo! É duro demais!

CAPITÃO

E cruel! Estou revoltado! Escute, Henri, ouça bem. Eu acredito ser um bravo soldado e um homem honesto. O senhor já me viu sorrindo diante da morte. Pois bem, há uma coragem que eu não tenho, é a de fazer as coisas atroz. Ela foi exigida de mim – eu estou resolvido a desobedecer.

HENRI

O senhor?

CAPITÃO

Sim, porque tenho também ordem para queimar as cabanas e as florestas, destruir as colheitas, devastar os campos, esfomear a região, reduzir os habitantes ao desespero, e isso em toda a área insurgida, sem piedade para com as crianças, os velhos e as mulheres. Sim, é assim! Dão-nos generais ineptos que nunca viram o fogo. O civil se arroga o direito de controlar o civismo do militar. Um demagogo com uma echarpe inverte os planos de um oficial experimentado. O primeiro que chega desses brutos ferozes tem o poder de conduzir os bravos soldados ao matadouro e, cumprindo o vil metiê de espião, denuncia como traidor qualquer um que ouse contradizê-lo. Seu nome o torna suspeito por parte de um desses covardes e foi ele que, em Puy-La-Guerche, me deu a ordem execrável de trazer o senhor para cá. E nós nos submeteríamos a ordens como essa? Nós, soldados franceses, homens, filósofos! Não, quanto a mim, jamais! No dia em que um comissário do governo vier me dizer que sou suspeito de indulgência, quebrarei minha espada e jogarei os pedaços na cara dele!

(Henri está absorto, a cabeça entre as mãos. Um silêncio)

HENRI

(se levantando) E depois?

CAPITÃO

É a proscrição ou a guilhotina. Seria a minha parte como o é para tantos outros.

HENRI

A guilhotina corta as cabeças, ela não elimina as questões.

CAPITÃO

Ela libera a vida daquele que foi forçado a fazer o mal.

HENRI

Desse ponto de vista, é um suicídio, então?

CAPITÃO

Aceito o argumento.

HENRI

Um suicídio é uma covardia.

CAPITÃO

(estremecendo) Uma covardia?

HENRI

Sim, meu capitão, sempre! Não sou um grande argumentador, eu; mas me ensinaram isso assim desde a infância. O homem que se mata faz sua renúncia e se declara inútil. Disseram-me também que um homem representa sempre uma força qualquer e que ele não tem o direito de a suprimir porque não é dono dela: foi Deus que a confiou a ele. É preciso então escolher entre o que é o bem e o que é o mal. Se a Revolução é um mal, é preciso abandoná-la e se lançar resolutamente no partido contrário.

CAPITÃO

O partido monarquista? Jamais quanto a mim! Ele me inspira repugnâncias incontestáveis.

HENRI

Conclua, então.

CAPITÃO

Eu não posso... Nenhum partido representa mais para mim a França. Ela está perdida, enlameada. Neste momento a vida me causa horror.

HENRI

A vida é rude, meu capitão, é verdade; mas eu, com vinte e dois anos, não posso dizer como o senhor que tudo está perdido. Não me entra na cabeça uma ideia semelhante! Se a França está perdida e enlameada, seríamos muito loucos ou muito preguiçosos em ir exigir ao verdugo o final de nossas incertezas e em dar a essa França criminosa o prazer de cometer um crime a mais. Se não existe mais honra na França é porque a pessoa não acredita mais em si mesma? Pois bem, irra! Eis aí uma palavra que não posso dizer por mim mesmo e um exemplo que não quero dar.

CAPITÃO

Henri, você tem razão. Servir seu país ou traí-lo... nesse caso extremo, não há mais ambiente possível. Pois bem, meu coração vai sangrar... eu vou obedecer! Mas você, você não teve a liberdade de escolher o dia em que a República o

alistou, e você pode. Vá, eu vou fechar os olhos. Abandone-nos, abandone-me, e vai se juntar à sua família; ninguém é obrigado a se tornar parricida.

HENRI

(emocionado) Obrigado, meu capitão, obrigado.

CAPITÃO

Você aceita, meu menino?

HENRI

Não, eu recuso... O que é verdadeiro para o senhor também o é para mim. Não existem duas verdades. No dia em que fui alistado, eu era monarquista. Eu pensava como aqueles que me haviam criado, como a jovem noiva que me estava prometida: era tudo simples. Foi por devotamento a eles, foi para lhes deixar guardar uma aparência de civismo que preservava suas pessoas e seus bens que eu os abandonei com uma espécie de alegria, prometendo-lhes passar para o inimigo assim que tivessem podido emigrar. Eles não emigraram. A eles lhes faltou lógica; eles também amavam a França! O que o senhor quer? Está no sangue dos Sauvières! E eu, menino, senti isso no dia em que ouvi ressoar nas calçadas da cidade o salto das minhas primeiras botas. Pus-me a amar a pátria como um louco vendo-me encarregado de defender a bandeira que representava sua honra e a minha na fronteira. Não raciocinei sobre isso, não tive tempo de refletir. Senti meu coração bater até me estufar o peito! Meu tio devia ter previsto que isso me aconteceria, ele que pegou em armas pela França. Não é o primeiro rufar de tambor que libera o ataque, é o primeiro tiro de canhão que movimenta o ar à nossa volta - que embriaga um homem da minha idade até o delírio? Vamos, então! Se meus parentes estivessem lá, teriam gritado: "Marche e não recue!" Pois bem, agora estou nesse grande confronto! Sou patriota, pertencço à Revolução, porque dei meu sangue por ela. Ela é minha religião e meu deus, como meu regimento é minha família e como o senhor é meu confessor. A República nos sobrecarrega? É possível. Perdida ou sábia, embriagada ou maligna, doente ou louca, ela é nossa mãe, e uma mãe jamais está errada quando se trata de a defender. Mais tarde, quando eu estiver velho ou doente, julvez julgue seus atos; mas, enquanto meu braço puder segurar um sabre, eu me baterei por ela, nem que precisasse esmagar meu coração sob as patas de meu cavalo!

CAPITÃO

(exaltado) Henri, abrace-me, generoso rapaz! Sua fé vai remover montanhas! Sim, homens como você, homens que acreditam devem salvar a pátria. Viva a República! *(abatido)* Então vamos queimar...

HENRI

Para quando a execução de sua ordem?

CAPITÃO

É para esta noite. Conto proceder com prudência. Dei ordens para que não exista uma só alma viva ao redor da muralha. Não é necessário exasperar os habitantes e os expor a fazer resistência. Eles sucumbiriam miseravelmente.

HENRI

Meu capitão, acredito que eles mais nos ajudariam. Nem todos os camponeses são monarquistas, e aqueles que ficaram em suas casas talvez não o sejam mesmo. Não importa, vou fazer uma ronda.

CAPITÃO

Espere, vem alguém aí.

Cena 5

(Os mesmos, Motus, Cadio)

MOTUS

(clarim da cavalaria, republicano a todo custo, muito estimado pelo regimento) Meu capitão, anuncio que acabamos de prender um espião que tentava escapulir feito cobra. Devemos fazer ele entregar seu negócio?

CAPITÃO

Primeiro é preciso saber se é mesmo um espião. Traga-o.

MOTUS

É que, sem ofender, meu capitão, não acredito que a gente pode arrancar uma só palavra daquele sujeito. Ele não tem cara de compreender o que a gente diz ou então tá fingindo que é um bretão.

CAPITÃO

(para Henri) O senhor conhece essa língua?

HENRI

Por Deus, não, nem uma só palavra.

CAPITÃO

(para Motus) Onde ele está?

MOTUS

Está aí fora, meu capitão, *(indo até à porta)* vamo, obedece a ordem, soldado, o homem dessa escova amarela na cabeça. *(Cadio surge, trazido por dois cavaleiros.*

Sua roupa de cânhamo está em frangalhos. Tem uma pele de cabra nos ombros)

CAPITÃO

(baixo, para Henri, após ter feito sinal para Motus e os dois cavaleiros saírem)
Interrogue-o. O senhor sabe melhor que eu falar com camponeses.

HENRI

(para Cadio) Você não fala francês?

CADIO

(triste e abatido) Arranho francês, latim pro gasto. Pelo menos, sei um pouco.

HENRI

Então, você é padre ou monge?

CADIO

Não, sou tocador de gaita de fole da Bretanha.

HENRI

Um feiticeiro, então?

CADIO

Feiticeiro? Oh! Por Jesus, não! eu renego o diabo!

HENRI

Mas embora você o renegue, ele corre atrás de você à noite, nos bosques ou pelas urzes. Ele arranca seu chapéu e bate em você com a flauta de sua gaita. E depois que você pronuncia uma certa fórmula de exorcismo, um anjo aparece e lhe diz: "Vai matar um azulzinho e Satã o deixará tranquilo."

CADIO

Meu bom são Cornélio! Onde é que o senhor sabe dessas coisa?

HENRI

Sou feiticeiro também. Conheço todas as práticas dos mestres tocadores de todos os lugares. *(baixo, para o capitão)* Veja os olhos fixos e brilhantes desse sujeito; vive em êxtase.

CAPITÃO

Inofensivo, talvez?

HENRI

Ou dos mais perigosos.

CAPITÃO

Trate de fazê-lo confessar.

HENRI

(*para Cadio*) Quantos azuizinhos você já matou para contentar Deus ou o diabo?

CADIO

Matar? Eu? Nunca jamais! Eu não ia conseguir.

HENRI

Confessa, entretanto, que é comandado por sua crença.

CADIO

Sim; mas sou um mau cristão, e não consigo obedecer.

HENRI

Por quê?

CADIO

Sou covarde.

HENRI

Se gaba disso? Não acredito. Seu nome?

CADIO

Cadio.

HENRI

É seu nome de família?

CADIO

De família? Não tenho família.

HENRI

É um cogumelo, uma criança achada nos campos?

CADIO

Pode crer.

HENRI

Tem um apelido?

CADIO

Carnac.

HENRI

Nasceu nesse buraco aí?

CADIO

Não sei. Me encontraram no meio dos gigante.

CAPITÃO

O que isso quer dizer?

CADIO

Quer dizer das pedra grande, não longe da baía de Quiberon, na terra dos homem antigo que fazia suas trincheira com pedras maior que torres.

HENRI

Foi criado por quem?

CADIO

Por ninguém e por todo o mundo mesmo.

HENRI

Mas quem lhe ensinou francês e latim?

CADIO

Os monge do convento. Eu ia lá cantar no coro com eles. Eu queria saber música. Eles não sabia e queria me fazer monge. Já tinha cortado meus cabelo e, como eu ia sempre sozinho na charneca pra tocar uma flautinha desafinada que eu tinha fabricado, eles entendeu que me dava com o diabo. Isso não era verdade; mas, eles repetiu tanto, que me encafifei isso na cabeça, e o diabo se pôs a me atormentar; eu me confessei. Então eles me fez jejuar e sofrer na cela dos morto. Foi assim que me salvei do convento e daquelas terra.

CAPITÃO

E virou o quê depois disso?

CADIO

Fui obrigado a ganhar a vida dançando pelo mundo com minha flautinha e passei muitos dia de fome sem comer um nada, pra poder me comprar uma gaita de fole.

HENRI

O que tem a lamentar?

CADIO

Que seus soldado me prendeu.

CAPITÃO

(baixo, para Henri) Ele não parece duvidar de que pode lhe acontecer coisa ainda pior. Continue a perguntar.

HENRI

Por que deixou a Bretanha?

CADIO

Não podia mais ficar lá. Como a cabeça tava raspada, eles corria atrás de mim nas cidade me chamando de traidor. Então vivi por mim mesmo, a esmo, e um dia os brigão me pegou, perto daqui. Aí eles me deu na minha mão uma roca, me levou pra esse castelo aqui me dizendo: “Dá isso pro velho do castelo”.

HENRI

Ao Senhor de Sauvières, uma roca? Eita!

CADIO

Ah! sei lá o nome dele. Ele ficou foi muito irritado. Eu, eu não sabia por quê; depois alguém explicou.

HENRI

Foi há três meses?

CADIO

Mais ou menos quatro.

HENRI

E como essa ofensa fez o senhor de Sauvières se decidir a seguir os bandidos, você também foi com eles?

CADIO

Eles me obrigou.

HENRI

Contra a sua vontade?

CADIO

No começo, sim, depois ela me disse: “Para com essa dança pra lá e pra cá, Cadio. Vai acabar morrendo de fome, fica com a gente; vai tocar sua gaita na hora da elevação da hóstia, quando nossos bons padres nos disserem a missa verdadeira nos campos.”

HENRI

Quem lhe disse isso?

CADIO

Ela.

HENRI

A senhorita de Sauvières? (*Cadio faz sinal que sim*) Você a conhece? Me fale dela! Onde ela está agora? (*Cadio sacode a cabeça*) Não sabe, ou não quer dizer?

CADIO

Não quero.

HENRI

Sou parente e amigo dela.

CADIO

Isso não pode ser.

HENRI

Pode me dizer pelo menos se ela está em lugar seguro; é tudo o que desejo.

CADIO

Não vou dizer nada.

HENRI

Não pode dizer há quanto tempo a deixou?

CADIO

Não.

HENRI

Pois bem, não diga; mas pelo menos fale se a amiga dela, a senhorita Hoche, está sempre ao lado dela...

CADIO

Isso não é da sua conta.

HENRI

O que veio fazer aqui?

CADIO

Não quero dizer.

HENRI

Quem está com você do exército católico?

CADIO

Não vou dizer mais nada.

HENRI

Então, é um espião.

CADIO

Eu? Jamais!

CAPITÃO

Mas é preciso que nos explique sua presença, ou vai ser fuzilado em cinco minutos.

CADIO

(caindo de joelhos) Fuzilado, eu? Ah! bom são Cornélio, meu são Máximo e bom são Lupo, me salve da morte! Me fuzilar! Um padre, pelo menos, um padre! Me deixe resgatar minha pobre alma!

HENRI

Tem então algum amor à vida?

CADIO

Ai de mim! Minha vida é bem ruim. Sou um maldito, escória, uma desgraça, um trapo, como o senhor vê! Deus e os santo não me quer mais; mas vou fazer penitência. Me deixe viver pra me arrepender!

HENRI

Fala, e te deixaremos viver.

CADIO

(se endireitando) Me mata, e não falo mais nada.

CAPITÃO

(que chamou Motus) Pega esse gaiato aí e quinze pauladas nas costas. *(aproximando-se dele e falando baixo)* Não toque nele, foi só para assustar.

MOTUS

(fazendo uma cara feia) É pra já, meu capitão.

CADIO

Uma graça, 'seus' azuizinho! Me deixe tocar alguma coisa na minha gaita antes de morrer! É meu jeito de rezar!

MOTUS

Ou o seu sinal para chamar os outro bandido? Diz aí, bico-branco, os azulzinho aqui não é idiota como você!

CADIO

Não vão deixar? Vamo, então! A vontade de Deus seja feita! Tape meus olho pra eu não ver os fuzil! Oh! Os fuzil! Amarre meus olho!

CAPITÃO

(para Henri) Singular mistura de pavor e coragem! *(para Motus)* Vende os olhos dele.

CADIO

(os olhos vendados, de joelhos) Meu bom Deus do céu, me faz um milagre! Eu não traí nem menti! Eu não quis matar, mas vão me matar! Pega minha vida em expiação de meu medo! Adeus, minha gaita e as belas ária de música! Adeus, grandes floresta e grandes charneca! Adeus, estrelas da noite, o barulhinho dos riacho e do vento nas folha! Não vou mais ver a bela praia e as grande pedra de Carnac, onde eu colhia as genciana azul da cor do mar!

HENRI

(ao capitão) Artista e poeta! Um lírico!

CAPITÃO

Ai de nós! Mas fanático e espião!

HENRI

(à parte, triste) A serviço de meu tio provavelmente!

CAPITÃO

Vamo ver, tenta mais uma vez. *(para Motus, um sinal de inteligência. Motus arma sua carabina. Cadio estremece e cai de cara no chão)*

HENRI

(aproximando-se dele) Vai falar? Ainda tem tempo...

CADIO

Falar? Jamais! Me mata... Deus me perdoou, sinto no meu coração, tou em estado de graça! Me mata, depressa!

CAPITÃO

(faz sinal para Motus, que se afasta, e tira a faixa dos olhos de Cadio) Se o perdoarmos, vai falar como agradecimento?

CADIO

Não, não vou conseguir; prefiro morrer!

CAPITÃO

(baixo, para Henri) É mesmo um crente, um homem por fora de um menino covarde. Estou irritado por tê-lo visto, mas o caso é grave, e a regrea é impiedosa. Perdoar um espião é trair o dever.

HENRI

Sem dúvida! Mas e se não for um espião? Ele se recusa a falar, não tenta mentir. Se tivesse sido encarregado por meu tio de alguma missão estranha à política?... Ele tem uma cara de sincero que me espanta!

CAPITÃO

Conheça a verdade, se for possível, e deixe sua consciência falar. Diga claramente quem você é, dê-lhe confiança, e, se ele o inspirar, faça-o escapar. Pode fazer isso?

HENRI

(mostrando o esconderijo) Sim, conheço as pessoas.

CAPITÃO

Apresse-se, chegou a hora...

HENRI

Compreendi, capitão.

CAPITÃO

(sai e volta sobre seus passos com a gaita de Cadio, que coloca sobre um móvel) Uma ideia! Talvez ele fale para reaver essa coisa. *(sai)*

Cena 6

(Henri, Cadio e Louise, que sai do esconderijo enquanto Henri acompanha o capitão em sua saída; ela está disfarçada de camponesa)

HENRI

(voltando-se) Uma mulher? Quem é você? De onde saiu?

LOUISE

Não está me reconhecendo?

HENRI

Louise! É você?... É a senhorita? Que imprudência! Como?... Ah! como você está grande! Como está bonita! Que feliz eu sou!... Mas o que estou dizendo? Estou desesperado por vê-la aqui! Meu tio... ele não está, ele, pelo menos: Responde, então!... Não tenha medo, eu me mataria... Ah! como estou contente... e infeliz!

LOUISE

Antes de tudo, manda soltarem esse pobre rapaz. Não é um espião, ele me acompanhava, me serviu de guia.

HENRI

(levando-o para o esconderijo) Vai por aí; conhece o caminho?

LOUISE

Já o mostrei a ele antes.

CADIO

Ir embora? Sem a senhorita?

LOUISE

Vai me esperar onde estávamos de manhã.

CADIO

(para Henri, mostrando sua gaita) Então me entregue minha...

HENRI

(baixo, entregando-lhe a gaita) Sim, pegue essa gaita, e suma! E sirva bem à senhorita...

CADIO

O senhor era então um amigo? Ah! se eu soubesse!

HENRI

(empurrando-o para o esconderijo e voltando) Louise, minha pobre Louise! Explique-me...

LOUISE

Eu vim aqui disfarçada e enfrentando mil perigos para receber o dinheiro de nossos aluguéis; era uma questão de vida ou de morte em nossa situação...

HENRI

Eu a conheço, ela me espanta e me desola; mas como vocês vão fazer?...

LOUISE

Não sei nada. Vi hoje nossos agricultores, eles prometem enviar fundos, se puderem.

HENRI

A senhorita foi vê-los?

LOUISE

Eu não arriscava nada sobre nossas terras antes de sua chegada. Ninguém aqui é capaz de me trair, e eu contava com Rebec, a quem procurarei mais tarde para me deixar escondida um dia ou dois na casa; mas estou confusa, porque o senhor está aí!

HENRI

Confusa? Por minha causa? Certamente não.

LOUISE

Henri, tudo o que o senhor diz ao seu chefe aqui, há pouco, eu ouvi! Diga-me que não pensa mais aquilo, que estava errado... ele era sincero, estou certa disso...

HENRI

Louise, eu também sou sincero. Não tenho duas palavras.

LOUISE

É impossível. Vejamos, o tempo urge: a verdade, Henri, preciso dela! Sei bem que outrora você tinha ideias que não eram as minhas, mas deixava passar, e ainda desta vez, ao ouvir que teu pai, teu amigo, teu benfeitor, está passando pelo maior perigo, ao me ver, vestida nesta roupa, na maior agitação, reduzida a me esconder em minha própria casa, onde tudo me ameaça e me revolta. Não, não, você não vai ficar com nossos inimigos, não vai me abandonar! Vai fazer como Marie, aquela simplória e digna amiga que sacrifica a política à amizade. Você vai me reconduzir para perto de meu pai, e, quando tivermos passado o Loire, porque é preciso atravessá-lo logo, você vai nos ajudar a tentar um último esforço. Se sucumbirmos nessa luta suprema, bem, nós morreremos ou nos salvaremos juntos. Uma família unida e respeitável como a nossa pode se separar na morte ou no exílio? Vamos; aquele bravo oficial lhe permitiu ver, o aconselhou, viu melhor que você sua verdade, seu único dever. Você respondeu com sofismas, disse loucuras, mas não sabia onde eu estava, não me sentia próxima! Eis-me aqui, sou eu! Não está me vendo? Não está me compreendendo? Tem uma cara espantada... Vamos, depressa, fuja, juntemo-nos ao guia que nos espera. Um minuto de hesitação pode me enviar para a guilhotina. É isso o que quer? Tornei-me odiosa para você porque permaneci

fiel ao meu rei, ao meu Deus e a meu pai? Não sente mais amizade por mim? Henri, não é mais meu irmão e meu amigo?

HENRI

Cale-se, Louise, cale-se! Você me faz muito mal, verdade! Veja, estou chorando, eu, um soldado... um republicano!... Não me achava tão frouxo... deixe-me, não me diga mais nada.

LOUISE

Está ficando fraco, cedendo! Vamos! Chore, chore, não tenha vergonha de chorar! É seu coração que se cura e sua honra que desperta. Vem!

HENRI

Minha honra? Não, Louise, não! deste lado aqui, vejo claro. Minha honra me condena a viver escondido debaixo da minha bandeira.

LOUISE

Essa não é sua última palavra, Henri!

HENRI

É sim, minha última palavra, minha pobre Louise! Você não compreende, você que me pede para me desonrar! Mas sim! Você compreende no fundo do coração. Vai me desprezar se, depois de tudo o que ouviu...

LOUISE

Vou desprezá-lo se continuar ouvindo o que diz. Se quer reencontrar sua estima, vamos embora!

HENRI

Menina cruel que você é! Não nos deixemos com imprecações e injúrias, é odioso isso... Ah! eu não acreditava que o dever fosse tão difícil... Não importa, não estamos na idade do ouro, é preciso aprender a sofrer! Vai, Louise! Adeus!

LOUISE

Você terá desejado isso, Henri! Saiba que, a partir desse dia, nosso compromisso estará rompido.

HENRI

Nosso compromisso? Ah! Louise... Mas você nunca me amou, você me ama?

LOUISE

Se eu te amasse, o que faria?

HENRI

(confuso) Se você me amasse, meu cérebro explodiria!

LOUISE

O suicídio é uma covardia. O senhor disse, é preciso escolher entre o bem e o mal, entre o amor e o ódio.

HENRI

Me odeie, então! Eu beberei o cálice até a última gota.

LOUISE

Então, saiba que eu me sacrificaria para ficar com você...

HENRI

(com amargura) Se sacrificaria? A senhorita ama um outro? Pois bem, viva a República! Eu teria causado sua infelicidade. Seria minha vergonha e meu castigo! Ah! minhas queridas dragonas, fiz muito bem em não desonrar vocês!

LOUISE

Adeus, então, para sempre!

HENRI

Entra, então, ali! *(ele a conduz para o esconderijo)* Não, não, tarde demais. *(ele a empurra para trás da cortina, no vão da janela)*

Cena 7

(Capitão, seguido por Motus, Henri, Louise, escondida)

CAPITÃO

(baixo, para Henri) Pois bem, e o bretão?

HENRI

(baixo) Inocente! Foi embora!

MOTUS

(voltando-se para os dois soldados que o seguem e que carregam feixes de palha) Vem por aqui, camaradas!

CAPITÃO

No meio do cômodo, sobre a mesa e debaixo dela.

MOTUS

Meu capitão, sem perturbar o senhor, acho que era melhor espalhar o combustível ao longo das parede, começando pelas cortina das janela.

HENRI

(vivamente) Faça o que diz o capitão! *(baixo, para o capitão)* Tenho algo para lhe dizer, é urgente.

MOTUS

(que colocou palha sobre a mesa e debaixo dela) Pronto. Quando o comandante ordenar o fogo...

CAPITÃO

Em seguida, espere!

HENRI

(baixo) Afaste-os.

CAPITÃO

Voltem lá pro celeiro; é preciso dez vezes mais palha do que isso! E lenha, bastante lenha! Acham que vão incendiar esse castelo com um palito de fósforo? Vão, vão!

HENRI

Vocês vão encontrar lenha lá na masmorra. *(eles saem)* Meu capitão, está aí uma mulher... *(Louise se mostra)*

CAPITÃO

(sorrindo) Que veio para vê-lo? Muito bonita! Dou-lhe meus cumprimentos. Não podemos queimá-la, seria uma pena!

HENRI

É minha irmã de leite.

LOUISE

Não, senhor oficial. Não quero enganá-lo, eu! Eu sou Louise de Sauvières.

CAPITÃO

A senhorita!... a noiva de Henri!

HENRI

Não é mais, senhor, mas...

LOUISE

(para Henri) Mas o senhor se digna querer me salvar? Eu recuso sua proteção! Morrerei aqui com alegria, tão infeliz sou quanto meu pai.

HENRI

A senhorita é infeliz, Louise! *(baixo)* Então não é amada?

LOUISE

(sem lhe responder) Senhor capitão, conto com sua clemência, não tenho vergonha de lhe implorar.

CAPITÃO

Conte com meu devotamento, senhorita, e se acalme. Veio procurar Henri?

LOUISE

Não; mas, já que o encontrei aqui, gostaria de levá-lo.

CAPITÃO

E não o conseguiu? A senhorita o amaldiçoava! Eu, eu o lamento e o admiro! Diga ao senhor conde de Sauvières que cumprimos com pesar o ato brutal que os despoja e os exila para sempre de seus lares. Ele é militar; se estivesse no meu lugar, ele sofreria como eu; mas, como eu, ele obedeceria.

LOUISE

Suas palavras lhe serão transmitidas fielmente, senhor. Parto com a esperança de o rever entre nós. Ainda teremos dias melhores! Uma boa causa é imperecível. Os senhores não se habituarão a essas violências que seu coração nega, e o senhor de Sauvières não manterá por muito tempo sua funesta influência sobre as decisões do senhor. Vamos! Por esta vez, não lamente o ato de vandalismo que ele o obriga a realizar, e conte com o perdão de meu pai quando lhe agradar invocá-lo. Ao abandonar nossas casas, fizemos um sacrifício pela causa de Deus e do rei, e não somos gentinha para chorar sobre nossa ruína! *(pegando uma tocha)* Aguarde, meu primo! Faça alegremente o que chama de seu dever! Destrua a casa onde, órfão, foi recolhido e criado! O senhor hesita? Não faz isso com entusiasmo? *(aproximando a tocha da palha que está sobre a mesa, com um ar de desafio)* Devo lhe dar o exemplo? *(o capitão toma dela a tocha)*

CAPITÃO

A senhorita é uma heroína! Já nos haviam dito.

HENRI

Uma heroína cruel, cruel como a guerra civil! Leve-a, capitão! Por aqui, ninguém pode nos ver.

CAPITÃO

(para Louise, que abriu o esconderijo) Vamos! Eu respondo pela senhorita! Meu pobre Henri, coragem! *(sai com Louise)*

Cena 8

(Henri, depois Rebec)

HENRI

Coragem! Coragem! Como se fosse possível! *(coloca as mãos na cabeça e soluça)*

REBEC

(na ponta dos pés) Ah! Ei-lo que chora! Eu compreendo, um castelo tão bonito, senhor Henri!... console-se! O mal não será tão grande!

HENRI

(se erguendo) O que quer? O que está dizendo?

REBEC

Então o senhor não sabe? Seu capitão... ah! aquele bravo homem! Ele me disse de manter todos à mão, a pouca distância, toda essa gente do lugar. Já que o fogo vai queimar só um pouco, pela forma lá pensada por ele, ele convocará todos os soldados, e viremos apagar o fogo.

HENRI

Você também virá?

REBEC

Santo Cristo! Como guardião do sequestro! A República dá ordens contraditória... "Proteja esse castelo! Queima correndo esse castelo!..." Cada um com sua cruz! A dos outro não me interessa...

CHAILLAC

(no fundo, escutando) Vamos ver se esse castelo vai pegar fogo! Ah! é assim? Pois tomemos as bastilhas, a gente arrasa todas! E eles vão ficar sem sossego.

Parte 3

(Outono, 1793. No campo, perto de uma cidadezinha conquistada pelos vendeanos; está-se em pleno bocage. Região coberta, montanhosa, rica vegetação. Marie Hoche avança sozinha num terreno rebaixado. Saint-Gueltas sai de alguns arbustos e de repente está diante dela.)

Cena 1

(Saint-Gueltas, Marie)

SAINT-GUeltas

Eu a assustei?

MARIE

Não, senhor. O senhor me surpreendeu.

SAINT-GUeltas

Perdão! Nunca teve medo de mim, a senhorita!

MARIE

Agora? Não, jamais. Quando o perigo é de todos os instantes e comum a todo o mundo, a gente se habitua a não mais pensar em si mesmo. A gente quase coraria de vergonha.

SAINT-GUeltas

Essa bravura vem de um sentimento de generosidade admirável... Mas para onde vai assim sozinha? É uma imprudência gratuita.

MARIE

Não é pelo prazer de me expor, acredite; estou inquieta pela senhorita de Sauvières, que deveria estar de volta.

SAINT-GUeltas

Enviei pessoas de confiança ao encontro dela no caminho do lado esquerdo.

MARIE

E o pai dela a procura no caminho da direita. Eu, eu vou por aqui. Temo que ela não tenha recebido o aviso que lhe enviamos, e que ela caia em alguma emboscada querendo nos encontrar em Pellevaux.

SAINT-GUELTAS

Um enviado especial expresso correu até Pont-Vieux para lhe dizer que tomamos Saint-Christophe e a esperamos lá.

MARIE

O senhor deveria ter ido o senhor mesmo para avisá-la.

SAINT-GUELTAS

Faz quarenta e oito horas que não durmo nem como e, entretanto, eis-me aqui. Meus soldados se escandalizaram ao me ver deixar a cidade no momento em que todos se reuniam na igreja para o Te Deum. Eles acham que traz infelicidade não agradecer o céu ao som dos sinos após cada vitória. Eu enfrentei seu descontentamento... embora eu espere que sua bela amiga não me reconheça.

MARIE

não se trata do reconhecimento dela por enquanto, é preciso assegurar seu retorno.

SAINT-GUELTAS

Sem dúvida! Vamos na frente dela. Me dê seu braço, assim iremos mais depressa.

MARIE

Não, não, passe à frente. Eu o atrasaria.

SAINT-GUELTAS

A senhorita tem medo de ficar sozinha comigo?

MARIE

De modo algum.

SAINT-GUELTAS

Então, a senhorita é mais corajosa que eu. Eu me sinto todo emocionado ao seu lado.

MARIE

Por quê?

SAINT-GUELTAS

Porque seus pezinhos roçam a grama com tanta graça... Acha que sou cego?

MARIE

(sempre caminhando) Onde o senhor encontra tempo para dizer bobagens no meio das fadigas e dos pavores da vida que levamos?

SAINT-GUeltas

Onde a senhorita descobriu o segredo de ser bela e sedutora a despeito de uma vida como esta? Meu espírito fica fresco como suas faces e meu coração acordado como seus olhos.

MARIE

Quer dizer que o senhor deseja me mostrar como tem o espírito livre e o coração leve no dia seguinte a uma vitória terrível e talvez na véspera de uma derrota cruel? Não gosto disso tanto quanto o senhor acredita, senhor marquês!

SAINT-GUeltas

Desejaria que eu fosse mais sério com a senhorita?

MARIE

Comigo? Pouco importa, mas cara a cara com o senhor mesmo... Não importam para o senhor todos esses pobres camponeses que o senhor conduz para a morte e que caem mortos às centenas ao seu redor?

SAINT-GUeltas

A senhorita acha que administro minha vida mais do que a deles?

MARIE

Ela lhe pertence, a sua, o senhor pode desprezá-la; mas fazer tão barato do sangue de tantos infelizes e das lágrimas de tantas famílias, eis a coragem que não tenho e não gostaria de ter.

SAINT-GUeltas

Todas as mulheres são assim! Cheias de piedade pelos indiferentes, indiferentes elas mesmas, cruéis quando necessário para seus amigos.

MARIE

Não compreendi a alusão.

SAINT-GUeltas

Mas me compreendeu no restante.

MARIE

É uma forma de se lamentar por Louise?

SAINT-GUeltas

Neste momento, eu pensava só na senhorita.

MARIE

Então, é um gracejo fora de hora e lugar que o senhor me obriga a ouvir? É muito descortês de sua parte.

SAINT-GUELTAS

Vamos, senhorita Marie, acha mesmo que eu só tenho olhos para a senhorita Louise?

MARIE

Eu não quero que Louise se torne sua mulher, acredito que isso seria uma grande infelicidade para ela: mas o senhor se exhibe como cavalheiro dela, faz-lhe a corte, seu pai o autoriza e todo o mundo acredita que vai desposá-la. Não permita que seu futuro se engaje ou se comprometa dessa maneira, ou então a ame apenas a ela e seriamente.

SAINT-GUELTAS

A senhorita fala como uma encantadora burguesinha que é, senhorita Hoche, e ensinou Louise a pensar como a senhorita; ambas ainda acreditam no tempo em que se fiava a seda e o sentimento nos grandes salões silenciosos dos castelos ou nas sombras imóveis dos velhos parques. Um estado de guerra civil, que resume cem anos de experiência, separa a senhorita daquela estação dos amores desaparecida para sempre. Se nossos feudos saírem de suas cinzas, se nossos carvalhos abatidos reverdecerem, entraremos em nossas casas bem diferentes do que éramos antes desta tormenta. Naquele tempo, o homem, seguro de seu futuro, esperava sem febre e sem amargura a hora da poltrona, e a mulher, segura de si mesma, se ocupava em resolver o problema mínimo de inspirar amor sem arriscar uma pluma de sua asa coquete; mas o abutre da guerra passou sobre os pombais, minhas belas pombinhas, e agora se trata de amar com todos os riscos ligados à embriaguez ou morrer na solidão. Também a senhorita deixou seu lar para nos seguir, preferindo o horror desta luta ao do isolamento e da inação. Não exija, então, de nós, que estamos vermelhos de sangue e pretos de poeira, as virtudes dos heróis do país da Ternura. Tome-nos como somos, ébrios de carnificina e de desejo, febris pela fadiga, pela cólera, pelo entusiasmo e pelo perigo. Todos os nossos instintos se tornaram terríveis, todas as nossas paixões se desencadearam... Agarreas em pleno voo, e não espere reencontrar alhures outras mais puras e desinteressadas. Tudo aquilo que, na França, merece ser chamado de homem é levado por esse fluido pelas tempestades; não conte em ficar fora disso, apresse-se em amar! Amanhã talvez a senhorita seja deitada misturada conosco, a cabeça esmagada e o seio durado de balas, sobre essa urze rosada que sorri para o sol! Aquelas que tiverem amado terão vivido. As outras murcharão como o mato estéril e, ao exalarem seu último sopro, reconhecerão que a prudência e o orgulho não lhe trouxeram glória nem felicidade.

MARIE

O senhor se engana: aquelas que tiverem vivido castas, dignas e leais, morrerão calmas como eu o sou diante dos terrores que o senhor evoca. Eu desejo uma morte como essa para as pessoas que amo, e não uma vida de trovoadas e remorsos.

SAINT-GUELTAS

Assim, a senhorita aconselha a Louise me manter à distância, como se não bastassem as marchas e contramarchas da guerra para nos separar todo dia e para atrasar indefinidamente a expansão de nossos corações? Veja, minha bela menina, é pueril isso, pois eu poderia repelir o frágil obstáculo da vigília dela, pegar minha noiva nos meus braços e levá-la para o fundo da floresta... mas... sabe o que me impede de fazer isso?

MARIE

Um resto de honra, imagino?

SAINT-GUELTAS

Alguma coisa mais: temor de afligir a senhorita.

MARIE

Sempre chega a esse ponto.

SAINT-GUELTAS

Não entenda com esse tom desdenhoso. Não sou um noviço!

MARIE

O que quer dizer?

SAINT-GUELTAS

A senhorita me compreende muito bem. Ora, vamos, charmosa menina, minha inclinação pela senhorita corresponde à sua por mim, não tenha mais ciúme de Louise, amemo-nos! Ah! ficou perplexa? Não faça nenhum jogo; para que essas atitudes tão convencionais? É tempo perdido. Quer ser sincera? Deixe o exército, eu a encaminharei ao meu castelo de la Roche-Brûlée e ali a reencontrarei antes de oito dias, pois o conselho dos chefes se obstina em transpor o Loire e a deslocar o cerco da guerra. Isso será a perda da Vendeia, e me apartarei dessa derrota para me juntar às forças de meus partidários em novas condições.

MARIE

E Louise... o que acontecerá a ela?

SAINT-GUELTAS

Ela se casará com o primo Sauvières, com quem se casaria a pretexto de negócios de família. Não sou ingênuo! Ela não me ama, mas lhe falta coragem, ela não tem confiança em mim. Diga uma palavra e eu renuncio a ela.

MARIE

O senhor quer uma palavra?

SAINT-GUELTAS

Sim, apenas uma.

MARIE

Pois bem, vou dizê-la, eu o desprezo!

SAINT-GUELTAS

Para ousar me dizer semelhante palavra, é preciso que não tenho compreendido meu projeto. A senhorita imagina que quero desertar da minha causa, quando, para melhor servi-la, eu me separo daqueles que a perdem?

MARIE

Não julgo sua política, não é a minha, não me interessa por sua causa.

SAINT-GUELTAS

O que está dizendo? Ficou maluca!

MARIE

Não, senhor, eu sou patriota, jamais deixei de sê-lo. Segui a senhorita de Sauvières por afeição e, se lhe testemunho desprezo, é porque o senhor fala em abandoná-la numa situação apavorante após ter obrigado o pai dela a segui-lo. Isso é indigno de qualquer um que se bravateie *gentilhomme*, e a oferta que me faz de trair minha amiga é um insulto gratuito cuja vergonha recai apenas sobre o senhor.

SAINT-GUELTAS

Eu esperava sua resposta, mas ela é de um espírito imbuído de preconceitos, mas generosa e orgulhosa. Eu a amo demais, e sua conquista, por ser difícil, só me parece mais desejável. Vou trazê-la de volta, senhorita Marie, e a senhorita vai me amar apaixonadamente, se eu viver para tanto. Se não, vai me perdoar como se perdoam os mortos e vai se arrepender um pouco de mim! Ali está sua amiga, vai lhe dizer que fiz uma declaração formal? É o que desejo. Vocês duas vão falar mal de mim, mas vão odiar uma à outra... porque querem triunfar uma sobre a outra. Eu, eu lhes aconselho tirar a sorte.

MARIE

Ah! cale-se! Morro de vergonha de Louise por causa do que o senhor pensa e diz!

SAINT-GUELTAS

Quer fazer uma aposta comigo? Antes de dez minutos vão estar estremecidas. Quer ver? Vou esperar ali adiante, debaixo daquela grande árvore, para oferecer meu ombro àquela que tiver a franqueza de o aceitar *(ele se afasta. Louise se aproxima, seguida por Cadio)*

Cena 2

MARIE

(correndo ao encontro de Louise e a abraçando) Até que enfim!

LOUISE

Como você está emocionada! O que houve?

MARIE

Nada! Eu estava impaciente para te rever e inquieta por você. Bom dia, Cadio. Ele te trouxe sã e salva, esse bravo rapaz?

LOUISE

Sim; mas como você está perturbada! Você também me inquieta. Aconteceu alguma coisa a meu pai, à minha tia?

MARIE

Nada, eles estão procurando você. Vamos para a estrada, eles devem estar lá.

LOUISE

Mas com quem você estava me esperando?

MARIE

Com o marquês.

LOUISE

Eu bem o reconheci.

MARIE

Então, por que me pergunta...?

LOUISE

Porque ele fugiu com minha aproximação.

MARIE

Eu vou lhe dizer (*baixo, mostrando Cadio, que as segue*) quando estivermos sozinhas as duas.

LOUISE

(*do mesmo modo*) Esse sujeito aí não conta. Ele não ouve ou não compreende nada além de um pequeno círculo de ideias fixas. É um coração corajoso, mas é um doido. Mas vamos, fale; eu juro que ele compreende melhor a linguagem dos bichos do que a nossa.

MARIE

Do que você quer que eu fale? Do marquês? Ainda há um brilhante feito de armas a inscrever na lista dele. Durante tua ausência, ele tomou a cidade que você vê daqui. Faz dois dias que a está guardando, ainda quer ficar lá dois dias para colocar ordem no exército e lhe dar algum descanso. Você vai se aproveitar disso, deve estar precisando.

LOUISE

Já sei de tudo isso; encontrei o mensageiro. Nossos negócios vão melhor. Espera-se não sermos obrigados a atravessar o Loire.

MARIE

O que diz sobre dinheiro? É o que mais nos falta, ao que parece.

LOUISE

Não consegui nada em Sauvières, nossos agricultores tinham sido obrigados a pagar à República; mas trouxe os diamantes de minha mãe, que eu havia confiado à minha ama de leite e ela havia enterrado no jardim. Agora, o que me conta...? Vamos, não fuja das minhas perguntas. Você está agitada, desconfiada. Vamos nos sentar um instante, estou cansada. Olhe para mim e responda. Você está me escondendo algo. Saint-Gueltas está ferido, ficou com medo de me surpreender...

MARIE

Ele não tem nada, eu te juro.

LOUISE

Então, ele está me evitando?

MARIE

Eu acho que está um pouco despeitado. É verdade que teu primo está na Vendaia?

LOUISE

Sim, eu o revi lá em Sauvières.

MARIE

E daí?

LOUISE

E daí o que?

MARIE

Ele ainda é republicano?

LOUISE

Você tem dúvida?

MARIE

Mas ele ainda é seu melhor amigo?

LOUISE

Ele está me abandonando. Nada pôde segurá-lo, e Deus sabe ao que eu teria sacrificado por ele...

MARIE

Sua inclinação para...

LOUISE

Sim, lealmente e corajosamente. Meu pai não aprecia Saint-Gueltas, lamenta seu sobrinho. Eu, eu não tenho confiança no marquês, eu o temo... Quem sabe se o amo? Você vê que pode me falar dele. O que ele te falava de mim?

MARIE

Não me pergunte, minha Louise. Aquele homem é indigno de você. É preciso esquecê-lo.

LOUISE

Ah! E você, você vai esquecê-lo?

MARIE

Eu? Você sabe muito bem que nutro por ele um distanciamento, uma aversão inesgotável!

LOUISE

Com que energia você diz isso agora! Marie, ele te faz a corte! Ele me engana e, você, você nunca me disse a verdade!

MARIE

Ele jamais havia cometido essa injúria para comigo.

LOUISE

Mas agora, ele te disse... Sim, suas faces estão vermelhas de cólera... ou de orgulho!

MARIE

Louise!... você parece acreditar que... Tenho que te dizer que esse homem não ama nem uma nem a outra, que ele não estima nem respeita nenhuma mulher... que seu cumprimento tem o efeito de uma desonra?...

LOUISE

Você está mentindo!

MARIE

E você, você me angustia e me ofende!

LOUISE

Ah! minha coragem está no fim. Faz três meses que me debato contra uma desconfiança que me tortura... Cruel! Você não vê que estou morrendo?

MARIE

Cruel, eu? O que eu fiz?... Mas você está maluca, estou vendo; eu te imploro. Pobre menina, o que fazer para curar você?

LOUISE

Não pode fazer nada se não pode me dizer que ele ama só a mim.

MARIE

Não posso mentir para enganar você. Você o ama com paixão, eu vejo, e ele acaba de me oferecer, para despeito de teu pudor, que ele chama de desconfiança e covardia, me oferecer um insultuoso e banal cumprimento. Será que ele agiu assim para despertar seu ciúme? Acredito nisso, pois me comprometeu a contar a você a traição dele, e ele se gaba de nos atrapalhar a ambas.

LOUISE

Ah! então... sim, já conheço as astúcias terríveis de que ele é capaz!... ele quer me vencer pelo despeito!

MARIE

Isso lá é afeição, e você vai se deixar prender nesse jogo grosseiro, você que Henri havia amado tão lealmente? O senhor Saint-Gueltas não tem qualquer

princípio, você bem sabe. No amor ele só vê prazer e a vaidade de perturbar a consciência e vencer o pudor. No dia seguinte a uma conquista, ele a abandona para tentar uma outra. É como sua vil guerra de partidário! Ele arruína e profana sem piedade o que derrota e o abandona sem remorso nem lamentação.

LOUISE

Ah! você o odeia tanto assim por não o amar!

MARIE

Eu não o odeio, eu o desdenho como o que existe no mundo de mais insignificante, mais inconsistente e menos heroico.

LOUISE

Você nega até a bravura dele?

MARIE

Não, mas dela faço pouco caso. O último dos teus camponeses que se bate por fanatismo religioso é mais valente que ele, que só tem ambição e dirige o ardor de uma energia brutal, doença particular desses *gentilhommes* iletrados, espécie de loucos com instintos selvagens que mergulham na carnificina e no deboche o tormento de sua ociosidade e o vazio de sua inteligência. Ah! perdoe-me, Louise! Seu pai é um santo, e há muitos como ele no exército; mas porque você me acusa de disputar com você os olhares do menos merecedor, do mais sujo de seus pretensos heróis, é preciso que você saiba a indignação que se acumula em meu coração contra a abominável guerra que você trava com eles e os crimes cujo contágio você semeia graças a eles. Oh! As crueldades são iguais de um lado e de outro, eu vejo, eu sei, detesto todas elas; mas vocês que acenderam esse incêndio, vocês são os verdadeiros culpados, e eu tenho horror, agora que conheço vocês, à sangrenta e cínica autoridade que se gabam de estabelecer na França com semelhantes homens!

LOUISE

Você nos amaldiçoa, você nos detesta? Eu bem duvidava...

MARIE

Seu pai detesta e amaldiçoa bem mais que eu essa coisa em que você se atirou!

LOUISE

Cale-se! Assim você me rasga o coração! Fui eu que o arrastei, eu sei disso! Fui romanesca, exaltada... eu estava sendo devorada pelo tédio em Sauvières, eu via Henri abandonar nossa causa... Eu sentia que a lealdade dele era violentada... e, entretanto, eu disse uma palavra cruel... uma palavra fatal que sufocou

o grito de sua consciência e a precipitou num abismo de dores e infelicidades. Ah! o que você quer! Não conseguimos mais ver claro em tudo isso, nós mulheres; nós só julgamos os acontecimentos através de nossos instintos ou nossas paixões. A verdade é o fantasma que nos fascina; o dever é o homem que nos encanta; a justiça é o desejo que nos cega. Nós nos acreditamos intrépidas e devotadas ao passo que somos apenas loucas de amor e de ciúme. Pois bem, sim! É isso que é! Minha coragem é a febre; meu monarquismo é o desespero: isso é miserável e me condeno; mas é tarde demais para recuar, e quero colher o fruto de meus sacrifícios, Saint-Gueltas me amará ou mandará me matar. Eu me atirarei aos pés dos cavalos, diante da garganta dos canhões...

MARIE

Ele não lhe pede tanto! Seja amante dele e ele te amará vinte e quatro horas.

LOUISE

Amante dele? Jamais! Por que, então, não seria sua mulher? Só eu poderia ser mulher dele.

MARIE

Então, por que não é?

LOUISE

Oh! Infeliz que sou! Tenho medo de ser odiada quando ele se unir a mim; ele zomba de qualquer ideia de casamento; traído por sua mulher, ele conservou de suas primeiras relações uma lembrança odiosa!

MARIE

A mulher dele! Você tem certeza de que ela está morta?

LOUISE

Ah! você acredita nessa lenda dos camponeses da dama branca que retorna ao castelo de la Roche-Brûlée?

MARIE

Existem duas versões: segundo uma, ele trancou a mulher culpada; segundo a outra, ele a assassinou. E você admira o homem que não soube salvar sua dignidade com uma conduta clara e leal! Suponhamos que ele tenha sido sujeito de uma fatalidade, como você pode acreditar que ele vai esquecer a ferida de sua alma? Você não percebe que todos os argumentos dele trazem a marca do ódio e da vingança? Aquele homem dominado pela pilhagem e pelo massacre me causa, no meio de sua odiosa jovialidade, o efeito de um flagelo que não tem mais consciência de si mesmo.

LOUISE

Você fala tão mal dele para que ele lhe seja indiferente!

MARIE

Eu desejaria tirar você da influência dele. Vejo você perdida se eu não conseguir fazer isso. Seu pai, sempre irresoluto, não tem coragem de contrariar o que você lhe diz; sua tia...

LOUISE

É uma criança velha, eu sei: ela tem mais prestígio que eu; mas, você que se gaba de escapar desse esquema... Não, é impossível! Não acredito em você. Me dê um último, um supremo sinal de atenção. Deixa o exército, deixe-nos; volte para sua turma, para sua família, para seu ambiente. Faça de maneira que o marquês não a veja nunca mais...

MARIE

É sério, o que me diz?

LOUISE

Sim, deixe-me enquanto ainda te admiro e estimo. Amanhã vou ver você perturbada, vai parecer que Saint-Gueltas te procura ou olha para você... esse ciúme que ele quer despertar em mim vai me deixar louca, injusta com você, com ódio de mim mesma. Vai, Marie, minha querida Marie! Perdoe-me, vai embora, lhe peço de joelhos.

MARIE

Adeus, Louise, minha pobre amiga! Ai de mim! O que vai ser de você? (*abraça-a*) Adeus!

LOUISE

Vamos nos despedir aqui, e chorar sem que nos vejam; mas você vai comigo à cidade. Devemos nos entender sobre a viagem que você vai fazer e sobre a explicação a dar...

MARIE

Para nossa separação? Deixo isso aos seus cuidados. Você vai dizer que estou cansada de compartilhar suas fadigas e seus perigos.

LOUISE

Não, eu não vou mentir. Além disso, não acreditariam em mim; sabem quem você é!

MARIE

Então diz que minha velha tia está doente e fui para Paris.

LOUISE

É para lá que você vai?

MARIE

Não sei de nada ainda.

LOUISE

(desconfiada) Não sabe de nada? Para onde você vai?

MARIE

Fique tranquila, não irei para Roche-Brûlée. Adeus, te deixo aqui.

LOUISE

Aqui? Mas e suas coisas?

MARIE

É tão pouca coisa, que não vale a pena levar comigo.

LOUISE

Mas você não tem dinheiro?

MARIE

Tenho o suficiente.

LOUISE

Não, você não tem nada! E eu, também não tenho mais... Ah! espera! Meus diamantes, vamos repartir...

MARIE

Louise, não me humilhe. Não quero nada... veja aquela árvore grande, o marquês está lá à sua espera. Você não precisa mais de Cadio, ele me levará à cidade republicana mais próxima. Não quero sofrer o ultraje de ver você com ciúme de mim diante de Saint-Gueltas. Adeus!

LOUISE

Oh! Vejo que feri você cruelmente... Não quer me perdoar? Fica comigo, vou sofrer, mas saberei me dominar... Marie, perdoe-me.

MARIE

Eu te perdoo de toda minha alma, mas não posso mais servir você, nem te proteger. Lá está meu pai junto com o marquês. Não deixo você sozinha.

LOUISE

Mas você?...

MARIE

Cadio, você quer me levar para Pont-Vieux?

CADIO

(sentado à distância, ocupava-se em esculpir um pedaço de madeira) Claro, vamo. É pra lá mesmo que eu queria ir.

LOUISE

Você tem de voltar esta noite para Saint-Christophe, preciso lhe pagar...

CADIO

Tá certo, senhorita. *(para Marie)* O dia tá terminando. Vamo!

MARIE

(para Louise, que vem impedi-la) Seu pai e o marquês viram você. Estão vindo. Quando precisar de mim, me chame, irei correndo. *(ela desaparece no caminho com Cadio)*

LOUISE

(seguindo-a com o olhar) Marie, Marie! Sou mesmo culpada por ter machucado uma alma como a sua! Bem mereço o desespero em que me precipito.

Cena 3

(Um pouco mais tarde, no campo. Marie, Cadio)

MARIE

Posso caminhar mais rápido, Cadio.

CADIO

A gente temos tempo, senhorita.

MARIE

Mas se o senhor quiser voltar esta noite para Saint-Christophe?

CADIO

Não quero voltar pra lá. Tenho bastante dinheiro. Vê só o que o senhor Henri me deu. Pegue um pouco, a senhorita tá sem nenhum. Oh! É dinheiro honesto! Vem de um homem que é bom e afável.

MARIE

Tem razão, Cadio, posso aceitar dele sem me ruborizar.

CADIO

Mas ia ter vergonha de repartir ele comigo?

MARIE

Não, meu amigo, claro que não! Mas eu lhe juro que tenho um pouco, e ele me basta.

CADIO

Como quiser; mas que que é que uma jovem como a senhorita vai fazer pra viver agora?

MARIE

Vou encontrar trabalho em algum lugar, não importa qual. Não vai ser difícil.

CADIO

Será que a senhorita tava mesmo certa de abandonar desse jeito sua amiga?

MARIE

Então o senhor ouviu o que nos dizíamos?

CADIO

Mesmo sem escutar, eu ouvi...

MARIE

E o senhor compreendeu que...

CADIO

Eu compreendi tudo.

MARIE

Entretanto me censura...

CADIO

Santo Cristo! Tá abandonada de tudo, já que seu pai é fraco, sua tia tá louca e aquele Saint-Gueltas é um mau-caráter.

MARIE

O senhor acredita que vou me aviltar?

CADIO

A gente gosta das pessoa, ou não gosta mesmo.

MARIE

Cadio, espere! O que está dizendo me magoa... Parece que a verdade está com o senhor, pura como na alma de uma criança. Vamos voltar? Quer? Vou ser humilhada, esmagada talvez por desconfianças e intenções... Não importa, se eu salvar Louise... Vou tentar, pelo menos, Não terei nada de que me arrepender.

CADIO

Muito bem! Vai, então, senhorita.

MARIE

Não vem comigo?

CADIO

Oh! Eu, eu não sou nada, eu não posso nada. Eu detesto a guerra e quero cair fora dessas coisa desagradável. Não tem medo de voltar? É só dois passo.

MARIE

Não tenho medo. Adeus, obrigado.

CADIO

Obrigado de quê?

MARIE

Pelo bom conselho que me deu. *(eles se separam)*

Cena 4

*(Marie, na trilha, mais perto da cidade;
Tirefeuille e Mouche, saindo dos arbustos)*

TIREFEUILLE

Senhorita, tão procurando a senhorita aqui; vem com a gente.

MARIE

Por quê? Quem está me procurando?

TIREFEUILLE

A senhorita de Sauvières. Vamo, vem!

MARIE

O senhor está enganado. Eu conheço o caminho, e ninguém está me esperando.

TIREFEUILLE

Isso num importa, a gente tava procurando! A gente tinha orde pra isso. Vem aqui.

MARIE

Eu, eu não recebo ordens de ninguém, não vou acompanhar o senhor.

TIREFEUILLE

Chega desse palavrório, vamo. Tá querendo passar pro lado inimigo; o grande chefe não quer que isso aconteça.

MARIE

É o senhor Saint-Gueltas que está chamando de grande chefe?

TIREFEUILLE

Não faz essa cara de risada. Vai lá, ou vai ser morta aqui. *(dá-lhe um empurrão)*

MARIE

(desdenhosa) O que é isso? Ficou louco? Mal me vê e já vai me acusando de passar para o inimigo só porque estou voltando para o lado monarquista?

MOSCA

(para Tirefeuille) Chega aí, cara. Faz ela andar, é o que o homem quer.

TIREFEUILLE

(baixo) Como é que vou fazer isso, então? Ele proibiu da gente tocar nela, e ela não tem medo de ameaça. Olhaí, tá fugindo!

MOUCHE

Mete uma bala nas orelha dela, aí ela para! *(dispara um tiro de fuzil; Marie corre mais depressa)*

TIREFEUILLE

Vamo, tem de pegar ela e levar na marra, pior pra ela! *(parando)* Diabo! Que que tá acontecendo agora?

MOUCHE

Os azuizinho! Os azuizinho! Vamo se esconder e atirar quando eles passar.

MARIE

(junta-se a um grupo de guardas nacionais republicanos que avança a galope) Salvem-me, estou sendo perseguida!

CHAILLAC

Venha para cá, jovem cidadã, não tenha medo... Ara, é a cidadã Hoche! Uma verdadeira patriota, camaradas; ela vai nos dizer onde estão os bandidos... Ara, desmaiou?

MARIE

(reanimando-se) Eu corri demais... já passou, não é nada.

CHAILLAC

Então, responde, cidadã! O inimigo está ocupando Saint-Christophe?

MARIE

Então vendo a bandeira branca na torre da igreja?

CHAILLAC

A senhorita era prisioneira e se evadiu?

MARIE

Não, não.

CHAILLAC

Como, não?... Por que estavam correndo atrás da senhorita?

MARIE

Não sei, uma emboscada talvez, bandidos que não pertencem a nenhum partido que eu saiba.

CHAILLAC

Vamos, fucem toda a mata. Pois bem, os gloriosos filhos da pátria²⁷ aí estão hesitando?

MOUCHE

Santo Cristo! Eles são muito mais numerosos que a gente. *(para Marie)* Eles são quantos?

MARIE

Só vi dois; mas não se atirem nesse matagal. É ali que eles são invencíveis porque não podem ser pegos.

27 Além do significado genérico de “francês”, a expressão designava particularmente os bastardos e órfãos, crianças abandonadas sob o Ancien Régime.

CHAILLAC

Então, vamos pra cima da cidade.

MARIE

Não, vocês são poucos. Não tentem isso.

CHAILLAC

Cidadã, você deixa nosso conselho alarmado. Você protege o inimigo, você estava com ele, já que não era prisioneira. Sabemos de sua ligação com certa família...

MARIE

Não nego, mas eu lhe disse a verdade. Os insurgentes têm uma força superior aos seus guardas.

MOUCHE

(aos guardas nacionais) Ela tem razão, eu conheço ela, os senhor também conhece bem ela; é a prima Hoche, ela não queria enganar a gente; vamo voltar para Pont-Vieux e esperar reforço. A tropa deve de tá chegando...

CHAILLAC

Cidadão Mouche, eu rejeito suas palavras e o proíbo de desmoralizar a guarda cívica que tenho a honra de comandar. Você, cidadã, você é suspeita, e lhe faço prisioneira até nova ordem. Quanto a nós, gloriosos filhos da pátria, não temos que ficar contando o inimigo, temos que vencê-lo. Avante, e viva a República! *(os guardas nacionais se lançam à frente cantando a Marselhesa)*²⁸

Cena 5

(Meia-noite em Saint-Christophe, retomada pelos republicanos. No centro da praça, acende-se uma fogueira; os guardas nacionais de Chaillac queimam os móveis dos cidadãos ditos monarquistas. A porta da igreja está aberta. Sentinelas vigiam os prisioneiros. Voluntários e convocados das localidades vizinhas, de todas as condições, equipados militarmente de todas as maneiras se agitam ao redor do fogo diante das casas, gritando, comprando ou pilhando víveres, segundo os recursos ou a vontade dos habitantes. As pessoas da cidade que não estão escondidas em geral mostram pressa em festejar os patriotas, a quem agradecem por tê-los livrado dos bandidos.)

28 **Trad. nossa:** Da Pátria filhos, eia! Avante! / da glória o dia já chegou! / o estandarte sangrento e infamante / contra nós o tirano hasteou / Contra nós o tirano hasteou //... // Em armas, cidadão / Formai seu batalhão / Marchar, marchar. / que um sangue impuro encharca nosso chão //

(Faz-se muito barulho, gritos, juras, cantos, ameaças, risos; mal se distinguem os diálogos, confusos, cruzados, ininterruptos.)

UMA VOZ

Hei, lá tá o Mouche! Ah, e os outros! Veja, é o Mouche de Puy-La- Guerche! Lá junto com os voluntário! Quem ia dizer que isso podia acontecer?

UMA OUTRA VOZ

A República faz milagre, como tamo vendo.

UM VOLUNTÁRIO DE PUY-LA GUERCHE

Ah! O Mouche? Vocês não conhecem ele! Já mudou de lado três vez... pra trás!

MOUCHON

Já fui pra frente e pra trás, essa é a verdade; minha jumenta tá habituada a rodar a roda do alambique da cidra, ela tem que ficar girando. Acha que ela vai dar as costas pro inimigo? De jeito nenhum, a pobre besta te olha sempre na cara.

O VOLUNTÁRIO

A gente queira ou não, não é?

MOUCHON

(baixo) Você tá errado em me tirar o pelo, Pascal! Os voluntário de Chaumont vão desprezar a gente. Eles já causa muito embaraço pra gente, porque tão mais bem montado que a gente!

PASCAL

Caçoar? Que venham! A gente responde à altura!

UM RAPAZ CABELEIREIRO

(com emoção) Cidadãos, sem rivalidade e selvageria, gente linda! Que todas as cidades do vale desse bocage²⁹ se confraternizem e se abracem! (um ferido passa com muletas)

UM SECRETÁRIO DE CARTÓRIO

Eh aí, patrão! O que é que houve?

O FERIDO

Houve que tão querendome cortar o braço, rapaz! Já imaginou?

29 **Bocage:** Paisagem arborizada típica do oeste da França.

O SECRETÁRIO

Caralho, meu! Essa agora! Não vou te deixar sozinho, mas que merda mesmo...

O FERIDO

Me ajuda? Um pouco de coragem? Teu pífaro táí?

O SECRETÁRIO

Sempre comigo.

O FERIDO

Boa. Toca alguma coisa alegre durante a operação?

O SECRETÁRIO

Claro!

MOUCHE

Ele ainda tem coração, pedir uma música!

O FERIDO

E dar o braço direito pela pátria? Tá sendo muito gentil, você!

OS ASSISTENTES

Viva o secretário! Honra ao ferido!

EM OUTRO GRUPO

(formado de jovens artesãos e burgueses) – Os hussardo não vão voltar logo.

Vão continuar perseguindo os bandido? Mas eles já tão voltando: ouço o galope da cavalaria ligeira.

- Se ainda vão trazer mais prisioneiro, onde eles vão ser trancafiado? A igreja já tá cheia.
- Vão fuzilar todo mundo que foi pego de arma na mão, isso vai abrir espaço.
- E então, e os monarquista da cidade?
- Isso não é da nossa conta. Os republicano da cidade vai se encarregar disso.
- Não dá pra confiar nisso. Nas cidade, todo o mundo é parente ou camarada. Não se faz boa justiça por conta própria.
- Eles que se vire. Eu, eu não gosto das execução.
- Então me solta! Você é mesmo um frouxo, um moderado!
- Me deixa em paz e, enquanto estiver no fogo, seja mais moderado que eu.

O RAPAÇ CABELEIREIRO

Cidadãos, sem rivalidade e selvageria, gente linda! Todas as cidades do vale desse bocage deviam se confraternizar e se abraçar!

OUTROS VOLUNTÁRIOS

(*misturados a burgueses da cidade*) – Quando digo pra vocês que, sem a tropa, a gente tinha sido aplastado como alho no socador?

- Talvez; mas quando a gente viu chegar aqueles chapéu com pluma, que descargas de baioneta, hein!? Era como um trovão!
- Os bandido jamais vai vencer a tropa.
- Eles não teria atacado a gente se a gente quisesse; mas tem pânico por aí, é o que fode tudo.
- Olha lá, aqueles cara de Mayence, eles se caga de pânico. Aqueles bandido não é inimigo como os outro. É de tremer diante deles, eles luta como desesperado. E depois eles fica tão feio, com suas roupa em frangalho, com suas car suja, suas lon barba, seus olho que cospe fogo... a gente sai da refrega do mesmo jeito, mas sonhar com eles de noite... é um pesadelo!
- E tem Saint-Gueltas, o grande chefe, que é como um javali!
- Você viu ele? Tu é bem mentiroso! Ninguém pode dizer que viu a cara dele. Tá sempre vestido de infeliz, e se bate lá no mato como simples bandido.
- Eu vi ele, e tive ele na ponta do meu fuzil.
- E você errou o tiro, idiota?
- Ele tava com as mão ocupada estrangulando dois recruta. Ele pegou o cano do meu fuzil com os dente...
- E então ele mastigou as bala? Táí uma dessas lorota que não engulo!

O RAPAZ CABELEIREIRO

(*adocicado*) – Cidadãos, cidadãos! sem rivalidade e selvageria, gente!

- Táí um chato que me dá no saco: fala sempre a mesma coisa.
- Deve tar mais bêbado que um polonês!
- Onde foi que ele arranjou um veneninho pra se embriagar? Faz tempo que não meto a mão num copo de cidra!
- E eu, então. Faz tempo que nem vejo um copo. Só água mesmo, ali na fonte, feito um bezerro.
- Você sabia que o Perrichon foi morto nessa bandalheira toda?
- Qual Perrichon? A-que-que-le-le ga-ga-gagago?
- Não, o cu-cur-tidor de co-cou-ro, que morava lá em Viviers.
- Pena, era um bom sujeito; deixou uma mulher e qua-qua-tro filhos! Malditos bandido! Na primeira chance vou matar uns cinco seis!
- Quem é que tá gritando desse jeito?
- Tem alguém amputando o braço de alguém que não tinha esse costume.
- Olha só! Ali! O Duchêne comendo!
- Um caldeirão de batata que era pros porcos; tá querendo um pouco?
- Tá todo mundo querendo! Tudo morrendo de fome!

UM BURGUÊS DA CIDADE

(*trazendo um grande cesto*) – Não, meus filhos, não comam. As batatas são

para os animais, não são saudáveis para os homens. Tem pão aqui e carne. Sirvam-se.

- Viva o bom patriota!
- Patriota, eu? Não sei nada disso... Nunca me ocupei de coisas públicas. Ontem, os bandidos maltrataram minha mulher que estava acamada, doente, e não podia se levantar para os servir. Foi morta ali mesmo na cama. Matem todos esses cachorros aí, e comam, comam amigos, restaurem suas forças! Eu lhes trago tudo o que tenho, e se quiserem meu sangue, podem tirar.

OUTROS BURGUESES

(também trazendo víveres) Cidadãos, bebam e comam e depois entrem na igreja, e matem todos os prisioneiros, os da cidade sobretudo! Se deixarem que eles escapem, os aristocratas vão nos prender a ferro e sangue assim que vocês tiverem virado as costas.

O RAPAZ CABELEIREIRO

(bebendo) É isso, se fraternizem no bocage e se abracem!

UM VOLUNTÁRIO

(para um outro) – Puta merda, cara! Que relógio! De onde apareceu esse cara?

- De ma mansão aí... Ele toca... e tem um brasão na roupa dele.
- Maneiro... mas alguém vai ter que apagar ele, isso aí é proibido.
- E você, que puxou um relicário de ouro com um belo deus grego lá de dentro, isso também é proibido!
- Não, o *sans-culotte* Jesus está na ordem do dia.
- Ah! vai que te fuzilam o rabo atrás da igreja, hein?
- Quem vai se dar esse trabalho?
- Tem camponeses patriota que se dá esse trabalho.
- Diabo de monte de camponês! Tão enfurecido um quanto os outro!
- Santo Cristo! Os bandido corta em pedaço as mulher e os filho daqueles que não quer se insurgir. São muitas as dívida que eles paga entre si
- O que é que há com esse Chaillac? Um belo jovem!
- Um tenente dos hussardo? É o jovem Sauvières?
- Sim, é ele. Já me mostraram ele. Um pastor chucro é o que ele parece.
- Pois bem, e o tio dele comanda uma coluna de bandidos? Como pode ser isso?
- Isso não vai dar certo.

DOIS ADVOGADOS

(oficiais dos voluntários) – Guerra horrível! Olhai sangue francês escorrendo pelo chão.

- Vem de trás da igreja, sim! Um riacho de sangue friamente arrancado! *Vae victis!*
- Você não fica angustiada com essas vinganças pessoais?...
- Sim, mas não fale assim tão alto. Bastaria uma palavra para sermos enviados

- ali para trás da igreja! Olha aquelas caras pálidas, aqueles olhos em brasa... Eram pessoas pacíficas outrora, uma população doce, econômica, honesta e laboriosa. Agora estão todos ébrios, perderam a consciência do direito e o sentido da lógica... prestes a chorar de emoção ou a degolar sem saber por quê... Muito bons no fundo, quem acreditaria? Muito infantis, facilmente heroicos... mas exaltados ou embrutecidos por emoções muito fortes. A natureza humana não comporta esse grau de excitação.
- A República tem apelado muito para as paixões, eu lhe falei bem delas.
 - O que queria que ela fizesse? Que morresse?
 - Não, que morramos por ela!
 - Isso não é difícil, vai! A vida é tão triste agora! Nossos filhos morrem de medo no ventre de nossas mulheres.

Cena 6

(Henri, Chaillac; na porta da igreja)

HENRI

Aquela jovem lá embaixo, perto do muro...

CHAILLAC

O senhor a conhece bem, é a cidadã Hoche, sua amiga de infância.

HENRI

É por essa razão que lhe peço isso. Ela tem um nome já glorioso e que dá boas garantias para a República. Por que ela está entre os prisioneiros?

CHAILLAC

Você não sabia, então, que ela estava seguindo os insurgentes?

HENRI

Ela agiu contrariamente a suas opiniões.

CHAILLAC

Agir contrariamente às suas opiniões é agir mal. Aprecio mais os fanáticos do que os traidores.

HENRI

Sacrificar-se à amizade não é agir contra a República.

CHAILLAC

Sutilezas, cidadão Sauvières. O senhor também segue seus amigos antigos,

mas cobrando-lhes golpes de sabre. Já o vi trabalhar o grupo de Saint-Gueltas. O senhor foi bem.

HENRI

Eu sou homem. As mulheres têm outros deveres.

CHAILLAC

Os deveres contrários à salvação da pátria? Diabo, não! Não quero concordar com isso, jovem!

HENRI

Se a generosidade do coração é um crime, conceda-me a graça de conhecer aquela jovem.

CHAILLAC

Eu ficaria feliz em agradecer um militar como o senhor, mas isso é impossível. A erva ruim brota por baixo da falsa revolucionária. É preciso arrancá-la: raiz e flores; tanto pior para a moça bonitinha. Eu não sou mais jovem, eu, Cupido não me embaça mais os olhos. A senhorita Hoche prestará contas de seus feitos e gestos ao tribunal de Angers.

HENRI

Meu capitão virá nos dizer...

CHAILLAC

Não reconheço a autoridade de seu capitão. O militar não tem nada a ver com nossas coisas civis. Tenho poderes extraordinários dos delegados da Convenção. Minha obrigação é enviar os suspeitos para seus juízes naturais.

HENRI

Mas é de sua autoridade qualificar os suspeitos e tratar como tal as pessoas que lhe inspiram desconfiança. Se o senhor se enganar...

CHAILLAC

Posso me enganar: *errare humanum est!* O tribunal examinará, lavo minhas mãos. Aconteceram no castelo de Sauvières, durante sua ausência, coisas que tenho no coração. Ali assassinaram covardemente um magistrado, um homem de bem que eu jurei vingar!

HENRI

Vingar na pessoa de uma pobre criança que certamente sentiu, como meus pais, horror por um crime como aquele?

CHAILLAC

Sou um homem imparcial. Tenho feito sempre justiça às virtudes privadas de seu tio, e é preciso coragem para isso; mas a conduta política dele é imperdoável. Perdão, eu o deixo aflito, o senhor sabe tão bem como eu. Aqueles que, após a deserção dele, a ele permaneceram ligados são gravemente culpados a meu ver. Não terei piedade para com eles. Não tenta me convencer do contrário.

HENRI

Pelo menos, o senhor vai interrogar a senhorita Hoche antes de enviá-la para a prisão de Angers?

CHAILLAC

Já a interroguei. Ela protege os insurgentes com seu silêncio.

HENRI

Posso falar com ela?

CHAILLAC

Sim, desde que o senhor me dê sua palavra de que não vai favorecer a evasão da moça.

HENRI

O senhor não a conhece bem. Ela recusaria...

CHAILLAC

Não importa, o senhor jura?

HENRI

Sim, senhor.

CHAILLAC

Veja, estão trazendo-a justamente para cá, com a carroça que vai levar os prisioneiros.

Cena 7

(Henri, Marie; na porta da igreja; sentinelas os vigiam, voluntários fazem outros prisioneiros subir nas carroças e charretes de transporte dos presos)

MARIE

(voz baixa) Ah! como estou feliz em revê-lo, senhor Henri! Me diga se Louise e o pai dela escaparam. Estou sendo devorada por essa inquietação!

HENRI

Eles estão em fuga.

MARIE

Não estão sendo perseguidos?

HENRI

Cumprimos nosso dever. A noite nos impediu de ir mais longe.

MARIE

Mas, amanhã, vão atrás deles ainda... Ah! como o senhor deve estar sofrendo!

HENRI

Amanhã, meu destacamento vai atacar outro ponto. Não terei a dor de ferir a mim mesmo... Mas trata-se da senhorita... Está sabendo que vão enviá-la...

MARIE

Eu sei, estou vendo, estou perdida, eu!

HENRI

Não, a senhorita deve invocar a proteção de seu primo.

MARIE

Mesmo que me deem tempo para isso, não poderei recorrer a ele. Se estou gravemente comprometida, como penso, não quero comprometê-lo. Ele é o único apoio de minha pobre família, uma das glórias, uma das forças da pátria. Se necessário, negarei nosso parentesco para preservá-lo da suspeita.

HENRI

Invoque-me como testemunha, pelo menos.

MARIE

Não mais que ele, o senhor não tem de que se desculpar, senhor de Sauvières! Seu nome já é difícil de carregar sob as bandeiras da República. Nem converse mais comigo; sei que o senhor gostaria de me salvar, eu lhe agradeço. O senhor não pode fazer nada a respeito, não se exponha tanto.

HENRI

Marie, deixe-me lhe falar como outrora e segurar sua mão.

MARIE

Não, estamos sendo observados; mas saiba que tenho pelo senhor tanto amizade quanto estima.

HENRI

Não posso deixá-la partir... Vamos, peça para falar ainda com Chaillac. Tem um espírito estreito, rígido, mas é um bom homem.

MARIE

Seu espírito não é suficientemente delicado para compreender minha situação. Ele quer informações sobre o exército monarquista. Não posso me rebaixar à delação para salvar minha cabeça; Chaillac jamais vai admitir que o reconhecimento pessoal possa sobrepujar o patriotismo, e confesso que aqui sou a vítima de meu próprio coração. Eu servi de alguma maneira à causa dos insurgentes, compartilhei sua boa e sua má sorte. Se senti horror pelos seus excessos, também senti piedade por suas misérias. Cuidei de seus feridos; cuidei de suas mulheres, algumas vezes salvei seus pobres filhos nos meus braços no meio da derrota. O que o senhor quer? Eu amei Louise acima de tudo, servi com o virtuoso pai dela, seu benfeitor, senhor, e também meu! Quem compreenderia uma inconsequência como essa sem ser mulher? E mais! Ainda existem mulheres nos tempos que vivemos? Talvez eu seja a última a ousar cometer uma violência contra suas crenças para cumprir um dever e pagar uma dívida.

HENRI

Pois bem, sim, Marie, a senhorita é a única mulher, o último anjo de bondade...
(ele lhe beija a mão)

MARIE

Estão me chamando; adeus! Se estou condenada por ter sido sensível à infelicidade de meus amigos, não se lamente. Minha vida foi pura, e acredito numa vida melhor. Sirva bem à França e seja feliz...

CHAILLAC

(aproximando-se) Pois bem, cidadã, está decidida a me dizer...?

MARIE

Não lhe direi nada, senhor, é impossível para mim.

CHAILLAC

A caminho, então! Suba nesse furgão, estará melhor do que na charrete.

MARIE

Eu lhe agradeço, senhor.

CHAILLAC

Comeu alguma coisa esta noite?

MARIE

Não, não tive tempo, ou se esqueceram; é inútil agora. Adeus, obrigada. (*ela parte*)

CHAILLAC

(*para Henri*) Uma moça tão doce, tão educada! Que pena! Mas o que se pode querer!...

Parte 4

*(Começo do inverno, 1793. Na Bretanha, do outro lado do Loire.
Uma estrada vazia entre duas colinas cobertas de mato. Ao longe,
uma charneca cortada por áreas arborizadas. Luar. Cadio, sozinho,
na colina mais elevada, ao pé de uma cruz de pedra, toca sua gaita.)*

Cena 1

CADIO

Nem sei o que acabei de tocar. Era meio que uma prece, e ela contentou meu coração. “Grande Deus do céu e da terra, vós me falastes na solidão! Não sois orgulhoso, vós falais ao último dos homens, àquele a quem os homens não dirigem um olhar. Ah! como vós me ensinastes coisas, e como no presente pouco me preocupo com as dores que o diabo pode me causar! Ele nada pode contra mim, nada. Aquele que crê em vós, bom Deus, não mais crê no poder do mal.” Era isso que minha gaita dizia inda há pouco. Oh! É que ela toca sozinha quando tou em estado de graça, e vivo assim desde dia que armei meu fuzil pra me matar. Coisa estúpida a morte! E diz aí que ela é boa, porque torna a gente melhor... mas a gente tem medo dela! Ninguém sabe porque a gente tem medo dela;... mas a gente tem, não adianta negar. *(descendo a colina)* Até que enfim finalmente uma noite sem perigo. Me senti bem tranquilo deitado no feno com a lua redondona lá em cima da minha cabeça. Não tinha calor como agora, que a manhã tá se aproximando; mas soprar minha gaita aqueceu meu espírito. Onde é que eu posso tar bem? De que lado? Não sei mais. O Loire desse lado? Ou o Loire do outro lado? O que que isso importa agora pra mim? Já ficou pra trás; os vendeano também vão atravessar, mas não vão me pegar de novo! Eles subiu dos lados da Mancha e, eu, fui de costa pro oceano. O vento que vem de lá me leva. Preciso voltar pra região das pedra grande, diz que não tem mais monge nem convento em nenhum lugar. Vão me deixar em paz. Não é que tudo teja ruim por aqui, tá tudo deserto. A região me agrada, parece bastante tranquila... *(ouvem-se dois tiros de fuzil ao longe. Ele estremece e escuta)* Mais nada... Acabou!... deve ter sido um caçador furtivo! Onde achar um lugar no mundo onde a gente não ouça mais esses maldito tiro de fuzil? Vou ter que achar logo esse lugar, o inverno já vem aí, picando, e Deus sabe se vou poder continuar dormindo nas floresta! E também me enche o saco às vez me esconder, não saber de nada nem o que fazer. O que fazer agora nesse fim de mundo quando a gente não quer matar os outro?

UMA VOZ

(atrás da colina) Cadio! Oh! Cadio!

CADIO

(assustado) Merda! Quem que foi me achar aqui? Quem tá me chamando? Será que é eu mesmo que estão procurando?

A VOZ

(mais perto) Hei Cadio! Você está aí?

CADIO

Eu podia jurar que é... Epa! é um moleque.

Cena 2

(Cadio, La Korigane, vestida de menino)

LA KORIGANE

Ah! eu bem que tava certa! Reconheci esse som aí da tua gaita. Só tinha mesmo que ser você no mundo pra tocar um troço desse.

CADIO

(inseguro e desconfiado) Não te conheço, ô moleque; o que que tá querendo?

LA KORIGANE

Tá conhecendo meus trapo não?

CADIO

De pivete, você? É verdade mesmo que é você? Tua cara tá me parecendo mudada, e tua voz também.

LA KORIGANE

Gosta mais de mim assim desse jeito?

CADIO

Não! Você tá parecendo ainda mais feia e mais rouca; debandou lá dos bandidos?

LA KORIGANE

E você, você também desertou?

CADIO

Santo Cristo! Eu não estava lá com eles por paixão, você sabe muito bem.

LA KORIGANE

Mas você ia com eles era por causa da senhorita, não era?

CADIO

A senhorita? De que que me importa aquela senhorita?

LA KORIGANE

Tu tá paxonado nela, Cadio!

CADIO

Fala besteira, não. Eu, paxonado? Eu, Cadio? Mas nunca nessa vida.

LA KORIGANE

Por quê?

CADIO

Porque nunca jamais vou ser isso nem qualquer outra coisa. Não posso ser nada, e tô muito bem assim.

LA KORIGANE

O que tu é, eu vou te dizer: você tá é maluco!

CADIO

Ih! Tô cansado já de ouvir isso; mas periga só existir você de sabido nessa terra.

LA KORIGANE

Ah! E por que isso agora?

CADIO

Porque é só eu que não tem nada pra reclamar e nada pra defender, portanto nenhum mal pra fazer pra ninguém.

LA KORIGANE

Imbecil! Você tem que defender sua pele!

CADIO

Eu me escondo dentro dela! E sou baxinho! Nem é preciso muito espaço pra isso. E como é que ela tá, a senhorita?

LA KORIGANE

Ela ficou pálida, e magra, e mal vestida, e pobre, e miserável e...!

CADIO

E o povo que ela servia?

LA KORIGANE

Ainda tá lá, sempre.

CADIO

E aquele Saint-Gueltas?

LA KORIGANE

Ele bem que queria ir embora. A senhorita fez ele ficar, pra infelicidade dela e de todo o mundo.

CADIO

Ela fazia melhor se amasse o Henri primo dela.

LA KORIGANE

Aquele azulzinho enraivecido?

CADIO

Um belo rapaz que deu vida pra mim e minha música.

LA KORIGANE

Sempre essa tua música! Ela tá acima de tudo pra você...

CADIO

Porque é só isso que tenho.

LA KORIGANE

Você tinha eu! Eu te amava, e, se você queria meu coração e minha vida eu te dava...

CADIO

Eu nunca quis nada de você; você era muito ruim. Ainda de pequena, você esfolava os animal vivo e depois ficou pior. Vi você no exército do rei! Você era mais cruel do que os mais cruel.

LA KORIGANE

Ora, você viu foi nada. Depois que tu deixou a gente, e depois que o marquês ficou louco pela Sauvières, eu disse: "Ah é assim é? Tenho é que me vingar dos chefe dos patriota!" Peguei essas roupa de menino, pus uns cartucho na blusa e sou eu que recarrego depressinha os fuzil quando nossa gente atira de detrás das moita. E, quando os velho Sauvières e os bom chefe quer poupar os prisioneiro, sou eu que grito pra nossos homem: "Mata tudo!" E, quando a gente massacra, sou eu que canto! E, quando as pessoa esqueceu tudo, sou eu que mostro isso pra eles e digo: "Vai! Avante! Sangra de novo! A conta não fechou ainda!"

CADIO

Você dá medo em mim... dá nojo! Vai, sai! Pega teu rumo, bruxa!

LA KORIGANE

Ora, Cadio, vai voltar pra lá? Eu sou bem capaz de voltar pra lá com você.

CADIO

Então, não vou mais também. Obrigado por sua companhia.

LA KORIGANE

Você me despreza? Você me detesta?

CADIO

Não, eu tenho pena de você.

LA KORIGANE

Se você me lamenta, então me ame, e eu vou ser doce pra você. Vamo, Cadio, talvez eu ainda possa amar você. Você não é bonito nem corajoso;... mas sua música... e eu tenho o costume de seguir você... você era bom pra mim, você me repreendia...

CADIO

Mas isso lá não adiantava nada, você não mudava um cisco.

LA KORIGANE

Você que tava errado, só precisava era me amar. Quando senti meu coração falar, se você tivesse tido a capacidade de compreender ele, eu não taria onde tou.

CADIO

E onde é que você tá?

LA KORIGANE

Hoje em dia eu amo qualquer um que não me olhe como se eu fosse assustadora e lamentável. Qualquer um que ama minha coragem, é por ele que vou ser corajosa. Se ele for do mal, aí vou ser pior ainda. Se ele quer que eu faça o mal, eu faço. Se mandar pelo bem, faço o bem. Se me diz uma palavra boa e se eu tiver três alma, eu entrego todas pra ele.

CADIO

É daquele Saint-Gueltas que tu tá falando, não é? Por que é, então, que tu vai embora dele?

LA KORIGANE

Eu deixo ele mais por desprezo, mas ainda tou na dele.

CADIO

(assustado e prestes a fugir) É por aqui que a gente vai?

LA KORIGANE

A gente tá bem perto. Ele tá dando uma pausa pra descanso pra tropa dele. Não demora muito, quer atacar antes do dia a cidade que tá lá embaixo, atrás da colina. Oh! Cuidado, não vai se machucar aí, é nossa última cerca. Hei, pra onde que tá indo?

CADIO

Vou atravessar por aqui. Não quero me lanhar todo nesse arame.

LA KORIGANE

(detendo-o) Vai me largar aqui e se mandar? Essa quero ver... você fica aqui e eu me vingo... e me divirto... você fica, tô dizendo...

CADIO

Não!

LA KORIGANE

(pegando uma de suas pistolas) Mas claro que sim! Cala a boca, ou te estouro o miolo! *(Cadio se debate e consegue escapar)*

Cena 3

(La Korigane, Saint-Gueltas saindo do mato)

SAINT-GUeltas

E então, bruxinha, o que está acontecendo aqui?

LA KORIGANE

Nada, não, meu senhor, era só um dos nosso que eu tava brincando.

SAINT-GUeltas

Algum namoradinho? Ah! essas mulheres, sempre acham um tempo pra pensar nisso!

LA KORIGANE

Não tenho namorado não, meu senhor.

SAINT-GUeltas

Vai que eu acredito... Mas onde estão nossos batedores? Você estava com eles?

LA KORIGANE

Eles anda muito devagar; a região tá toda destruída.

SAINT-GUeltas

A senhorita encontrou alguém?

LA KORIGANE

Mas nem um coelho. A caça tá toda assustada agora por aí.

SAINT-GUeltas

Cuidado! A senhorita ia se divertir por aí caçando algum coelho, mas agora não é hora disso.

LA KORIGANE

Santo Cristo! A gente tá é morto de fome! Acho que comia ele cru mesmo!

SAINT-GUeltas

A pólvora é para atirar nos azuizinhos, e temos pouca. O primeiro que perder um tiro de fuzil vai ter notícias minhas. Vai dizer isso para eles. Vai, corre!

LA KORIGANE

Correr? Meus pé tão sangrando.

SAINT-GUeltas

Nem pense nisso agora. Diga para ficarem sempre no flanco direito; o exército já está chegando.

LA KORIGANE

O exército?

SAINT-GUeltas

É isso, me ouviu?

LA KORIGANE

Não tem mais muita gente no exército! Se o senhor tira os ferido, os velho, as mulher e os pirralho... É com isso que o senhor quer tomar uma cidade? O senhor ia fazer mais bem de se retirar lá pras suas terra, onde ninguém ia ousar lhe atacar.

SAINT-GUeltas

Oh! Oh! A senhorita tem razão agora? Dando-me conselhos? Ora, vai pro diabo! Vá embora, se mande!...

LA KORIGANE

Meu senhor, só uma palavrinha de afeição, e me mato essa noite mesmo.

SAINT-GUELTAS

Vai embora, garota, vai, some!

LA KORIGANE

Uma palavra de ternura, senhor!

SAINT-GUELTAS

Ah! Não me enche o saco! Se escafeda por um rumo ou outro! Que eu não te veja mais!

LA KORIGANE

Adeus, meu senhor. *(à parte)* Eu vou me vingar daqueles Sauvières. *(sai)*

SAINT-GUELTAS

Pronto! Se foi! Arre! Vou ficar sozinho aqui... Mas o que é aquiulo que se mexe ali?

(uma caleche toda enlameada e rasgada se arrasta na estrada vazia. Um camponês a conduz como postilhão. Uma roda da viatura encalha num buraco; um dos cavalos se bate. O homem impreca, ouvem-se gritos de mulher vindos do interior do veículo)

Cena 4

(Saint-Gueltas, La Tessonnière, Roxane, um postilhão)

SAINT-GUELTAS

Fiquem quietos, vocês aí! Calem a boca! *(ao postilhão)* Cala a boa aí, 'seu' estúpido! E vocês aí dentro, imbecis, que resolvem passear de caleche em estradas como essa, desçam, e que o diabo os leve logo daqui.

ROXANE

(na caleche) Sim, sim, já ouvi. Quero mesmo descer.

LA TESSONNIÈRE

(dentro da caleche) Abra a porta, abra!

POSTILHÃO

(cuidando do cavalo) Abram vocês mesmo, que raio de gente folgada!

SAINT-GUELTAS

(ajudando Roxane e La Tessonnière a descer) Cuida aí do seu e nos deixe em paz. Silêncio! *(Roxane porta um costume impossível, touca de algodão, chapéu)*

masculino, vestido de seda em farrapos, capa de camponesa, La Tessonnière te um chapéu feminino, um lençol amarrado ao corpo com cordas e fitas desbotadas, pantufas dentro de tamancos)

ROXANE

(que Saint-Gueltas puxa brutalmente do estribo do veículo) Ai! 'seu' bruto, animal, me machucou o braço! Oh! céus, é o senhor, marquês? Deus vem em nossa ajuda! Mas o senhor me machucou...

SAINT-GUELTAS

Ah! tanto pior, senhorita de Sauvières. Teria sido melhor ir para Guérande em vez de se obstinar a seguir um exército em derrota! Por que diabos nesta hora não está no centro da marcha com aqueles outros desordeiros?

LA TESSONNIÈRE

(baixo, para Roxane) Desordeiros não é nada polido!

ROXANE

(para Saint-Gueltas) O senhor fazendo uma censura!... Os azuis estavam atrás de nós, o medo nos assaltou; dei dois luíses para esse homem nos salvar a cabeça. Ele disse que conhecia o caminho... Enfim, eis-nos aqui...

SAINT-GUELTAS

Bela ideia! Os senhores não tinham ninguém atrás de vocês. Cadê eles? Ainda não estão habituados aos pânicos dos retardatários? E acreditam que não vão encontrar ninguém pela frente?

ROXANE

O senhor, marquês, está aí, não temo mais nada, vou me agarrar ao senhor, não o largo mais!

SAINT-GUELTAS

(alçando os ombros) Não contem com isso! Os senhores fizeram a besteira, agora se virem. *(ao camponês postilhão)* Desatrele seus cavalos! E jogue esse veículo aí no mato, limpe a estrada e atrele seus cavalos em nossos carros. Rápido! Mais depressa que isso!

ROXANE

Pois bem, e nós? Vai nos atirar no mato também?

SAINT-GUELTAS

Fiquem a descoberto se quiserem. Logo virão cuidar dos senhores.

ROXANE

Vai nos deixar?

SAINT-GUeltas

Perfeitamente. Tenho de comandar meus homens no assalto a uma cidade, é um pouco mais importante e mais imediato do que tagarelar com os senhores. *(sai por onde veio)*

ROXANE

Mas o que tem esse marquês? Antes tão galante, tão amável, não o reconheço mais faz alguns dias.

LA TESSONNIÈRE

É que tudo está indo mal, minha cara, tudo vai mal!

ROXANE

Mais essa agora!

LA TESSONNIÈRE

Tenho medo de que isso seja apenas o começo.

ROXANE

O começo de quê? O senhor está divagando!

LA TESSONNIÈRE

De modo algum! O começo das misérias de que a senhora nem faz ideia!

ROXANE

Nós temos mais do que podemos carregar. Quando se é como nós, ulalá... não, não podemos ser infelizes!

LA TESSONNIÈRE

Já era! Até o presente, eu e você tivemos cama, e vamos, acho, nos deitar em pleno campo.

ROXANE

Antes isso do que as camas da Bretanha. São de uma dureza e sujeira incríveis!

CAMPONÊS

(que desatrelou seus cavalos) Ah! vocês, fala então, seus burguês! Em vez de insultar essa minha terra, vem me ajudar a jogar a caleche no mato. Não posso fazer tudo sozinho.

ROXANE

Jogar lá a caleche? E o que nos livrará do frio, se tivermos que esperar aqui que a cidade seja tomada?

CAMPONÊS

Oh! Os senhor vai sentir muito calor na hora de se salvar, que vai ser quando a gente atacar o inimigo. Vamo, você aí, velhinho, dá uma mãozinha aqui!

LA TESSONNIÈRE

O senhor, certamente, está mangando de mim, amigo!

CAMPONÊS

Não quer? Pois bem, aos quinhentos diabos essa berlingota! *(com o cabo do chicote, quebra os vidros da caleche)*

ROXANE

Ah! miserável! Destruindo nosso último abrigo! Impeça-o, La Tessonnière!

LA TESSONNIÈRE

Ah obrigado, não vê que ele está furioso?

CAMPONÊS

(quebrando sempre) Carroça miserável! Vai pro lixo, vai pro mato! Impossível tirar inteira daqui! Ah! reforço chegando!

Cena 5

*(La Tessonnière, camponês, Roxane, e Macheballe
e quatro vendeanos magros, rasgados, barbudos, pálidos)*

MACHEBALLE

(ao postilhão) Ainda tá aí, ô preguiçoso? Larga isso e corre pro canhão; tem um lá que tá atolado. Se mexa, ou te meto...

POSTILHÃO

Já vou, já vou, já... *(sobe num cavalo e sai a trote)*

ROXANE

(para La Tessonnière) É assustador esse Macheballe, e assim tão grosseiro! Não falemos mais com ele, vamos!

LA TESSONNIÈRE

Ir onde? A gente afunda até os joelhos nesse pântano.

ROXANE

Não, lá para o outro lado no gramado. Ah! grande Deus! falamos disso ontem, cantando aquelas canções de pastores! E hoje... (*distanciam-se*)

MACHEBALLE

(*que fez seus homens erguerem a caleche; eles a arrastam para a beira da estrada*) Põe esse troço de barriga pra cima, e quebra as roda, que esses vagabundo nobre não use ela pra fugir da batalha. Ah! se pego de novo essa gente que dá essa canseira. Pronto, chega, assim já tá bom. Agora vão se divertir. Vou pra uma reunião ali com os outro chefe.

UM VENDEANO

De novo! Eles só sabe bater papo! Perca de tempo viver se perguntando o que se vai fazer.

UM SEGUNDO

Tirando você, general, é tudo gente que não sabe nada e que não concorda nunca.

UM TERCEIRO

Mas tem aquele Saint-Gueltas, que é bom. Vale bem uns quarenta.

O OUTRO

Eu não falo nada, mas ele manda mais do que a gente pode fazer. Estamos numa situação do ca...!

MACHEBALLE

Vamo lá, filhinhos de Deus! Nada de falar sobre isso. A gente tem que ir em frente. Lá na cidade a gente vai descansar.

O OUTRO

Sim, e dando tiros de fuzil. Os azuizinho tão se espalhando agora, tá assim de cidade sem defesa!

UM OUTRO

Tudo isso é culpa do velho Sauvières, que quer a disciplina e aquele modo de combater a descoberto. Coisa de história dos tempo antigo. Oh! A gente não quer mais isso não!

MACHEBALLE

Por Santo Cristo! Vocês nomearam ele general. Agora deu ruim!

UM OUTRO

General! Tem general demais nessa troça! Não precisava mais que um.

MACHEBALLE

E que fosse você, não é?

O OUTRO

Não, você, Macheballe, o general-em-chefe.

MACHEBALLE

Ainda pode acontecer, meus filho! Deixa os nobre ir embora: tão morrendo de inveja!

PRIMEIRO VENDEANO

Que se dane por aí! É tudo traidor.

UM OUTRO

Assim que eles sair, a gente prega chumbo nas costa deles. Assim vão correr mais ligeirinho ainda.

MACHEBALLE

Olha lá o Saint-Gueltas, homem bom, nem falo mais; mas a bela Louise fez ele perder a cabeça rapidinho.

UM VENDEANO

Tem que mandar ela embora. A gente não carece de mulher na guerra. Quanta besteira, tudo isso aqui!

MACHEBALLE

Cada um vai fazer seu melhor. Dispersar! e vigia tudo aí.

VENDEANO

Sim, se a gente puder! A gente já tá caindo de cansaço. *(eles se dispersam e se afastam)*

Cena 6

*(Macheballe, conde de Sauvières, barão de Raboisson,
Saint-Gueltas, Chevalier de Prémouillard)*

MACHEBALLE

(para Raboisson e para o chevalier) Pronto, cheguei, vamo começar a reunião.

O CHEVALIER

(sem responder, para Saint-Gueltas) Vai ser aqui mesmo? Ainda não temos nú-

mero, e, se tivermos que esperar os outros chefes, vamos perder um tempo precioso; chegaremos tarde da noite às muralhas da cidade.

SAINT-GUeltas

Uma de nossas colunas já deve estar lá

CONDE

Uma razão a mais de pressa para nos juntarmos a ela. Ouçam! Estão ouvindo um rumor?

MACHEBALLE

Não, não! A fuzilaria ainda não começou. Seus ouvido tão ouvindo coisa.

CONDE

Te agrada esserumor?

RABOISSON

(*baixo*) Não responda a esse campônio.

SAINT-GUeltas

Esperem! Estão aí dois dos meus batedores... (*entram dois vendeanos*) E então?

UM BATEDOR

A gente se foi, Jean e eu, até a cidade. Ela não tem sentinela e nem desconfia de nada; com quatro homens a mais, a gente tinha tomado tudo.

SAINT-GUeltas

Vamos em frente, então!

RABOISSON

Um momento! É bem grave a gente se atirar assim sem uma reunião.

SAINT-GUeltas

Oh! Se a gente esperar uns e outros, vai todo mundo ficar esperando, esperando. Não temos que esperar ninguém além de nós mesmos.

O CHEVALIER

É isso! avante, pelo amor de Deus! Vamos, então!

CONDE

Tem razão desta vez, Chevalier. A tristeza deve ter dissipado todas as nossas ilusões. Tenhamos a audácia do desespero.

SAINT-GUELTAS

Sim, sim, faça as colunas avançarem, senhor conde.

CONDE

Minhas colunas? Está esquecendo que não tenho mais que cento e vinte homens dos novecentos que comandava ainda ontem?

MACHEBALLE

Ah! o senhor! Toda sua gente desertou! É a vergonha do exército!

CONDE

(com desdém) O que o senhor está dizendo?

SAINT-GUELTAS

(para Macheballe) Fica quieto, idiota! Não é hora disso.

MACHEBALLE

Me calo se eu quiser.

SAINT-GUELTAS

Eu disse que você vai se calar e ficar aqui para não sermos surpreendidos e atacados pelas costas. É grande o perigo de isso acontecer. Não se esqueça *(baixo)*, você, o mais forte no posto!

MACHEBALLE

Vamo ficar firme, avante!

SAINT-GUELTAS

(aos outros) Eu assumo o comando. Eu rendo o centro. Sigam-me de perto com seus homens.

CONDE

Eles estão aqui, com Stock.

UM GRUPO

(que atravessa, fugindo) Os azuis, os azuis... Estamos fudidos!...

CONDE

Enfrentem os caras, se juntem!

STOCK

Sim, sacramento! Se juntem aí!

UMA VOZ

Sim, sim, pela República! Ela perdoa quem se dedica. A gente vai pra Nantes!

OUTRAS VOZES – Pra Nantes! Pra Nantes!³⁰

CONDE

(barrando-lhes o caminho) ‘Seus’ desgraçados! Estão indo para a morte!

ALGUNS FUJÕES

(empurrando-o e indo à frente) Tanto faz se foder desse jeito ou de outro...

SAINT-GUELTAS

(agarrando dois homens) Covardes! Vou arrebentar seus miolos se não pararem aí!

SAPIENCE

(surgindo ao pé da cruz) Irmãos, em nome da Liga dos exércitos, eu lhes prometo a vitória!

UMA VOZ

Tá mentindo! A Liga abandonou a gente. Você se deu mal nessa. Se manda daqui! Fora!!

TODOS

Pra Nantes! Pra Nantes! *(fogem)*

SAINT-GUELTAS

(sem fôlego por ter lutado corpo a corpo em vão com os fujões) Ah! de novo em pânico... voltem, voltem para cá, impeçam que eles avancem. Ainda tenho homens aqui, vamos continuar aqui, Macheballe e eu.

LA KORIGANE

(acorrendo) Senhor, teus garoto também tão correndo com seus oficial.

30 **Nantes:** Importante comuna do oeste da França, situada na margem do Loire, referência desde a antiguidade romana. Durante a Revolução francesa, a cidade, republicana, esteve na primeira linha em face da revolta vendeana e sua resistência foi uma das chaves do sucesso republicano: forneceu uma base de retaguarda ao exército azul e privou os vendeanos de um porto onde pudessem receber ajuda da Inglaterra. Entre outubro de 1793 e fevereiro de 1794, Jean-Baptiste Carrier, comissionado pela Convenção, instaurou uma política de terror impiedosa: cerca de 13.000 pessoas – homens, mulheres e crianças –, foram encerradas nas prisões de Nantes, das quais cerca de 11.000 morreram na guilhotina, nos fuzilamentos nas pedreiras de Gigant, nas epidemias de tifo e nos afogamentos (**noyades**) no Loire.

SAINT-GUeltas

Para qual lado?

LA KORIGANE

Tão correndo direto pra cidade feito uns doido.

SAINT-GUeltas

Melhor assim! Vão tomar a cidade mesmo sem querer. Vou lá com eles. *(para o Chevalier)* Avisa os outros correndo que a cidade foi tomada! *(afasta-se rapidamente)*

O CHEVALIER

(seguindo-o) Ao diabo os outros! Vou com o senhor!

LA KORIGANE

E eu, vou me matar com os dois! *(sai)*

MACHEBALLE

(ao conde e para Raboisson) Vamos, sacramento! Volta vocês aí! Impeçam a derrota!

CONDE

(altaneiro) Nós sabemos o que temos de fazer *(vai para o lado do exército vendeano)*

MACHEBALLE

(para Stock) E você, o que que o senhor tá fazendo aí? Vai pro seu destacamento.

STOCK

Mein destacamento? Ele está lá! Eu fai fica aqui.

MACHEBALLE

Desertou?

RABOISSON

(para Stock) Como o meu, depois do pôr do sol.

MACHEBALLE

Diabo, diabo, diabo! Essa agora!

RABOISSON

(para Stock, sem querer responder a Macheballe) É demais mudar assim de lado por nada. Nossos homens infelizes estão tontos de terror, de fome, de fa-

diga e desespero. Fizeram tudo o que os homens podem fazer, fizeram mais: foram até o fim como heróis, uns como santos, outros como diabos...

STOCK

Ou como zuíças! Zim!

RABOISSON

Estão no fim de sua energia. Não são mais homens, são fantasmas. Estou no fim da coragem e da vontade, eu, para os ameaçar, injuriar e lutar. Não sei mentir nem pregar, o próprio Sapience perde com eles seu latim: mas sei me fazer matar, só sei isso! Vamos com Saint-Gueltas fazer um último esforço.

STOCK

Famos, famosos.

MACHEBALLE

Esperem, esperem! Tem novidades! (*para Tirefeuille, que chega se arrastando*)
É você, menino? O que que tá acontecendo lá?

TIREFEUILLE

Nada! Um ataque falso. Um azul, só um, que tava obedecendo uma ordem ou fazendo um reconhecimento, não sei! Acho que é um oficial. Alguém deu um tiro nele, o cavalo dele caiu. Eles saltou em cima do homem, amarrou ele, trouxe pra cá. Nossos rapaz saiu cortando pelo meio do campo, tão correndo pra cidade.

MACHEBALLE

Foi bom, isso; mas os canhão, como eles passou pelas cerca?

TIREFEUILLE

Ah! dois canhão de nada!...

MACHEBALLE

Dois? E os outro?

TIREFEUILLE

Tudo abandonado na estrada. O Jeannette se entupiu até os dente e...

MACHEBALLE

O Jeannette? Aquele canhão enorme, nossa relíquia, o mascote do exército? Não é possível! Tudo vai ficar perdido, se os outro saber disso! Senhores, salve os canhão, salve o Jeanette! Com a maior rapidez possível!

RABOISSON

De fato, se os azuis nos seguirem, eles que não têm quase nada de artilharia... Venha, Stock, vamos salvar o Jeannette. (*saem*)

MACHEBALLE

(*para Tirefeuille*) E o prisioneiro aí, onde que ele tá?

TIREFEUILLE

Eu queria despachar ele, os outro não quis.

MACHEBALLE

Foi bem feito! Ele tem que dizer onde tão os azul.

TIREFEUILLE

Faz o que tiver de fazer! Eu, eu já perdi a paciência.

MACHEBALLE

Onde vai? Precisa me ajudar a interrogar ele.

TIREFEUILLE

Não, tou muito cansado.

MACHEBALLE

Você vai fazer ele sofrer, vai fazer bem pra ele.

TIREFEUILLE

Quando o senhor me passar o homem pra ser esfolado vivo, aí vou dormir.

MACHEBALLE

Vai fazer desse jeito? Quer que te faça dormir no outro mundo?

TIREFEUILLE

Sim! Nessa hora cada um se vira como quer. Eu preciso dormir ou morrer. (*atira-se sobre as urzes*)

MACHEBALLE

Ninguém me obedece mais. Isso não pode ficar pior do que já tá. Ah! ali tá o prisioneiro.

Cena 7

*(Macheball e Tirefeuille, adormecido;
Henri amarrado e desarmado, trazido por cinco ou seis vendeanos)*

MACHEBALLE

Os papel dele, depressa.

UM VENDEANO

A gente procurou, ele não tinha nada!

MACHEBALLE

A roupa dele, tira a roupa dele! Deve ter algum ouro ou alguns papel costurado na barra.

HENRI

Como vão tirar minha roupa sem desamarrar minhas mãos?

MACHEBALLE

Corta, corta as manga nos ombro!

VENDEANO

Não, não, não corte! Fui eu que peguei o homem, a roupa é minha.

OUTRO VENDEANO

Nós cinco pegou o homem. Vai ter que dividir isso daí.

O PRIMEIRO

Não é verdade, eu fui o primeiro que colocou as mão nele.

MACHEBALLE

(para Henri, enquanto querelavam sem tirar a roupa) Quem que é você?

HENRI

O senhor está vendo meu uniforme.

MACHEBALLE

Seu nome?

HENRI

Não vai ficar sabendo.

MACHEBALLE

Pra onde que tava indo?

HENRI

Não estou disposto a dizê-lo.

MACHEBALLE

(aos vendeanos) Sobe naquele montinho. *(para Henri, que é amarrado à cruz)*
Vamo fuzilar você ali.

HENRI

Assim espero.

MACHEBALLE

Mas antes vamo te cortar a língua e as mão.

HENRI

Talvez os senhores não tenham tanto tempo assim!

MACHEBALLE

Essa é uma expressão infeliz pra tua pele. O tempo aqui é nosso. Os azul tão te seguindo?

HENRI

Estão atrás de mim.

VENDEANOS

Os azuizinho tão chegando? Vamo dispersar tudo.

MACHEBALLE

Primeiro mata esse cachorro!

UM VENDEANO

Mata você mesmo; a gente não tem esse tempo. *(se pira)*

MACHEBALLE

(para Henri) Agora, você, a menos que demore para falar... vamo ver! Quer salvar essa sua desgraça de vida?

HENRI

Não.

MACHEBALLE

Tanto pior pro senhor. *(arma sua pistola e levanta o braço para matar Henri a curta distância. Um tiro parte de trás da caleche e lhe fere o braço)* Ah! merda!... *(vira-se sobre si mesmo, meio zozzo. Um segundo tiro parte: ele solta um*

gemido e vai cair perto da caleche, onde Cadio acabou de se erguer, o fuzil de Tirefeuille ainda fumegando em sua mão. Tirefeuille, que dorme a dois passos dali, acorda com o barulho)

TIREFEUILLE

Ah! não é nada... é só um prisioneiro que foi terminado. *(dorme novamente)*

HENRI

(soprando através da fumaça da pólvora que o rodeia) Bom na mira! Aqui, aqui, me desamarre e vamos trabalhar juntos.

CADIO

(dá um passo e deixa cair o fuzil; está prestes a cair, também) Matei, eu matei um homem, eu, eu matei um homem!

HENRI

Vem comigo! Vamos matar mais de dez!

CADIO

(espantado, indo na direção dele) Quem tá me chamando? Onde é que eu tô?

HENRI

Ah! eu reconheço você. Você se chama Cadio?

CADIO

(tentando desamarrá-lo) E te reconheci também. Ah! veja aí só o que fiz pelo senhor, eu matei!

HENRI

Você sacrificou um bandido por um homem honesto. Mas corte essas cordas! Tem aí uma faca?

CADIO

Sim, acho que sim... O senhor acha que ele tá morto, esse aí?

HENRI

Sim, sim, bem morto. Não tenha medo dele não! me solte as mãos, as mãos primeiro!

CADIO

Aí, tá livre. Se salve.

HENRI

(*abraçando-o*) Obrigado, rapaz. Por onde devo fugir?

CADIO

Eu que sei?... Eles tão por todo canto (*vê Tirefeuille deitado*) Ah! veja! Tem outro ali! Morto também! Então matei dois?

HENRI

(*olhando Tirefeuille procurando as pistolas que Macheballe segura*) Não, é um homem morto de cansaço ou de fome. Eles estão assim jogados por toda parte. Vamos, pega teu fuzil, carrega ele.

CADIO

Não sei fazer isso não.

HENRI

Pegue-o e vem comigo, ficar aqui não vai ser bom para você.

CADIO

Ir com o senhor? Não, já fiz demais, já dei a morte aí pra um!

HENRI

Amigo Cadio, você fez uma grande coisa. Venceu o medo para pagar a dívida de uma amizade. Não é mais um idiota e um maluco, agora você é um homem.

CADIO

Um homem, eu? Amizade, o senhor disse? E me abraçou, o senhor! Foi a primeira vez que alguém me abraçou!...

HENRI

Vamos, vamos, vem comigo?

CADIO

Com os azul? Contra os branco?

HENRI

Sim, vamos forçar ali pelo centro; minha pobre sobrinha deve estar aí com as outras mulheres: vamos tentar salvá-las. Você ainda pode fazer uma boa ação. Vem!

CADIO

Vamo! Quem sabe? (*distanciam-se*)

TIREFEUILLE

(*despertando*) Uh! Que frio! Ah! cachorro de sorte, eu, poder dormir assim uma

boa horinha! Vai amanhecer daqui a pouco! Será que tomaram a cidade? Não estou ouvindo nada. Pois bem... e meu fuzil? Nego me roubou? Ah! minhas pernas! Os pés! Uma ferida só. Um cavaleiro chegando ali? Branco ou azul, preciso do cavalo dele e vou conseguir um!

Cena 8

(Tirefeuille; Louise, com trajes de amazona sobre um belo cavalo coberto de suor)

TIREFEUILLE

(faca na mão) Desce, ou te sangro!

LOUISE

Ah! não está me reconhecendo não, infeliz?

TIREFEUILLE

Ah! agora tou sim, senhorita, de onde saiu?

LOUISE

De uma refrega espantosa, a derrota do centro. Estou procurando, correndo... Onde está Saint-Gueltas?

TIREFEUILLE

Por aí, por ali; não longe, com certeza, sem dúvida.

LOUISE

Certo, vou por ali; você, vai por aqui e se o encontrar...

TIREFEUILLE

Meus pés tão mortinho. Não consigo dar um passo.

LOUISE

(saltando do cavalo) Tome meu cavalo, ainda consigo correr.

TIREFEUILLE

(sobre o cavalo, saindo) Obrigado, é muito gentil, senhorita.

LOUISE

Espera, então, escute! Você vai dizer ao marquês...

TIREFEUILLE

Bom dia, dom dia! Corre atrás de mim se puder! *(foge)*

LOUISE

Oh! Que covarde! Me roubou o cavalo!

Cena 9

(Louise, Saint-Gueltas)

SAINT-GUeltas

Está sozinha? Para onde vai?

LOUISE

E o senhor? Eu o estava procurando, vem!

SAINT-GUeltas

A cidade está se defendendo. Preciso reforço para um ataque.

LOUISE

O senhor não o terá; os azuis estão atrás de nós.

SAINT-GUeltas

Tem certeza?...

LOUISE

Sim! Meu pai está lá, na floresta onde o senhor vê aquele alto carvalho. Ele conseguiu reunir e manter alguns dos seus, os melhores; ele quer ficar lá até morrer para impedir que os azuis se juntem. Tem um destacamento que avança pela esquerda.

SAINT-GUeltas

(que subiu correndo pela colina) Eu o vejo daqui. Seu pai vai ficar preso entre dois fogos com um punhado de homens... É impossível! Ele tem que vir rápido para cá! Ainda tenho um destacamento que pode dar apoio a ele.

LOUISE

Ele tentou em vão. Seus homens não querem mais dar um passo na planície.

SAINT-GUeltas

Ah! são como os meus! Não importa, vamos tentar o impossível daqui! Ali está o resto do meu exército; não olhe para ele, Louise, vai ficar espantada com o pequeno número... *(vê-se o Chevalier se aproximar e um pequeno oficial de catorze anos, seguidos de um corpo de vendeanos)* Eu, eu nem ousa contar quantos são. São tudo o que me restou de oficiais, um abade entusiasta e um garoto intrépido!

O CHEVALIER

(para os que o seguem) Coragem, coragem! Aí está Saint-Gueltas!

OS VENDEANOS

Viva Saint-Gueltas! Ainda não estamos perdidos.

SAINT-GUeltas

Não, esses bons rapazes são meus últimos feis! Nada está perdido para sempre para os corajosos; Deus combate para eles. Dez minutos ainda de caminhada e alcançaremos a floresta do Carvalho Grande; é lá que vamos exterminar o inimigo por completo.

UM VENDEANO

Macheballe está aqui?

UM OUTRO

(que caminha ao redor da caleche) Macheballe? Está ali, morto.

UM OUTRO

Morto? Tá tudo perdido!

UM OUTRO

E o Jeannette?

UM OUTRO

Foi tomado pelos cara lá.

UM OUTRO

Então, não tem mais nada pra fazer.

SAINT-GUeltas

Querem abandonar o centro, com suas mulheres e seus filhos, ao inimigo?

OUTROS VENDEANOS

Não, não! Isso não!

TODOS

Não!

UM VENDEANO

Vamos combater até o fim, se isso puder servir para alguma coisa.

SAINT-GUeltas

Têm confiança em mim?

TODOS

Sim, sim!

SAINT-GUeltas

Então, em marcha! Vocês ainda têm cartuchos?

UM VENDEANO

Cada um uns dois ou três.

UM OUTRO

Tirando aqueles que só têm um.

UM OUTRO

E aqueles que não têm nenhum.

SAINT-GUeltas

Mas todos têm baionetas?

UM VELHINHO

Então, vai ser um combate de onde ninguém vai voltar! Amigos, lá está nosso calvário. Encomendemos nossas almas a Deus, e nos perdoemos nossos pecados como extrema unção! (*Chevalier também se ajoelha*)

SAINT-GUeltas

(*para Louise*) Vamos deixá-los rezando, vão combater com mais energia.

LOUISE

Vamos rezar com eles!

SAINT-GUeltas

(*baixo, erguendo-a*) Louise, lembre-me também o sacramento do amor...

LOUISE

Não esse, mas o do reconhecimento e da admiração!

SAINT-GUeltas

A morte não vai se absorver nesse passado que assusta a senhorita? Diga apenas uma palavra...

LOUISE

Salve meu pai!

SAINT-GUeltas

Eu o salvarei ou morrerei com ele. A senhorita daria um beijo em meu cadáver?

LOUISE

Sim, eu prometo.

SAINT-GUELTAS

E se por milagre nós sobrevivermos a esse desastre...

LOUISE

Salve meu pai, e serei sua.

SAINT-GUELTAS

(entusiasmado) Então, avante! Parto para o combate como vou a uma festa! Estão prontos, meus amigos?

VENDEANOS

(que se abraçam numa roda em volta da cruz) Sim, mestre.

SAINT-GUELTAS

Coloquem essa jovem no meio de vocês, meus camaradas! É uma santa a quem Deus confere o dom dos milagres!

LOUISE

(para Saint-Gueltas) Um juramento em troca do meu! Matem-me em vez de me deixar cair nas mãos dos azuis!

SAINT-GUELTAS

Eu juro! *(partem para o Carvalho Grande)*

Cena 10

(La Korigane, depois Roxane, La Tessonnière, Saint-Gueltas, Raboisson)

LA KORIGANE

(que sai do mato) E então, agora ela vai pro meio da batalha? Corajosa, aquela lá hein? Não acredito... Vai combater, é? É ela que vai morrer do lado dele, por ele e com ele? Ah! maldita! Tu roubou minha vida quando tomou o coração dele e agora me rouba também a morte dele, que eu queria dar de presente pra ele!

ROXANE *(chegando com La Tessonnière)* Por aqui, cuidado! Um dos nossos vendeanos; ele vai dizer onde estamos.

LA TESSONNIÈRE

Não vale a pena: ali está nosso calvário e nossa pobre caleche destruída.

ROXANE

Ah! meu Deus! Uma hora caminhando e estamos de novo no mesmo lugar, para chegar perto talvez do centro do combate! Escute! Parece que estou ouvindo... Não, nada! Acho que estamos enfeitiçados! (para La Korigane) Hei garoto! Garoto!

LA KORIGANE

Chiiii! É aquela velha caduca

ROXANE

Dois luízes se quiser nos levar para um lugar seguro, qualquer uma dessas casinhas aí... (*La Korigane não diz nada*) Você sabe dizer se a cidade foi tomada? Responde, moleque! (*para La Tessonnière*) É surdo, é mudo? Por Deus, é um bretão qualquer que não compreende nada.

LA TESSONNIÈRE

(*baixo*) Não, esse moleque é La Korigane; está vestida de homem; é aquela heroína sangrenta, é a amante de Saint-Gueltas!

ROXANE

Ih! La Tessonnière, o senhor e essas ideias de velho libertino!

LA TESSONNIÈRE

Eu? Ah! Essa agora!...

ROXANE

Minha pequena Korigane, já que é você aí dentro desse disfarce, você vai nos levar e nos proteger!

LA KORIGANE

Os senhor. De novo? Sai do meu pé... Vão pro inferno com sua turma toda.

ROXANE

Ah! o que é isso? Não me reconhece mais? Eu, sua patroa, que te dava presentinhos...

LA KORIGANE

(*feroz*) Não tenho patroa nem patrão; não sirvo ninguém, e, as senhoras, eu queria afogar todas elas no fundão do rio. Foi vocês que estragou tudo, pôs tudo a perder com suas besteira, suas bravata, suas pretensão, seus veículo e seus dinheiro! Ah! vocês chegam aí com um “Quer dois luís para me salvar a vida?” parece que vale bem pouco essa sua vidinha agora de vagabundo!

ROXANE

Você quer dez? quer vinte?

LA KORIGANE

Não quero nada da senhora e seu dinheiro eu, oh, desprezo. Todo mundo amaldiçoa ele, desinfeta! É desse jeito que vocês consegue em todo lugar suas facilidade quando não existe mais nada pra gente pobre. Se tem só uma carroça ou uma charrete, é seus amigo ou seus amante que vai nelas, e nós ferido, fudido, a gente morre nos buraco por aí feito cachorro. Ah! se tem só um naco de pão numa choupana, vai ser pra vocês ou pra suas criada de quarto. Se tem uma palavra de consolo do padre, vai ser só pra vocês; um olhar generoso dos chefe, vai ser ainda pra vocês; se a dois dedos da morte ainda der pra pensar no amor, vai ser pra vocês que vai caber essa honra.

ROXANE

(baixo, para La Tessonnière) Essa fúria toda é ciúme, inveja de mim porque o marquês me faz a corte! Vamos sair daqui, meu caro, ela é bem capaz de nos degolar!

LA TESSONNIÈRE

Estão combatendo bem perto daqui! Escuta! Sim, vamos correr, corre!

ROXANE

(correndo) É já... mas você parou?

LA TESSONNIÈRE

Estou tirando meus tamancos... Vou acabar pegando um resfriado! *(fogem)*

LA KORIGANE

(que subiu a colina) Já tão combatendo? Não conseguiram chegar no Carvalho Grande? Tou com medo! Não, ele não pode morrer, aquele um lá! Sem ele saber, costurei uma perna de sapo na prega de seu casaco! *(dois vendeanos passam, carregando Saint-Gueltas)* Mas é meu senhor coberto de sangue!...

SAINT-GUeltas

(com voz apagada) Deixem-me, ainda posso lutar! *(desmaia)*

LA KORIGANE

(aos vendeanos) Corre, corre, me segue, eu conheço esse lugar aqui; eu escondo ele... *(para si mesma, com exaltação)* Pelo menos a última palavra dele vai ser pra mim!... A morte dele vai ser minha, minha! *(saem, levando Saint-Gueltas, atrás de La Korigane. Outros vendeanos passam, carregando Raboisson à força)*

RABOISSON

As baionetas, ataquem com as baionetas! Vamos, voltem! *(os vendeanos jogam seus fuzis e o carregam)*

Cena 11

(Henri, Motus, com alguns soldados republicanos)

HENRI

Alto! O coronel está avançando, nossos fogos se cruzariam bem depressa; vamos deixá-lo perseguir os fugitivos e esperá-lo mais adiante de sabre nas mãos! (falando consigo mesmo e descendo do cavalo) Pobres infelizes! Havia gente de bom coração lá!

MOTUS

Sem contradizer o senhor, meu tenente, a gente devia de entrar na floresta do Carvalho Grande. Eles são bem capaz de se esconder por ali feito lebres e escapar da gente.

HENRI

Será que nossos cavalos são capazes de perceber essas moitas de espinhos? Atenção, granadeiro. (para Cadio, que chega correndo; baixo) Está bem, é lá que eles estão? Meu tio... Louise...

CADIO

Não... eles já se foi, tudo salvo com Saint-Gueltas. Falei com um ferido que viu eles todos passando.

HENRI

Que bom! Até respiro aliviado! Obrigado, Cadio! (coloca uma mão no próprio braço)

MOTUS

Meu tenente, o senhor tá ferido?

HENRI

Acho que sim. Em dois lugares do mesmo braço! Dei meu lenço para um cavaleiro que tinha a cabeça machucada. Você tem um lenço aí?

MOTUS

Um lenço? Não, tenente, não sei o que é isso não.

CADIO

Tem aqui uma fita do meu fole com um punhado de erva amacerada; isso estanca o sangue. (ele pensa com cuidado o ferimento do tenente)

HENRI

Está perfeito. Aperte mais! Vê-se bem que você não tem medo. Não perde a cabeça, ajuda os amigos.

CADIO

Sim, mas tou com medo do mesmo jeito, nunca tou sempre assim calmo.

HENRI

A cavalo! A cavalo! Olha lá o coronel.

Cena 12

*(os mesmos, capitão Ravaud, tornado coronel,
seguido por um destacamento)*

CORONEL

(descendo do cavalo) Não, alto! Faça soar o toque de reunir *(Motus executa o toque)*

CADIO

(terminado o toque) É boa mesmo essa parada aí! Quero conhecer esse instrumento!

MOTUS

Cidadão Vassoura Cabeluda, depois a gente te ensina; mas não vai ser num dia que tu vai saber tocar desse jeito igual eu. E primeiro, entende, tem que usar o cabelo em trança e rabo-de-cavalo. Enquanto não tiver rugas na testa, não vai deixar de soprar nessa sua bexiga de vaca.

CORONEL

(que deu ordens a oficiais) Atenção! Cinco minutos para os cavalos respirarem e vamos cortar a retirada dos vencidos. *(baixo, para Henri)* Vamos dar um tempo para fugirem. Pelo menos uns se salvam, não aguentam mais nada.

HENRI

Não, mais nada. Aqui vai ser o último suspiro da Vendaia. Tudo ruiu à nossa frente e atrás de nós nada foi poupado. O general jurou, e todos sabem que ele mantém a palavra.

CORONEL

Seu tio deve ter conseguido escapar; mas e Louise?

HENRI

Um outro sujeito a protege.

Cena 13

(os mesmos e o conde de Sauvières, trazido por soldados da infantaria)

HENRI

(baixo) Meu Deus, o meu tio! Obrigado por ele, meu coronel.

CORONEL

(aos soldados) Deixem esse infeliz aí.

UM SOLDADO

Coronel, nós pegou ele de arma na mão. Não se entregou não.

CORONEL

Está crivado de ferimentos. Deixe-o respirar. *(Os soldados soltam o conde, que cai ao chão, esgotado)* Vejam, rapazes, ele morreu! Não viram que ele agonizava?

SOLDADOS

Não, nós não. *(afastam-se e vão se juntar à cavalaria, que está limpando seus cavalos cobertos de suor, sangue e lama)*

CONDE

Adeus, querida França! É meu fim e o fim dessa guerra! *(vendo Henri, que, de joelhos perto dele, o segura em seus braços)* Quem está aí?

HENRI

Eu, não me amaldiçoe!

CONDE

Henri! Você cumpriu seu dever; eu, acredito ter cumprido o meu. Eu apressei a agonia do meu partido... eu sabia disso; pediam meu sangue... eu o dei. A França não quer outra coisa de nós. Qual será o futuro? Henri, onde está minha filha?

HENRI

Salva... com Saint-Gueltas.

CONDE

Seja generoso, ela ama Saint-Gueltas.

HENRI

Eu sei disso.

CONDE

Eu, eu temo que... Saint-Gueltas seja... ele é um herói... sim, mas... antes que eles fujam para a Inglaterra, diga-lhes... mas você não os verá mais...

HENRI

Se eu os tornar a ver, o que devo lhes dizer?

CONDE

Eu quero... Não, não sei mais... Não sei nada... nada... Tudo está se apagando... Deus me chama. Tudo está perdido!... perdido... Viva o rei! *(ele expira. Tiros de fuzil muito perto)*

UM BATEDOR

(na colina) Tem um grupo ali!

CORONEL

A cavalo! A cavalo! Henri, coragem! Ao seu posto!

HENRI

(para Cadio, montando no cavalo) Guarde esse corpo. Eu virei buscá-lo. *(Todos saem, exceto Cadio)*

Cena 14

(Cadio, ocupado com o cadáver; depois, Louise)

CADIO

Pobre morto! Eu te vi de pé e orgulhoso, e bravo comigo, em teu castelo e agora... foi minha culpa e o senhor tá aí deitado... Ah! aquela roca! Eu não sabia! Vou cobrir o senhor com folhas seca, não tem outro lençol pra lhe dar. *(observa-o no momento de lhe cobrir o rosto)* Tá bonito, assim mesmo, esse velho, com esse sangue nos cabelo branco e esse ar tranquilo! Talvez os morto são feliz! *(Louise acorre, meio perdida)* Senhorita!? *(cobre completamente com folhas o corpo do Sr. de Sauvières)*

LOUISE

Meu pai! O senhor o viu?... Ah! Cadio, é você! Onde está meu pai?

CADIO

Ele partiu.

LOUISE

Salvou-se?

CADIO

Sim, com certeza... Mas a senhorita... eu achava que tava...

LOUISE

Eu não o deixei; mas, num momento de confusão, fui derrubada, caminharam em cima de mim, eu nem senti, me levantei, mas perdi de vista meu pobre pai e Saint-Gueltas... Onde estão eles? Diga.

CADIO

Eu não sei... naquele lado ali talvez... A senhorita não quer ir pro lado de seu primo? A senhorita ia fazer melhor...

LOUISE

Henri está ali?

CADIO

Sim, ele é bom, ele é doce, ele é grato...

LOUISE

Ele não poderia fazer nada pelos meus e eu, eu não quero mais nenhum favor. Quero me reencontrar com meu pai e... Cadio, eu o quero...

CADIO

Sim, e Saint-Gueltas!

LOUISE

É meu dever.

CADIO

Vamo, vem, a gente encontra ele de novo... (*à parte*) Não quero deixar ela aqui, tenho que salvar ela! (*saem*)

Parte05

Quadro 1

Uma fazenda³¹ na Bretanha.³² Interior de uma região esquecida e arrasada, fechada na frente por uma paliçada e uma barreira de troncos de árvore; um caminho longo segue a extensão dessa estrutura. Para além do caminho se estendem prados pálidos, magros e absolutamente planos até o Loire, que se percebe no horizonte como um braço de mar, um meandro do qual se aproxima da fazenda. Algumas moitas de tamargueira anã cortam aqui e ali esses prados, onde se podem ver bandos de gaivotas se misturarem a bandos de gansos domésticos. Um menir de pedra lavrada, bastante próximo da fazenda, serve de amarração para os barcos. É o único acidente notável de uma paisagem sem árvores e toda nua. Perto da entrada, a casa principal; à direita e à esquerda, um quadrado irregular de construções rústicas cujos tetos estão cobertos por uma espuma espessa, secular. Um barracão de galhos e de palha ocupa um canto. O sol brilha, a terra úmida fumeja. Para lá da fazenda, do lado oposto ao Loire, a área é cultivada. Algumas ondulações do terreno estão cobertas de bambus e cactos. Um moinho de vento gira a alguma distância da fazenda.)

Cena 1

(Tio Corny, fazendeiro, e Rebec)

REBEC

Bom dia, tio Corny! Como vai as semente?

CORNY

Servidor senhor Rebec. Nada mal. Belo dia hoje, não é verdade, senhor Rebec?

REBEC

Chame-me então de “cidadão Lycurge”, não causa boa impressão nos passan-

31 **No original, ferme:** uma **ferme** é, no sentido próprio, uma exploração agrícola feita sob o regime de longa duração com um aluguel anual fixo (a **fermage**). Trata-se de um contrato de aluguel entre o proprietário da terra e o fermier que incide sobre um domínio que inclui, conforme o caso, terras, florestas, extensões de água, edificações de trabalho ou de moradia, às vezes o gado, os direitos de marca e de denominação de origem, servidões, etc. O nome e o sistema foram adotados a partir da Revolução francesa para substituir as palavras **manse** (aldeia), **censive** e **borie**, que eram concessões perpétuas abolidas juntamente com as instituições feudais para serem substituídas por contratos de locação conforme acordo entre as partes.

32 **Nota do original:** Talvez na estrada de Savenay para Saint-Nazaire.

te chamar alguém de “senhor”, caiu de moda, e até prefiro que a gente esqueça meu nome de verdade nesse país do bom Deus.

CORNY

Santo Cristo! E não consigo memorizar seu apelido revolucionário. É um daqueles santo que não se conhece e, quanto ao seu nome de família, ele não impressiona ninguém. E nem dá para trair você, se tiver algum segredo pra esconder.

REBEC

Segredos, segredo! Meu Deus, eu sou como a gente daqui. Lamento pelos infelizes, porque é um crime de Estado nesse momento...

CORNY

Enfim, você é um antigo suspeito, sei bem disso: isso torna você um homem mais digno de honra do que de erros.

REBEC

Oh! Essa agora! Vocês tudo é gente corajosa e posso dizer que tive a famosa ideia de continuar aqui em vez de ir pra Nantes onde eu pensava me estabelecer.

CORNY

Em Nantes! Parece que não era tão bom para aqueles de quem se desconfia, porque se desconfiava de você na sua Vendeia...

REBEC

Posso lhe explicar porque, você é um homem discreto. Eu estive preso em Puy-La-Guerche por ter salvo das chamas certo castelo incendiado pelos azul; acho até que salvei uma dúzia deles. Então, os jacobino do lugar me acusa de ter especulado sobre o sequestro: calúnias! Cheguei a me evadir com a ajuda de alguns amigo virtuoso que eu tinha entre os sans-culotte, e vim fazer um pouco de comércio aqui na Bretanha.

CORNY

E como você é esperto e entendido em todo tipo de negócio, foi nomeado municipal da paróquia. Foi bem feito; o senhor fica retido aqui (*com um sinal de inteligência*), onde o Loire traz os barco e outras coisa! Não tem nada de mal nisso. Você é um homem esperto, sabe fechar os olho quando não é preciso deixar os olho arregalado. (*tocando seu cotovelo ao ver La Tessonnière se aproximar*) Não vai querer ver mais de perto?

REBEC

(*rindo*) Não, faça vista grossa e, depois, não tenho um pinga de memória. Tem um monte assim de figura que encontro aí nos prado, nos campo, até no seu jardim, cujo nome eu não escreveria embaixo do retrato delas.

Cena 2

(os mesmos, *La Tessonnière*, de camponês)

LA TESSONNIÈRE

Olha só! Você aqui, Rebec?

REBEC

(*com afetação*) Bom dia, tio Jacques, bom dia! Está tudo bem, meu bravo homem! (*para Corny*) Veja você, eu não o reconheci de modo algum, esse aí.

CORNY

(*baixo*) E depois você não faria uma desfeita a um pobre homem como eu. É em nosso proveito que a gente se esconde uns dos outro o mais possível.

REBEC

(*do mesmo modo*) Mas isso nem sempre compensa...

CORNY

Bah! Mas vai compensar mais tarde; tem que confiar. E tem aqueles que ainda possui seus velho luiz costurado nas suas roupa velha, e esses vale pelos outro. Nem precisa dizer que eles se sustenta entre si e muito moderadamente...

LA TESSONNIÈRE

(*que finge trabalhar e arranha a terra ao acaso com uma picareta, aproximando-se deles*) Diga aí, Rebec!

REBEC

(*baixo*) Não vem com essa cara que me conhece bem, e sobretudo não me trata por 'você', já que não fala desse jeito com os outro.

LA TESSONNIÈRE

Você tem razão, meu amigo, você tem razão! E me diga, você tem novidades?

REBEC

Ah! meu saco! O Terror está no auge e é nele que vai se ligar a governança.

LA TESSONNIÈRE

Mas como! A governança do Terror? Não diziam que isso ia acabar?

REBEC

Vai acabar. O senhor bem pode concordar que isso não pode durar para sempre; mas por enquanto vai ser redobrada. Os cara têm tanto medo de si mes-

mo que vão sofrer mais que os outro. É aí que os cara vai se perder. Eles se denuncia, se injuria, se manda uns aos outro pra guilhotina. Mas fica tranquilo, vai acabar mal pra eles; cada um na sua vez.

LA TESSONNIÈRE

(*servindo-se de tabaco próprio*) E então, naturalmente, o rei...

REBEC

Nem precisa falar disso, vai acontecer naturalmente. (*baixo, para Corny*) Fala aí, o cara se disfarça bem mal, hein? Tá com uma camisa da mais fina, e você devia realçar a caixa de rapé de prata dele. Então você podia falar pra ele me vender ela, que eu comprava pra ele uma de chifre.

CORNY

(*baixo*) Bah! Os guarda do fisco conhece o homem, e não finge. O que pode um velho feito esse ter feito contra eles?

REBEC

Eu sei com certeza que a gente pode contar com quatro desses fiscal; eles é bastante gentil, mas e se eles muda os fiscal? Se eles manda aqueles raivoso da repartição?

CORNY

Quando acontecer, a gente vê! A gente se esconde melhor... (*sorrindo com malícia*) E você vai ter sua caixa de rapé bem baratinho!

REBEC

E as duas mulher? Você tem certeza?...

CORNY

(*apontando Louise, que passa disfarçada de camponesa pobre puxando uma vaca por uma corda*) Veja, a jovem se comporta bem. Lá vai ela levando nossas vac pro curral. Dava pra dizer que é uma verdadeira filha da fazenda! E depois, é agradável ver ela assim, é razoável,... mas a velha... ah! aquela é terrível! Felizmente, nossos fiscal acha que é uma antiga criada de quarto que se livra de suas coisinha. Isso causa boas risada neles, e eles não quer vender nada pra mim. A gente não se recusa a dar um por fora, e eles mesmo muitas vez oferece alguma coisa... E depois tem os azuizinho,³³ nunca é bem o que a gente acredita! Tem muitos que bem mereciam ser branco!³⁴ Eles é como você, a

33 **Les bleus:** Por causa da cor do uniforme, soldados republicanos; depois, por extensão, todos os partidários da República, especialmente durante as guerras da Vendéia.

34 **Les blancs:** Royalistas (realistas), termo utilizado especialmente durante as guerras da Vendéia.

gente pode se entender. Tar de bem com todo mundo é a coisa mais segura; mas com prudência, hein?

CORNY

Fique tranquilo, prudência a gente tem de sobra!

REBEC

Mas ontem bem que você ficou preocupado!

CORNY

Uh! Não, de jeito nenhum! Meus rapaz deu um falso alerta, e fez a velha dormir no moinho pra dar pras ela uma liçãozinha de prudência, como você diz!

REBEC

Ah! você dá esses sustinho neles?...

CORNY

De vez em quando é preciso. Sem isso, essas pessoas ia ficar perdida... e a gente com elas!

REBEC

(*malicioso*) E depois, se a gente der muita confiança pra eles, eles não iam compreender as obrigação que têm de cumprir, não é?

CORNY

Santo Cristo! Por isso a gente vive explicando tudo pra eles. O senhor gostava de beber uma jarra de cidra, monsieur Lycurge?

REBEC

Cidadão Lycurge, então. Não, obrigado, não preciso disso para ser seu amigo. (*à parte*) É pelo meu interesse!

Cena 3

(*os mesmos, Roxane, La Tessonnière lendo um jornal no galpão*)

ROXANE

(*mal disfarçada de camponesa, com um resto de coqueteria*) Bom dia, bom dia, cidadão Lycurge; como é que tá esse seus comércio aí?

REBEC

Assim, assim, Marie-Jeanne. Os tempos tão muito difícil. Os carneiro tão que só pele e osso.

ROXANE

Ora vamo, danadinho! Você é bem um daqueles que especula com a fome?

REBEC

Eu?

ROXANE

Sim, você; eu colocava minhas mãozinha no fogo; você sempre soube tirar proveito das infelicidade dos outro. Você tinha ajudado a incendiar nosso castelo, se não achasse que a Vendeia triunfava. Agora que ela foi arrasada, lamenta muito não ter feito sua parte na destruição do nosso pobre feudo.

REBEC

Ao diabo seu feudo! É ele que me obriga me esconder, a me exilar com minhas pena!

ROXANE

Bah! Você deve ter feito muita coisa errada, senhor guardião do sequestro! E a República, que quer guardar tudo pra si, lhe deu o fora! A única boa coisa que já fez!

REBEC

(para Corny, que lhe presta atenção) Oh! É malvadinha, a velhota! *(para Roxane)* Cidadã Marie-Jeanne, você tá de ouvido ligado em propostas facciosas. Preste atenção em você, ou vou me ver forçado a prender a cidadã.

ROXANE

Eu o desafio! Você sabe muito bem o que são as princesa na França... e não longe daqui!

REBEC

Saber haha!

ROXANE

Todo mundo sabe de tudo. A gente é mais bem informado que você.

REBEC

(à parte) Se tudo fosse verdadeiro aqui! *(para Corny, baixo)* Eu vou é embora pra não ficar aqui batendo boca. Manda essa aí pra dormir no moinho; ela tá mesmo precisando. *(ele sai; Corny o acompanha)*

Cena 4

(Roxane, La Tessonnière; depois, Louise)

LA TESSONNIÈRE

(*que lê seu jornal com óculos de ouro*) O que a senhora dizia, então, que os príncipes...

ROXANE

Sempre é preciso dizer algumas coisas aos medrosos que resolvem mostrar os dentes.

LA TESSONNIÈRE

A senhora está errada, minha cara amiga, em irritar aquele homem. Se ele quisesse, nós formaríamos, a senhora e eu, um casal republicano bandido nos barcos de Nantes.

ROXANE

Não aprecio de modo algum a discrição dele. É o medo de ser comprometido por nós que o segura. Ah! o que é que há aí no seu jornal?

LA TESSONNIÈRE

Nada de novo, é a mesma coisa que leio faz oito dias.

ROXANE

O senhor bem deveria perder o hábito de ler assim aqui fora. O senhor chama a atenção...

LA TESSONNIÈRE

E a senhora, a senhora deveria não se perfumar tanto! Pro diabo o camponês que encontrou no meio das vassouras a sua caixinha de cheiros!

ROXANE

O senhor não há de querer que eu feda a curral, não?

LA TESSONNIÈRE

Sim, a senhora precisa deles. Os azuis têm um olfato refinado.

ROXANE

Nada disso. As pessoas que fumam não têm faro.

LOUISE

(*saindo do estábulo*) Os senhores viram Rebec? Teria ele finalmente alguma notícia de meu pai?

ROXANE

Não, nada.

LOUISE

Meu Deus, meu Deus, nada saber sobre ele há mais de três meses!

ROXANE

(baixo, para La Tessonnière) O senhor queimou aquele jornal em que lemos a notícia da morte de meu pobre irmão?

LA TESSONNIÈRE

Sim, sim. Eu o queimei bem depressa. Além do mais, podia ser uma notícia falsa!

LOUISE

(com angústia) Por que vocês dois falam assim baixinho? Estão me escondendo alguma coisa, tenho certeza! *(ela pega o jornal e o percorre com os olhos)*

ROXANE

Minha querida criança, fique certa de que meu irmão conseguiu emigrar há bastante tempo, como tantos outros. Ele não pode lhe escrever, senão colocaria você em perigo. Aliás, ele nem sabe onde estamos. Tenha paciência, tudo se esclarecerá. Vença suas inquietações e penso que os lamentos e as lágrimas são crimes aos olhos dos espiões que nos rodeiam.

LOUISE

(entregando o jornal) Espiões? Seríamos ingratos se acreditássemos nisso, minha tia. Parece-me, ao contrário, que todo o mundo coopera entre si aqui para nos preservar... Mas quem está vindo lá embaixo, no Loire?

ROXANE

Alegremo-nos. É o amigo Cadio; talvez ele saiba alguma coisa!

(Cadio desce de um barco que o deposita diante da fazenda e se afasta)

LOUISE

Ele tem alguma desconfiança de nós. Deixem-me falar com ele, vou lhe dizer algo que me ensinou.

ROXANE

Sim, sim, nós vamos entrar. Aliás, o sol de inverno não é bom. Louise, você deveria baixar sua touca. Vai manchar sua pele, menina, vai ficar com placas vermelhas, um horror!

ALUISE

Eu bem queria umas manchas para mim e para a senhora, titia: elas seriam um bom disfarce, melhor que essas roupas de camponesa.

ROXANE

Mas pense então que em breve talvez iremos a Versalhes fazer nossa corte ao jovem rei!

LA TESSONNIÈRE

(vendo Cadio que entra na fazenda) Então falem mais baixo! Esse menestrel é republicano demais agora. Vamos, vem comigo! A senhora tem a voz bastante forte! *(leva-a para dentro)*

Cena 5

(Louise, Cadio)

LOUISE

E então, Cadio, você foi até Guérande?

CADIO

Sim, tenho novidades lá do Saint-Gueltas. Ele tá vivo, curado e livre.

LOUISE

E ele não envia notícias de meu pai? Não tem nada sobre ele? Disseram-me que o haviam levado para seu castelo de Poitou. Ah! estão me enganando! Meu pai não está mais vivo e Saint-Gueltas se esqueceu de nós.

CADIO

Pode ser que Saint-Gueltas não recebeu suas cartas. Ninguém consegue chegar no lugar que ele tá.

LOUISE

Cadio, se você fosse lá, as cartas chegariam.

CADIO

Talvez eu vou, mas aí de lá não volto. Os vendeano fuzila todos que cruza o Loire, depois de acusar eles de espião e de desertor... para não ter de dar comida pra eles! A fome lá tá pior do que em Nantes. Além disso, aquele Saint-Gueltas... não gosto dele!

LOUISE

Por quê? Ele não te fez nada.

CADIO

Sim! Ele me fez dar aquela roca que incomodou seu pai. Vou carregar isso pra sempre no coração.

LOUISE

Não foi ele, foi o Sr. Sapience.

CADIO

Foi o padre primeiro, o marquês depois.

LOUISE

O marquês não a aceitou.

CADIO

E você acredita no que ele diz?

LOUISE

E você, você acredita que ele seja capaz de mentir.

CADIO

Se ele não é mentiroso, as mulher é que mente.

LOUISE

Como!? Que mulheres?

CADIO

Todas aquela que ele prometeu amar pra sempre... segundo o que elas diz, pelo menos.

LOUISE

(agitada) Por que não mentiriam?

CADIO

Então, tá todas louca e apressada em se entregar pra ele sem fazer ele prometer nada. O que tem, senhorita? Taí triste e sonhadora. Quer que toque um pouco de gaita?

LOUISE

Mais tarde, rapaz, obrigado. Me diga... Você ouviu falar dos azuis?

CADIO

Sim, só se fala disso na cidade.

LOUISE

Onde eles estão agora?

CADIO

Tão em todo lugar. Eles faz como os vendeano fazia: eles se dispersa pra pegar mais fácil.

LOUISE

E... Henri, de quem você gostava tanto?

CADIO

Não consegui encontrar ele de novo. Pode ser que teja com a gente que seguia o marquês e procura ele por todo canto; mas vai conseguir fugir deles.

LOUISE

Ai! Por que continuar lutando quando o exército já foi destruído?

CADIO

Pode ser que Saint-Gueltas quer vender caro sua vida. Tem quem diga que ele quer vender a rendição dele.

LOUISE

Você o odeia... não falemos mais dele.

CADIO

Melhor! E me deixe falar do outro, então.

LOUISE

Não! não me fale mais do Henri. Sei agora que ele estava na última ação, aquela que nos deu o último golpe e nos dispersou tão miseravelmente. Saint-Gueltas protegia meu pai com seu próprio corpo. Eu vi! E como eu poderia saber que Henri não era um daqueles que atirariam nele?

CADIO

Eu, eu creio que foi feito prisioneiro e que Henri o libertou.

LOUISE

Não, não! o temor de passar por traidor o impediria. As pessoas que têm tantas virtudes republicanas não têm sentimentos humanos, esteja certo disso. Mas essa conversa te irrita; você é republicano agora!

CADIO

Não, não sou nem uma coisa nem outra. Todo mundo se tornou cruel como

bestas selvagem, e prefiro topar com um bando de lobo do que um único monarquista ou patriota... Mas ele... se você escreve pra ele...

LOUISE

Não, nunca jamais! Ele me fez ceder à opinião dele. Me ensinou que uma mulher de coração só deve amar alguém de sua religião. Não quero escrever para ninguém.

CADIO

Vai esperar o que? Seu partido acabou, vai! Isto aqui é pra sempre uma república. O que pode ter depois disso tudo?

LOUISE

Pois bem, se tudo está acabado, se fiquei órfã, separada dos meus ou abandonada para sempre, arruinada, proscrita, vou continuar como sou... Escondida por gente corajosa, vou trabalhar para pagar o que fazem por mim, com todo o meu coração e com todas as minhas forças! Não é tão difícil a gente pensar em trabalhar!

CADIO

Eu não consigo! E isso me parece duro demais.

LOUISE

Não é lá um trabalho cuidar de um rebanho e fiar cânhamo e lã.

CADIO

E você lá sabe fiar?

LOUISE

Sim; diga se um trabalho não é tão bom quanto o outro. (*mostra seu fuso*)

CADIO

(*vivamente*) Claro que é.

LOUISE

(*sorrindo*) Tá caçoando de mim?

CADIO

Você devia sorrir sempre desse jeito.

LOUISE

Por quê?

CADIO

Porque... isso mostra que você tem coragem.

LOUISE

Tá em falta, mas terei; mas, você, meu pobre Cadio, o que vai ser de você?

CADIO

O que eu sempre fui: nada.

LOUISE

Então acha que é nada ser camponês? Eu, agora eu vejo que é alguma coisa.

CADIO

Eu não sou camponês: um camponês tem terra ou cultiva a dos outros pra um dia ter sua terra também.

LOUISE

Cultiva, trabalha, e aí você vai ter!

CADIO

Eu prefiro mais não ter nada.

LOUISE

Ah você é uma peça rara! Por quê?

CADIO

Aquele que tem alguma coisa tem de defender ela ou aumentar. Isso deixa ele medroso, invejoso, infeliz e cruel. Eu, eu só tenho um medo nesse mundo, morrer em pecado. Como não tenho nenhum, vivo tranquilo desse jeito.

LOUISE

Quem tirou esse medo de você?

CADIO

Um ou dois momento de coragem que tive, e ideias... eu sozinho! De noite com as estrela, o canto das onda quando fui pra Carnac, um monte de ameaças do inferno pesando nas minhas costa, os campo destruído, os castelo arrasado, e sobretudo o convento em ruína, que um pintarroxo cantava na semana passada, e que eu colhi violetas nas fenda dos túmulo... Eu olhava a cruz quebrada e as pedra dos deus antigo jogada ali pelo chão, e me dizia: "Tudo passa, e Deus permanece!"

LOUISE

(espantada) Onde é que você aprende tudo isso que você diz, Cadio?

CADIO

(mostrando sua gaita) Eu não sei: por aí, talvez.

Cena 6

(os mesmos, Corny, Rebec, La Tessonnière, Roxane, depois Motus, Henri, o Delegado da Convenção, primeiro secretário, segundo secretário, mãe Corny, um suboficial)

CORNY

(vindo de fora, seguido de Rebec) Alerta, alerta! Tão chegando por ali *(aponta a estrada)* Cavaleiros, um veículo; não dá pra saber o que que é! Mas a senhora deve se esconder, senhorita, e bem depressa!

LOUISE

Sim, meu amigo; mas e os outros?

CORNY

(apontando La Tessonnière e Roxane, que saem da casa) A! aqueles ali! *(para La Tessonnière)* Você vai levar aquela bosta toda dali pro prado com o Jean, por aquele lado ali!

LA TESSONNIÈRE

Aqueles escrementos, ali?

REBEC

(muito emocionado) É, é, a bosta toda ali! Vai, sai! Tá perdendo tempo aí!

LA TESSONNIÈRE

O estrumeiro!... Vamos, senhor, para o estrumeiro! *(sai)*

ROXANE

Pois bem, e eu? Também vou ter que mexer naquela bosta?

REBEC

Vai pro moinho! Já pro moinho!

CORNY

Tarde demais! Vai bater ervilha lá no celeiro.

LOUISE

Ela não vai saber. Ela guarda as cabras comigo.

ROXANE

Deus, que existência! Nem um só dia de tranquilidade!

LOUISE

Venha, venha, titia! *(sai com ela)*

CORNY

Pois bem, e você Cadio? Não sabia que estava aí.

CADIO

Oh! Eu, eu não preciso sair. Não estou nada mal com os azuizinhos. Só vou ficar olhando ali de trás das moitas.

REBEC

Você não tem cara de quem vai se esconder mesmo.

CADIO

Não tenha medo, conheço meu lugar. *(sai na direção do galpão)*

REBEC

(para Corny, olhando a barreira) Diabo! Desta vez não é um alerta falso; eles estão vindo mesmo para cá.

CORNY

Vêm mesmo. Vão passar lá pela estrada. O que acha que estão vindo fazer aqui?

REBEC

(que continua olhando) São militares. Deus me perdoe! Não é mais de cinquenta. Deve ser a escolta de algum general que vem de maca, bem devagar. Deve estar ferido.

CORNY

Tão aí perto. Vamo se esconder.

REBEC

Não, não! tá maluco! Vamo se meter ali na barreira e gritar: Viva a República!

CORNY

Malucou de vez? Eu que não vou gritar isso!

REBEC

Pois então, agite seu chapéu e abra a boca. Vou gritar pelos dois.

CORNY

Vamo lá. *(agita seu chapéu, Rebec grita. Motus, a cavalo, se dirige a eles)*

MOTUS

Chega de gritar, para com essa gritalheira, já tá bom. Escuta o que vou dizer. *(para Corny, que se apresenta)* Sem querer lhe incomodar, cidadão camponês, haveria em sua casa um carpinteiro de rodas de carro?

CORNY

Não, cidadão militar; mas a gente é tudo um pouco carpinteiro aqui no campo. *(olhando o veículo que para diante da porta, escoltado por cavaleiros)* Tem alguma coisa pra gambiarrar na sua carroça?

MOTUS

Uma barra de tração se fodeu na porra de suas estrada, sem querer incomodar o senhor.

CORNY

Oh! Com quatro tala e um bom pedaço de corda tudo vai ficar remanchado depressinha.

MOTUS

O senhor tá sozinho aí? Chama seu pessoal!

CORNY

Sim, sim; tenho aí meus rapaz, já vem todo mundo. *(corre na direção do galpão)*

DELEGADO DA CONVENÇÃO

(colocando a cabeça na portinhola e falando com voz seca e imperativa) O que houve?

MOTUS

Demora só um minuto, cidadão delegado; aproveita pra descansar um pouco.

DELEGADO

(descendo do carro com a ajuda de seus dois secretários) Sim, estou bastante prejudicado. Onde está o oficial?

HENRI

(apresentando-se) Aqui, senhor.

REBEC

(à parte) Ele? Que diabo!

DELEGADO

Comande essa parada.

HENRI

Será feito, senhor,

DELEGADO

(a seus secretários) Senhor, sempre senhor! Esses oficiais do Kléber³⁵ jamais assumirão as maneiras republicanas! A qualquer um desses filhos de poderosos,³⁶ aposto, vocês vão lhe perguntar o nome, não foi isso que lhes falei quando partimos.

REBEC

(fazendo-se de apressado) Se o cidadão comissário se dignar entrar na casa de um pobre camponês...

DELEGADO

(bruscamente) Não, estou com frio, vou ficar aqui no sol. Uma cadeira aqui.

REBEC

(correndo para a casa) Cadeira, cadeira!... *(tia Corny e sua nora acorrem com cadeiras de palha sobre as quais estendem toalhas brancas. O delegado se senta sem prestar atenção. Os dois secretários puritanos tiram as toalhas com um desprezo marcado de um luxo vão. Durante esse tempo, Rebec deslizou para perto de Henri e conversa baixinho com ele)*

PRIMEIRO SECRETÁRIO

(que observa tudo, dirigindo-se ao delegado) Por que o oficial comandante da escolta cochicha com um ar misterioso com aquele indivíduo em particular numa linguagem adocicada emprestada ao vocabulário dos antigos lacaios?

DELEGADO

Faça-o comparecer! *(o primeiro secretário vai buscar Rebec. Tia Corny se aproxima do delegado com um ar risonho e aberto. O delegado, em fúria e inquieto)* O que quer?

TIA CORNY

Lhe oferecer um refrescamento, senhor nos' cidadão. Umas fruta, uma jarra de cidra...

SEGUNDO SECRETÁRIO

Não tem um vinho, não?

35 Jean-Baptiste Kléber (1753-1800), general francês durante as guerras revolucionárias francesas. Em 1791, ofereceu-se ao exército subindo na carreira rapidamente.

36 No original **ci-devant**. Cf. nota 10.

TIA CORNY

A gente não planta dele aqui não. Mas tem uma pinguinha... que nem é muito boa.

SEGUNDO SECRETÁRIO

Traz lá. *(ela obedece)*

PRIMEIRO SECRETÁRIO

(trazendo Rebec) Tá aqui o gorducho tagarela.

DELEGADO

(irônico) Dignar-se-á o senhor a nos enunciar quem é, com sua cara de fuinha?

REBEC

(se endireitando e pagando de audaz) Lycurgue, municipal desta comuna.

DELEGADO

(a seus secretários) Interroguem-no; eu sofro mesmo como um pecador nessas diligências! *(coloca a cabeça entre as mãos e os cotovelos sobre a mesa, que as mulheres trouxeram, bem como uma garrafa e canecas de estanho)*

PRIMEIRO SECRETÁRIO

(para Rebec) É dessa terra aqui?

REBEC

Moro aqui des que eu quis, cidadão.

SECRETÁRIO

Onde estava antes?

REBEC

Na Vendeia, perto de Puy-La-Guerche, onde eu tinha a função comissionada de pôr fogo nos castelo dos antigo nobre! Queimei doze! Ha ha...

SECRETÁRIO

Deixa de ser gabola; não queimou mais de seis naquela região toda. Venha até aqui, tenente.

HENRI

(sem protestar) Quer falar comigo, senhor?

SEGUNDO SECRETÁRIO

O cidadão delegado quer lhe falar *(Henri se aproxima)*

DELEGADO

Conhece esse homem com quem estava conversando há pouco?

HENRI

Sim, senhor.

DELEGADO

Onde o conheceu?

HENRI

Em Puy-La-Guerche e cercanias.

SECRETÁRIO

Ele realmente incendiou castelos?

HENRI

Sobre isso nada sei.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Mas... espere, então. Era lá que ficava o covil do famoso rebelde Sauvières. Tenho boa memória, eu. *(para Rebec)* Foi você que o incendiou?

REBEC

(perturbado, olhando para Henri) Eu não me lembro se foi eu ou fui um outro.

HENRI

Você deve ter obedecido a uma ordem.

DELEGADO

Você estava lá então?

HENRI

Eu tava lá.

DELEGADO

Quem cumpriu a ordem de queimar Sauvières?

HENRI

Foi eu.

DELEGADO

Você se chama...

HENRI

Charles-Henri de Sauvières.

DELEGADO

Parente do rebelde?

HENRI

Sim. Sobrinho dele.

DELEGADO

Vocês eram inimigos antes da Revolução?

HENRI

Não, senhor. Eu devia tudo a ele, e prezo sua memória.

DELEGADO

Uma bela ação, então! Como não é capitão?

HENRI

Não quero ser capitão, senhor.

DELEGADO

Por quê? Está cansado de servir à República?

HENRI

Não, senhor. Ganhei minha dragona combatendo no estrangeiro, não quero dever um novo grau à guerra civil. Se combatêssemos aqui os ingleses, eu teria orgulho de merecer minha promoção; mas contra franceses perdidos... não! eu não quero nada! Peço-lhe que se lembre disso.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Sua reserva é sofisticada: não quis recompensa por ter queimado o castelo de seu tio; diz isso assim de boa-fé.

HENRI

(indignado) O que o senhor faria no meu lugar?

SECRETÁRIO

Eu teria aceito com orgulho!

HENRI

(com desprezo) Tanto pior para o senhor! *(o secretário empalidece de raiva. O delegado lhe faz um sinal para se conter)*

SEGUNDO SECRETÁRIO

(para Henri) Se o cidadão delegado está satisfeito com as respostas, devemos tolerar sua audácia; mas você tem informações a dar... *(consultando um grosso caderno de notas)* O traidor Sauvières tinha uma filha, uma irmã, amigos e parentes que pegaram em armas, até mesmo as mulheres!

HENRI

As mulheres, não0M meu tio e o Chevalier de Prémouillard foram mortos no evento do Carvalho Grande. Não sei nada dos outros.

DELEGADO

(mais suave) Estava naquele evento, jovem?

HENRI

(triste) Eu estava lá.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

(observando-o) Contra sua vontade sem dúvida?

HENRI

Por favor, senhor?

DELEGADO

Foi com pesar que o senhor cumpriu seu dever?

HENRI

Sim, certamente! Mas eu o cumpri.

DELEGADO

Pois bem, vai cumpri-lo agora ainda e nos dizer onde estão refugiados os sobreviventes de sua família.

HENRI

Ignoro absolutamente.

DELEGADO

Jura por sua honra.

HENRI

Juro por minha honra! Ignoro até mesmo se uma única pessoa de minha família sobreviveu ao esmagamento do exército vendeano.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Se você soubesse... se você conhecesse seu paradeiro, você os denunciaria?

HENRI

(orgulhosamente) Senhor, não lhe reconheço o direito de me interrogar fora dos assuntos concernentes ao meu serviço. Encarregado pelo meu coronel de escoltar o delegado da Convenção, farei respeitar sua pessoa e seus empregados... É essa minha obrigação, não tenho outra.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Nós temos outros poderes além dos do seu coronel. Todo militar nos deve obediência, e temos o direito de interrogar toda pessoa suspeita.

HENRI

(com indignação, dirigindo-se ao delegado) E eu sou uma dessas pessoas, eu?

DELEGADO

(levado pela franqueza de Henri) Não, meu jovem estoico! Você bem mereceu sua pátria, e sua conduta será bem avaliada! Você é da madeira com que se fazem os generais. Vai, pode se ocupar de seu serviço, Temos confiança em você. *(Henri se afasta, Rebec quer segui-lo).*

HENRI

(baixo) Não me diga nada. Você bem percebeu que se trata do tribunal da inquisição em viagem! *(eles se separam. Henri retorna aos seus cavaleiros. Rebec se esquiva para dentro da casa. Corny e seus rapazes trabalham em reparar o carro. O postilhão dá aveia aos seus cavalos. O delegado e seus dois acólitos permanecem ao redor da mesa. Cadio desliza pelo galpão e os observa)*

PRIMEIRO SECRETÁRIO

(ao delegado) Pelo santo cutelo da guilhotina, você amarelou!

DELEGADO

(fatigado, ao outro secretário) O que ele disse, esse imbecil?

SEGUNDO SECRETÁRIO

Disse que o senhor amarelou, e ele tem razão. Tudo o que nos rodeia ou chega perto de nós nessa viagem é suspeito e inquietante. O militar foi e sempre será girondino. O camponês sempre vai ser monarquista. Não é hora de confiar nele. A missão que deram a você de percorrer os campos para conhecer o espírito tão conhecido das populações talvez seja uma armadilha dos teus inimigos.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

(inquieto) O fato é que estamos os três sozinhos no meio de camponeses que nos detestam. *(para o delegado, que está bebendo um gole de aguardente; detendo-o, pela mão)* Não beba isso! Vou provar.

DELEGADO

(influenciado) Um pouco de veneno talvez?

SEGUNDO SECRETÁRIO

Nós o seguimos, sabendo muito bem das frias de que teríamos de salvar o senhor com perigo de nossa vida... e, agora que vemos a sua nas mãos de um Sauvières...

DELEGADO

(assustado) Vocês acreditam que ele permitiria que me assassinassem?

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Isso seria muito fácil! Basta autorizar um bando de bandidos fugidos com cinquenta homens sem devotamento nem convicção.

DELEGADO

Não, não posso acreditar em tanta maluquice! Vocês estão doentes de medo todos os dois!

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Medo, nós que combatemos seus instintos de doçura e de clemência, exceto nos fazer em pedaços ao seu lado?

DELEGADO

É verdade; perdão, rapazes, vocês são heróis, e, eu... estou fraco, é verdade; estou doente. Ah! essa pobre cabeça transpassada de dores agudas, quando ela não está cheia de visões espantosas!

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Vejam: onde está doendo? Não sabe?

DELEGADO

(aplicando a mão sobre a nuca) Aqui! Sempre aqui! A sede do mal.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Um reumatismo! Beba; agora, você pode beber. Essa aguardente é inocente *(bebem os três, atiram-se aguardente uns nos outros)*

SEGUNDO SECRETÁRIO

Você sabe o que dizem os aristocratas a propósito do mal de que você reclama sem parar? Eles afirmam que à força de verem cabeças sendo cortadas, agora sentem a sua prestes a cair sozinha!

DELEGADO

Ah! Que estranho isso! eu sonho isso continuamente... e, no sono, a dor se torna atroz... Sim, é o cutelo que serra minha carne e meus ossos sem poder cortá-los. E, na minha raiva, eu afasto a cabeça, eu, para tirá-la do tronco e jogá-la no cesto... Não falemos disso... Bebamos, inventemos novas forças, porque as da natureza estão esgotadas. *(ele bebe)* É água, isso aqui!

PRIMEIRO SECRETÁRIO

É pimenta líquida, chefe. Perdeu o gosto?

DELEGADO

Totalmente.

SEGUNDO SECRETÁRIO

Pois bem, tem que beber sangue para se encharcar de novo.

DELEGADO

Você está sendo horrível, você, uma loucura muito doída!

SEGUNDO SECRETÁRIO

Quer um discurso sobre isso?

DELEGADO

Não, preciso é de um pouco de estoicismo.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Você não tem princípios, disso a gente sabe. Então, escute: quem quer o fim quer os meios. Destruir ou ser destruído, estamos nessa, no meio disso. O que destruimos é o mal...

DELEGADO

Sei de tudo isso, me deixe em paz! Eu sei que, em todos os grandes empreendimentos, há um momento em que, para combater o cansaço e aguentar o esforço, é preciso brandir a espada da crueldade e... *(a cabeça de novo entre as mãos crispadas)* Ah! não suporto mais! Queria estar morto!

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Você não está servindo nem pra morrer, se duvidar.

DELEGADO

(bebendo, ainda) E, se eu duvidasse, vocês me denunciariam, filhotes fanáticos da Revolução?

SEGUNDO SECRETÁRIO

Mas é claro!

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Eu faria melhor, e-eu apunhalaria!

DELEGADO

(exaltado, se levantando e batendo sua caneca na mesa) Faria melhor mesmo! Eu também, eu te quebraria no meio! É sua missão, meus jovens tigres! Está faltando homem no momento. Mas o que é que estou dizendo! Os homens só têm uma dose limitada de energia, a piedade é uma coisa natural, o desgosto é uma coisa fatal: é preciso virar deuses! Essências libertadas da matéria, forças implacáveis, funestas! Pois bem, então, queimemos nossas entranhas com o ferro vermelho da embriaguez. Extingamos em nós as últimas palpitações da sensibilidade, sejamos ferro e fogo, metralha e tocha, machado e círio! Cairemos esgotados, malditos, insultados, torturados talvez! Mas a verdade triunfará e mereceremos uma glória imortal...

CADIO

(sem vontade) Não eu!

DELEGADO

O que é que há?

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Traidor! *(dá um tiro de pistola na direção do galpão; Cadio desaparece)*

HENRI

(acorrendo) O que houve?

DELEGADO

Às armas! Defendam-me!

HENRI

Atiraram no senhor?

SEGUNDO SECRETÁRIO

(apontando o galpão) Alguém nos ameaçou. Corram, revistem o matagal. Matem tudo! Vão, todos, matem!

HENRI

(ao delegado) Se há inimigos aqui, meu lugar é ao lado dos senhores. *(para um suboficial)* Reúna doze homens e corra para lá. Prendam todos os que encontrarem.

DELEGADO

Sim, Prendam. Os outros, fiquem aqui. *(O suboficial passa a cavalo pelo galpão, quebrando-o e seus homens o seguem alargando a brecha. Henri faz seus outros homens cercarem o tribunal)*

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Prendam todo o mundo aqui.

MOTUS

Mas permita, cidadão secretário! Eu vi claramente o que aconteceu aqui e, sem contradizê-lo, declaro que ninguém atirou além do senhor.

SECRETÁRIO

Ah! o senhor quer discutir, vocês aí? Estão entrando em rebelião? Também estão traindo?

HENRI

Não, senhor! Não insulte bravos soldados que estão cumprindo seu dever e e farão sempre.

SEGUNDO SECRETÁRIO

(ao delegado) Parece que estão querendo briga, isso é uma manobra!

DELEGADO

Não podemos dar pretexto para uma revolta! *(para Henri)* Afaste-se, tenente; o senhor está nos vigiando de muito perto. Estamos sufocados aqui! *(Henri obedece)*

PRIMEIRO SECRETÁRIO

É preciso interrogar o municipal. *(O segundo secretário vai procurá-lo)*

DELEGADO

Para quê, se ninguém nos atacou?

PRIMEIRO SECRETÁRIO

(apontando o galpão) Veio de lá uma voz que protestava contra a glória e a santidade da República.

DELEGADO

(pensativo) A curta frase dele era audaciosa... verdadeira talvez! Quem sabe se, acreditando salvar a República, não nos excedemos?

SECRETÁRIO

O homem era um covarde, fugiu em seguida!

DELEGADO

(atormentado por movimentos contrários e convulsivos) Se era covarde, tem que ser fuzilado; exterminemos todos os covardes.

SEGUNDO SECRETÁRIO

(trazendo Rebec) Aproxime-se, galinha molhada! Tá tremendo?

DELEGADO

O que é que você quer que eu diga a um asno tão burro? O senhor me intriga.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Já que você está aí todo apático, eu interrogo o sujeito *(para Rebec)* Vai buscar seu registro de polícia municipal.

REBEC

Está aqui comigo.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

(procurando) A lista dos habitantes dessa fazenda!

REBEC

(mostrando a folha) Tá aqui a folha, eu estava terminando ela.

SECRETÁRIO

Corny, Jean-Baptiste, agricultor, chamado Mistério. O que significa isso? qual mistério?

CORNY

(adiantando-se) É o nome do lugar, cidadão.

SECRETÁRIO

Quem deu esse nome?

CORNY

(tranquilo e sorridente) Oh! Santo Cristo! Vocês que deu!

SECRETÁRIO

Como? Tá caçoando da minha cara?

CORNY

Não, cidadão. O lugar se chamava Santo-Mistério, por causa de uma capela que tinha lá. Alguém deu ordem de demolir a capela e proibiu de dar nomes de santos pras aldeias. A gente obedeceu, nós lá, e é por isso que o lugar se chama Mistério, assim curto e grosso.

SECRETÁRIO

(*ao Delegado*) Explicação capciosa, senhor! Esse nome designa para os bandidos um lugar de refúgio (*lê a lista feita por Rebec*) Corny, agricultor, sua esposa, seus filhos... suas esposas e crianças... Ah quem é essa Marie-Jeanne, de quarenta e sete anos?

REBEC

Filha adotiva.

SECRETÁRIO

E esse tio Jacques? O que significam esses nomes vagos e indeterminados?

REBEC

Meu recenseamento não tava terminado, cidadão. O tio Jacques é um velho que trabalha de diarista para ganhar a vida.

SECRETÁRIO

Ele está na comuna?

REBEC

Eu suponho...

SECRETÁRIO

Quer dizer que você não sabe nada? (*para Corny*) Onde nasceu esse tio Jacques?

CORNY

Santo Cristo! Como vou saber? Ele é mais velho que eu, quando eu nasci ele já tava por aí. Tava nos registro da paróquia, mas os bom republicano da cidade veio e queimou tudo. Só falta pedir os registro de nascimento pra nós!

DELEGADO

(*ao secretário*) E como os vendeanos queimaram os registros civis, as pesquisas se tornaram impossíveis nesta região. Aqui tudo escapa à legalidade!

SECRETÁRIO

(*baixo*) Não importa, tenho minhas suspeitas... (*consulta o registro e suas nota; alto, para Corny*) E essa Françoise, o que faz ela aqui?

CORNY

Com todo o respeito, ela cuida de nossos animal.

SECRETÁRIO

De onde ela saiu?

CORNY

Da região de Aunis. É uma moleca dos campo.

SECRETÁRIO

(consultando a lista) Dezoito anos! Mandem-na vir aqui.

DELEGADO

(que se mantém no comando e dá sinais de impaciência) Para que vai querer se divertir com ela? Vai interrogar todos esses piolhentos?

SECRETÁRIO

(baixo) A filha e a irmã do traidor Sauvières estão refugiadas por aqui, me disseram. As idades delas regulam com a declaração do municipal. O senhor deveria vê-las.

DELEGADO

Ora, vamos então. Mais pressa nisso.

SECRETÁRIO

(para Corny) E então, cadê a tal Françoise?

CORNY

Oh! Santo Cristo! Ela tá no campo, um pouco longe daqui. Tem que esperar... eu mandei...

SEGUNDO SECRETÁRIO

Traga a Marie-Jeanne enquanto isso.

CORNY

Essa aí tá pastoreando nossas cabra por aí.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

E o tio Jacques? Também está aí na merda desse lugar.

CORNY

Santo Cristo! É hora de ele fazer o trabalhinho dele, coitado.

SECRETÁRIO

(ao delegado, que se impacienta) Uma jovem e uma velha... eu juraria que já as tenho! *(para Corny, que dá uma de despreocupação completa)* Ela é solteira essa Marie-Jeanne?

CORNY

Desculpa, cidadão, ela é viúva.

SECRETÁRIO

(para Rebec, que estremece) É verdade que ela é viúva?

REBEC

(se recompondo e mostrando audácia) Viúva de um republicano morto no campo de honra, segundo se diz.

SECRETÁRIO

Mas Françoise não é casada?

CORNY

Desculpe, senhor, ela é sim.

SECRETÁRIO

(para Rebec) Responde, você... Eu imagino que você não ousaria mentir ao representante da nação: vamos, a verdade! Françoise é uma bandida, nós sabemos. Quer que eu diga o nome dela? Ficou pálido, traidor!

REBEC

Cidadão, eu ignoro...

CORNY

Ora, vamo, cidadão municipal, nem precisa se inquietar assim por nada! O senhor sabe muito bem que essa Françoise está prometida a Cadio e que ela vai se casar com ele no dia de ano novo.

SECRETÁRIO

Que novidade é essa agora?

CORNY

(brincalhão) Cadio é, com todo o respeito, o gaiteiro de nossa região; é um homem da classe dela, um caipira como ela, e um bom patriota, sim senhor! Foi ele que matou Mâcheballe, com um tiro de fuzil, bem lá dentro da orelha dele, na floresta do Carvalhão.

DELEGADO

(para o secretário) Então, é um dos nossos, não é?

SECRETÁRIO

Ou um emigrado disfarçado. Acredita nas histórias deles?

CORNY

Eu acredito, cidadão, que o senhor quer é zombar da gente. Não existe bandidos entre a gente. Muito menos imigrado. De modo algum. A gente é bons ci-

dadão, uns como os outro. Onde é que a gente ia achar, gente boa, comida pra alimentar estrangeiros com a miséria que a gente tem?

SECRETÁRIO

(que tomou notas, ao suboficial que volta pelo galpão) E então, não trouxe ninguém?

SUBOFICIAL

Não encontrei viva alma no raio de um quarto de légua.

SECRETÁRIO

(ao delegado) Estão todos nos traindo. Vamos embora!

DELEGADO

A viatura já está reparada?

CORNY

Oh! Ela vai rodar bem umas duzentas légua!

DELEGADO

Vamos! Vamos!

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Mostre um pouco de vigor ao partir; não permita que pensem que te enganaram!

DELEGADO

(para Rebec) Tudo o que vimos aqui foi ambiguidades e seus registros foram mal feitos. Meu secretário, aqui presente, vai retornar amanhã com uma boa escolta e substituirá seus auxiliares, que cumprem mal seu dever. Porque não se apresentaram para receber minhas ordens?

REBEC

Eles tão em viagem, cidadão comissário.

DELEGADO

(ao primeiro secretário) Amanhã você vai verificar todos os atos civis na prefeitura. *(para Rebec)* Tomei nota de suas respostas e das afirmações do camponês, seu camarada. Se os senhores mentiram, os senhores vão ser fuzilados em vinte e quatro horas e, se os suspeitos tiverem desaparecido, entre outros a Françoise e a Marie-Jeanne, serão levados para Nantes, para os barcos de Nantes, acorrentados pelo pescoço, nadar um pouco no rio, todos aqueles que tiverem dado asilo a eles. Está entendido?

CORNY

(para seus filhos e seus criados, que se aproximaram) A gente ouviu muito bem, e não tem medo de nada *(sorriem com um ar ingênuo)*

DELEGADO

(apoiado em um de seus secretários; mal pode caminhar) Vou lhe dar homens confiáveis. É preciso encontrar todos esses bandidos! Temos que acabar com eles! Basta dar um exemplo *(baixo)* e matar de terror esses camponeses danadinhos que riem na nossa cara!

SECRETÁRIO

Tudo a seu tempo. Eu lhe agradeço. Ainda te vejo.

DELEGADO

Sim, beber sangue, você disse, porque a gente cai quando tropeça!

SECRETÁRIO

(aos camponeses, que lhe fazem escolta, chapéu na mão; com um tom e uma fisionomia sinistros) Até amanhã para todos! *(sobem à viatura)*

HENRI

(para Rebec, que chega perto dele) Se elas estão aqui, nem me diga nada. Salve-as seja como for, e tudo o que possuo será seu! *(salta sobre seu cavalo e segue a viatura que se afasta)*

Cena 7

(Rebec, Corny, Cadio, La Tessonnière, Louise, Roxane, camponeses, seguindo com os olhos a viatura e retornando aos seus trabalhos quando ela desaparece)

REBEC

(falando consigo mesmo, diante de Corny) Ah! tá, tudo o que possuí. O que é que ele tem, esse pobre oficial? E antes, quando tinha seus milhão, de que ia me servir, se agora eles me fuzila? Não tenho filhos, eu, eu só tenho minha pele, tenho é que dar um salva nela.

CORNY

Nunca diga a essas dama que o primo delas teve aqui! Isso ia deixar elas muito tranquila, a velha gritaria aos quatro vento...

REBEC

Oh! Não tenha medo! Não é da minha conta; mas o bom Deus te abençoe! O senhor me coloca em belas encrenca com suas história!

CORNY

De modo algum! Eu falei rápido e bem... não tinha tempo de pensar.

REBEC

Mas que porra de ideia foi aquela de noivar a senhorita Louise com Cadio?

CORNY

Eu podia casar a senhorita com qualquer um! Aqui todo o mundo tem mulher e filhos. Eu bem pensei no senhor, mas não sei se o senhor é viúvo ou solteiro; então, Cadio, que eu tinha visto havia pouco, me passou pela cabeça...

LOUISE

(vindo pelo galpão com Cadio; Roxane os segue; para Rebec) O que ele está dizendo, Cadio? Você está em grande perigo por nossa causa?

CORNY

Veja só! Ele ainda estava aí?

CADIO

(apontando o galpão) Sim, alguém me empurrou pra trás do monte de lenha. Fiquei lá bem quietinho e ouvi tudo.

CORNY

(para Louise) Então, já sabe o que vai acontecer amanhã.

REBEC

(agitado) Ai que tou perdido, eu! Achem, vocês tudo, um jeito de me salvar, ou monto a cavalo, chego no delegado, denuncio vocês e consigo meu perdão.

ROXANE

Talvez seja o melhor mesmo! Vai, safado, isso vai nos dar mais tempo para fugir.

LA TESSONNIÈRE

Fugir ainda? Com essa minha gota? Eu prefiro arriscar tudo, eu fico.

CORNY

(para Rebec) Pois bem, e nós? Se o senhor nos denuncia, vão colocar fogo em nós e nos jogar no Loire?

LOUISE

Mas se nós ficarmos, o senhor estará igualmente perdido! Ah! meus pobres amigos, o que fazer?

CORNY

Santo Cristo! Tem um jeito de salvar todo o mundo, e é o único.

LOUISE

Mas diga logo aí, qual é?

CORNY

Vocês tudo se casar.

ROXANE

Nos casar? E com quem, meu Deus!

CORNY

Com quem os senhores quiser, já que é tudo visto como patriota. Os senhor sabem muito bem que em Nantes e em Paris grandes dama foi salva desse modo da prisão e da morte; tava no jornal dos senhor.

ROXANE

Que horror! Eu jamais me permitiria...

CORNY

Espera, então. Espera. Tem de encontrar dois homem que se preste ao fingimento para salvar vocês. Não deve de ser difícil arranjar! Terminado o casamento, vai cada um pro seu lado. As senhora teria partido com seus marido; desde que se possa ver os registro no cartório civil,³⁷ é tudo o que há a fazer e, então, bandidas ou não, eles deixa as senhora tranquila. Quanto à gente, ninguém vai fazer nenhum mal.

LOUISE

É alguma lei nova esse perdão para casamentos desse tipo?

REBEC

Mas claro! (*para Corny, baixo*) Não sei nada disso, nada, mas deve ser isso mesmo.

CORNY

(*alto*) É isso, foi publicado!

37 No original, **les actes à l'état civil**: Registro de nascimentos, casamentos e óbitos que se tornou monopólio do Estado pela lei de 20 de setembro de 1792.

ROXANE

(*para Louise*) De fato, eu li numa carta de Madame du Roseray. Um número bastante grande de mulheres de alto nível procedeu desse modo. É a salvação.

LOUISE

Titia!...

CORNY

Vejam, senhorita! Imagina, então, que esse casamento seja verdadeiro? Ah! Ora essa! Casamentos assim, diante do municipal, sem padre e sem igreja? Sabem que o costume é ir de noite pela floresta pra achar o padre certo que nos casa debaixo da bela estrela do bom Deus. Não fosse assim, a gente não estava casados... Pois bem, ninguém vai fazer isso e nada vai ser feito de fato.

ROXANE

Ele tem razão, mil vezes razão! Não vai durar seis semanas uma lei como essa. Já decidi, eu, eu me caso!

REBEC

Com quem?

ROXANE

Com quem?... com você, seuvelhaco!

REBEC

Comigo? Misericórdia, comigo não!

ROXANE

Eu te prometo uma das minhas fazendas quando o rei estiver de novo no trono.

REBEC

(*à parte*) Droga! Quem sabe? (*alto*) Mas quero conservar minhas opiniões! Sou republicano de alma e de coração!

ROXANE

Por Deus! Era o que faltava! Vire jacobino, hebertista, use o boné vermelho!³⁸

38 Os **jacobinos** eram pequenos-burgueses ainda muito ligados às suas origens rurais e pobres, pouco cultos, com pensamentos políticos e sociais radicais (queriam o extermínio dos nobres e sua aristocracia). Queriam implantar uma República. Sentavam-se à esquerda no salão de reuniões da Assembleia. Por seu turno, os **hebertistas**, também chamados “exagerados” e considerados demagogos, eram partidários de Jacques-René Hébert, líder da extrema esquerda jacobina, e de Jean-Nicholas Pache; eram defensores ardentes do ateísmo, pregando o uso da força para →

Você é muito frouxo, meu caro! Minha mão e minha fazenda, com a condição de que você seja um demagogo...

LOUISE

Titia! Não está falando sério!

CORNY

Acredite, senhorita, tem que ser sério... para os azul, entendido! Vamo ver, Rebec, o que é que prova o casamento dessa gente? Uma folha de papel do cartório, não é?

REBEC

E as testemunha?

CORNY

As testemunha?... A gente concorda em dizer sim hoje, e não outro dia! Vamo supor, os senhor fazem o casamento essa noite; amanhã, mostra o documento do cartório pro delegado ou pro criado dele; depois de amanhã rasga ele, nada é mais idiota que isso.

LOUISE

(para Rebec) É verdade o que ele está dizendo?

REBEC

Mas... sim, isso é possível! Pensaq bem, passado o perigo, eu vou embora daqui, eu! Que meu sucessor se vire!

ROXANE

E você vai se lascar, meu caro, se lascar! Sem isso, nada de fazenda!

REBEC

Oh! Fica tranquilinha; não tenho nenhuma vontade de ser seu marido! (*baixo*) Mas uma fazenda... de papel passado?

ROXANE

Quer um compromisso assinado?

descristianizar a França; implicaram-se em negócios escusos, jamais esclarecidos. O **bonnet rouge**, também referido como barrote frígio, ou barrete da liberdade, era uma espécie de touca vermelha adotada de modo decorativo pelos republicanos franceses que lutaram pela tomada da Bastilha em 1789 e que, desde meados de 1791, se tornou ornamento à moda dos combatentes *sans-culottes* e forte símbolo do espírito e regime republicanos. A partir de 1792 tornou-se símbolo oficial do Estado.

REBEC

Mas... tem que ser assim mesmo; verba volant.

ROXANE

Você o terá. (*para Louise*) Vamos, minha sobrinha, faça como eu. Escolha seu marido republicano.

CORNY

Nem tem de escolher. Eu escolhi ao acaso, mas botei a mão logo sobre o melhor.

LOUISE

Quem, fala!

CORNY

Cadio!

LOUISE

(*meio sussurrado*) Ele?

CADIO

Eu não atrevo repetir, senhorita; mas esse aí falou que a gente era noivo.

LOUISE

E você, Cadio, você se prestaria a uma velhacaria dessas... que, no fim das contas, não tem um pingão de consciência? Pense nisso...

CADIO

Consciência... Tá segura disso? Eu acredito naquilo que a senhora acreditar.

LOUISE

Pois bem!... na minha alma e na minha consciência, eu acredito, como boa cristã, que um casamento em que Deus não esteja presente como testemunha não é mais que uma folha de papel.

ROXANE

Nem isso! uma folha de repolho!

CADIO

Então, no coração das senhora, as mesma vão falar não?

LOUISE

E você também, com toda certeza.

CORNY

(cutucando Cadio, que está pensando) Vamo, vamo, Cadio, você é republicano, a gente sabe! Você matou Mâcheballe; vai ser ruim quando os branco voltar !... Mas, salvando a senhorita agora, você se salva mais tarde...

CADIO

Salvar ela... ela! Acho que já decidi. *(à parte)* Porque Henri me mandou salvar ela... *(para Louise)* Então, a senhorita quer?

LOUISE

Meu pobre Cadio, sei muito bem que eu não cometeria uma mentira para livrar minha vida da miséria; mas se trata de preservar velhos parentes e esses hospedeiros devotados que seriam massacrados conosco. Vamos, você ouviu falar daqueles degoladores sedentos de sangue; sem dúvida, você ainda duvida da ferocidade deles?

CADIO

Não! eles são tudo louco, doente das ideia, infeliz! A República vai morrer!

ROXANE

Pois bem, então, fique conosco, Cadio! Ajude-nos a enganar esses monstros, e nos apressemos. Rebec diz que temos de nos casar esta noite.

REBEC

Sim, sim, e bem depressa então! Vou correndo preparar as certidão, Corny se encarrega de encontrar as testemunha.

CORNY

Já vou indo, não vai ser difícil.

LA TESSONNIÈRE

(para Roxane) Pois bem, vou me permitir uma piadinha. Se a gota não me atrapalhar, vou dançar em seu casamento, minha querida amiga!

ROXANE

Não ria nem se esconda. Vou me vestir. *(ela sai)*

CADIO

(para Louise) A senhorita não tem medo?...

LOUISE

De quê?

CADIO

Então, tem estima por mim? Tem confiança em mim?

LOUISE

Você não é digno?

CADIO

Se Henri tivesse aqui, ele ia dizer sim por mim. Foi ele que me fez pensar que eu era um pouco mais que um cachorro... sem dúvida a senhora também pensa desse jeito, já que me pediu um favor de amigo.

LOUISE

Sim, eu considero você um amigo verdadeiro.

CADIO

(sempre melancólico) Então, tou contente. Vai se fazer bonita – pra que essa gente acredite que casou comigo de coração.

Quadro 2

(Uma hora depois. Caiu a noite.

*As brumas do Loire envelopam o horizonte e sobem pelos prados;
no zênite, o céu está semeado de estrelas brilhantes.
A fazenda está deserta e silenciosa, exceto a habitação,
onde brilha a viva claridade da lareira através das vidraças pálidas e
avermelhadas. As sombras vagas de algumas mulheres passam e repassam
alegremente entre a janela e a lareira. De repente os cães latem com furor.)*

Cena 1

*(A tia Corny, com uma de suas noras;
depois Saint-Gueltas, Raboisson, Tirefeuille)*

TIA CORNY

(na soleira, observando) Que tanta coisa aquela cainçalha tá vendo que tem lá pra ficar latindo desse jeito? E não tem homem nenhum em casa!

UMA NORA

(vindo também de fora) Não tou vendo nada, minha sogra. Devem de ouvir os noivo voltando. Vamo depressa, mãe. Ainda não tem nada pronto pro jantar.

TIA CORNY

E esse meu homem que teve a ideia de convidar a guarnição inteira! Já não bastava as testemunha.

A NORA

Fique tranquila, eu mesma tava lá. *(Ela entra. Os cães continuam latindo. Saint-Gueltas e Raboisson, disfarçados de camponeses e seguidos por Tirefeuille, se dirigem ao pátio pelo galpão)*

SAINT-GUeltas

(para Tirefeuille) Faz esses malditos cães pararem de latir!

TIREFEUILLE

Destripo eles?

RABOISSON

Não, estamos em casa de amigos. Joga uns pedaços de carne para eles. *(Tirefeuille acalma os cães)*

SAINT-GUeltas

É bem aqui que eles estavam?

RABOISSON

Perfeitamente. Se a gente não erramos o caminho, aqui é a fazenda do Mistério. Veja, a paliçada aqui; lá embaixo, a rocha dos druidas...

SAINT-GUeltas

Sim, é bem aqui que eles estavam quando Louise me escreveu. Contanto que ela ainda esteja aí! Eu admito que não seria bom ter levado a contento uma viagem tão perigosa para encontrar apenas a tia!

RABOISSON

Pobre velha louca! Entretanto, não poderíamos abandoná-la.

SAINT-GUeltas

Obrigado! Você fala disso à vontade! Vê-se muito bem que ela não está apaixonada por ti.

RABOISSON

Tirefeuille, que nos serviu de batedor, está seguro de ter reconhecido Louise escondida em roupas de uma pastora de cabras. Seria preciso, antes de nos mostrarmos, saber ao certo onde ela está. *(para Tirefeuille à meia voz)* Avance e vai escutar perto das janelas. Coincidentemente estão abrindo! Deslize contra a parede.

TIREFEUILLE

Vamo lá! Deve querer que a gente acredite que tão fazendo os crepe lá dentro. Que flambagem! E esse cheirinho bom de manteiga, ai Jesus!

RABOISSON

(para Saint-Gueltas) Meu caro marquês, uma última palavra antes de agir. Não vou deixar você fugir da questão.

SAINT-GUeltas

(brusco e agitado, olhando para toda parte) Vamos! Terminemos isso! teus escrúpulos são absurdos.

RABOISSON

Eles estão obstinados. Você só pensa em levar três pessoas, e, após todas as disposições que você tomou, é claro que você quer levá-la sozinha.

SAINT-GUeltas

É impossível para mim levar três pessoas, pois o velho imbecil La Tessonnière está igualmente incluído. Louise é minha noiva, está prometida a mim...

RABOISSON

Com a condição de que você salvaria o pai dela.

SAINT-GUeltas

Eu fiz por ele o sacrifício de minha vida. Carregaram-me moribundo e me parece que após três meses de sofrimento e de doença, paguei direito minha dívida... *(para Tirefeuille, que está voltando)* E então?

TIREFEUILLE

Ouvi e olhei, elas não tão aí.

SAINT-GUeltas

Diabos!

TIREFEUILLE

Tem um casamento na família, elas deve de aparecer. É só ficar de olho que elas vai entrar de uma hora pra outra.

SAINT-GUeltas

É justo, vamos esperar. Monte guarda. *(Tirefeuille se distancia; para Raboisson)* Para concluir, eu não o impeço de modo algum de pegar dois dos meus cavalos para trazer a tia e o velho. Por tua conta e risco, meu caro; mas seria melhor adverti-los de que voltaremos mais tarde especialmente por eles. Eu, eu levo Louise, eu resolvi isso, eu quero assim, eu a amo!

RABOISSON

E vai se casar com ela?

SAINT-GUeltas

Ah! Isso é o que você quer me fazer jurar?

RABOISSON

Sim. Eu era amigo e devedor de seu pai. Meu Deus, não sou mais escrupuloso do que ninguém, você bem sabe; mas Louise me interessa. Ela não é uma mulher comum. Ela vai se matar se você a enganar.

SAINT-GUeltas

Ou ela vai me matar, eu sei. É por isso que estou louco e porque, se não posso vencê-la de outro modo, eu me casarei com ela. Está satisfeito?

RABOISSON

Não muito. Há muitas condicionais na redação do seu contrato.

SAINT-GUeltas

Ah! meu Deus! Vejamos, você é um devoto ou um pai de família para reclamar da sorte? Não, é um solteiro velho como eu e sabe que só se deve dar amor às mulheres que só pedem amor... Deus deu a elas e também a nós a vontade de resistir, e garras, na falta de outras armas, para defesa. Que elas se defendam, se bem lhes parecer, santo Deus! Nós cumprimos nosso papel perseguindo-as. Elas sempre podem fugir; isso me lembra...

RABOISSON

Porque ela ignora a morte do pai. Ela pede a você que os reúna.

SAINT-GUeltas

Ah! bah! Ela me ama! Ela vai comigo por mim!

TIREFEUILLE

(aproximando-se) Tão chegando aí!

RABOISSON

(para Saint-Gueltas) Você vai me encontrar na reunião. *(ele sai do pátio e se dirige para o bosque de pinheiros próximo)*

SAINT-GUeltas

(para Tirefeuille) Faça trazerem para perto daqui o barco que aluguei.

TIREFEUILLE

Já vou; mas se esconde aí, meu senhor! Aí vem a agricultora.³⁹

SAINT-GUeltas

Tanto faz. Vou me fazer convidar para o casamento! Vai, vai, esconde essa cara horrorosa. (*Tirefeuille se vai pelo galpão*)

Cena 2

(*Saint-Gueltas, tia Corny, com uma de suas noras; depois, Corny, Cadio, Rebec, Tirefeuille, Louise, Roxane, um cabo da guarnição, militares e convidados*)

TIA CORNY

Por ali, Catherine; ainda tem duas cadeira e uma mesinha. Espera, vou ajudar você.

SAINT-GUeltas

Isso aí parece muito pesado, senhora Corny, eu levo isso. Lá para a casa, não é?

TIA CORNY

Eu lhe agradeço; mas quem é o senhor? Eu não lhe reconheço.

SAINT-GUeltas

Um amigo.

TIA CORNY

(*desconfiada*) Um amigo?

SAINT-GUeltas

(*entregando-lhe uma bolsa*) Aqui está a prova.

TIA CORNY

(*emocionada*) Ah! santíssima Virgem Santa, isso é pra mim? Mas não se for pra causar qualquer mal pra ninguém...

39 No original, *fermière*. Os fermiers eram locatários que ocupavam uma terra sob o sistema de fermage [exploração agrícola antigamente concedida por um senhor a um vassalo ou a um outro senhor em troca de taxas ou de serviços]; contratado responsável pela coleta de um imposto, a dîme, de uma taxa senhorial; coletor de imposto, frequentemente nomeado fermier general.

SAINT-GUELTAS

Não, não, sou um brigadista, um chefe. Estou me escondendo. Só lhe peço para me permitir descansar uma hora na sua casa, e vou embora.

TIA CORNY

Santo Cristo! Vai ter um mundo de gente aqui, e a gente convidou os homem da guarnição inteira. O senhor vai lá pra granja, lhe mando lá a janta. Escuta só, é o casamento que tá começando. Escuta a gaita! Duas noiva linda, lin-da!

SAINT-GUELTAS

Duas?

TIA CORNY

Uma jovem e uma já na curva, mas ainda dá pro gasto. (Roxane entra vestida de noiva com flor de laranjeira no buquê; dá seu braço a Rebec)

SAINT-GUELTAS

Ela?

TIA CORNY

Sim, essa é a Marie-Jeanne, nossa criada.

SAINT-GUELTAS

(*à parte*) Roxane! Estou sonhando. (*alto*) Mas, e a outra?

TIA CORNY

Entrando ali! Nossa pastora Françoise, com o menestrel Cadio.

*(ela se coloca na frente de Louise e de Cadio,
e entram com uma parte dos convidados)*

SAINT-GUELTAS

(*à parte*) Louise! Cadio! Estou ficando louco! Ah! La Tessonnière, vou fazer o sujeito falar miudinho! (*desliza entre os convidados. Todo o casamento entrou no pátio e rodeia os dois casais. Um dos garotos da aldeia pega a gaita de Cadio e grita: "Uma dança, uma dança antes de entrar no salão!" Os quatro homens da guarnição com seu cabo gritam: "Viva os noivo! Uma dança, uma dança, depressa, vai!"*)

ROXANE

Sim, sim, a ronda da Bretanha! Tão bonita que é! Quero dançar, abrir o baile! (*para Louise*) Alegria! É lindo um baile campestre. E eis-nos aqui salvos da guilhotina!...

CORNY

Um minuto, um minuto! Vou acender o fanal! (*acende uma grande tocha de chifre que dependura num poste*) Joseph! Vem cá, em cima do tonel, garoto, e toca seu melhor. (*baixo*) Queima esse pulmão, moleque! Não para não!

CADIO

(*ao garoto, que começa a soprar a gaita*) Não, Joseph! Me dá isso aí! Assim tu emperra a voz da minha gaita. Sou eu que vou fazer todo mundo dançar, como sempre faço!

CORNY

(*rindo*) Ah! Essa não! um recém-casado, não é o costume. (*para Louise*) Tem que respeitar os costume!

LOUISE

(*um pouco perturbada*) Como, Cadio, não vai dançar comigo?

CADIO

Mas eu toco e você dança. Nunca dancei na vida e não quero ver você rir de mim.

CABO

Então, sou eu que vou ter a vantagem de convidar a bela Françoise, não obstante a prévia permissão do marido.

CADIO

Sim, sim, vai!

CORNY

(*para Louise, que hesita*) Não tenha receio, são nossos amigo e convidado!

(*Louise dá a mão ao cabo, Roxane e Rebec fazem vis-à-vis e todos os outros formam a fila com eles e dançam sob o ritmo cadenciado e monótono da Bretanha. Todo casal tem o direito de romper a fila e se colocar onde quiser.*)

SAINT-GUELTAS

(*que conversou em voz baixa com La Tessonnière; à parte*) Casada, ela! Ah! Cheguei a tempo! (*para Tirefeuille, que chega pelo galpão*) E aí, o que há?

TIREFEUILLE

A barca tá esperando. O sem hor se apresse, o nevoeiro tá aumentando.

SAINT-GUELTAS

Bom... vai... não, escute! Está vendo esse tocador de gaita?

TIREFEUILLE

Eu conheço ele. Ele se gaba por aí de ter matado o Mâcheballe.

SAINT-GUeltas

Ah! Essa agora! Você vai ter que impedir que ele nos siga.

TIREFEUILLE

Tenho que me livrar dele?

SAINT-GUeltas

Se for necessário, se ele nos ameaçar, sim. Caso contrário, um tonto a menos...

TIREFEUILLE

Entendido! *(eles se separam)*

LA TESSONNIÈRE

(baixo, para Saint-Gueltas, vendo-o caminhar na direção de Louise) Não se esqueça que ela não sabe nada da morte do pai!... e desconfie desses azuis que estão por aqui. Você é bastante conhecido!

SAINT-GUeltas

Ora essa! Passo a vida caçoando deles. *(vai cortar a ronda e separa o cabo de Louise, cuja mão segura. Ninguém presta atenção, nem mesmo Louise, que o toma por um camponês convidado. A dança continua. De repente, Cadio se interrompe, passa a gaita para Joseph e desce do tonel)*

REBEC

(inquieto) E agora, o que esse maluco inventou de fazer?

CADIO

Nada, nada, dança, dança! *(à parte, isolado e observando Louise)* Saint-Gueltas! É ele, tenho certeza. Ah! De novo! Eu tava feliz, eu, de poder preservar ela. Ver como tava alegre e tranquila por um momento! Sim, tão graciosa na dança... e a ronda ia tão bem!... eu tava como num sonho! Tinha esquecido tudo! E então vejo o demônio!!

CORNY

(interrompendo a dança) Vamos, vamos, meus amigos! O festim espera todo mundo! Não é do mais caro, vocês bem sabe da miséria que a gente enfrenta! Mas tem biscoito, crepe e cidra; e depois mais cidra ainda, mais crepe e mais biscoito! *(baixo, para o cabo)* com quatro ou cinco garrafa de vinho de Saintonge pros amigos que estão debaixo das bandeira.

MILITARES E CONVIDADOS

Viva o pai Corny!

ROXANE

Sim, sim! Vamos comer os crepes! (*baixo, para Rebec*) Vamos, estrupício, me dá o braço!

REBEC

Com prazer, gentil donzela; mas limpa esse ruge da cara; todos vai ver debaixo da luz e vai falar mal... (*entram todos na casa*)

Cena 3

(*Louise, Saint-Gueltas, Cadio,
que se esconde atrás de uma charrete para os observar*)

LOUISE

(*retida por Saint-Gueltas*) O senhor disse... da parte de meu pai? Fale, fale! Estamos sozinhos.

SAINT-GUeltas

(*erguendo o chapéu*) Louise, sou eu! Seu pai a espera.

LOUISE

(*sufocada de alegria*) ah! obrigado, obrigado! Ele está vivo! Meu Deus, obrigado! (*banha-se em lágrimas*)

SAINT-GUeltas

(*fazendo-a sentar-se*) Ele está de joelhos. Mantive minha palavra, caí quase morto aos pés dele. Ele... não posso esconder da senhorita que ele foi ferido também.

LOUISE

Ah! eu tinha certeza, por isso não podia me escrever! E o senhor?...

SAINT-GUeltas

Acabei de me curar, mas terei forças para conduzir a senhorita e protegê-la. Apressemos-nos, Louise.

LOUISE

Sim, sim! Mas... ai de mim! Não, não antes de amanhã à noite! A salvação das pessoas corajosas que nos deram asilo exige que eu seja representada a um desses miseráveis que vêm nos reviver até aqui.

SAINT-GUeltas

Quer esperar até amanhã? O que pensa? Acredita que vou sofrer com isso?

LOUISE

Uma vez que é preciso impedir...

SAINT-GUeltas

Para impedir o senhor Cadio de ser perturbado, não é? Ah! Louise, que coisa maluca esse casamento!

LOUISE

Aconselharam-me...

SAINT-GUeltas

Foi enganada. Ele não vai preservar a senhorita da perseguição e da morte.

LOUISE

Pois bem, devo enfrentá-lo mais do que arruinar esses generosos camponeses...

SAINT-GUeltas

A senhorita acredita que vou deixá-la em poder de um Cadio qualquer, um idiota, um celerado?

LOUISE

Ele não é nada disso.

SAINT-GUeltas

(irritado e impetuoso) Então, é a senhorita que é insensata em acreditar que um homem qualquer não se prevaleceria dessa circunstância...

LOUISE

Cale-se! Esse pensamento calunia seu devotamento e me ultraja!

CADIO

(à parte, repetindo baixo) Ultraja...

SAINT-GUeltas

Ah! perdoe-me, Louise, minha adorada Louise!... Mas é possível que eu não esteja revoltado até o furor pensando que um outro, um miserável imbecil, venha lhe dar o nome e receber na dele a sua mão! É tudo um simulacro, eu sei, um matrimônio nulo, arranjado pelo temor exercido por nossos tiranos; mas não posso esperar para lavar essa sujeira de suas mãos com meus beijos, querida! Vem, vem! Não quero que esse animal te veja uma hora, um minuto mais!

LOUISE

Impossível antes de amanhã!

SAINT-GUELTAS

Pois bem, a senhorita me força a lhe dizer tudo... Louise! Seu pai não está curado... seu estado é grave... não se tem certeza de que sobreviva. O tempo é pequeno, ele exige seus cuidados!

LOUISE

(que se levantou) Chega, chega! Vamos; mas tenho que chamar...

SAINT-GUELTAS

Os outros, sim! Raboisson está aqui, ele se encarrega disso; venha, tenho uma barca esperando, nós os reencontraremos num lugar adequado.

LOUISE

Mas... os camponeses!... Meu Deus, o que vão fazer com eles? Vamos alertá-los!

SAINT-GUELTAS

Senhorita de Sauvières, os momentos são preciosos. Se não reencontrarmos seu pai ainda vivo, que arrependimento não sentiria?

LOUISE

Meu pobre pai! Ah! ele antes de tudo; leve-me, corramos!

SAINT-GUELTAS

Venha! *(dirigem-se para a saída do galpão)*

CADIO

(que lhes corta o caminho) Não, ele tá enganando a senhorita. Ele tá mentindo! Seu pai...

LOUISE

Está morto?

CADIO

Não, ele emigrou! Ele não tá onde esse senhor diz.

SAINT-GUELTAS

(colocando a mão na cintura) Como você poderia saber, imbecil? *(para Louise, baixo)* Veja bem, Cadio é ciumento! Vai inventar o que quiser. Coloque-o em seu lugar, ou serei forçado...

LOUISE

(segurando-o pelo braço) Não, não! Adeus, Cadio! Levo seu anel de compromisso, símbolo de sua dedicação e de sua submissão! *(apontando Saint-Gueltas)* Este é o esposo que escolhi. Você irá nos visitar quando estivermos casados. Tome, meu amigo, para pagar pela viagem. *(dá-lhe uma bolsa e desaparece com Saint-Gueltas, que, em passant, faz um sinal para Tirefeuille, escondido nas sombras do galpão)*

CADIO

(estupefato) Dinheiro! dinheiro pro Cadio pra pagar seu silêncio! Aquele que ela queria bem, que queria tratar feito amigo! *(atira a bolsa na direção do galpão. Tirefeuille rasteja e a pega)* Ah! é desse jeito o coração dessas mulher, é desse jeito sua amizade, seu reconhecimento! Agora tou compreendendo o que ouvi naquela manhã! Aqueles três louco, aqueles três fantasma que queria beber sangue era homem que foi humilhado e queria vingança!... mas o que posso fazer?... preciso salvar a prima de Henri, porque esse demônio tá levando ela! *(a névoa se dissipa, ele vê Saint-Gueltas e Louise na barca deixarem o ancoradouro)* Eles já atingiu a corrente do rio! Tenho de ser mais rápido que eles! Vou gritar pra Louise que seu pai tá morto. É preciso. *(corre na direção da barreira.)*

TIREFEUILLE

(que o espreita, enterra sua faca no flanco de Cadio, dizendo) É isso que tu merece! *(Cadio cai)*

CADIO

(espantado, erguendo-se) Ara, o que é que tá havendo aqui? E essa facada, agora? Vamo, levanta, Cadio! Ai! Não consigo! Acabou comigo esse lazarento! *(olhando sua mão que passou por seu flanco)* Sangue! É sangue essa merda aqui? Ah! assassino! O que foi que ele fez? Não importa, vou assim mesmo. Louise! *(dá um passo e torna a cair sobre a palha, desmaiado)*

Cena 4

(Corny e Rebec saem da casa e passam perto de Cadio sem vê-lo)

CORNY

É mesmo muito estranho que os dois jovem casado não se mostrem! Eles tinha que ser visto na festa o tempo todo!

REBEC

Eu, eu acho que sei por quê... A senhorita Louise tem muita vergonha desse casamento; ela não é como a tia, que se diverte com isso porque no fim das conta casar com um funcionário... não é lá muito de jogar fora...

CORNY

Sim, a senhorita se envergonhava do tocador de gaita. Ela pode ter ouvido falar aqui que esse músico é tudo feiticeiro ou chefe de matilhas de lobo. Santo Cristo, tem muita verdade nessas coisas e Cadio tem uma linguagem, um modo, uma cara que não é como a dos outros cristãos. Se ele não encantou ela com algum feitiço! Vai saber!

REBEC

Hei Corny, que patacoada é essa! Não é caso de acreditar nessas superstições aí! Eu, eu acho que a senhorita mademoiselle se escondeu e disse pro Cadio pra ir embora. Vamo, nada de fazer piadinhas; a gente não tem de se preocupar com isso.

CORNY

Eh diacho! Fazer piadinha sobre noites de núpcia é o que há, Deus do céu! Vou inventar uma também!

REBEC

Mas vamo manear. A velha podia se irritar! Acredite, coloca todo o seu povo pra beber e dançar, isso vai fazer esquecer os ausentes.

CORNY

Vou colocar pinga na cidra. Vem, me ajuda. *(entram)*

Cena 5

(Rebec, depois Henri e Cadio)

REBEC

É mesmo uma grande bobagem esse casamento! Ninguém sabe o que pode acontecer. Se por acaso eles vale, e se essa dama teria direito a seus bens... Mas quem é que vem vindo ali? Misericórdia! O senhor Henri! Será que veio pra salvar todo mundo? Não, isso não! e a visita de amanhã! Tem que tirar ele daqui, sem que ele veja sua turma! *(baixo, indo na direção dele)* Sou eu, não tenha medo de nada.

HENRI

É justamente você que estou procurando.

REBEC

E como foi que fez para deixar seu posto e chegar aqui sem ser reconhecido?

HENRI

Arrisquei minha cabeça, foi isso; deixei o delegado com boa guarda em Donges, onde vai passar a noite. Vim sozinho a toda brida. Escondi meu cavalo atrás do moinho. Estou aqui. Fala, logo. Louise está aqui?

REBEC

Mas... não! eu não lhe disse nada! Não fui eu!

HENRI

Mas você me faz sinais para entender; me apontou aquela floresta ali...

REBEC

Sim, o lado por onde eles foi embora...

HENRI

Então aquela Françoise, aquela Marie-Jeanne, que despertaram suspeitas, não são Louise e sua tia?

REBEC

Isso aí! É a mim que elas deve sua salvação. Eu protegi elas aqui todo o inverno; mas, essa noite, elas foi prudentemente se refugiar em outro lugar.

HENRI

Onde? Fala de uma vez!

REBEC

Depressa, depressa!... senhor Henri, o senhor vai cometer uma traição contra a República!

HENRI

Ah! você e seus escrúpulos agora!

REBEC

Sim, tenho meus escrúpulo, e por causa do senhor! O senhor não tem, não?

HENRI

Quanto a isso, não! Não é mais a guerra, é a necessidade de se defender; é a perseguição, a necessidade de se vingar. Infelizmente, não tenho tempo nem fortuna, nem liberdade de agir para assegurar a fuga daquelas duas mulheres, mas posso fazer que sejam proibidas de deixar a França e colocar à disposição delas o pouco que tenho. Você vai me dizer onde elas estão, e vou correndo para lá.

REBEC

É um grande erro o senhor chamar a atenção para elas. Elas têm mais dinheiro que o senhor. Saint-Gueltas ajudou elas com isso e é pra Inglaterra que elas pretende ir.

HENRI

É verdade o que está dizendo?

REBEC

Eu lhe juro! O senhor quer que, pra maior segurança, eu mande um recado para elas se mandar depressa?

HENRI

Vai lá você mesmo!

REBEC

Oh! Eu, um municipal, impossível! Mas mando o fazendeiro.

HENRI

Depressa então! Toma! Isso aqui é para pagar o deslocamento dele.

REBEC

Não precisa, guarda isso. Ele vai por dedicação mesmo às senhora, e vai mais depressa que o senhor, que não conhece esses caminho. Mas se mande daqui, os homem da guarnição tão por aí. Tremo só de pensar que eles pode ver a gente!

HENRI

Adeus, então! Você, responda...

REBEC

(com uma dignidade burlesca) Respondo por tudo. Volte ao seu posto, cidadão tenente! *(Henri se afasta)* E a gente ... voltamo pro meu casamento! *(entra)*

HENRI

(voltando sobre seus passos) Ele está me enganando... Não sei porque tenho essa impressão... Não é um homem mau, ele não os entregaria; mas ele tem medo da morte, e, nesses tempos de fúria, quem quer que queira a vida é capaz de tudo! O tempo passa, cada instante me deixa perdido e não sei o que fazer para que meu perigo sirva àquelas pobres mulheres! Oh! Veja! Um homem dormindo aqui... ou bêbado! É Cadio! Tudo está salvo! *(sacode-o e o chama em voz baixa)* Cadio! Cadio, meu amigo!

CADIO

Ah! Como dói, senhor!

HENRI

Você está doente?

CADIO

Sim, muito mal!

HENRI

Por que está aí, sozinho, deitado no chão? Fome, talvez? Não há mais piedade nesse mundo? *(ajuda-o a se levantar)* Pobre rapaz, recomponha-se, vamos, bebe um pouco. *(faz Cadio beber algumas gotas de aguardente de uma garrafinha que carrega para um caso de ferimento ou esgotamento)* Está melhor?

CADIO

(que Henri fez se sentar numa charrete) Sim. Mas o que é que você quer? Ah! É o senhor?

HENRI

Eu, aquele que te deve a vida. Estou procurando Louise e... está me ouvindo?

CADIO

Sim, Louise... embora...

HENRI

Tanto melhor, então, fora daqui pode estar segura. Obrigado, Cadio.

CADIO

Oh! Não, é uma merda! Ela foi embora com ele!

HENRI

Ele? Quem?

CADIO

Saint-Gueltas! Vai, corre! Eu não posso!

HENRI

(dolorosamente) E eu, eu não devo!

CADIO

Tá renunciando a ela?

HENRI

Já faz tempo que renunciei a ser feliz, Cadio! Não há mais espaço para isso na França! Eu não gostaria que meus parentes fossem levados ao matadouro de Nantes em meio a insultos. Saint-Gueltas é meu inimigo, meu inimigo político e pessoal; mas Louise só tem a ele para protegê-la, não vou mais atrás deles.

CADIO

(reanimado, erguendo-se) Oh! Então não ama mais a senhorita? O senhor não tem ciúme?

HENRI

Não tenho o direito de ser ciumento. Louise nunca me amou.

CADIO

E daí? Ela tá cega, tá enganada e quer ficar enganada porque tá louca porque é covarde!

HENRI

(espantado) O que é que você tem contra ela, Cadio?

CADIO

Eu? Nada! Só detesto os monarquistas, é isso... e quero... quero me alistar, agora! Já tenho idade! Sempre me escondi... não quero mais ter medo! Me leva daqui.

HENRI

Com certeza, com satisfação. Há muito tempo que eu queria isso e me atormentava com o aquilo em que você se tornara. Bebe mais um pouco, e vamos, tenho pressa!

CADIO

Sim, soldado! Vou ser soldado! Vou matar Saint-Gueltas! Ai meu santo deusinho, não consigo mais caminhar! Vamo, me deixa morrer aqui. Tou ferido, veja!

HENRI

Ferido? Quem feriu você?

CADIO

Não sei, foi um assassino! Talvez ele, porque eu queria correr atrás dela.

HENRI

Não há de ser nada; me dê o braço, meu cavalo está bem, ele vai levar nós dois.

CADIO

Onde ele tá?

HENRI

Ali, no moinho; perto daqui.

CADIO

Vamos! (*torna a cair*) Não dá. Adeus!

HENRI

Não! eu levo você.

CADIO

O senhor, me carregar?

HENRI

Uma boa ação!

CADIO

Ah! eu lhe amo mesmo! Só tem o senhor no mundo... Vou caminhar.

HENRI

É isso, vai caminhar! Vai aprender a caminhar nem que seja meio morto. Eu já lhe disse no Carvalho Grande: serve seu país e logo se tornará um homem.

CADIO

É verdade, eu me lembro! Pois bem, vamo lá. Vou ser um homem!

HENRI

Espera! Tem alguma coisa embaixo dos meus pés... Não caia!

CADIO

(*tocando com o pé*) Eu sei o que é! É minha gaita!

HENRI

Ah! Aguenta ficar aí? (*tenta pegar a gaita*)

CADIO

Não, deixa queta aí. Não quero mais. Um sabre, é um sabre que eu quero. (*saem; na casa continuam a dançar e a cantar*)

Quadro 3

(Uma ilhota coberta por espesso nevoeiro. Saint-Gueltas e Louise descem de uma barca conduzida por um camponês barqueiro.)

Cena 1

(Saint-Gueltas, Louise, barqueiro)

SAINT-GUeltas

(para o barqueiro) Vá mais longe e prenda sua barca, esconda-a com galhos e nos espere. *(o barqueiro obedece)*

LOUISE

(na praia) Meu Deus! Por que parar já, senhor?

SAINT-GUeltas

Não queria assustar a senhorita, mas fomos seguidos.

LOUISE

O senhor tem certeza? Eu não vi nada! Talvez sejam nossos companheiros!...

SAINT-GUeltas

Impossível! Raboisson deve conduzir a cavalo sua tia e o senhor La Tessonnière um pouco mais longe. Venha, venha! Não vamos ficar aqui na margem. A noite está clara. Por ali aquelas moitas nos esconderão, se insistirem em nos seguir: mas espero que nos tenham perdido de vista. *(chegaram ao meio da ilhota)* Veja, uma cabana de juncos onde já me ocultei em outras buscas. A senhorita pode se estender sobre a areia seca e descansar, bem enrolada em seu mantô. Entra, faz frio aqui fora.

LOUISE

Não, não estou sentindo frio. Sou aguerrida. Já passei mais de uma noite de inverno no mato para despistar as caçadas. Vou ficar aqui, sentada. Ninguém vai me ver.

SAINT-GUeltas

Louise, a senhora desconfia de mim com uma tal obstinação...

LOUISE

Não! Na situação em que estou, inquieta e desolada, poderia pensar que o senhor não respeitaria minha infelicidade e meu isolamento?... Mas o senhor vai ver daqui o barco que nos segue?

SAINT-GUeltas

Ele não poderá se aproximar sem que o ouça; tenho o ouvido treinado e, além disso, a noite está tão calma e tão bela! Este lugar é encantador e o murmúrio desse grande rio semeado de estrelas é tão suave! Ah! sem a inquietação que a oprime, a senhora sentiria sua alma se expandir aqui, não é?

LOUISE

Eu não sinto nada, não vejo nada. Só penso naquele que me espera. Fale-me dele, só dele. Ele está bem ou mal?

SAINT-GUeltas

Eu exagerei. Perdoe-me, querida criança. Eu devia tirá-la deste refúgio perigoso, desses protetores imbecis...

LOUISE

Ah! cruel, o senhor está jogando com minha dor! É verdade agora isso que o senhor diz? Meu pai...

SAINT-GUeltas

Ele vai viver, lhe asseguro; mas me diga, Louise, esse casamento absurdo contraído nesta noite...

LOUISE

Ele o atormenta mais do que a razão. Ele não existe. Mesmo assim, a lei ímpia que reivindica torná-lo sério sem consagração religiosa seria rasgada no primeiro dia de razão e de fé que vai raiar na França, ele não teria qualquer valor.

SAINT-GUeltas

Como se pôde fazer esse casamento?

LOUISE

Minha tia e eu nos casamos sob nomes emprestados.

SAINT-GUeltas

Tem certeza disso?

LOUISE

Absoluta, eu ouvi com clareza tudo o que foi explicado.

SAINT-GUeltas

Leu o que foi escrito?

LOUISE

Não; mas o documento será destruído. Quem o redigiu tem todo o interesse em não deixar vestígios. Além disso, o senhor me prometeu mandar prender o secretário do delegado, que deve ir amanhã à prefeitura para verificar o registro e renovar a perseguição. Jure-me que ele será impedido dessa ação e que meus pobres amigos da fazenda não serão vítimas de minha fuga precipitada.

SAINT -GUELTAS

Eu lhe juro! Pedirei que lhe tragam, se quiser, as orelhas do senhor secretário.

LOUISE

Não pode me prometer preservar meus bons camponeses sem me colocar diante dos olhos essas horríveis represálias...

SAINT-GUELTAS

É preciso que se habitue a essas imagens, Louise. A senhorita não viu nada na guerra da Vendeia, essa que iniciamos será ainda mais terrível. Exacerbamos o sentimento popular, colocamos em vigor o terrível decreto da Convenção. Queimamos casas, degolamos as mulheres e os filhos dos insurgentes ausentes; devastamos seus campos, destruimos seus animais. Vai ser preciso pagar caro essas atrocidades!

LOUISE

E essa é uma razão para cometer atrocidades semelhantes?

SAINT-GUELTAS

Sim, é uma razão para o camponês, e nenhum poder humano vai conter essa vontade de ora em diante. Le Breton, nosso novo aliado, é vingativo, e o ditador de Nantes parece ter assumido ao preço de exasperar suas paixões. Se lhe falo de orelhas, é porque os patriotas de Nantes prendem as nossas em seus chapéus como se fossem troféus: não se surpreenda se vir as deles enfiadas num cordão na cintura de nossos ferozes chuãs!

LOUISE

Ah! que eu não veja esses horrores, que eu não veja mais o sangue correr, que eu não ouça mais os gemidos de agonia! Vou ficar louca com isso tudo! Agora que vivi na solidão dos campos e das florestas, não desejo mais me manter escondida num canto com meu pobre pai, forçada a mendigar para lhe dar de comer!

SAINT-GUELTAS

A senhorita viverá feliz e em segurança em minha casa; separado desses chefes ineptos que perderam a Vendeia, eu me sinto forte para manter meu Marais

até o restabelecimento da monarquia. Os próprios príncipes podem vir e procurar um refúgio e dali dirigir uma guerra que vai abrasar a França de uma ponta à outra. Então, Louise, uma grande existência está reservada para você se por temor ou desencorajamento não separar seu futuro do meu.

LOUISE

Eu sou insensível à ambição. Se meu pai consentir em permanecer com o senhor, apenas o reconhecimento vai me fazer aceitar sua proposta.

SAINT-GUeltas

Mas a senhorita não permanecerá indiferente às grandes coisas que eu talvez esteja destinado a lhe proporcionar?

LOUISE

Eu acredito que o senhor ainda fará prodígios de audácia, de perseverança e de habilidade, mas não acredito mais no sucesso. Ai de mim! O senhor vai parecer vítima do seu zelo!... Se é assim que vai ser, por que arriscar numa luta sangrenta a última esperança que nos resta?

SAINT-GUeltas

Que esperança é essa, se desistirmos do jogo?

LOUISE

A de ver a Revolução se devorar a si mesma e dar lugar à necessidade que a França experimenta de voltar à civilização.

SAINT-GUeltas

A solidão criou na senhorita estranhas utopias, minha cara Louise. A civilização que a França hoje chama e deseja é a negação do passado, que queremos reestabelecer. Ela quer a igualdade, que, a nosso ver, é a barbárie. A senhorita acredita que o burguês, devorado pela ambição, renuncie a um estado de coisas que lhe abre todas as carreiras, e que ele consinta em reestabelecer nossos privilégios, que o excluía do jogo? Não, jamais o plebeu dará esse passo de boa vontade. É preciso então nos aniquilarmos diante deles e nos fazermos plebeus, ou esmagá-los e reduzi-los ao silêncio. Quanto a mim, estou convicto e, se eu devo sucumbir, prefiro a morte a uma vida de rebaixamento e de vergonha.

LOUISE

Orgulho puro! Meu pai não pensa como o senhor.

SAINT-GUeltas

Antes da Revolução, seu pai, adormecido, eu diria corrompido pela vida frívola e racional de Paris, havia aceitado as ideias novas e feito aliança com os filó-

sofos. Sua piedade e seu sentimento cavalheirescos o ligaram a nós, puros e sólidos filhos da velha França, a nós que, isolados em nossas bastilhas de província, jamais perdemos o sentido da hereditariedade e a consciência de nossos direitos. Nós somos a raça forte, minha cara Louise, a raça que deve curvar as raças bastardas ou morrer de armas na mão. Gritaram contra nossos privilégios; eu compreendo, eles foram feitos para despertar o ciúme dos miseráveis, e os direitos que invocam para que os encantemos só estão, como os nossos, baseados na força e na vontade. Pois que tentem então ser os mais fortes, e a nós cabe resistir! Se sucumbirmos, aparentemente teremos merecido perder, nos terá faltado energia; mas nós não sucumbiremos, em frente! Todos os meios se tornaram tão bons para combater a Revolução, até mesmo o apelo ao estrangeiro, que tomamos o cuidado de aceitar nos exilar e nos atirar em seus braços. Quanto a mim, sinto-me liberado de todo escrúpulo, única condição para me tornar invencível! Minha obstinação a escandaliza? A senhorita preferiria me ver aceitar pela metade a Revolução, como tantos outros que nos abandonaram durante a campanha além-Loire, para experimentar uma opinião mista e uma situação vergonhosa, a pretexto de um patriotismo mais esclarecido? Se eu não abandonei então o exército, como era meu propósito, foi para não o desmoralizar passando por traidor. Tudo sacrifiquei e aconselhei o seu pai a tudo sacrificar à influência, ao prestígio que devíamos conservar. Agora tudo está perdido, exceto a honra, quer dizer, nada está perdido, pois a honra é tudo. Nós agitaremos as províncias do oeste numa extensão mais vasta; mas não esqueça que, para ter sucesso, temos de recusar toda concessão ao espírito revolucionário e ao sentimentalismo filosófico, aceitas a rudeza, a superstição, a ferocidade do camponês que dá seu sangue por nossa causa e mantê-lo nesse estado de cólera feroz em que bebe sua coragem, enfim, também aceitar, solicitar conforme a necessidade o socorro da Inglaterra, e ver sem preconceito a artilharia de seus navios atacar em nossas costas esses novos franceses que pretendem organizar uma sociedade sem rei, sem sacerdotes e sem nobres, quer dizer, sem freios de qualquer tipo, e sem respeito a qualquer superioridade.

LOUISE

Sua energia é bastante grande!... Tenho vergonha de ter perdido muito da minha. Talvez eu a reencontre. Parece-me que já a reencontro ao ouvir o senhor.

SAINT-GUeltas

Vamos, então! É preciso! A senhorita suplicou meu apoio, querida Louise; tem de desejá-lo a sério, tem de desejá-lo pleno.

LOUISE

Ah! meu coração foi quebrado de tantas maneiras e rasgado por tanto remorso!

SAINT-GUELTAS

Remorsos? Por quem? Como?

LOUISE

Me diga... O senhor sabe?... Não ousou lhe perguntar... Entretanto, é preciso que me diga... É verdade que Marie Hoche morreu no cadafalso para pagar a amizade que sentia por mim ao ir comigo para a guerra?

SAINT-GUELTAS

Não sei nada sobre isso. Eu acreditaria mais que ela foi afogada em Nantes.

LOUISE

Ah! grandes deuses! Que morte horrível! Pobre Marie! E fui eu que a enviei para o inimigo!

SAINT-GUELTAS

Uma razão a mais para desejar a vingança! Olha aí, Louise, a senhorita está chorando! O tempo das lágrimas passou; a fonte delas deve ser eliminada. Trata-se de querer, agora!

LOUISE

O senhor é cruel desprezando minhas lágrimas. Deixe que elas corram uma última vez, talvez eu tenha coragem depois.

SAINT-GUELTAS

(cercando-a com um abraço) Pois bem. Sim, chore, querida criatura desolada! Chore e me perdoe minha grosseria; mas pense que está sob minha proteção. Sim, sei muito bem que você sofreu! Como suportou tanta fadiga, terror e aflição? Aí está você como uma pobre flor rolando no cascalho da margem de um rio; mas é o rio, Louise! E meu peito onde você se refugia é o porto onde a tempestade não mais a atingirá. Vamos! O que ainda teme? Não recuse meu abraço! Parece que sinto de novo meu coração bater no meu peito ao sentir que você está aqui! Minha irmã, minha heroína, minha filha, minha soberana, minha senhora, minha mulher! Sim! Sim, você é para mim tudo isso, e quero que ocupe o lugar de tudo. Acredite, finalmente, e me diga que você também o quer, ou a força de alma que me fez sobreviver aos nossos desastres não vai me abandonar nunca mais!

LOUISE

(liberando-se dos braços dele) Escute-me! O senhor me disse várias vezes que não estamos mais no tempo em que o amor roubado podia por longo tempo encher o coração de uma jovem sem se revelar com clareza para ela. O senhor tinha razão, eu percebia isso, eu que não soube esconder a ascendência que

o senhor exercia sobre mim: fui sincera com o senhor. Eu lhe disse também o pavor que me inspirava. Nunca escondi do senhor que, reencontrando Henri em Sauvières, fiz um esforço desesperado para o ligar à minha vida. Eu não o amava, nunca o amei, e, entretanto, se ele retornasse para nós, eu teria conseguido esquecer o senhor... a ser pelo menos para ele uma esposa fiel e devotada. Imagine que, naquela época, dizia-se à minha volta que o senhor não era livre, que sua mulher ainda vivia...

SAINT-GUELTAS

A senhorita acreditou nessa fábula inventada por um padre cuja vaidade eu havia ferido e cuja influência eu havia combatido?

LOUISE

Não acredito mais nisso, porque no incidente do Carvalho Grande, no momento em que pensávamos estar caminhando para a morte, o senhor me fez prometer ser sua mulher se um milagre nos fizesse sobreviver àquele desastre. Pois bem, depois daquele terrível dia e durante o lúgubre inverno por que acabo de passar, separada de minha gente de meu pai e do senhor, eu havia renunciado a toda esperança de felicidade. Eu acreditava que estivesse perdida para sempre, banida, miserável, esquecida, e, pensando no senhor, eu me dizia que jamais me havia amado, que minha desconfiança havia há bastante tempo recusado seu amor e que, naquela promessa de casamento que o senhor me havia feito, havia o delírio mais de um supremo entusiasmo do que do afeto profundo de uma alma devotada. Eu me enganei, diz o senhor. Há momentos em que acredito sentir o senhor pleno de bondade, de doçura e de ternura sob sua terrível casca grossa e esse contraste me emociona e me encanta. Em minha solidão, eu refiz para mim alguns momentos em que o senhor me parecia afetuoso, indulgente, paternal, como agora há pouco; mas eu me lembrava também que após ter esgotado comigo as seduções de sua linguagem fácil e abundante em promessas, o senhor sentia despeito e uma espécie de ódio... Isso é amor? Ele me atrai e me espanta. Irritado – eu o temo; enternecido – eu o temo ainda mais... Quantas vezes, cochilando sobre a grama durante aqueles longos dias em que eu pastoreava as cabras do fazendeiro, eu vi o senhor em sonho me censurando, ameaçando me matar ou me atraindo para a armadilha de suas seduções! Mais de uma vez, confusa, eu corri à noite pela planície deserta, acreditando ouvir seus passos por cima dos meus e sentir em meus cabelos sua mão sangrenta. Prefiro morrer – e eu me mataria! O senhor sabe muito bem que, se tenho o espírito tímido, não tenho o coração covarde.

SAINT-GUELTAS

E é por essa castidade temerosa, por esse orgulho trêmulo que eu te adoro, não está vendo? Você se confessou, quero me confessar também. O despeito me afastou de você mais frequentemente ainda que as agitações e as obriga-

ções da guerra. Tentei, eu também, me esquecer dela, me distrair dela. Impossível! Sua imagem adorada me perseguia, e, mais tarde, enquanto você via meu fantasma sobre o gramado, eu via o seu vagar ao redor de meu leito de dor, eu o via tanto desdenhoso e desconfiado, quanto perdido e embriagado... mas o termo de tantas provas se aproxima; pois, tal como sou e indigno de você, tenho a glória e a delícia de ser amado por você. Louise, deixe-me lhe falar como se você já me pertencesse! Deixe-me te assegurar sobre esse futuro que te assusta! Tenho razão de acreditar nele! Todo homem de vontade tem sua estrela: uns a colocam no céu, outros apenas em sua alma; eu, eu a vejo em você, e só peço a você a manutenção de minha energia. Não se trata de um sonho, e, se você duvida, é porque sua afeição ainda não é a paixão que sinto e que quero inspirar em você. Sim, eu quero que me ame loucamente, quer dizer, assim como sou e sem me comparar a ninguém, sem me julgar segundo suas próprias ideias, sem se lembrar que existem seres piores ou melhores. E que pouco lhe importa se eu seja bom ou cruel, puro ou sujo, desde que tenha em mim uma força capaz de absorver sua vida e devolvê-la a você decuplicada pelo sopro de meu peito ardente? Você não vê que sou um tipo à parte, um homem que, nem no bem nem no mal, os outros homens conseguem igualar? Você não viu, em sua cólera, tudo se quebrar à minha passagem como um raio, e, em minha doçura, secar a gota de orvalho que afogava o inseto? Se tenho todos os vícios, como reprovam em mim, talvez eu tenha todas as virtudes, quem sabe? Não já provei que, se eu às vezes satisfazia minhas paixões como um egoísta, eu sabia vencê-las como um estoico quando uma razão superior falasse ao meu orgulho? Qual é, no fim de tudo, o resultado dessa vida delirante que me impulsiona? Não dura até aqui o sacrifício? Já não dei tudo, minha fortuna, meu repouso, minha carne, minha alma para a causa que quero fazer triunfar? Eu sou um louco, tal como dizem, um temerário, um pródigo; eu engolfaria tua fortuna tal como engolfei a minha no abismo sem fundo dos devotamentos romanescos. Pois bem, sim, certamente você me desprezaria se eu hesitasse em fazê-lo. Adulterar, conservar, prever no meio da vida de aventuras que nos é concedida, isso é possível, é digno de nós? Essas são virtudes do tempo passado como o amor tímido e matrimonial de nossas avós! Não nascemos para essas coisas, nós. O destino nos atirou na terra no meio de uma tormenta, pouco se preocupando com fracos destinados a serem esmagados, e temperando os fortes para combates formidáveis. Você bem vê que sou uma dessas forças fatais que devem tudo atravessar e tudo vencer. Minha feiúra característica é como o segredo de minha sorte. Por onde passo, nos quartos finos de mulheres como nos muquifos de estrada, o javali que sou reduz a nada os Apolos da antiga mitologia galante. É que através dessa máscara bestial brilha uma chama que vem do céu ou do inferno; é que essa mão é mais nodosa que o galho mais duro do carvalho; é que esses braços peludos e esses ombros redondos um dia te carregariam sem se cansar; é que todo esse ser que te pertence foi predestinado aos trabalhos de Hércules de uma época

de monstros e de prodígios! e você fala de clemência, de piedade, de moderação por uma bola vermelha atirada para o mundo para purificá-lo destruindo-o?... Isso é uma infantilidade, minha pobre Louise! É não compreender o horror da situação e a missão daqueles que devem dominá-la. É desconhecer também a sua e colocar você no nível das mulheres frouxas e limitadas que querem por senhor um escravo e por companheiro um idiota. Não, não! erga os olhos para o alto! Você já venceu a timidez de seu sexo atravessando, perdida mas sublime cenas de carnificina e desolação. Coloque no amor o entusiasmo e a fé que atiraram você nas batalhas. Enfrente essa guerra, é a mais terrível, a mais inebriante de todas! Aprenda a se medir com o leão e não com o pardalzinho! Seja minha verdadeira companheira, minha luz e minha sombra, meu árbitro às vezes, meu freio quando necessário... minha cúmplice sempre, pois vai ser preciso que aceite as situações inextricáveis e as resoluções desesperadas que matam os pusilânimes, mas nas quais os corajosos se retemperam e obrigam o próprio Deus a se retratar. Está tremendo... O que você tem? Ainda está chorando?

LOUISE

Sim... Não importa! Onde você for, eu irei, e o que você quiser, eu também quero!

SAINT-GUeltas

Vem, então, para o meu coração, e, ali, nesta solidão encantada, sob o olhar protetor das estrelas, diga...

LOUISE

(estremecendo) Escute! O barco! Está parando! Fomos descobertos!... estamos perdidos!

SAINT-GUeltas

(empurrando-a para a cabana de juncos) Fique aí, não se mexa e não tenha medo! *(corre para a margem do rio, uma pistola na mão)*

Cena 2

(La Korigane, Saint-Gueltas, Roxane)

LA KORIGANE

(fazendo Roxane desembarcar e continuando no barquinho que ela conduz) Rápto, rápido! Eles tão ali. Pula na areia; eu vou esconder esse barquinho. *(ela desce o rio um pouco mais longe)*

SAINT-GUeltas

(que se faz ver entre os juncos; à parte) A tia! Desgraçada! Ah! que o demônio te reduza a fumaça, velha fantasma! *(alto)* Mas, como? É a senhora, Senhorita de Sauvières?

ROXANE

Pois então, sim, sou eu, caro marquês. Não estava me esperando, pois não?

SAINT-GUeltas

Não, por certo que não, pelo menos aqui. Raboisson devia levá-la...

ROXANE

Ele está ocupado com La Tessonnière. Eu ia partir com eles, quando a brava pequena Korigane chegou para me dizer a pedido do senhor que eu subisse ao barquinho com ela e vir encontrar minha sobrinha, que não deveria ficar convenientemente sozinha com o senhor.

SAINT-GUeltas

La Korigane! E, diabos, onde ela se enfiou agora?

ROXANE

Mas não foi o senhor que a enviou a mim?

SAINT-GUeltas

Não! Não importa! Vai se encontrar com Louise. Ela está ali, vamos partir em seguida. *(ele lhe aponta a cabana)*

ROXANE

Ah! marquês! Não lhe devemos tudo!

SAINT-GUeltas

Vai, vai! *(ele dá alguns passos na margem e se vê perto de La Korigane, que está prendendo o barquinho)* Que diabo de três rabos te traz aqui com a velha louca?

LA KORIGANE

Senhor, eu segui o senhor por tuda parte sem me mostrar. Eu sabia muito bem que o senhor ia era procurar a mocinha. Daí eu trouxe a tia só pra contrariar o senhor. Isso é evidente e não sei porque tá aí espantado.

SAINT-GUeltas

Ah! Sim. Quem a trouxe até aqui? Foi Cadio?

LA KORIGANE

Cadio? Tirefeuille matou o pobre Cadio; acabou de me dizer. E foi o senhor que mandou fazer aquilo lá. Eu, eu roubei um barquinho, remei, remei e tou aqui... meio morta, tipo assim! Me mata aí, se quiser. Não vou nem ter força pra me salvar. *(atira-se sobre a areia)*

SAINT-GUELTAS

(pensativo, observando-a) Tão pequena, tão frágil, tão feiinha! Uma espécie de macaco!... e tão forte, tão resoluto, tão apaixonada! Matá-la... sim, esmagaria com uma pisada essa cabeça chata como a de uma víbora! *(empurra-a com o pé)* Levante-se, vamos! Não atice meu furor! Vai dormir aí, banhada de suor e meio deitada na água fria?

LA KORIGANE

(levantando-se) Ah! bah! Faz tempo que morri?! Não? Então o senhor me salvou? É minha alma que o senhor vê aqui, uma alma amaldiçoada que não pode deixar o senhor aqui, porque o senhor é seu próprio inferno.

SAINT-GUELTAS

Que lixo de poesia! Guarde-a para você, bretã endiabrada! Vamos lá, três palavrinhas antes de cairmos na estrada! Não temos tempo para perder aqui. Você está mesmo decidida a azedar meus amores?

LA KORIGANE

Sim.

SAINT-GUELTAS

É imbecil de sua parte o que quer fazer. Podem me contrariar uma vez; mas duas vezes é demais, sabe?

LA KORIGANE

Sim, você elimina o quem te perturba.

SAINT-GUELTAS

O espinho que gruda nas minhas pernas, eu o arranco.

LA KORIGANE

Só o senhor mesmo pra acreditar que pode me fazer algum medo!

SAINT-GUELTAS

Vamos ver! *(pega-a com uma única mão e a mantém acima da água)*

LA KORIGANE

(com voz suave e como que de repente cuidada) Bom, meu doce senhor! Morrer pela sua mão: era isso mesmo o que eu queria!

SAINT-GUELTAS

(à parte) O canto do cisne agora! *(colocando-a no chão)* Está pensando que não vou matar aquela que me salvou a vida? Sua coragem é só uma ideia. Não vale grande coisa, vai, e você nunca gostou de mim!

LA KORIGANE

O que ainda te falta pra acreditar em mim?

SAINT-GUELTAS

Você tem que amar aquela que amo, tem que servi-la tal como a sirvo, tem que se dedicar a ela como para mim e tem que, com medo de angustiá-la, não permitir que ela jamais desconfie da amizade que tenho por você. No dia em que vir uma lágrima nos olhos dela por culpa sua, você não será mais nada para mim.

LA KORIGANE

Ah! e o que vou ser então pra você se eu te obedecer fielmente?

SAINT-GUELTAS

Você será o que você é: o ser que eu mais admiro sobre a terra.

LA KORIGANE

Pois não é que tu me admira, eu tão medonha assim desse jeito?

SAINT-GUELTAS

Pois bem, e eu por acaso sou tão bonito assim para reprovar sua feiúra?... A beleza está aí, você vê, na cabeça, e ali, no coração. É a vontade que nos move, e o fogo que nos queima. Eu não te amo de amor, você bem sabe. Alguma vez te enganei? Jamais. Sozinha no mundo, você é obrigada a suportar a verdade, e eu a disse a você; mas eu sei o que você vale, e não sou homem que não presta atenção nisso. Conheço minha coragem, e sei que você é grande, minha ratinha preta, maior que as deusas que me enfeitiçam... e que comerciam seu amor comigo! Não fiz nada nem disse para conseguir o teu; ele não me custou nem esforço, nem imaginação, nem mentira, nem sutilezas de linguagem, nem arroubos de eloquência! Você o entregou para mim como se fosse o pagamento de uma dívida. Só você me compreendeu! Veja se quer conservar sua superioridade, seu prestígio, e ficar perto de mim como um cão que maltrato em público e como um espírito familiar diante do qual minha alma surpresa e perturbada se curva em segredo.

LA KORIGANE

Ah! você diz palavras mágica pra me enfeitiçar!

SAINT-GUeltas

Você compreendeu?

LA KORIGANE

Sim, e vou obedecer. Você quer que a Louise seja sua mulher?

SAINT-GUeltas

Você bem sabe que isso não pode acontecer; mas quero que ela me pertença, e isso vai acontecer, e você vai ter que passar por isso.

LA KORIGANE

Tudo bem, eu aguento.

SAINT-GUeltas

Vamos! É o amor, isso! sem reserva, sem escrúpulo, sem egoísmo! (*dando um tapinha na testa*) Ah!... se eu pudesse fazer entrar na cabeça de meus ídolos esse fogo que você tem aí!

LA KORIGANE

Você sabe que te amo mais que elas, é tudo que eu quero.

SAINT-GUeltas

Pé na estrada, então. Chame sua jovem senhora, e a velha, da qual não consigo me desembaraçar. Depressa! Antes que o sol nos surpreenda aqui!

Parte 6

Quadro 1

*Em Nantes. Um quartinho numa mansarda.
Um alçapão se abre no teto de madeira da mansarda.
Uma mesa está coberta de livros, mapas geográficos, jornais e brochuras.
Um catre e duas cadeiras de palha são todo o mobiliário.
A janela, estreita e longa, abrindo sobre os canais do Erdre e do Loire, ocupa
o recuo de uma velha mansão alta a um canto da prisão de Bouffay.
A massa escura do antigo edifício só deixa aparecer um raio de lua que
incide sobre a guilhotina, armada permanentemente na praça das execuções
e perceptível numa sequência de muralhas nuas e sombrias.
Cadio lê na penumbra, como se fosse um gato.
Henri entra, vestindo parte de um uniforme militar.*

Cena 1

(Henri, Cadio)

CADIO

Ah! finalmente, meu amigo, você tá aí! Não esperava mais te ver hoje. Mas sabia que tu ia voltar são e salvo.

HENRI

Oito dias, rapaz, dando caça àqueles chuãs. E eu preocupado com você, demorava para dormir sem notícias suas. Como é que você está?

CADIO

Muito bem; eu podia bem que participar das manobra e começar a me exercitar com os recruta novo.

HENRI

Não, você ainda está muito fraco... Pensa, rapaz, você esteve muito doente.

CADIO

Meu ferimento já fechou, não tô sofrendo mais.

HENRI

Não me incomodo mais com o ferimento, mas com essa febre perniciososa. Ela te deixou bem fraco, sabia? Fiquei muito preocupado com você.

CADIO

Mas já passou. Eu ia ficar bastante irritado de morrer sem ter aprendido nada.

HENRI

E você achou aí um jeito de aprender bastante em sua convalescença; aposto que foi isso mesmo que retardou sua cura! Fiz mal em lhe trazer todos esses livros.

CADIO

Eu ainda não aprendi muita coisa aí com eles.

HENRI

Não?

CADIO

Nada mais do que as palavras que se pode usar pra dizer o que se pensa.

HENRI

Já é alguma coisa.

CADIO

Oh! Eu já tinha lido muitos livro! Lá no convento tinha um monte. Livro é bom, é; mas a verdade, essa a gente não lê, escuta de Deus quando reza.

HENRI

Místico, você, agora? Vá lá; mas, como é preciso te restabelecer completamente no físico e no moral antes de você se expor às fadigas do serviço militar, que não são nada leves nestes tempos, eu vou te mandar passar uns dias no campo.

CADIO

Sozinho! Por que isso?

HENRI

O cirurgião do regimento, que cuidou tão bem de você e que sabe como aprecio ver você curado, disse que você precisa mudar de ares. O ar aqui de Nantes está empestado e você está aqui na ala da infecção das prisões e dos massacres. Ah! meu pobre Cadio, jamais lamentei minha sorte, mas, estando eu tão desprovido de meios quando você estava tão doente, fiquei muito triste! E por essa razão me vi forçado a deixar você... Finalmente, eis-nos juntos para alguns dias tranquilos, eu espero. Eu vou ver você na Prévôtère.

CADIO

O que é essa tal Prévôtère?

HENRI

Uma casinha próxima a uma pequena fazenda pertencente a um dos meus camaradas. Ele a colocou à minha disposição, quer dizer, à sua. Fica a duas ou três léguas daqui, no meio de uma floresta. Lá você vai encontrar livros e vai poder retomar sua música sem perturbar as deliberações do tribunal revolucionário, que fica bem ao lado daqui e que não tolera suas canções quando está deliberando.

CADIO

A música... eu não entendia por quê! Não lamento nada daquela que eu fazia.

HENRI

Então você estudou teoricamente para saber o que não sabia antes?

CADIO

Não! eu ouvi uma mulher cantar.

HENRI

Ah! sim, tinha que ser! Uma prisioneira? Você não sonhou isso no delírio de sua febre?

CADIO

Ainda ontem ela cantou outra vez: é a voz de um anjo!

HENRI

“Ah! tristeza agoniada! / Se estou lá não me diz nada!” Entendi, então foi por causa dela que quis ficar aqui neste alojamento tétrico?!

CADIO

(à janela, apontando para a guilhotina) Não! é por causa daquilo lá; olha!

HENRI

Diabo! Aquela coisa sem graça; que ideia mais esquisita! Para que aquilo? Vamos ver! *(aperta-lhe o pulso)*

CADIO

Acha que tou louco?

HENRI

Não, claro que não! Mas bastante exaltado! Bem sei que é seu estado natural, mas não seria nada bom se tivesse alguma febre.

CADIO

E tenho?

HENRI

Não.

CADIO

Então, posso falar com o senhor sem lhe causar nenhuma inquietação. Não sou de falar muito e talvez não me saio bem agora. Mas tenho que tentar, devo tentar! Você sabe o que aconteceu na fazenda do Mistério quando tu me encontrou lá assassinado por ordem daquele senhor de Saint-Gueltas?

HENRI

Caramba, o que você me contou era tão estranho... Não era uma divagação, não?

CADIO

Era verdade.

HENRI

Você havia contraído uma espécie de casamento com minha prima para salvá-la em caso de prisão?

CADIO

Sim, foi o que aconteceu. Mas o casamento não valia nada, a gente tinha usado nome falso.

HENRI

Então, não servia para nada.

CADIO

Eu não sabia disso; eu agi como ela queria. Eu tava contente de fazer um favor pro senhor e inspirar confiança pra ela; e depois, quando vi que Saint-Gueltas tinha enganado ela, quis prevenir sua prima: aí me alguém respondeu com um insulto e um golpe de punhal.

HENRI

Você não pode acreditar que Louise...

CADIO

A punhalada veio da parte dela, o insulto veio dela!

HENRI

Você estava indignado, furioso...

CADIO

Foi a primeira vez na minha vida que fiquei encolerizado daquele jeito; mas cólera não é furor, é loucura. A cólera é uma coisa boa, uma claridade que se faz no espírito. Diz que Deus tirou o homem de um punhado de barro. Os monges me tinham ensinado isso; eu me sentia aviltado em minha carne e em minha alma por essa crença triste e baixa. Barrio. Mas era o que eu pensava. Vivendo no ar livre e dormindo sem abrigo eu me perguntava sempre: “Que diferença tem entre o espinho e o seixo?” Eu não gostava de mim, não me respeitava. Se eu não causava algum mal pra quem quer que seja é porque eu não sabia fazer mal pra ninguém. Comecei a me considerar alguma coisa no dia em que você me deu sua amizade... mas naquele dia em que eu senti ódio, finalmente eu entendi minha vida inteira, e compreendi que o homem não era uma figura de terra e de argila, mas um espírito de fogo e de chamas. Jurei, naquele dia, me vingar sendo mais do que aqueles que desdenhou de mim como um inimigo frágil ou um amigo indigno. Você me disse: “Seja homem, seja soldado.” Oh! Eu quis isso, eu quero isso! Mas eu tava morrendo; você não sabia o que fazer comigo; você me trouxe pra cá onde seu serviço te chamava. Ao entrar nessa cidade terrível que Carrier tinha deixado na véspera, eu tremi. Oh! Eu me lembro bem! Eu via e ouvia tudo apesar do mal que me roía. Você fez eles me colocar numa charrete com outros doente. A gente caminhava no centro de seu regimento. Era noite, uma noite pálida e fria. Você me tinha coberto com seu mantô. Trazia seu cavalo pra perto de mim pra ver se eu tava morto, pois eu não tinha mais força pra responder. A gente fez a travessia daquele longo burgo queimado pelos vendeano e transformado numa verdadeira vala comum onde eles era fuzilado às centenas. Ainda não tinham recolhido os mortos naquele dia; sem dúvida tava faltando braço. A peste e a fome tinham se instalado aqui, e aquele que matava mal estava mais vivo que os mortos. Os cães famintos devoravam os cadáveres, e as rodas da charrete esmagavam eles. Meu cabelo se arrepiava na minha cabeça, e eu disse pra mim: “Taí o inferno da vingança! É aqui a festa do sangue e do furor.” Então ouvi um riso execrável que partia de mim e você disse ao cirurgião que acompanhava a gente: “Pobre Cadio! A morte!” Quando fui despertado no hospital militar, você ainda tava perto de mim, aflito, dizendo: “A epidemia já chegou aqui, vai ser preciso levar você pra outro lugar.” Foi então que um dos enfermeiros me reconheceu e me disse: “Cadio é da minha terra. Eu vi ele pequenininho, lhe quero bem. Meu irmão tá alojado na cidade por conta da nação porque tá empregado a serviço dela. Vou transportar Cadio pra casa dele, não vai faltar nada pra ele lá.”

HENRI

E cumpriram o que me prometeram, não é? Você tem algo a reclamar de seu anfitrião?

CADIO

Não! É um homem infeliz, mas é um homem honesto, e não tem de falar em pagar nada, não. Ele ia se sentir ofendido com isso. Quero falar desse homem. Ele me ensinou muito e me fez refletir muito.

HENRI

É um mestre carpinteiro, não é?

CADIO

É um antigo religioso do convento de Auray, que veio aqui tomar posse do legado do pai e, quando foram construída as barcaça pra ser naufragada com os prisioneiro reunido em cima delas, era ele que comandava aqueles trabalho e execução.

HENRI

Ah! Eu não conhecia esses detalhes. Entretanto a lembrança de sua figura é bastante doce.

CADIO

Sim. Mas não era uma figura sorridente, aquele homem era cruel e intolerante. Vivia sonhando com o retorno da inquisição. Carrier⁴⁰ se tornou seu deus. Agora não fala de bom grado das coisas que fez. Desde a partida de Carrier, aquelas coisas é repreendida, e tem ameaças pra aqueles que tomou parte nelas.

HENRI

E o que é que um tal funcionário do Terror pôde ensinar a você?

CADIO

Ele me ensinou que se deve desconfiar de si mesmo, já que os homem mais rude são fraco como crianças. Esse homem não dorme mais e definha. Tá mais doente que eu, morre de pavor e de desgosto.

HENRI

É bem isso que se tem de fazer. Compreendo que existem bestas ferozes como Carrier e seus cúmplices; não compreendo como o povo esteja sempre pronto

40 **Jean-Baptiste Carrier**, 1756-1794, revolucionário francês famoso por sua crueldade. Em outubro de 1793, foi enviado a Nantes, para subjugar a revolta que lá havia ocorrido. Foi o principal responsável pelas famosas *noyades* (os “afogamentos” de Nantes, 1793-1794): julgando que a guilhotina fosse muito lenta para as execuções, encheu com prisioneiros algumas barcaças com comportas de fundo que, quando abertas, deixavam os prisioneiros afundarem no rio Loire. Em fevereiro de 1794 foi chamado de volta a Paris pelo Comitê de Salvação Pública, tomou parte no golpe contra Robespierre em 9 Thermidor (27 de julho de 1794), mas foi, ele próprio, chamado perante o Tribunal Revolucionário e finalmente guilhotinado em 16 de dezembro de 1794.

para obedecer a ele. É da ordem natural que um bando de lobos se precipite sobre um rebanho de carneiros; mas que os carneiros, tomados de furor, se metam a se devorar uns aos outros, eis o que me indigna e me enoja. Se o povo de Nantes, que é honesto e laborioso, tivesse insultado os carrascos e salvo as vítimas em nome da República, a República não se teria enganado; mas, em Nantes como em Paris, como em todos os lugares, o povo trêmulo se apagou, e, porque um punhado de amotinadores sempre esteve a postos para aplaudir o assassinato e pedir cabeças, os líderes da Convenção puseram seus crimes na conta de todo o povo, dizendo que lhes tirava as cabeças para aplacar sua raiva. Pois bem, eu, que vi as coisas de perto, eu declaro que eles mentiram e que, se tivessem exibido e praticado humanidade, teriam encontrado o povo humano e generoso. Ousaram punir nossos soldados porque muitas vezes eles se recusaram a fuzilar os prisioneiros?

CADIO

Então, pro senhor, não foi o povo que fez a Revolução? Se isso for verdade, glória aos homem que fizeram ela sem ele e pra ele!

HENRI

Sim, você tem razão; mas não se pode fazer essas coisas grandes sem sujá-las com o furor e a vingança?

CADIO

Não se pode mesmo!

HENRI

Está convencido do que diz, Cadio?

CADIO

Sim, eu tou.

HENRI

Você ora a Deus, como diz, e foi isso que ele te revelou na oração?

CADIO

Deus não explica nada pro homem. Ele bate no homem, quebra o homem, amassa o homem e renova o homem. Ele é questionado ardentemente e não responde; mas, numa manhã, depois de muito sofrimento e agitação, o homem acorda mudado e revigorado: foi ele que quis desse jeito! Chamam isso de força das coisa, vá lá; mas a força das coisa é Deus que age em nós e sobre nós.

HENRI

Toma cuidado, meu caro rapaz, eis aí você fanático e fatalista. Eu te queria republicano e corajoso: você ultrapassa o final antes de ter dado o primeiro pas-

so! A companhia do mestre carpinteiro e a visão insalubre do cadafalso e desta prisão te fazem mal. Vou levar você daqui amanhã.

CADIO

Eu vou para onde você quiser, mas me deixa te responder. Você me queria republicano, eu fui indiferente. Você me queria corajoso, eu fui covarde.

HENRI

Certamente que não.

CADIO

Veja bem! Eu bem sabia aceitar a morte, mas detestava ela, e fui sensível; eu temia o mal dos outros, não conseguia ver o mal. Quando os insurgentes crucificavam seus prisioneiros no portal das igrejas, quando esfolavam vivos os prisioneiros... eu me mandava dali cobrindo os olhos, e eu nunca mais quis ver... Parecia que eu sentia na minha própria carne os tormentos que causava às vítimas. Como, então, eu ia me tornar um homem destemido se eu continuava bonzinho e suave como uma mulher? Eu ia ter que endurecer meu coração, e vi como a guilhotina corta as vértebras do pescoço e faz jorrar o sangue com a vida. A velocidade diminuiu aqui depois do apelo de Carrier. Não se matou mais sem julgamento, não se afogou mais; a vingança recuou diante de sua obra, aqueles que tinham semeado ela sentiu medo! Eu vi o mestre carpinteiro enterrar seu machado manchado de sangue em seu porão e fugir de sua sombra, acreditando ver fantasmas na muralha. Então, o homem tem medo de tudo, até mesmo de sua energia, e, para se tornar um dos primeiros, tem que vencer tudo, o pavor, a piedade, o remorso!

HENRI

Você quer se tornar um dos primeiros? Desconfie desses sonhos de ambição que fizeram tantos culpados e insanos entre os de tua idade!

CADIO

Você não entende. Eu não penso na glória e na fortuna, só penso em me sentir tão forte quanto me senti tão fraco; então, vou ficar feliz.

HENRI

E para se tornar forte, você busca ser desumano?

CADIO

Eu vou conseguir, já sofri bastante pra isso! Oh! A piedade, que erro! Que aniquilação! Que falha mortal! Passei por tudo isso! Vi tudo o que Carrier fez.

HENRI

Você fez tudo isso em sonho, já que não estava aqui...

CADIO

Em sonho? Não, eu vi na realidade quando o carpinteiro me contou nessa janela, e depois... Olhe! Eu ainda vejo ele, mas já não sinto nem tremor de febre. Olha, olha!... veja, nessa água preta que rasteja e apita debaixo dos nossos pés, você vê essa mancha branca que parece espuma? É uma cabeça cortada carregada por esse enxurro. Ela passa, ela ri, ela jura! Espera! Ela tá querendo morder, ela achou de novo o cadáver de uma criança, ela se cola nele, engole ele, e o pobre corpinho, despertado pelas mordidas, se contorce com um chorinho doído. Tá ouvindo aí?

HENRI

Não, graças a Deus, eu não ligo para visões desse tipo, e você está errado...

CADIO

Oh! eu, eu tenho sentidos que penetra do presente no passado e no futuro. Quando eu era fraco e medroso, vi e ouvi tudo aquilo antes de acontecer, e tudo aquilo acontecia no inferno, que me metia muito medo. Agora que o inferno se estendeu pela terra inteira, eu vejo ele melhor, é isso aí... Oh! Como eu vejo ele! Olha comigo, você também vai ver. Ali embaixo, naquelas pedras lisas e enlameadas, tem um grupinho de meninas pálidas e peladas; a mais velha nem tem quinze anos. Homens agarram elas, elas nem sabem porquê. Uma fala: “Meu Deus, toma cuidado, vai fazer a gente cair na lama.” Elas não acreditam que isso seja possível, que elas agarrem elas. Mas vou em frente; elas se juntam, forma uma parede, se imaginam que se apertando umas com as outras, tudo junto, vão se fazer compreender. “Nós somos crianças, não fizemos mal a ninguém. A lei nos protege, tenham piedade! – Pois bem, é isso mesmo! Respondem os carneiros; a gente tá cheio de piedade, olha só; vamos acabar logo com isso. Morram, parem com esses gritos, desapareçam essas suas caras amarelas!” – Mas o que acontece ali? Eles param de agarrar as meninas, até estendem a mão para aquelas meio afogadas, talvez seja um perdão? Não, é o cúmulo da feiúra, aquele que vem ali, é a última palavra da vingança! – Uma malta de velhas meio loba meio lesma; se arrasta no lixo com seus olhos em brasa, vem vindo exigir a vida dessas crianças. Coisa atroz! A vida delas é concedida em risos entre palavras obscenas que só aquelas mulheres compreendem. E elas vão ali pagando uma taxa, pois são licenciadas para entregar a infância para prostituição, e as pobres senhoritas nobres que vão ali, condenadas a morrer ou a se casar com a escória do povo, que não compreendem nada, ficam alegres; elas agradecem, beijam suas benfeitoras medonhas... Mas tem uma delas, a maior, mais bonita, que compreende o que se passa ou adivinha. Ela resiste, ela diz: “Prefiro morrer.” Querem levar ela à força – ela luta, ela grita, ela é morta;... é assim, eles fazem um favor para ela!... As outras... espera, uma nuvem tá passando suave! ela logo se dissipa! Dois meses se passaram, as meninas vão de volta, velhas e murchas. A febre das prisões tornou elas tão perigosas para a saúde pública que acabou por preservar elas

do ultraje; mas elas não sara depressa, é preciso se livrar delas. Outras rolou no lodo como se estivesse em seu elemento; muitas... aquelas que valia mais, ficou louca; tudo isso se passa naquela barcaça pesada, elas dão risada e sangra, elas canta e rugem, música infernal! Será que desaa vez elas sabe pra onde elas vai? Tem aquelas que se enfeita como se fosse pra uma festa, mas agora suas roupa são mais preciosa que suas pessoa; eles tira as roupa delas, todas fica mudas de horror. Os golpe do machado ressoa surdo nos costado da barcaça... Os operário salta pros escaler; eles corta sem piedade as mão dos que se agarra nos carrasco. - A água fervilha ao redor de um imenso grito de angústia abafado de repente. Cabeleiras castanha e loira flutua por um instante e desaparece – mais nada! O Loire tá tranquilo e contente. Ele comeu hoje, vai comer amanhã de novo! Vamo em frente... Entrar nas masmorra. Os muro se divide e se abre na nossa frente. Vem, me segue, tem que ver tudo. Tá recuando? A atmosfera fedida apaga as chama, é o fedor da peste. É esse fedor que se destila pelas muralha, que atravessa as rua e que quase me matou naquele catre que eu tava ontem; também não tenho mais medo, já passei por essa prova!...Vamo entrar... tem ali vinte, trinta, cem cadáver espalhado nas treva; dois ou três fantasma se arrasta na nossa direção estendendo suas mão descarnada; eles tropeça e cai sobre os corpo de seus irmão e de seus filho. “Levanta e sai daqui, miseráveis, vai morrer em outro lugar! – Ah! sim, sair, obrigado! É tudo o que a gente quer. Ver o céu por um instante, respirar um sopro de ar puro, morrer depois; tamo contente!” Vamo! Esses aí vão ser fuzilado. – tem que variar o tipo de morte, e depois a guilhotina tá meio cansada; já mordeu muito a virgem vermelha! Seus dentes tão lascado. – (*rindo*) Ah! Eu conduzi você muito bem pra ver esse espetáculo, não foi? Mas você viu coisas demais e também tou cansado. – Sim, por hoje já chega, basta. – Eu quero, como bem antigamente, escutar o canto dos pássaro e me deitar no gramado! (*atira-se sobre o escaler*)

HENRI

Deixei seu delírio falar. Pobre infeliz! Você pretende ter eliminado a piedade e ela mata você! Veja só! Eu errei em querer metamorfosear você! Você é um artista e não um soldado. Você tem bastante imaginação.

CADIO

(*levantando-se*) Não importa, quero viver e agir, eu devia de sofrer o que nenhum homem sofreu! Os artista é considerado ser inútil e quimérico. O dever que você me atribuiu é atroz, quero cumprir. Quero ser um francês, um assassino como os outro! Tem que saber matar pra saber morrer; não é esse o lema dos soldado? A dificuldade em que me vê é só a última crise de uma longa agonia. Tou reanimado, tudo o que a República vai exigir de mim, eu posso e quero fazer. Eu bebi a taça do terror! Eu matei o medo, guilhotinei, fuzilei, matei e violei a Piedade!

HENRI

Pois bem, isso é horrível e não te considero mais digno de servir a pátria se você tiver que continuar assim... Eu me arrependo... Mas não, meu pobre Cadio! Você está doente, você está fraco, isso vai passar, eu vou acalmar você. Eu errei, não devia ter deixado você aqui; por que não me falou antes? O que você tem agora? Está chorando?

CADIO

Então não tá ouvindo? Essa voz do céu!...

HENRI

A prisioneira? (*correndo para a janela*) Sim, estou ouvindo!... Mas, meu Deus, eu conheço essa canção triste, eu a ouvi há muito tempo em Sauvières. E essa voz doce... eu também a conheço! Cadio, Cadio! É Marie Hoche que está ali!

CADIO

Você tem certeza? Eu, eu não sei. Parecia... Eu não tinha coragem de acreditar...

HENRI

Eu sabia que ela havia partido de Angers, acreditava que ela estava livre. Eles a pegaram de novo, ou a transferiram para cá. Cinco anos já talvez! Que martírio! Pobre querida moça! Onde ela está? Como é que conseguimos ouvi-la daqui? Não há uma simples janela ali, nenhuma mera abertura desse lado da prisão.

CADIO

Ela tá ali, tão perto, no alto daquela torrinha.

HENRI

Naquela plataforma escondida de nós pelas seteiras? Sim, sua voz vem de lá. Ela pode nos ouvir, quero falar com ela.

CADIO

Não faz isso. O carpinteiro deve de tá lá embaixo.

HENRI

Não, ele havia saído quando entrei.

CADIO

Espera, escuta! Tão subindo a escada, é ele... Vamo sair dessa janela, fingir que não ouvimo nada: ele tem medo de tudo, vai mandar colocar a prisioneira na masmorra se pensar que a gente quer libertar ela.

HENRI

Libertá-la, ai! Isso seria tentar o impossível.

Cena 2

(Os mesmos, o carpinteiro)

CARPINTEIRO

Se escondam! Me escondam! Tá tudo perdido, sou um homem morto!

HENRI

O que há, o que está acontecendo?

CARPINTEIRO

Robespierre, Couthon,⁴¹ Saint-Just⁴²...

41 Em 1793 apenas 1/3 da França continuava fiel à Convenção. A cidade de Lyon, apesar de sua formação operária, entregou sua defesa a um general do Rei. Desde agosto, dia e noite, a cidade sofre bombardeios. A 9 de outubro de 1793 os republicanos tomam de assalto a cidade rebelde, cuja capitulação é aclamada em Paris; no dia 12, o Presidente da Convenção anuncia somente o decreto contra Lyon, segundo o qual “Todos os habitantes de serão desarmados. Suas armas serão imediatamente distribuídas aos defensores da República. Uma parte delas será entregue aos patriotas de Lião, que foram oprimidos pelos ricos e pelos contra-revolucionários.”; “A cidade será destruída; tudo que tiver servido de habitação aos ricos será posto abaixo, menos a casa do pobre, e as habitações dos patriotas massacrados ou proscritos, os edifícios especialmente usados pela indústria e os monumentos consagrados à humanidade e à instrução pública”; “O nome de Lyon será riscado do número das cidades da República”. George **Couthon** (1755-1794, político francês, amigo de Robespierre) foi encarregado da execução desse decreto. A vingança teve início efetivo em dezembro. Como a demolição das casas é lenta, ordena-se explodi-las. No dia 4 ocorrem as primeiras execuções: 69 jovens são amarrados aos pares e colocados ao lado de dois fossos apressadamente abertos, com canhões dispostos a cerca de passos das vítimas, dispostas em grupos ao lado dos buracos. Os canhões disparam contra os moços, que não morrem todos com a descarga: uns são mutilados, outros exibem as vísceras; a uma nova ordem os soldados avançam sobre o grupo e desfere os golpes de misericórdia, e se lhes permite fiquem com os despojos (roupas, sapatos, acessórios): foi a primeira metralha idealizada por Fouché, que passará à história como o *Metralhador de Lyon*. Ao todo foram cerca de 1600 execuções. Também foram derrubados os mais belos prédios, iniciados ainda sob Luís XIV. Palácios os mais belos são postos ao chão; buscas são efetuadas, a fim de descobrir fugitivos. As lojas são saqueadas e bens de valor apreendidos. Couthon foi guilhotinado em 28 de julho de 1794, junto com Robespierre, fiel até à morte aos seus ideais e à sua amizade.

42 A Convenção provisória vota em 10 de outubro de 1793 um decreto segundo o qual “o governo da França será revolucionário até conquistar a paz”. Por iniciativa de Louis-Antoine **Saint-Just** (1767-1794; aspirante a literato, pensador e político revolucionário francês), 27 anos (cognominado “Arcanjo do Terror” e “Arcanjo da Revolução”), a lei reforça o Terror, inaugurado pelos massacres de setembro de 1792. O Terror, que teve início com a criação do Tribunal Revolucionário e dos comitês de vigilância em março de 1793, se acirrou com a lei de 22 Prairial ano II (10 de junho de 1794) que suprimia a defesa e o interrogatório prévio dos acusados, deixando ao tribunal apenas a decisão entre a inocência e a morte. Foi guilhotinado em 28 de julho de 1794.

HENRI

E daí?

CARPINTEIRO

No cadafalso! Mortos! Carrier...

HENRI

Morto também?

CARPINTEIRO

Não! o celerado ajudou a causar a morte deles, acusou eles também. Tava tudo terminado, tava tudo perdido. A República tinha sido decapitada. A notícia tinha acabado de chegar. Os monarquistas estão inebriados, se beijam nas ruas. Vão vir nos decapitar. A reação triunfa... falam de marchar sobre as prisões e forçar as portas... vão salvar os nobres todos, jogar na água todos os republicanos, porque tem deles lá... e eu, vão me decapitar vivo... eles me conhecem, vão me picar em pedaços. Onde posso me esconder?

HENRI

Foge, sai da cidade. Vamos! Não perca a cabeça. Parte, some, o senhor tem tempo.!

CARPINTEIRO

Sim, é verdade. Adeus. – Vou sair gritando: “Viva o rei!” Eles não vão me reconhecer. *(ele sai)*

Cena 3

(Henri, Cadio)

CADIO

Esse cara é um frouxo.

HENRI

Não, ele está louco; mas ele disse alguma coisa que me espanta. Se houver um motim monarquista, se forcarem as prisões... Marie Hoche é republicana; talvez ela cometa a imprudência de se explicar e dizer o que pensa. É preciso adverti-la, e rápido! Mas como fazer isso sem atrair a atenção para ela? Esse sótão aí em cima, você subiu alguma vez?

CADIO

Não; tem só uns dia que consigo ficar nas minhas perna! Vai lá você! Sobe nessa mesa, eu te ajudo!

HENRI

(no sótão) Ah! o teto fica no nível da plataforma; ele chega até lá... não, tem um espaço... com uma prancha dá pra atravessar e chegar lá.

CADIO

Me espera, vamo achar o que precisa! *(ele também sobe para o sótão com dificuldade)*

HENRI

Fica tranquilo, encontrei uma tábua!

CADIO

Ela não tá mais cantando; parou; tomara que ela ainda teja lá!

HENRI

Já vou saber *(ajeita a prancha)* Segura só um pouquinho essa ponte do inferno.

CADIO

Ela tá sólida, mas você, você não vai ficar tonto?

HENRI

(na prancha) Não, vertigem não. E você, o que vai fazer?

CADIO

Vou atrás de você.

HENRI

Você não consegue, não quero!

CADIO

Mas eu quero!

Quadro 2

(Ao amanhecer, no Juizado.)

Cena única

*(Henri, Cadio, Marie, numa casinha burguesa perto da granja.
Eles entram numa cozinha no térreo.
Ao fundo está uma escada que sobe para o primeiro andar.)*

HENRI

(beijando Marie) Finalmente, você está salva, querida irmã!

MARIE

(apertando as mãos dele e as de Cadio) Finalmente, vocês estão aqui! Salvos, queridos amigos! Para me libertar, vocês se expuseram a grandes riscos! Será que podemos nos falar livremente aqui?

HENRI

Eu presumo que não haja ninguém. Mas vou fazer uma visita domiciliar antes de nos instalarmos aqui. *(sai)*

CADIO

A senhorita sentiu medo, não foi?

MARIE

Sim, por vocês dois. Tive muito medo!

CADIO

Queria continuar prisioneira! Deve ser medonha a prisão.

MARIE

O que há de mais medonho é arrastar quem a gente ama para a infelicidade, o resto não é nada. Ah! Se eu tivesse conseguido vencer sua resistência... mas, resistindo, prolonguei seu perigo. Eu devia ter cedido...

CADIO

E a senhorita passou com coragem pela prancha; é uma mulher corajosa!

MARIE

Não, eu nasci muito tímida.

CADIO

É como eu! A gente fica duro quando fica duro com os outros.

MARIE

(espantada) Mas, não, é o contrário, me parece.

HENRI

(voltando) Não tem ninguém. A casa está mobiliada com o estritamente necessário e o jardim, como podem ver, completamente abandonado. É assim em todo lugar. Ninguém ousa embelezar e cultivar canto nenhum, porque sempre se tem medo de uma visita dos chuãs; mas eles nunca vieram aqui e, agora,

não teriam mais a audácia de concretizar expedições tão perto da cidade no momento presente.

MARIE

Mas senhor! Quando se aperceberem de minha fuga... se qualquer um de nós sair da casa daquele carpinteiro...

HENRI

Ninguém prestou atenção em nós: todos estavam muito agitados pela grande notícia. Demos muitas voltas pela cidade para despistar os espiões, se houvesse algum nos seguindo. O cavalo que me emprestaram é bom, escapamos depressa. Ninguém podia seguir a pé nosso cabriolé, e não havia qualquer veículo, nenhum cavaleiro atrás de nós. Quando nosso bravo cavalo tiver descansado um pouco, vou voltar para me mostrar nos lugares onde as pessoas costumavam me ver, e volto para lhes dizer que tudo estará bem; vocês vão finalmente aproveitar alguns dias, talvez algumas semanas de repouso e bem-estar!

MARIE

Mas do que vou viver aqui? Vou encontrar algum trabalho. Não posso ficar por conta de vocês.

HENRI

Vocês vão receber a hospitalidade fraterna que virá lhes oferecer o proprietário dessa casinha. Trata-se de um oficial de meu regimento, um excelente amigo que ficará muito feliz em assegurar um asilo à prima de Hoche.

MARIE

Mas devo aceitar?... Com certeza ele não é rico!?

HENRI

Nestes tempos somos muito ricos quando podemos dar alguma assistência a quem amamos, e existe dignidade em saber aceitar uma assistência de alguém.

MARIE

O senhor tem razão, Henri! E Cadio?...

HENRI

Cadio vai ficar na granja e a senhorita o verá todos os dias.

MARIE

E o senhor algumas vezes?

HENRI

O mais frequentemente possível.

MARIE

Então vou ser feliz aqui? É espantoso isso! Acho que estou sonhando! Feliz por oito dias, quinze talvez!

HENRI

Por que não por mais tempo? Quem sabe?

MARIE

Isso seria exigir muito nessa época que vivemos. Agora... me diga, Henri, para eu respirar melhor por um minuto, onde está Louise?

HENRI

Com Saint-Gueltas e a tia dela, é tudo que sei. Devem ter atravessado rudes inquietações, pois se fez uma rude guerra ao seu partido; mas um armistício não deve demorar e a queda de Robespierre sem dúvida vai apressar a verdadeira pacificação. Quanto ao general Hoche...

MARIE

Onde ele está agora?... Ouso lhe pedir notícias. Ele foi morto na guerra?

HENRI

Não, graças a Deus! Deve estar no exército do Norte. (*baixo, para Cadio*) Não lhe diga que está preso, porque ela não sabe disso. Com certeza vai ser libertado. (*para Marie*) Mas falemos da senhorita, Marie; nada sei ainda a seu respeito. Por que estava em Nantes... e presa?

MARIE

Quer dizer, como foi que fiz para não ser morta? Foi uma espécie de milagre, e um outro milagre foi ter escapado à horrível epidemia que assolava as prisões. É que em Nantes como em Angers minha situação excepcional embarçou a consciência de meus juizes. Interrogada mais de uma vez com uma obstinação minuciosa, fui julgada culpada de ligação a meus senhores – eu me fazia passar por uma criada da família de Sauvières; mas não conseguiram me convencer de simpatia para com a causa monarquista. Eu estava com a consciência tão limpa a esse respeito, que fui absolutamente honesta em minhas respostas, e, não sabendo o que fazer de mim, resolveram me arrastar de tribunal em tribunal, seguindo ordem de Carrier. Então, propositadamente ou não, acabaram me esquecendo e foi pela amizade com a mulher do carcereiro, porque salvei a filhinha dela doente lhe indicando um remédio, que começaram a me tratar melhor do que antes. A permanência naqueles cárceres era uma coisa

horrível: deitadas entre mortos e moribundos que se sucediam na palha do chão, nosso leito comum, nós sentíamos literalmente o cadáver, e, quando traziam uma leva de condenados para fazê-los morrer, os curiosos se afastavam com medo de contágio. Eu, eu tinha nesses últimos tempos uma cela muito pequena só para mim com uma escada de alguns degraus que me permitia ir respirar numa plataforma onde podia caminhar um pouco, indo e voltando em poucos metros. Me tinham dado roupas limpas e alimento mais suficiente. Então, eu estava bem, e pude sofrer menos. Bom, foi o tempo mais rigoroso de meu cativo. Estar sozinha, inútil, sem conseguir esquecer me ocupando dos outros! Naquele inferno de prisão comum, eu chegava a aliviar alguns sofrimentos, a reanimar coragem com o exemplo de minha paciência, a suavizar pelo menos a dor pela parte que me tocava. Todas aquelas desafortunadas eram minhas amigas... amigas sempre renovadas pela partida de umas e pela chegada de outras. Aquelas que morriam nos meus braços me diziam: "Até nossa outra vida!" E, como aquilo podia me acontecer no dia seguinte, a morte me parecia mais ser um adeus. Quando me vi sozinha, me apercebi de tudo o que era lúgubre numa prisão. À noite eu conseguia ver um pedacinho do céu emoldurado pelo círculo de pedras que me cercava. Eu via as estrelas e as nuvens; mas, durante o dia, ouvia o grito dos corvos atraídos pelo cheiro do sangue, os clamores da multidão cruel e o barulho inenarrável produzido pelo cutelo que desliza na ranhura da guilhotina. Meu Deus, meu Deus! Como se pode viver no meio daqueles horrores!... Viver assim preservada no meio dessa matança perpétua me pareceu ser o pior dos suplícios.

HENRI

Pobre Marie! E a senhorita cantava para se distrair?

MARIE

Não, mas para tentar distrair os outros. Eu me dizia que, das outras celas, infelizes isolados como eu me ouviriam talvez e por um instante se sentiriam aliviados pelo meu canto. Eu não podia fazer nada mais que isso por eles...

CADIO

A senhorita me fez muito bem! Eu ouvia seu canto lá do meu canto.

MARIE

O senhor também foi feito prisioneiro?

HENRI

Não... ele lhe contará com tempo como viveu após o dia em que se separaram em Saint-Christophe; e eu, que também os vi lá, eu teria coisas a lhe dizer, Marie!... Nesta noite!...

CADIO

Vou levar seu cavalo pro portal do jardim. *(ele sai)*

MARIE

E eu, eu vou conduzi-lo até a porta da casa.

HENRI

(no portal do jardim, segurando a mão de Marie) Então, é bem bonito esse jardim abandonado; tudo está tão bem-posto! O que são essas folhas grandes que brotam até os degraus da escada da casa?

MARIE

É um acanto; como está bonito! E as urtigas, os morangos, os cravos, os espinheiros... Oh! Tudo isso é tão novo para mim! Eu não acreditava mais que ia tornar a ver um pedacinho de gramado, e vejo folhas, flores... e esses grandes horizontes azuis, aquilo são florestas? Meus olhos estão bastante enfraquecidos, mas tudo me deslumbra agora; parece que estou nadando num raio de sol com moscas que começam a zumbir. Elas cantam tão bonitinho, não é? Eu não cantava tão bem assim na minha torre. Tomara que não me prendam outra vez!... Ah! tenho medo! Veja o que é a felicidade, a gente relaxa o tempo todo.

HENRI

Oh! A senhorita não tornará a ser presa! E eu, eu também estou feliz de tê-la conduzido a bom termo neste alegre ninho de verdor. Adeus, Marie! Não, até à vista! Descanse, à noite conversaremos novamente.

Quadro 3

(Seis semanas mais tarde, na Prevôtière, num pequeno bosque que desde por uma encosta para o fundo de uma ravina. Através dos ramos de um velho carvalho, vê-se uma série de ravinas com florestas que azulam ao longe. – Paisagem pouco variada, mas fresca e encantadora. – Maria está sentada num grupo de pedras à sombra do carvalho com várias crianças ao seu redor. São os filhos do granjeiro, a quem ela ensina a ler.)

Cena 1

(Marie, duas crianças)

MARIE

Vão brincar, se quiserem, crianças; estou muito contente aqui com vocês. *(as crianças se afastam, restam apenas duas)*

UMA GAROTA

Que coisa chata, senhorita Marie, pra que é que serve saber ler? Mamãe diz que não serve pra nada.

UM GAROTO

Mas papai diz que serve pra gente ser um bom cidadão. Só os chuãs que não sabem ler!

GAROTA

Mamãe não é chuã, e ela também não sabe ler.

MARIE

Sua mamãe é muito boa, e, como é sua mãe, ela não precisa saber ler: ela não tem tempo para isso, aliás; mas você, que não é a mamãe de ninguém, deve aprender a escrever as contas do papai.

GAROTO

E eu, cidadã Marie, você também me ensina a escrever?

MARIE

Com certeza.

GAROTO

Para quando eu for soldado, não é? Papai diz que, agora, vamos ser oficiais, advogados, ricos, generais, e tudo!

MARIE

Sim, desde que se seja estudioso.

GAROTO

Tem que ser patriota também?

MARIE

E patriota.

GAROTO

A gente vai ser patriota e sábio?...

MARIE

Também seremos um bom trabalhador, um bom operário, um bom soldado, mas nem advogado nem general.

GAROTA

A senhora é sábia, é general também?

MARIE

Eu sou sua mestre-escola agora, isto é, sua amiga que trata de te ensinar o que ela sabe, e sua costureira que faz seus vestidos e os de suas irmãs.

GAROTA

E quanto é que lhe pagam por tudo isso?

MARIE

Sou eu que pago desse modo a amizade que me dedicam.

GAROTA

E a amizade paga alguma coisa?

MARIE

Sim, com a amizade. Você não sente amizade por mim?

GAROTA

Oh! Sim!

MARIE

Então, você está me pagando.

GAROTO

(com um ar grave) Não existe nada mais ruim do que isso, por Deus, cidadã... eu também gosto da senhora!

MARIE

(abraçando-o) Oh! Que bom! Do contrário, você seria um ingrato.

GAROTA

O que que é isso, ingrato?

UM GAROTO

É ser defeituoso, malvado, desonesto, sujo, é isso que é. Vamos, que vou te levar pra casa. Vamo brinca um poco na bera do lago, depois levo meu cabalo lá prele bebê água.

MARIE

Ah! é caValo que se diz, atenção!

GAROTO

É verdade! É verdade! Só os chuã que diz: "Meu cabalo". *(sai com sua irmã. Maria volta a cozer, Henri sai do jardim e desce pelo caminho do bosque. Observa*

Marie por um instante com emoção antes de ousar lhe falar. Marie ergue o rosto e lhe sorri)

Cena 2

(Marie, Henri)

MARIE

Eu ouvi o senhor chegando! Me perdoe se não interrompo meu trabalho: esses camponeses são tão bons para mim, que me sinto verdadeiramente feliz aqui e quero ser agradável para eles. O senhor permite que eu termine esse boné?

HENRI

(que tem seu sabre sob o braço, pegando o boné de criança e observando-o)
Como deve ser feliz o homem quando vê uma mulher querida trabalhar dessa maneira e esperando o primeiro olhar, o primeiro sorriso! Ser esposo e pai! Esposo da mulher de sua escolha, pai de belas crianças que vê serem criadas com inteligência e ternura... Isso é mesmo muita glória! Em quem está pensando, Marie, quando faz essas roupas para as crianças?

MARIE

Ah! devolve meu trabalho! Que notícias me traz?

HENRI

Uma muito boa! Você finalmente está livre e ao abrigo de toda perseguição.

MARIE

Graças ao senhor?

HENRI

Graças a um erro voluntariamente cometido talvez: após a partida de Carrier, seu nome foi colocado na lista dos mortos. Se o carcereiro fosse ousado, ele poderia ter feito você sair de lá. Eu chequei os registros e soube que sua evasão não foi notada e não será investigada.

MARIE

Obrigada! E sobre o general Hoche,⁴³ soube alguma coisa? É mesmo verdade

43 Houve um general **Lazare Hoche** (1768-1797), histórico general francês da Revolução. Em maio de 1793 foi nomeado ajudante geral chefe de batalhão para o exército do Norte. Entre os anos 1794-1796, atuando na Vendéia e na Bretanha, restabeleceu a disciplina, adotou uma tática eficaz contra a guerrilha dos chuãs (campos e unidades móveis) e assinou o tratado de La Jaunaye com →

que ele também saiu da prisão? A notícia de ontem não foi desmentida hoje?

HENRI

Foi confirmada e até mesmo anunciaram que ele vai receber o comandante-em-chefe do nosso exército do oeste.

MARIE

Ah! que felicidade! Finalmente talvez eu vá conhecê-lo!

HENRI

Como pode ser que nunca o tenha visto?

MARIE

Eu o vi, mas me lembro muito pouco. Eu era tão jovem! Não importa, eu o amo como se fosse meu irmão.

HENRI

Talvez a senhorita o ame mais ainda quando o vir.

MARIE

Eu o amarei mais se a chegada dele fizer o senhor se decidir a deixar a Bretanha.

HENRI

Não diga isso, Marie! Não estou tão disposto assim a continuar lá se a senhora exigir...

MARIE

Exigir isso!... Não posso, a menos que o senhor não aceite a promoção a que tem direito há um bom tempo. Pelo que teve de combater parentes e amigos por assim dizer cara a cara, eu compreendi e admirei esse escrúpulo orgulhoso; Louise está casada, ela própria me escreveu, está em segurança assim como sua tia, já que o Sr. De la Rochebrûlée aceita, diz ela, a ideia de fazer as pazes com a República. A guerra de bandidos, que continua na Bretanha, logo vai cessar. Além disso, ela não colocaria o senhor nas garras de quaisquer pessoas que lhe são caras; não vejo, então, porque o senhor desejaria ir conquistar seus graus fora da França.

Charette, chefe dos vendeanos. Adotou com relação aos royalistas uma política moderada de pacificação. Em abril de 1795 foi preso em Paris por traição como membro do clube dos *cordeliers* dominado por Danton, sendo libertado apenas em agosto após a queda de Robespierre. Bem pode ser uma figura extraída da crônica histórica aproveitada para ancorar a narrativa na realidade.

HENRI

Ai! Minha cara Marie, a senhorita se alimenta de ilusões! A Vendeia não está realmente pacificada. Se os camponeses, apaziguados pelas medidas de prudência e de humanidade, voltam para casa e retomam suas atividades, cuidado com o dia em que suas colheitas forem feitas! Eles serão facilmente enganados pelos camponeses das localidades onde a passagem das colunas infernais não deixou colheitas por fazer. Além disso, os chefes ambiciosos e inquietos não renunciaram, às suas esperanças, e Charette⁴⁴ não se deu por vencido. Qualquer atitude que Saint-Gueltas assuma, seja imitar Charette mantendo-se retrancado em sua província, seja deixá-la para se atirar nas aventuras da chuaneria, o que resta de minha família está condenado a cair nas nossas mãos um dia ou outro. Hoche fará, talvez, se vier aqui, como se espera, o milagre de trazer de volta aqueles espíritos ávidos de emoções e devorados pelo orgulho; mas, se ele falhar, se essa paz armada que permite aos rebeldes se prepararem para novas lutas levar ainda a uma guerra cruel, então será preciso usar o ferro e o fogo naquelas terras infelizes que são para mim o coração da pátria e onde jamais desferi um golpe de sabre sem que parecesse estar derramando meu próprio sangue! Eu obedecerei ao meu dever, amanhã como ontem, mas não quero outra recompensa que não seja o mérito de ter vencido as revoltas de meu próprio coração. Isto se acertará entre Deus e eu. Os homens não poderiam apreciar o que me tem custado e me conceder um prêmio proporcional ao meu sacrifício!

MARIE

(emocionada) Muito bem! Então, é preciso partir e alcançar Kléber às margens do Reno, já que seu coronel recebeu ordem para tal... Ele já a recebeu?

HENRI

Marie!... partimos amanhã! uma parte de meu regimento permanece aqui, e eu poderia escolher... mas... Ah! estou imerso num grande problema, não vê? A senhorita não quer compreender!

MARIE

(também perturbada) Eu acredito ver que a amizade o reteria aqui... mas, então, não devo aceitar o sacrifício de sua legítima ambição.

44 François Athanase de **Charette** de la Contrie (1763-1796) foi um militar francês e líder da insurreição contrarrevolucionária da Vendeia composta de royalistas, tanto do campesinato quanto da classe média e nobreza contra a República e o Diretório durante a Revolução francesa. Anteriormente havia servido na Marinha Real Francesa durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos.

HENRI

Minha ambição! Não tenho outra senão a de poder oferecer a uma mulher amada uma existência honrosa... e não tenho condições para tanto! Quem desejaria compartilhar minha miséria?

MARIE

(embaraçada) Aí vem Cadio à nossa procura.

HENRI

(chamando, atento e inquieto) Aqui, Cadio! *(para Marie)* Acredita que ele esteja em condições de partir também?

MARIE

(interrompendo a conversa) Mas... Sim! Ele está bem. Está aprendendo a lidar com os cavalos jovens da granja. É intrépido e dedicado, sobretudo calmo, estranhamente calmo e estudioso. Todo dia marca um progresso espantoso em seu espírito. Quem teria adivinhado essa alma profunda e essa inteligência ativa debaixo dessa roupa de tecido grosseiro e dessa fisionomia ingênua? Aqui ele encontrou livros, ele não os lê, ele os devora! Fala pouco, e não se perceberiam seus progressos se por momentos sua emoção secreta não se escapasse em jatos de fogo. Às vezes, ele me confunde, confesso, e defendo mal minhas ideias quando ele as combate.

HENRI

(desconfiado) Ele impressiona a senhorita, então, e logo estará pensando como ele.

MARIE

Não, Cadio é jacobino e, seja lá o que fizermos, ele ficará sempre em partidos extremos. Aí está ele, anuncie-lhe a partida.

Cena 3

(os mesmos, Cadio)

CADIO

A partida?

HENRI

Sim, é para amanhã.

CADIO

(sem emoção) Tá decidido? Pra onde vamos?

HENRI

Para Mäestricht, para começar.

CADIO

Não!

HENRI

Como, não? eu lhe juro que sim.

CADIO

Eu não vou pra lá.

HENRI

Você não quer mais servir?

CADIO

Sem dúvida, sempre, mais que nunca; mas você pode tudo perto do seu coronel: diz pra ele que quero começar por lutar aqui. É na Bretanha que eu gostaria de fazer a guerra. Só ali serei bom pra alguma coisa, e vou ter um rápido avanço.

MARIE

(para Henri) Você saberá que ele pensa a esse respeito ao contrário do que você pensa. Ele queima de vontade de matar seus caros concidadãos.

HENRI

E de ser recompensado? Cada um na sua!

CADIO

Oh! Eu, eu não tenho pátria nem família. Minha pátria é o exército e meu futuro é destruir aqueles que têm uma pátria e traem ela. Os alemães, os espanhóis, eles defendem sua bandeira, tenho nada com eles. Meus verdadeiros inimigos tão aqui, ao nosso redor. Eu conheço eles, sei o que eles querem e como lutam. Vou ser tão esperto quanto eles e tão implacável!

MARIE

(baixo, para Henri) O senhor está vendo? Não vamos mudá-lo...

HENRI

(para Cadio) Então, você quer esperar pela chegada do general Hoche?

CADIO

Sim, você não pretende me permitir isso?

HENRI

Já que você deseja me deixar...

CADIO

Tem que ser assim.

HENRI

Eu acreditava em sua amizade.

CADIO

Se duvida dela, aí é diferente! Eu te sigo.

HENRI

Não tenho o direito de lhe impor o sacrifício dos seus sonhos... de seu destino, como você diz!

CADIO

Com certeza, você tem esse direito. Você exige?

HENRI

Não; mas eu penso que você vai se juntar ao destacamento que ficar aqui?

CADIO

Em Nantes? Com certeza. Tenho que me habituar à disciplina. Isso deve ser o mais difícil. Você parte em uma hora?

HENRI

Sim.

CADIO

Vou me despedir da granja.

Cena 4

(os mesmos, sem Cadio)

HENRI

Marie! Cadio não quer se afastar da senhorita. É pela senhorita que quer permanecer na Bretanha.

MARIE

Não, Cadio quer matar Saint-Gueltas. É sua ideia fixa.

HENRI

Ele lhe disse isso?

MARIE

Ele não fala nada sobre suas ideias, mas eu adivinho quais sejam.

HENRI

Felizmente, para a pobre Louise, Saint-Gueltas não é fácil de matar.

MARIE

Mas, se a dedicação de Cadio operasse esse prodígio, o senhor não o consideraria um mau caráter?

HENRI

Sua dedicação por quem?

MARIE

Ora... pelo senhor, eu imagino!

HENRI

Ah! isso! ele me acredita apaixonado por Louise e com ciúme de Saint-Gueltas.

MARIE

O senhor não esteve apaixonado por Louise?

HENRI

Eu a amei mal provavelmente, porque, supondo-se que ela se torne livre e a paz fosse alcançada, eu não me sentiria animado a me casar com a viúva de Saint-Gueltas!

MARIE

O senhor tem certeza? Eu não acredito!

HENRI

A senhorita acredite em mim: Louise me era cara, mais como irmã e parente do que noiva. Talvez eu não me desse conta, mas eu sentia nela vagamente um orgulho de raça e uma necessidade de dominação que só podiam ser satisfeitos ou domados por um ambicioso e um déspota. Havia em mim instintos mais desinteressados e mais suaves que ela desdenhava. Ela simplesmente preferiu o pretendente feroz e insinuante que sabe, como se diz, corromper as mulheres com elogios e atizar sua imaginação com atos de autoridade audaciosa. Eu não o conheço; ignoro se seu monarquismo é sincero, não o julgo como político; sei apenas que ele seduziu muitas mulheres, que inspirou mui-

to amor e ódio, e que aquelas que o amaram têm a alma murcha e desencantada para sempre. Para vir depois de um homem como esse, é preciso se acreditar capaz de se parecer com ele. Tenho uma ambição mais nobre, a de continuar sendo eu mesmo e de inspirar estima antes de despertar paixão. Diga, então, a nosso amigo Cadio para perdoar Louise e não procurar se vingar dela na pessoa de seu esposo. Não tenho mais inveja da glória de um do que do amor do outro. É um amor e uma glória que se assemelham, pois a loucura é seu ponto de partida e a vingança é seu objetivo. Diga ainda a Cadio...

MARIE

O senhor lhe dirá o senhor mesmo. Soldado, ele não terá vontade de vir aqui, e eu não o verei por muito tempo, se não o vir nunca mais.

HENRI

A senhorita acredita que ele quer ser soldado? Eu não acredito mais nisso.

MARIE

No que o senhor acredita então?

HENRI

Acredito que ele a ama.

MARIE

O senhor se engana completamente; não é nada disso.

HENRI

(agitado) O que é que a senhorita sabe? A senhorita não sabe de nada!

MARIE

Eu sei que temos, ele e eu, uma completa independência. Nenhum de nós tem mais família ou fortuna que o outro. Uma grande estima recíproca, um agradecimento mútuo pelos socorros e cuidados nesses últimos tempos nos deram o direito de nos falarmos sem rodeios. Se ele me tivesse amado, creio que me teria falado desse amor com a certeza de não me ofender e de não perder minha amizade; ele me disse, ao contrário, que não queria nem conhecer o amor nem comprometer sua vida. Então, estou bem tranquila.

HENRI

Então, se ele a tivesse amado, a senhorita não o teria recusado?

MARIE

Eu teria dito a ele: “Continuemos irmão e irmã.”

HENRI

E seria tudo?

MARIE

Apenas isso.

HENRI

Por que isso?

MARIE

Como, por quê?

HENRI

Sim, por quê? Ele ainda não é o homem que deve ser; mas na inclinação não se manda, e a senhorita poderia ter imaginado associar seu futuro ao dele. A aparência dele é agradável, as maneiras dele são naturalmente distintas. Todo seu ser delicado e harmonioso parece trair um nascimento misterioso...

MARIE

(sorrindo) Ah! Aí está o cavalheiro que ressurgiu apesar de tudo! O senhor acredita que, se existe uma fagulha de nobreza natural em nossa casta, é porque uma gota de sangue patricio resvalou para nossas veias!

HENRI

Não, não acredito nisso; eu suporia em vez disso que aquela criança abandonada era filho de algum artista ou de algum erudito. Se não passa de um camponês, pouco importa aliás; há jovens bretões que parecem aquelas virgens de Correggio⁴⁵ e essas regiões agrestes banhadas pelo oceano terrível e esplêndido produzem tipos horrivelmente selvagens ou singularmente poéticos. A inteligência dele confunde a senhorita, é você quem o diz; o coração dele é grande também, rendo justiça a ele... Enfim...

MARIE

Enfim, o senhor quer que eu o ame?

HENRI

(agitado) Eu? Bem, vejamos, suponhamos que eu deseje isso!...

45 Correggio, como era conhecido na França italiano Antonio Allegri, vulgo Correggio (1489-1534), foi um pintor italiano da Renascença, contemporâneo de Leonardo da Vinci e Rafael Sanzio; são famosos seus quadros e afrescos com temática bíblica e mitológica.

MARIE

Eu não poderia satisfazer o senhor.

HENRI

(pegando sua mão) A senhorita não poderia me dizer por quê?

MARIE

(enrubescendo e recolhendo sua mão) Oh!

HENRI

É a um outro que a senhorita ama?

MARIE

(ensaiando estar alegre) Não sou obrigada a lhe responder, não é?

HENRI

A senhorita sorri com os olhos cheios de lágrimas! Marie, querida Marie! Esse que a senhorita ama não a prefere?

MARIE

(erguendo-se) Eu não sei... Não acredito... quer dizer, não quero! Não tenho tempo nem o direito de querer ser amada! É preciso combater a miséria com um trabalho assíduo e estar pronta para sacrificar tudo nessa hora de infelicidade... O jeito de tornar alguém feliz e de ajudar uma família quando se tem tanto sofrimento para atravessar a vida com dignidade por conta própria? As pessoas sem coração e sem consciência se atordoam e procuram prazer sem amanhã... eu, eu não conseguiria, eu permaneci mulher pelo respeito a mim mesma. Eu só compreenderia um afeto com duração, e a maternidade com segurança. Vendo essas pobres vendeanas passearem, isto é, carregarem sua gravidez ou seus bebês no meio da batalha e da derrota, eu lamentava aqueles inocentes, e achava quase criminoso o amor descuidado e egoísta que havia gerado aqueles seres! O senhor veja! Eu não lhe digo como deveria fazer aquilo uma jovem; é que não se tem mais, ai, a coqueteria do pudor. Não há mais juventude, não há mais doce inocência: as graças tomaram a couraça de Minerva. É preciso renunciar a tudo o que fazia a beleza e o encanto da vida e se resignar a ser apenas uma irmã de caridade nesse grande hospital de almas assassinadas ou arruinadas que é a sociedade atual!

HENRI

A senhorita tem razão, Marie! Deve continuar sendo a heroína de dedicação, a santa que a senhorita é; mas tudo isso só pode durar um tempo limitado, tudo se reanima e refloresce rápido no solo bendito da França. A guerra ardente vai trazer de volta a paz duradoura. O homem não pode se habituar a viver sem

família e sem felicidade doméstica. Num ano ou dois talvez, aquilo que é impossível hoje será fácil. Já temos a vitória brilhando no lado de fora, o patriotismo deve triunfar no lado de dentro. Duvidar disso é duvidar da grandeza da pátria, e a senhorita e eu, a despeito dos horrores que vimos, jamais duvidamos dela. O futuro vai considerar o esforço supremo que fizemos para conservar a fé? Não importa, vamos conservá-la apaixonadamente e acreditemos tanto no amor como na coroa que nos é devida. Bem, nós vamos esperar... Para mim, a confiança voltou depois que a arranquei miraculosamente da prisão... Ah! passei aqui horas bastante doces! Aqui também sofri, pois, à medida que sua beleza readquiria seu brilho, eu via claramente que uma transformação rápida se fazia em sua alma. A senhorita tinha enrubescimentos repentinos, estremecimentos involuntários, eu a surpreendia, tão ativa e laboriosa, mergulhada no devaneio ou perturbada pela emoção. Eu me dizia: “Ela está amando, e só pode ser a mim ou Cadio!...Como saber? Como eu poderia ousar interrogá-la? Ela vai ser sincera e de uma lealdade inabalável? Sua resposta será o fim de meu desespero ou a explosão de minha felicidade?... Prefiro duvidar ainda...” E eu ainda teria esperado; mas parto amanhã, Marie.

MARIE

(perturbada) Não vá embora assim.

HENRI

(aos pés dele) Não, eu vou ficar se você me ama!

MARIE

(chorando) Ah! que louca eu sou, e nós somos crianças! O senhor tem que partir, é a honra que ordena, o dever. Talvez não haja mais aqui perigos nem tristezas, e seu orgulho não deve esperar. Lá fora nossas fronteiras estão sendo diariamente ameaçadas e seus irmãos estão combatendo. Se eu impedir o senhor de correr para lá, o senhor bem depressa sofreria e me logo me repreenderia por ter entravado sua carreira e amolentado sua coragem. Eu teria vergonha de mim e esse laço sagrado que existe entre nós, o amor à pátria, seria desmoralizado e manchado por minha fraqueza. Vai, Henri, vai. Talvez nunca mais o reveja! Talvez eu o esteja enviando para uma morte gloriosa! O senhor leva meu coração e minha vida, então leve também a promessa que lhe faço aqui de chorar eternamente se eu o perder e de jamais pertencer a um outro!

HENRI

Obrigado, Marie, eu te adoro! Você é grande como a virtude, você é para mim a alma da França, o anjo da Revolução! Sim, o dever – não antes do amor, mas por causa do amor! Eu te pertenço, Marie e, se me dissesse para ser covarde, talvez eu o fosse; mas sinto que com você não posso ser um covarde. Você é minha coragem e minha luz. Não existe grandeza sublime de que eu não seja capaz

com uma companheira como você. Sim, eu sinto, eu me alçarei acima da natureza, farei prodígios de dedicação, terei a vida mais pura e a melhor consciência, só amarei você. O juramento que me faz também quero jurar para você; eu juro colocar aos seus pés um coração sem rachaduras e um amor sem mácula.

MARIE

Meu Deus, como o senhor é bom! Como somos felizes!

HENRI

Sim, nós somos felizes! Uma calma divina desce em nós... Ah! olhe, a natureza se ilumina e irradia; todos os esplendores do céu se desdobram nas nuvens de ouro que deslizam sobre nossas cabeças. Os bosques exalam perfumes requintados, o riacho canta melodias celestes. É a primeira vez que o campo está assim, não é? Tudo estava morto, devastado, amundiçado. A terra havia bebido muito sangue – o sal das lágrimas havia esterilizado o solo e não sabíamos se ele voltaria a reverdejar. Não tínhamos tempo de olhar para ele, ou éramos puros demais para o compreender naquela situação. Hoje tudo está se reanimando ao nosso redor; hoje é festa, é verão, é a vida! É o reino eterno da beleza saudado por todas as criaturas. Ah! Sim, estamos felizes, e este momento resume séculos de repouso e de delícias; é um sonho do céu que resgata anos de dor e de fadiga!

MARIE

Sim, também sinto a mesma coisa. Existem esses momentos em que tudo o que sofremos, tudo o que ainda se deve sofrer não é mais nada. É como um fardo à parte do qual nos ocuparemos quando formos forçados. Enquanto esperamos, mergulhamos toda a alma numa santa embriaguez. Oh! Como é bom e bonito amar um ao outro até a adoração! O que importa depois disso que os homens nos acusem, nos degredarem ou nos matarem? Não é culpa deles se não compreendem a inocência! Um dia serão punidos porque não vão conhecer as alegrias divinas saboreadas pelos corações puros. – Eu me lembro neste momento de um homem que encontrava em seu desespero a força de enfrentar o céu... ele ousava dizer que a morte só era doce para quem tivesse satisfeito suas paixões. Ele mentia, não é? A morte só é doce para quem venceu suas paixões para fazer de sua alma o santuário de um grande amor?

HENRI

Para trás os sofismas desses libertinos sem coração que se arrogam a impunidade porque sabem enfrentar a morte! Eu, eu sinto que se pode bendizê-la quando se sente digno de encontrar para além deste mundo, na grande pátria que reunirá todos os justos, o ser que se amou respeitado somente e santamente sobre a terra!

MARIE

(tremendo) Veja ali Cadio pronto para partir. Está à sua espera.

HENRI

Já, meu Deus!

MARIE

Henri, cada momento que passar, cada passo que o senhor der vai nos aproximar da felicidade, e merecer a felicidade é já possuí-la.

HENRI

Vamos, vou partir sem qualquer fraqueza! Vou viver da lembrança desta hora encantada! Adeus, Marie! Permita-me beijar a casca desta árvore que ouviu nossos juramentos e abrigou nossa alegria; eu gostaria de agradecer e bendizer todas as ervas e todas as flores desse lugar encantador para fazer você reencontrar em todo canto o vestígio de meus lábios e os perfumes de um amor digno de você!

Parte 7

Quadro 1

(12 de setembro de 1794.

No castelo de la Rochebrûlée, construído sobre uma crista rochosa em meio a pântanos salobres, no sul do Loire)

Cena 1

(Saint-Gueltas, Louise, num pequeno salão que faz parte do apartamento de Louise e sua tia. Louise está sentada na moldura de uma janela e contempla o mar. Saint-Gueltas entra)

SAINT-GUeltas

E então, minha querida, não está pensando em se vestir, se preparar?

LOUISE

(como que saindo de um sonho) Ah! desculpe-me... estava me esquecendo... Já está na hora? O padre chegou?

SAINT-GUeltas

Ainda não, ele só virá às dez horas, e mal acabou de anoitecer. A senhora ainda tem tempo para refletir e orar, se seu coração lhe pedir; mas não faria melhor em descer ao salão e se distrair? Já há inúmeros convidados.

LOUISE

(preocupada) Ah! verdade! Quem já chegou?

SAINT-GUeltas

Todos os nossos vizinhos e amigos, muitas damas endomingadas à moda antiga; a senhora vai ver reaparecerem o pó de arroz e as anquinhas. Os homens estão melhor, em seu traje simples de gente nossa. Estão se divertindo, rindo, bebendo... um pouco demais talvez! Enfim, já que a Convenção nos dá esses prazeres, não há grande maldade em nos aproveitarmos deles.

LOUISE

Se o senhor permitir, só vou descer na hora de ir para a igreja.

SAINT-GUELTAS

A senhora vai ficar sonhando ou chorando sozinha nessa janela, para aparecer pálida e de olhos inchados, como uma vítima arrastada para o altar?

LOUISE

O que lhe importam, minhas lágrimas? Tem tempo de se preocupar com elas?

SAINT-GUELTAS

A senhora bem pode ver como me importo, pois que eis-me aqui arrulhando ao seu redor enquanto os mais graves interesses polemizam dentro de mim. A senhora sabe que três personagens de seu conhecimento chegaram misteriosamente da Inglaterra da parte dos príncipes: o marquês de la Rive e seu antigo amigo o barão de Raboisson com um velho capelão do antigo grande exército, aquele a quem chamavam Sr. Sapience. Vejamos! Isso não lhe interessa? A senhora não quer seguir o exemplo das mulheres de espírito e de coragem que agora servem de intermediárias para nossas combinações políticas? A senhora está errada!

LOUISE

O senhor estima que para essas mulheres a política é apenas um pretexto e a galanteria um objetivo?

SAINT-GUELTAS

Seria mais justo dizer que é a galanteria que é o meio e a política o objetivo, por conseguinte a absolvição. A senhora se obstina em princípios rígidos que não levam a nada de útil, minha cara!

LOUISE

Ai! Eu bem sei. Não sou a companhia que lhe conviria e com quem o senhor sonhou.

SAINT-GUELTAS

Eu não a censuro, é a senhora mesma quem o faz. Percebe perfeitamente que essa austeridade não é muito conveniente nesta circunstância. –Vamos! Deve se livrar disso um pouco. Sua parente, Madame du Rozeray, está no salão, bela como um astro, vestida à romana ou à grega. É um pouco revolucionário, um pouco decotado demais, escandaliza; mas é encantador.

LOUISE

Madame du Rozeray, sua antiga amante?

SAINT-GUELTAS

Quem diabos lhe contou isso?

LOUISE

Contaram-me.

SAINT-GUELTAS

Zombaram da senhora, minha cara! Mas suponhamos que eu tenha, como se pretende, partilhado dos favores de todas as mulheres bonitas que vai ver em minha casa, isso seria causa de tristeza e de inquietação?

LOUISE

É motivo de humilhação.

SAINT-GUELTAS

Ah! desculpe-me! Se pertencer a mim é uma vergonha, a senhora tem razão: core de vergonha e abaixe os olhos, minha bela senhora!... Mas, se, como pensou numa hora de entusiasmo, é uma glória destronar numerosas rivais, tome sua situação como um triunfo. Será que não lhe presto cortesia ao lhe jurar fidelidade diante de um padre?

LOUISE

Ah! O senhor lamenta sua jura; o senhor não me ama mais!

SAINT-GUELTAS

Me ama realmente a senhora, que está sendo tão injusta? Se eu não a amasse mais, eu a teria deixado morrer, como estava decidida. A senhora não mediu esforços para se assenhorar de mim. Você está ganhando; eu me submeto, com o risco de ser menos orgulhoso e menos feliz do que era estimando-a e me acreditando amado por mim mesmo. Eu me enganava, ai! A senhora colocava sua reputação acima de minha felicidade, e o que se passava em seu espírito antes da paixão era o casamento! A senhora chorou com frenesi o que chama de sua fraqueza e sua vergonha, que eu chamava, eu, de sua grandeza e sua força. Não nos entendíamos mais, mas cumpro sua vontade. Por que não sente orgulho e felicidade?

LOUISE

Saint-Gueltas, tenho a morte na alma e suas palavras correspondem com uma cruel franqueza aos meus terrores. O senhor já me odeia! Não importa, devo aceitar tudo para garantir o destino de um ser que já me é mais querido que eu mesma. Que ele viva, e eu morra depois! Ele não amaldiçoará a mãe que se sacrificará para não dar à luz um bastardo! Pois bem, o senhor ficou pálido?

SAINT-GUELTAS

(*assustado*) Louise, o que está dizendo? É verdade, meu Deus, o que está dizendo? A senhora acredita...?

LOUISE

Eu gostaria de lhe anunciar essa felicidade apenas ao sair da igreja para o recompensar de ter cumprido seu dever para comigo. Diante de suas censuras e suas ameaças, devo lhe dizer: “Poupe-me! Tenha piedade de seu filho!”

SAINT-GUELTAS

(ajoelhado diante dela; com força) Perdão, Louise, perdão! Eu te adoro e te abençoo! Esqueça que duvidei de seu amor e só vejo o excesso do meu nessa dúvida injusta! Vamos, recobre a coragem, minha pobre amiga, enxugue suas lágrimas; aí vem sua tia vesti-la... *(Roxane vem entrando pela porta em grande toilette)* Venha, querida titia! A senhora está esplêndida! Faça que Louise fique adorável; conforte-a, diga-lhe para ser confiante! Eu estou feliz, eu a amo com toda minha alma! *(ele beija a mão de Louise e sai pelo fundo)*

Cena 2

(Roxane e Louise)

LOUISE

(à parte, desesperada) Ele mente!

ROXANE

Pois bem, tudo vai melhorar, querida criança, porque nossas pequenas querelas se acabaram.

LOUISE

Nossas pequenas querelas! Ah! querida tia, a senhora compreende muito pouco o que se passa entre nós!

ROXANE

É isso, é isso! eu sei tudo...

LOUISE

(assustada) A senhora sabe?...

ROXANE

Eu sei que você tem ciúme de nossa prima du Roseray. Bah! Deve-se saber perdoar o passado. É uma pessoa que deu o que falar, mas é uma mulher dama que presta grandes serviços para nossa causa e que é a alma de todos os complôs. É preciso fazer cara boa para ela e não acreditar em tudo... Bah! Saint-Gueltas é um galanteador, ele conta com todas as mulheres sem pensar nas consequências. Se eu tivesse desejado me persuadir de que ele queria me con-

duzir para alguma bobagem, ele só teria a mim, pois diz às vezes cada coisa... Mas deve-se rir disso tudo! Acho que você não vai ter ciúme de mim, vai?

LOUISE

(que mal a ouviu) Não, tia.

ROXANE

Então, alegre-se, e fique muito bonita. Sabe que tem estado bem pálida e de-sarrumada nos últimos dias? Põe um pouco de ruge, acredite; é bem necessário em qualquer idade. –Vou chamar sua criada de quarto.

LOUISE

(segurando-a) Ainda não! estou me sentindo mal. Me deixe respirar, está abafado aqui! *(ela abre a porta de vidro que dá para o balcão)*

ROXANE

Eu, eu acho que estou gelando em pleno verão com esse vento do norte. Ah! seu reino não será alegre, minha pobre Louise! Este castelo parece um navio encalhado num rochedo; é por isso que não se pode impedir o marquês de receber visitas divertidas. É um pouco misturado, dei uma olha da no salão ainda há pouco, tem de tudo lá; mas, em tempos de insurreição, deve-se tolerar muitas coisas. – você não está me ouvindo?

LOUISE

Claro que sim! A senhora dizia que o lugar é assustador!

ROXANE

Oh! Assustador! Nem me fale disso! vai voltar a ser!... Felizmente, esta noite, vai ter barulho, folguedos; mas, na noite passada... Ah! eu nem quero te dizer, você vai ficar com medo também.

LOUISE

Medo? Não, tia, não acredito em fantasmas!

ROXANE

Feliz você de nunca ter visto um! Eu... eu tenho é que me proteger para não ver um desses...

LOUISE

Pode dizer o que quiser, eu não acredito nisso.

ROXANE

Como quiser; mas não me falta coragem e não sou dada a ver coisas. Na outra

noite eu vi a mulher branca passar neste balcão ao clarão da lua. Ela estava horrível, descarnada, olhos arregalados, cabelos cinzentos flutuando ao vento, e eia, ria muito... era medonho! Um verdadeiro grito de coruja na tempestade! Um demoniozinho com cabeça de macaco pulava atrás dela, segurando seu vestido esfarrapado... Mas você não vê essas coisas, não... Quando se sonha de amor e felicidade... Onde você vai?

LOUISE

(que se dirige para seu quarto) Vou me vestir. Não é sem tempo.

ROXANE

Chame aí La Korigane, já estamos sem luz, e não dá para ver o que se faz.

LOUISE

Ela está ali, eu a ouço daqui. *(abre a porta, dá uns passos no outro quarto, que está iluminado, volta dando um grito de espanto, e fica imóvel à porta)*

ROXANE

O que você tem?

LOUISE

(entrando e fechando a porta bruscamente) Nada, provavelmente uma visão, um sonho! Era horrível! *(cai sentada numa cadeira)*

ROXANE

Horrível, o quê? A dama de branco? Você viu aquela coisa?

LOUISE

Um espectro lívido, repulsivo...com meu véu e minha coroa de casada naqueles cabelos cinzentos e com andrajos sórdidos, a pavorosa, a morte! Com meus diamantes e meu buquê ao peito esquelético! E aquela coisa careteava rindo na frente do espelho. – Ah! aquela alucinação é um pressentimento, uma advertência talvez. Aquele espectro é minha própria imagem, é o fantasma do que serei por ter conhecido o funesto amor de Saint-Gueltas!

ROXANE

(trêmula) Louise, vamos, você está com medo, é culpa minha, é porque te falei da dama de branco! É La Korigane que está lá, e aposto que teve a ideia de experimentar sua toaleta. Ela é tão enxerida e tão engraçada!

LOUISE

Sim! Deve ser isso mesmo, vou ter certeza. *(Roxane, assustada, recua para o fundo do salão. Louise vai abrir com resolução a porta de seu quarto, e olha*

como que petrificada) Ah! eu não tinha visto tudo! Tem uma criança morta estendida no sofá! Não, ela se levanta, mas é um cadáver que caminha! Parece louca como sua mãe... e se parece com... Sim, é isso! a visão se completa, aquela miserável, aquela louca, vai ser eu, e aquela criança morta ou idiota vai ser meu filho!

ROXANE

(escondendo o rosto) Seu filho? Que filho? O que você está dizendo? Ah! só pode estar doente, sonhando...

LOUISE

Veja a senhora mesma! Se não tiver nada lá é porque estou louca de verdade! Tenha coragem de olhar. Veja! Eles se aproximam, caminham para cá, estão entrando no salão. *(os dois espectros que Louise acaba de descrever avançam de mãos dadas e rindo de maneira fantástica. Eles atravessam o salão e saem pela porta de vidro que dá para o balcão. Louise desmaia. Roxane se debruça na campainha gritando por socorro)*

Cena 3

(os mesmos, a Korigane, que demorou em vir e que entra pelo quarto de Louise. Está pálida, sem fôlego, com um rico vestido bretão)

ROXANE

Ah! Eu estava mesmo certa... era você... Boba que você é, dar tanto medo assim na gente...

LA KORIGANE

Sim, sim, era eu, senhorita Louise! Se recomponha, era eu!

LOUISE

(espantada) Você?... Mas e a criança!...

ROXANE

Tinha uma criança? Tem certeza? Eu não vi nada; fechei os olhos.

LA KORIGANE

(para Louise) É os sonho que você tem. Ah! sente medo aqui. Não gosta disso, não!

LOUISE

Onde está meu vestido de casamento?

LA KORIGANE

Lá no seu quarto. Tá tudo em ordem; mas, acredita em mim, adia o casamento pra um outro dia, a senhorita não tá bem.

LOUISE

É impossível agora.

LA KORIGANE

(pondo-se de joelhos) Senhorita Louise, sei muito bem que não confia muito em mim!

LOUISE

Por que está me dizendo isso?

LA KORIGANE

Diz o que tá pensando! Me acha inconveniente?

LOUISE

Não sei mais; você demonstra tanta dedicação por mim... Você devia ser apropriada, porque você sabe gostar!

LA KORIGANE

Ah! quando a senhorita me fala desse jeito, eu me sinto capaz de tudo pra servir a senhorita. Vejo que tá infeliz... E eu tou muito mais infeliz.

LOUISE

Por que você está infeliz?

LA KORIGANE

Taí o que não posso dizer, a senhorita não ia compreender! Mas me responde, quer mesmo mesmo se casar com o patrão?

LOUISE

É preciso.

LA KORIGANE

E se isso fosse o fim do amor dele? Ele detesta tudo o que mandam ele fazer.

LOUISE

(com energia) Não importa, é preciso. Vem me vestir. *(sai com La Korigane)*

Cena 4

(*Saint-Gueltas, Raboisson, Roxane*)

ROXANE

(*perturbada*) Que prazer em revê-lo, caro barão.

RABOISSON

(*beijando-lhe a mão*) E me diz isso com essa cara chateada? O que houve?

SAINT-GUeltas

E Louise, onde ela está? Ainda em sua toalete?

ROXANE

Vou lhe dizer para se apressar. (*para Raboisson*) Ela ficará radiante em apertar sua mão. (*sai*)

RABOISSON

Titia tinha o olhar espantado. Seria de inveja da sobrinha?

SAINT-GUeltas

Não, titia me detesta atualmente.

RABOISSON

Meu caro, você não me conta tudo! Andam nublados os céus de seus amores?

SAINT-GUeltas

Louise está sofrendo, caprichosa... ela vai me censurar para sempre por lhe ter ocultado a morte de seu pai para trazê-la até aqui.

RABOISSON

E ela tem razão!

SAINT-GUeltas

(*com impaciência*) E para terminar o senhor exige este casamento. É sua ideia fixa?

RABOISSON

É meu ultimato. Não compreendeu minhas cartas de Londres? Não é apenas por um sentimento de delicadeza para com a família de Sauvières que eu insisto, é pelo seu futuro.

SAINT-GUeltas

(*inquieta*) Fale baixo; elas estão aí...

RABOISSON

Falemos baixo, com certeza, mas falemos claro. O enviado de Londres que envio a você é um devoto rígido: uma moça de grande família, como Louise, seduzida e abandonada, seria entre você e o favor dos príncipes um obstáculo intransponível.

SAINT-GUELTAS

Então eles são governados por santarrões e velhas? Por Deus! Isso tanto serve para um, que não é mais crente do que nós, quanto para outro, que viveu de prazeres como nós, de pagar alto por seus preços! Eles preferem o Sr. De Charette a mim, que, em meu nome...

RABOISSON

Vamos deixar o Charette de lado, é um servidor útil, mas você pode prevalecer sobre ele precisamente evitando os escândalos que reprovam nele. Você tem aqui um inimigo perigoso, o abade Sapience, que é próximo senão da pessoa dos príncipes, pelo menos de sua comitiva. Interrompa seus desígnios malvados conduzindo a senhorita de Sauvières ao altar.

SAINT-GUELTAS

E você responde pelo meu sucesso? Serei o chefe supremo e absoluto da insurreição?

RABOISSON

Posso não responder por nada, mas tenho fé no sucesso.

SAINT-GUELTAS

Vamos, está decidido! (*para La Korigane, que está entrando*) As damas estão prontas?

LA KORIGANE

Sim, senhor, tão ali mesmo. (*baixo*) Tenho de lhe falar. Depressa. (*Saint-Gueltas sai para um canto com La Korigane*)

SAINT-GUELTAS

O que é que há?

LA KORIGANE

Uma infelicidade das grande! Atrasa essa fanfarronada toda.

SAINT-GUELTAS

Impossível!

LA KORIGANE

Aquela maluca tá aí.

SAINT-GUeltas

(esfregando as mãos) Aquela louca? Ela está viva? E a criança?...

LA KORIGANE

O pirralho tá com ela. Um camponês lá de Maraude, que tinha escondido eles, trouxe os dois aqui. Tirefeuille recebeu eles e trancou aí num conderijo. Mas...

SAINT-GUeltas

Eles falam? eles se lembram?

LA KORIGANE

O moleque, não, mas a mãe lembra quem é. Ela tenta fugir, corre mas acaba ficando queta.

SAINT-GUeltas

Louise viu essa mulher?

LA KORIGANE

Sim, ela acha que viu. Não entendeu nada...

SAINT-GUeltas

Eu vou ver, vem comigo!... Ah! quanta encheção de saco!

Quadro 2

(No salão cheio de gente, brilhando de luzes e enfeitado de flores)

Cena única

(condessa du Roseray, barão de Raboisson, o emissário dos Príncipes, o abade Sapience, se mantêm perto se uma seteira enquanto os outros convidados conversam animadamente no salão e na sala dos guardas contígua. Bem ao fundo, Saint-Gueltas e Louise)

CONDESSA

(para Raboisson) O senhor cometeu um grande erro em fazer esse casamento, meu caro! Um homem casado não é mais que a metade de um chefe e um quarto de um conspirador.

RABOISSON

Saint-Gueltas vale dez homens; se ele perder três quartos de sua energia, ainda lhe restará mais que qualquer outro. Além disso, não dispensou com as mulheres mais do que vai dispensar no casamento?

CONDESSA

Com as mulheres, como o senhor diz, ele só tem prazer e isso mantém a energia. No casamento, só existem penas, e se paga por isso!

EMISSÁRIO

A primeira esposa dele era uma mulher bem-nascida, me disseram?

RABOISSON

Ela era mais velha que ele e de espírito muito fraco.

CONDESSA

Bah! Ela não é a única que lhe deu um filho idiota! Essa é uma particularidade bastante agradável na vida de Saint-Gueltas: todos os seus bastardos nasceram contrafeitos, imbecis ou afetados por um vício do sangue. Nenhum foi criado a contento.

RABOISSON

(com um ar ingênuo) A propósito de filhos, o senhor seu filho está se comportando bem?

CONDESSA

(com um jeito desembaraçado) Não poderia estar melhor. *(baixo)* Impertinente, você vai me pagar por essa.

EMISSÁRIO

Desde quando, então, o marquês está viúvo?

RABOISSON

Há dois anos.

ABADE SAPIENCE

Eu acredito que não se sabe nada a esse respeito.

RABOISSON

Perdão, senhor abade, ninguém ignora que a marquesa estava com o filho no castelo de Morande quando os republicanos o tomaram e incendiaram.

ABADE

Eu sei que a mãe e a criança desapareceram naquele momento; mas imagino que o marquês vai apresentar alguma prova da morte dela?

RABOISSON

Isso diz respeito ao padre que vai consagrar o novo casamento. O senhor bem sabe que deve estar tudo conforme.

ABADE

Se ele tivesse negligenciado esse cuidado, seria preciso adverti-lo, se o senhor desejasse que o casamento seja válido!

CONDESSA

(baixo, para Raboisson) Existe alguma dúvida a esse respeito?

RABOISSON

Nenhuma que eu saiba; mas o abade está vendido ao Sr. De Charette, e fez tudo para desservir Saint-Gueltas junto ao emissário dos príncipes. É preciso impedir isso.

CONDESSA

Eu me encarrego disso.

RABOISSON

Seus belos olhos podem encantar tanto serpentes quanto leões.

CONDESSA

Os belos olhos de um bispo serão mais poderosos ainda. Meu tio o cardeal vai ratificar minhas promessas. Quanto ao casamento de Saint-Gueltas, eu o re-provo absolutamente; se for para lhe fazer justiça...

RABOISSON

E é mesmo preciso, eu lhe juro.

CONDESSA

Então, a senhorita de Sauvières... *(ela ri)*

RABOISSON

Não; mas não quero que semelhante coisa lhe aconteça.

CONDESSA

O senhor não vai me convencer de que ela passou um ano perto dele, correndo por montes e por vales, e vivendo sob o teto dele, sem que sua virtude tenha recebido qualquer atentado.

RABOISSON

A tia dela nunca a abandonou.

CONDESSA

Exceto as longas horas que ela passa a depilar seus cabelos brancos e a encher a cara de pó de arroz.

RABOISSON

Ora, não abuse de suas vantagens contra as outras mulheres. Velhas ou jovens, todas desaparecem como pálidas estrelas na irradiação de seu sol. Seja generosa. Não lhe direi que torne Saint-Gueltas infiel à jovem companhia dela. Basta que ele olhe para a senhora para ser instado a se comportar segundo as boas maneiras; mas a senhora se comporte como uma grande rainha dos corações que é. Proteja seu ponto fraco e coloque algodão na ponta de suas flechas. Se o conde de Roseray teve a boa ideia de morrer a tempo, a senhora certamente é a única mulher digna de secundar o futuro tenente-general; mas ele se obstina em viver, o irritante; e a senhorita de Sauvières é uma pessoa tão romanesca, para não dizer tão estúpida em suas opiniões, que a senhora conseguiria dirigir o marquês sem que ela percebesse. Ela detesta os ingleses e não ama mesmo os emigrados; a senhora poderá vencer facilmente os preconceitos que poderia manter no espírito de seu marido.

CONDESSA

Vamos, vejo que o senhor, na qualidade de emigrado, o senhor precisa de mim. Eu serei uma boa mulher, eu lhe prometo (*entra Saint-Gueltas, segurando Louise pela mão. Vestida de noiva. Roxane os segue*)

SAINT-GUeltas

Madames, permitam-me lhes apresentar aquela que será num quarto de hora a marquesa de la Rochebrûlée. (*ele a conduz primeiro até à condessa, que lhe estende a mão; Louise lhe dá a sua com medo. Saint-Gueltas dirige-se aos homens que se aproximam dele.*) Senhores, eu lhes apresento minha noiva.

CONDESSA

(*para Raboisson, enquanto Saint-Gueltas apresenta a Louise o emissário dos príncipes e de outros convidados que ela não conhece de modo algum*) Diga a ela para trocar o véu, esse está rasgado. Veja, no ombro, é de mau presságio em tempo de guerra!

RABOISSON

Bah! A criada de quarto que lhe meta alfinetes; melhor que a noiva não perceba.

CONDESSA

E, depois, deve haver algum perigo em desarranjar as fundas pregas que escondem sua barriga!

RABOISSON

Maldosa que a senhora é!

SAINT-GUELTAS

Está tudo pronto; vamos para a capela. *(ele convida o emissário a oferecer a mão à noiva e vai apresentar a sua à condessa, na qualidade de pessoa mais importante da reunião)*

CONDESSA

(baixo) Ah! o senhor me concede as grandes honras, seu infiel? É para me consolar, é!

SAINT-GUELTAS

Console-me, senhora, pois estou perdido de amor pela senhora a partir desta noite.

CONDESSA

Então, o senhor ainda não me amou?

SAINT-GUELTAS

Ora, ora, não; começo agora!

CONDESSA

Não é verdade, mas é amável. Quero lhe falar após a cerimônia.

Quadro 3

(À beira-mar, numa escada talhada na rocha, que desce em rampa a falésia a pique até uma pequena construção colada à montanha.)

Cena única

La Korigane, Tirefeuille, depois a Louca e seu filho)

TIREFEUILLE

(apontando a construção) Impossível deixar eles aí nesse esconderijo. A porta não fecha mais; eles vão escapar de novo outra vez. Tem de embarcar todos bem depressa.

LA KORIGANE

Esse mar tá pra lá de bravo essa noite.

TIREFEUILLE

Mas o patrão mandou levar elas essa noite lá pra Noirmoutier.

LA KORIGANE

Vai pegar suas orde. Te manda. *(Tirefeuille sobe a escada. La Korigane desce até o esconderijo)* O que tem de fazer é o que ele deseja. Se ele não quer... Mas por que não ia haver de querer? Ele já me mandou errado, e quanto mais eu fazia errado, mais ele me estimava pela coragem. Ele vai ficar contente depois. Vai ficar fudido sem isso. A louca fala mais do que ele pensa. Escuta, os sino já tão anunciando o final. Ele já tá casado. Se eu não me desenrolar direito aqui, ele vai perder a honra, vai ser vaiado, abandonado por todo mundo. Vamo! Que o crime desabe em cima das minhas costa e o pecado no meu nome! *(vai abrir a cela)* Sai daí vocês, pode sair pegar uma fresca e dar uma voltinha.

LOUCA

(saindo; o menino a segue) Ah! O baile! O baile do casamento!... Quero ir ao baile! Eu sou a noiva!

LA KORIGANE

(apontando para o garoto o pé do rochedo que barra uma estreita faixa de areia) Por ali, ó. Desce por lá.

LOUCA

(querendo subir a escada) Não, é por aqui.

LA KORIGANE

(segurando-a) Eu tô te falando que não. É por aqui. As porta daí tão fechada. Olha ali o caminho.

LOUCA

(descendo) Tem água... a maré está subindo.

LA KORIGANE

Não, tu tá sonhando, maluca! Ela tá descendo!

LOUCA

É isso mesmo? Não estou mais entendendo!

LA KORIGANE

Vai, se apressa, vão acabar dançando sem você.

LOUCA

Vamos, vamos!

LA KORIGANE

Tá esquecendo o moleque, seu filho, pra trás?

LOUCA

Que filho? Ah! ele! *(ela o puxa pelo braço; o garoto tem medo e resiste)*

LA KORIGANE

(ao garoto) Vai, ou então sua mãe vai te deixar sozinho aqui.

LOUCA

Ele não quer ir, o palerma! Ora, bolas, então fica, adeus!

GAROTO

Mamãe, mamãe!

LOUCA

Vem, meu amor, eu te levo! Vem comigo! *(ela o toma nos braços e desaparece correndo ao longo da falésia)*

LA KORIGANE

(que desceu atrás deles) Assim tudo vai acabar bem, sem que eu me estrepe – a maré tá subindo mesmo!... se eles não voltar em cinco minutos... glub glub! como a onda flui lentamente!... não, ela tá é enchendo o caminho; vou subir uns degrau... Ainda mais um, um outro... e já são cinco, e pronto, dez; dez degraus... dez degraus mesmo – Ah! o que foi isso que ouvi? Um grito, tenho certeza! Foi o garoto que disse a única palavra que sabe, mamãe! Pobre infelizinho, é ela que tá te levando, não sou eu!... O que será aquela coisa branca lá adiante? Ela tá nadando? Não, é uma tábua... e não é nada mais agora... Já acabou: o nevoeiro e a água terminaram com tudo; eles não vão falar mais nada... vou voltar lá pra perto da noiva... arrumar ela pro baile... mas o que é isso que tenho então? Não consigo andar. Tô ficando maluca, eu! Já vi isso acontecer e tô bem pior! E se o patrão ficar irritado, se se arrepender do garoto? – Bah! Não é filho dele... Aliás, eu perdoei que ele matou o Cadio! Ele ia ter que me perdoar também... Cadio! Se sua pobre alma visse o que acabei de fazer... Ah! tenho medo! *(ela quer subir a escada e para alucinada)* ele está ali, tô vendo ele! Me deixa passar, Cadio! A maré não para de subir... Não quer? Tá falando comigo? Vou morrer do jeito que fiz morrer? A onda me puxa... vou cair! *(ela se agarra ao rochedo)* Não, não, era um sonho! Não é ele, não é nada! Tô ficando louca também, eu? *(ela sobe a escada correndo)*

Parte 8

Julho 1795

No burgo de Carnac, num albergue rústico.
Uma hora da manhã.

Cena 1

*(Rebec, Javotte, numa sala: uma porta dá para uma cozinha;
a outra, com guichê, para um quarto de dormir;
outra, com guichê, para uma escada externa que desce para uma pracinha.)*

JAVOTTE

Ah! chegou. Ih! que cara de infelicidade!

REBEC

Péssima noite, Javotte! Um tempo magnífico, um luar de desespero! Você ainda não se deitou?

JAVOTTE

Não, dei um cochilo numa poltrona. Tava preocupado com o senhor... ainda vai ser preso com suas travessura!

REBEC

Ah! Santo Cristo! Tem que ficar esperto; tem que tá pronto pra fazer as mala outra vez. Talvez não passe três dia antes do pagamento a ferro e sangue.

JAVOTTE

Eu, eu acho que já é. Tudo esses bando de chuã que luta no campo faz horror, e eles chega dos quatro canto do céu. E tudo esses emigrado que vagueia pela praia feito cormorão! E esses barco inglês no porto! Se não faz mal ao coração ver tuda essas coisa! Não é possível que os republicano, que partiu sem dizer nada, não retorna um dia desse pra libertar a gente!

REBEC

Vê se te cala, Javotte, fecha essa boca! Não te mete com política, menina! Nada mais pernicioso que ter uma opinião.

JAVOTTE

Oh! Azar, que pena! Eu sou patriota, e o senhor não vai me fazer ficar branca.

REBEC

Prudência, te digo eu, prudência! Pensa que te livre até agora dos maior perigo! Com certeza, a gente ia gostar de ver dilatar na alma o sentimento do patriotismo mais puro; mas, quando se trata de nossa vida e de nosso dinheiro, é preciso ter a coragem de se calar e o heroísmo de se esconder. Ah! Mas me diga, chegou gente essa noite, durante meu giro?

JAVOTTE

Alguns camponês monarquista das redondeza ainda veio buscar os uniforme e as arma.

REBEC

Você não entregou nada, espero?

JAVOTTE

Não, eles não tinha nenhum cupom pra troca. Eu disse que não tinha mais nada.

REBEC

E você não mentiu. Amanhã à noite vou levar o que sobrou e, quando começar a luta, a gente vai poder sair do albergue.

JAVOTTE

E se a gente puser fogo nele?

REBEC

Acha que sou burro pra fazer isso?

JAVOTTE

Tem certeza que seu esconderijo não vai ser descoberto?

REBEC

Fala mais baixo. Já avisei tudo mundo. Não se deve colocar tudo os ovo na mesma cesta. Tenho muitos cartucho e sapato num subterrâneo, um túmulo tudo derrubado na colina de Saint-Michel, bem pertinho daqui. Tenho balas e aguardente em três aldeia da costa. Tenho arroz e umas cartucheira nas ruína do convento. Tenho...

JAVOTTE

E, se os azul encontrar tudo isso, vão fuzilar a gente como traficante ou como vendido pros ingls!

REBEC

Então não enche meu saquinho! Sou mais esperto que eles! Eu mesmo vou levar eles prum dos meus esconderijo, isso vai me livrar da desconfiança dos outro.

JAVOTTE

Enquanto a gente espera, você rouba os monarquista!

REBEC

Oh! Minha cara Javotte, em tempos como esse, tem palavras que não significa mais nada. O que são esses armamento e essas provisão que os inglês e os insurgido distribui pros rebelde? Instrumentos da guerra civil, não é? Tudo bom cidadão tem direito de se apropriar deles pra entregar pra nação; mas tudo serviço merece sua recompensa, e nada mais legítimo que uma modesta especulação após os perigo que corri para conseguir esse butim incendiário! Eu lá pedi a confiança dos chefes insurgido? Não deu na telha deles me requisitar meu cavalo e minha charrete para trabalhar lá nos comboio deles e sua distribuição?

JAVOTTE

O senhor não foi obrigado, não é pra mim que tem de contar essas história! O senhor só veio pra esse lugar horrroso fingir que se estabeleceu porque ouviu falar da expedição e do que viria depois.

REBEC

Javotte, você tá fraca! Não compreende... você não tá à altura de minha missão.

JAVOTTE

Sua missão? Que que é isso agora?

REBEC

É o dever de atravessar as discórdia civil fazendo florescer as transação comercial em meio a tudo os perigo e a favor de tudo os transtorno. Eu me vanglorio de, nesse tocante, ser um homem comum e chegar logo numa boa posição que vai me garantir o bem-estar e a consideração... mas ouve... tão caminhando pela rua, indo pela praça... tão subindo a escada de pedra... tão batendo... Quem será que tá aí?

VOZ DE FORA

Um viajante, abre!

REBEC

(que olhou pelo guichê, abre dizendo) Entra!

Cena 2

(os mesmos, Raboisson)

RABOISSON

Bom dia, Rebec!

REBEC

Ah! cidadão barão, mais baixo, eu lhe suplico! E não me chame desse modo.

RABOISSON

(*rindo*) Verdade, é verdade! É Lycurgue, eu acho.

REBEC

Ah! misericórdia! Menos, menos! Aqui, sou da Normandia e me chamo Latoupe.

RABOISSON

Que seja Latoupe, Babaloupe; pra mim é a mesma coisa! Sei que você é um dos nossos, porque te vi trabalhando para nós lá no rio.

REBEC

E eu, eu bem reconheci o senhor ontem numa canoa da esquadra inglesa; mas não ousei falar consigo. E, sem ser demasiado curioso, o senhor...?

RABOISSON

Nada de perguntas sobre política, meu caro. Minha confiança só poderia te comprometer e eu sei que, por estado e por temperamento, você tem de atender todo mundo. Diga apenas se alguém veio me procurar aqui esta noite.

REBEC

Ninguém, senhor barão.

RABOISSON

Então, vou esperar na tua casa, sirva-me alguma coisa, o que quiser.

REBEC

Vou trazer um presunto delicioso. Javotte, desce lá na adega e traz o melhor que tiver. (*ele sai, Javotte o segue*)

RABOISSON

(*caminha com impaciência e vai olhar pelo guichê*) Ah! está aí! O homem é pontual. (*Saint-Gueltas entra, apertam-se as mãos em silêncio. Raboisson fecha a porta a chave*)

Cena 3

(*Saint-Gueltas, Raboisson*)

SAINT-GUeltas

Será que podemos nos falar aqui?

RABOISSON

Sim, o dono do albergue é dos nossos.

SAINT-GUeltas

Pois bem fale; é você que deve me instruir, estou aqui porque me chamou.

RABOISSON

Diabo! Você me deixa embaraçado...

SAINT-GUeltas

Basta, eu compreendo; estão recusando meus serviços?

RABOISSON

Jamais se recusam serviços como os seus; mas...

SAINT-GUeltas

Mas querem que eu trabalhe grátis?

RABOISSON

Os únicos bons serviços são aqueles que não se mercadejam. (para Rebec, que abre a porta da cozinha e traz o jantar) Um pouco mais tarde, deixe-nos. (*fecha a porta da cozinha e volta para Saint-Gueltas, que bate os pés com furor*) Então, vejamos! Você tem alguma filosofia, algum devotamento?

SAINT-GUeltas

(*irritado*) Ah! eu te admiro, você que me pede para ser desinteressado depois de ter excitado minha ambição quando a sua chegava ao fim. Eu falhei, você me dispensa, está tudo em ordem; mas você podia se poupar o trabalho de ralhar comigo.

RABOISSON

Não estou abandonando você, porque fiz você vir aqui: mas te defender abertamente ficou impossível. Seu competidor vence e, ora bolas, foi culpa tua, meu caro! Você é de uma imprudência, de uma temeridade... excelentes para o campo de batalha, mas funestas para a vida privada.

SAINT-GUeltas

Estão me acusando de quê?

RABOISSON

De bigamia, apenas isso!

SAINT-GUeltas

Quem me acusa? O abade Sapience?

RABOISSON

Sim, o abade afirma que tua primeira primeira esposa estava viva e gozava de toda sua razão quando você se casou com Louise... E então, o que diz?

SAINT-GUeltas

(que quebra uma cadeira) Ele mentiu! Ela estava completamente louca, incurável, e está morta!

RABOISSON

Tem prova disso?

SAINT-GUeltas

Melhor que isso: tenho certeza.

RABOISSON

Como? Vamos, explique-se.

SAINT-GUeltas

Não quero me explicar, não tenho contas a prestar a ninguém.

RABOISSON

Deixa pra lá! Isso é fazer a calúnia ganhar a causa. Circulam a seu respeito histórias espantosas que não ouse te repetir.

SAINT-GUeltas

Conta tudo, quero saber de tudo.

RABOISSON

Já que você quer... Fizeram correr o rumor entre os príncipes de que você tinha assassinado sua primeira mulher na noite de seu casamento com a segunda. Seu infeliz filho teria compartilhado da mesma sorte dela... Você ficou pálido! Tem alguma coisa de verdade aí?...

SAINT-GUeltas

Há uma coisa verdadeira: o menino estava vivo, se é viver um mostrengo ser privado de juízo; ele se afogou naquela noite fatal, eu encontrei seu corpo estendido na areia da praia.

RABOISSON

Então ele estava na sua casa? Como? Por quê? Com quem?

SAINT-GUeltas

É para me trair que você me inflige esse interrogatório?

RABOISSON

Não, é para provar sua inocência, se isso for possível, para te defender em todos os casos.

SAINT-GUeltas

Pois bem, não sei fingir, vou dizer a verdade... Aquela mulher me havia enganado, você sabe disso. Eu matei o amante abraçado a ela; ela ficou louca. Foi encerrada por um longo tempo em meu castelo de Marande com um garoto doente do corpo e do espírito que eu não acreditava ser legítimo, mas ao qual por lei fui obrigado a dar meu nome. Ela havia desaparecido em 92 com seu filho quando aquela residência foi tomada e incendiada pelos republicanos. Acreditou-se e fui levado a acreditar que aquelas duas miseráveis criaturas haviam sido degoladas ou queimadas; mas elas haviam escapado, e foram levadas à minha presença na véspera do dia em que me casei com Louise, cuja situação delicada você conhecia. Podia eu ou devia eu sacrificar a honra de Louise e meu futuro àquele fantasma de esposa legítima, objeto de horror e de aversão, cuja infelicidade nem merecia respeito? A lei que torna indissolúveis tais ligações é atroz. Ela violenta a mais inalienável das liberdades humanas, a de dispor de si mesmo. Minha mulher era culpada, não era mais nada para mim; ela estava louca, não era mais nada para ninguém. Acreditei-me no direito de considerá-la morta, e iria afastá-la para sempre... mas para que lhe contar o resto? O que foi feito, eu não o desejei nem ordenei; deveria ter castigado alguém por tê-lo feito... Mas, se punirmos todos os excessos de devotamento que somos forçados a aceitar, não teríamos mais soldados e servidores se oferecendo à nossa causa.

RABOISSON

Não importa! Diga tudo. Eles foram assassinados?

SAINT-GUeltas

Não, uma palavra matou os dois. Alguém lhes mostrou o castelo em que se obstinavam em entrar dizendo-lhes: "O caminho é por ali!" Era o pé de uma falésia, e a maré estava subindo.

RABOISSON

Foi o fiel Tirefeuille que cometeu essa coisa atroz?

SAINT-GUeltas

Não, não vou dizer nada... não posso dizer nada.

RABOISSON

Você jura que isso foi feito sem você saber?

SAINT-GUeltas

Eu juro a você.

RABOISSON

Pois bem, vou tentar acalmar os espíritos. Puisaye está com Charette; mas d'Hervilly comanda a expedição e, se você quiser trazer para cá seus homens de Poitevin...

SAINT-GUeltas

Impossível. A trégua os deixou chateados. Os camponeses nos traem e nos abandonam. O pequeno esquadrão de aventureiros que me resta mal é suficiente para colocar meu castelo ao abrigo de um soco.

RABOISSON

Assim, ao oferecer uma província inteira preparada para receber, acolher e defender os príncipes conforme a necessidade, você estava me enganando?

SAINT-GUeltas

Eu estava iludido; mas sei onde encontrar numerosos chefes chuãs cujos bandos espalhados por aí precisam apenas de um nome de prestígio para se juntarem a mim. Aqui, só tenho uma palavra a dizer, e ainda sou o chefe mais popular e mais temido da insurreição.

RABOISSON

Nada está perdido, então. Reúna seu exército, e esteja certo de que, quando isso acontecer, os procuradores dos príncipes deixarão barato a reprovação que pesa sobre sua vida doméstica.

SAINT-GUeltas

Os procuradores dos príncipes são intrigantes ou imbecis! Por que os príncipes não vêm eles mesmos auxiliar na luta que vai decidir sua sorte? É preciso dar o sangue e a fortuna a ingratos ou poltrões? Estou cansado desse papel de ingênuo! Comportaram-se mal comigo. Subsídios insuficientes, elogios restritos, agradecimentos frios, ao passo que encheram Charette de louvores, di-

nheiro e promessas! Entretanto eu fiz mais que ele, sofri mais, acompanhei a Venda até seu último suspiro. Fiz mais sacrifícios... os príncipes estão pobres...! É! Posso muito bem comer até meu último centavo e não contar com o futuro rei da França; mas, em termos de orgulho, eu não me vanglorio do desinteresse cavalheiresco. Quero um brilho proporcional à grandeza de minhas ações, quero um título pelo menos igual ao de Charette, quero um poder que contrabalance o dele. No trabalho vai-se ver quem de nós é o mais hábil, o mais corajoso e o mais influente. Quanto aos vícios e aos crimes de que me acusam, parece que ele não é mais branco do que eu.

RABOISSON

Reúna vinte mil chuãs e então poderá impor tuas condições. Quantos você tem por aqui?

SAINT-GUeltas

Quinhentos ou seiscentos já.

RABOISSON

Isso não é nada.

SAINT-GUeltas

Eu estou na Bretanha há 24 horas e você acha que esse resultado é pouco?

RABOISSON

Então, retome suas visitas e volte depressa com seus recrutas.

SAINT-GUeltas

Voltarei quando vocês tiverem sido vencidos.

RABOISSON

Muito obrigado mesmo.

SAINT-GUeltas

É preciso então que o senhor observe minhas ordens! Uma boa vitória dos republicanos fará cair as prevenções de meus amigos e rebater as pretensões de meus inimigos. Até à vista, meu caro; tenho tempo para pensar em meus assuntos domésticos, como você diz, e apontar para minha segunda esposa os seus deveres.

RABOISSON

Louise! O que me conta? O que ela fez? Onde ela está?

SAINT-GUeltas

Onde ela está, não tenho ideia. Ela fugiu de minha casa enquanto eu estava aqui. Acabaram de me informar. Sei que ela vagueia pelos arredores, aguardando um momento para embarcar ou fazer ainda pior.

RABOISSON

Como! Louise está deixando você? Ela te enganava? É impossível!

SAINT-GUeltas

Louise me enganava no sentido de que há longo tempo buscava assegurar uma outra proteção diferente da minha; ela me ameaçava continuamente de me deixar. Ela é injusta, imperiosa, devorada pelo ciúme, amargurada pela dor; nosso filho não viveu. Finalmente, sem meu conhecimento deve ter estabelecido entendimentos com nossos inimigos... talvez com seu primo Sauvières, que é agora, eu sei, aliado do Sr. Hoche. Eu não a acuso de infidelidade, mas vejo que ela é covarde e não entendo porque ela desonra assim o nome que você me forçou a dar a ela.

RABOISSON

Fiz por ela tudo o que devia, tudo o que podia. Ela quis ser tua mulher, ela é que deve aceitar as consequências. O dia vai amanhecer, tenho que ir. Você me disse sua última palavra? Não quer se juntar a nós?

SAINT-GUeltas

Ainda não.

RABOISSON

Isso não é patriótico nem fraterno. Você está disposto a vir recolher nossos mortos no campo de batalha? Talvez eu esteja entre eles; aceite, então, meu adeus.

SAINT-GUeltas

Fique tranquilo, eu o vingarei.

REBEC

(batendo à porta da cozinha) Abram, abram a porta!

RABOISSON

(indo abrir) O que é que há?

REBEC

Os azuis! Os azuis"! Tão invadindo a aldeia...

SAINT-GUeltas

Estão atacando?... Não ouvi qualquer notícia!

REBEC

Não, ninguém diz nada. Eles tão se instalando, e provavelmente... Sim, estão vindo para cá. Estão entrando pela ruela... e pela cozinha...

RABOISSON

(baixo, para Saint-Gueltas) Se você tem quinhentos homens na mão, essa seria uma ótima ocasião para um golpe de brilho.

SAINT-GUeltas

(amargo e irônico) Não, senhores, os senhores ainda estão intactos; aos senhores a honra. *(eles saem. Batem à porta da rua, Rebec vai abrir. Motus entra)*

Cena 4

(Rebec, Motus, depois Javotte)

REBEC

Saúde e fraternidade!

JAVOTTE

(acorendo) Viva os azul!

MOTUS

Ô, arrepiado com essa recepção! Onde, diabos, sem ofender vocês, vi vossas estimadas fuças? Para já com essa coisa. Já vi demais. Se virem pra preparar o repouso e a comida para meu capitão.

REBEC

Ah! o capitão Ravaud, não é?

MOTUS

(com um suspiro fundo, levando a mão à testa numa saudação militar) O capitão Ravaud, coronel do exército do Reno morto no campo de honra!

REBEC

(que serve com Javotte o desjejum preparado para Raboissou e Saint-Gueltas) O senhor vem de lá?

MOTUS

Não, eu não, nem meu destacamento. Tamos já faz um ano no campo contra aquela chuanada endiabrada! *(cospe ao dizer 'chuanada'. Javotte faz como ele, por simpatia patriótica).*

REBEC

Então, o Sr. Henri... quero dizer, o cidadão Sauvières, onde ele tá?

MOTUS

Coronel do exército do Reno, substituindo o coronel Ravaud. *(para Javotte, que o examina)* E então, mocinha? Onde diabos foi que já te vi? Beleza do seu calibre não se esquece não!

JAVOTTE

Santa cruz! No castelo de Sauvières em 93! Eu te reconheço bem, ó!

MOTUS

Envaidecido com sua lembrança.

REBEC

E seu atual capitão, como se chama?

MOTUS

Cidadão albergueiro, vai perguntar pra ele mesmo, e ele vai te responder e achar necessário e conforme o regulamento da civilidade. Falando nele, ó, tá aí.

Cena 5

(Os mesmos, o capitão)

CAPITÃO

(falando na soleira a um tenente acompanhado de quatro homens, em voz baixa) – Fiquem de sentinela e se comportem muito bem. Não arranjam encrenca com os habitantes, não façam provocação inútil. Se encontrarem alguma pessoa suspeita, não prendam ninguém sem necessidade absoluta. Essas são suas ordens superiores. Não temos nada a fazer antes da chegada dos granadeiros. Em duas horas vou voltar para uma ronda. *(entra sozinho no albergue)*

JAVOTTE

(baixo, para Rebec) Um homem bonitão, tudo loiro, tudo jovem; deve ser bem à toa, aquele ali, não acha?

REBEC

(observando o capitão que se aproxima da lareira maquinalmente; refletindo) À toa? Tem olhos azul que brilha feito estrela. – Acende uma vela aí, que não se vê quase nada! *(Para o capitão, enquanto Javotte acende a vela)* Você tá cansado, cidadão oficial, após essa parte da noite? *(o capitão, absorto, não lhe*

presta atenção) Ademais, no auge do verão, é melhor mesmo caminhar na hora da fresca! (*silêncio do capitão*) E depois, pra derrotar o inimigo, não é? (*para Javotte*) Ele é mesmo surdo feito uma porta! (*para o capitão, com voz elevada e lhe apontando a mesa servida*) O desjejum tava esperando o senhor, capitão! Se quiser ter a finura de se sentar...

CAPITÃO

Obrigado, não estou com fome.

REBEC

Nem sede? (*o capitão diz não com a cabeça; para Jovette*) Bom, então a gente come: os branco não têm tempo, os azul não têm apetite... (*alto*) Capitão... (o capitão tem um ligeiro movimento de impaciência e leva as mãos às orelhas) O homem é mesmo surdinho! Acho melhor gritar!

JAVOTTE

Ah não! Aí ele diz que o senhor quebrou a cabeça dele!

REBEC

Ou então ele não quer ser tratado de você. O fato é que isso já tá começando a encher. (*ao capitão*) Messiê le capitain deseja alguma coisa?

CAPITÃO

Nada, obrigado. Preciso de uma hora de sono.

REBEC

O quarto aí do lado tá pronto. Tem uma cama supimpa.

CAPITÃO

Muito bem. (*entra no quarto vizinho*)

REBEC

(*cruzando os braços sobre o peito, com estupefação*) Javotte! Taí uma coisa espantosa, surpreendente, atordoante!

JAVOTTE

O que é que pode ser isso?

REBEC

Você não duvida de nada, não é?

JAVOTTE

Não! o que é que tem agora?

REBEC

Espera! Vou ver a cara dele quando ele tirar aquele boné de pelos.⁴⁶ (*olha pela fresta da porta*) Não tirou não. Se deitou não; agora sentou; vai dormir com os cotovelos na mesa e o sabre na cintura... um verdadeiro militar esse aí! Tem medo de alguma surpresa – e não tá errado não! – agora foi apagar a vela, ih não vejo mais nada. (*recompondo-se*) Não importa, tenho certeza agora, tenho certeza, é ele!

JAVOTTE

Ele, quem?

REBEC

Cadio!

JAVOTTE

Que mané Cadio? Aquele tocador de gaita que ia lá na Mystère?

REBEC

Ele mesmo.

JAVOTTE

Tá sonhando! Não é possível!

REBEC

É como tou te dizendo.

JAVOTTE

Vai ver reconheceu a gente.

REBEC

Você sabe muito bem que ele era meio louco. Agora ficou maluco mesmo de vez!

JAVOTTE

Se ele já era louco, não podia ficar maluco, né ô!

REBEC

Bah! Ele sabia ler e escrever, e falam isso dos oficiais! Os chuã matou foi é muitos! Tinha tanta vaga sobrando... depois a gente vai saber se ele tinha matado o Mâcheballe. Merecia uma boa recompensa.

46 **No original**, *kolback* (= *colback*, *colbaque*, termo emprestado ao turco *qalpaq* “boné de pelo”): 1653 boné de pelos; 1799 boné de pelos dos caçadores a cavalo da guarda consular; 1819 boné de pelos da cavalaria ligeira.

JAVOTTE

Espera! Tão batendo na portinha. *(ela sai pela cozinha)*

REBEC

Merda de vida!... Aquele Cadio e sua gaita... agora oficial, cara de orgulhoso... fala seca... postura imponente, cruz credo! E então, agora... por que não? Os interesses dele são os meu... vou contar tudo pra ele!

Cena 6

(Henri, Motus, Rebec)

REBEC

Bom! Outra surpresa. Agora o Sr. Henri! Imaginava o senhor no Reno.

HENRI

Pois é, cheguei! Onde está o amigo Cadio?

REBEC

Tá dormindo aí, como bom patriota, de armas e bagagem!

HENRI

Isso quer dizer que seus minutos de repouso são contados; não vamos incomodar o rapaz. *(para Rebec)* Deixa aqui o desjejum e acrescenta o que você puder. Estou esperando um convidado. Vai lá cozinhar qualquer coisa, depressa. *(Rebec sai; para Motus)* Essa agora! Você me diz que ele é capitão? Puta merda! No fim de um ano de serviço!

MOTUS

Que nada, meu coronel. No fim de um mês de serviço. Nomeado por unanimidade por uma ação de brilho. Belo militar em todos sentidos, admirado pelos soldados, se bem que um bocado cachorro.

HENRI

Cachorro?

MOTUS

Desculpe o elogio, meu coronel. Quero dizer que é um cara dado à disciplina e não livra ninguém do chicote e da língua; mas é justo e uma mamãezinha pros seus homens, é por isso que lhe perdoam as coisas...

HENRI

Que coisas, diz aí?

MOTUS

O capitão Cadio, teu amigo – e meu também no tempo em que era soldado como eu – agora virou... um tigre!

HENRI

Ah! um cachorro, um tigre... O que mais?

MOTUS

Se o abuso de minha fala te ofende, meu coronel, é só me dizer pra mim, e meto minha linguagem nos eixo.

HENRI

Não! já que sou eu que te interrogo.

MOTUS

Tá bem, então! O capitão é um tigre na batalha; nada é bastante pra ele, sempre o primeiro no fogo, nunca se encosta, nada de prisioneiro; tudas nossas espada caiu pesado no miolo dos chuã e a gente caminhou com o sangue deles até os sovaco. No tempo do capitão Ravaud, que com certeza foi um bravo soldado, a gente tinha o coração um pouco sensível pros vencido, e eu mesmo... Mas foi preciso reformar o passo na ferocidade e agora que a clemência tá na ordem do dia, a gente não sabe o que vai fazer o capitão, que não é um homem igual aos outros humano.

HENRI

Que tipo de homem ele é, na tua opinião?

MOTUS

Ah! meu coronel, uma definição vai pra lá das faculdade que eu possa ter pra te explicar essa coisa.

HENRI

Pelo menos tenta, vai!

MOTUS

Pois bem, sem prejudicar ele, eu acho, meu coronel, que ele tem uma pontinha assim de religião lá naquela cabeça dele, como que podia dizer uma devoção ao Ser Supremo, que joga ele nos êxtase e outros lance superior do espírito, onde ele vê coisas que deve de acontecer e até mesmo os evento que acontece longe dele e que os homem não percebe. Tudas batalha que a gente perdeu ou ganhou, ele conheceu tudas elas na véspera, e até quem de nós ia passar a arma pra mão esquerda.

HENRI

Ora, ora! E ele lhes fez alguma vez alguma predição desse tipo?

MOTUS

Não, meu coronel. Fora do serviço ele não fala nunca; mas, no seu modo de agir lá dele, a gente percebe que ele sabe o que vai acontecer e, lá no jeito dele de considerar a tropa, a gente vê na testa do soldado a conta das hora que resta pra ele.

HENRI

O que é isso! meu bravo Motus, vejo que você não tem o espírito tão forte como eu acreditava e que sempre existem superstições nas tropas do oeste. É swua terra que quer assim; você pegou essa coisa lá com os camponeses...

REBEC

(entrando com um ganso assado. Javotte carrega duas garrafas de vinho)
Cidadão coronel, tá aí um camponês que pede pra falar com o senhor; disse que o senhor tá esperando por ele.

HENRI

Ah sim, faz o sujeito entrar. *(para Motus)* Vai, bebe um copo à minha saúde.

MOTUS

Vou fazer isso muito agradecido, meu coronel. *(Motus acompanha Rebec para a cozinha. O camponês bretão entra)*

Cena 7

(Henri, o bretão)

HENRI

Pois bem amigo, é você...

BRETÃO

(com uma risonha e aberta) Eu... quem?

HENRI

Christian Tremeur, de Pornic?

BRETÃO

Esse aí sou eu mesmo. E o senhor?

HENRI

Henri de Sauvières.

BRETÃO

Coronel dos hussardo da República?

HENRI

E o senhor, chefe dos contra-chuãs em disponibilidade?

BRETÃO

Isso mesmo. Vamo cear ou almoçar, eu não como nada já faz 24 hora. A gente fica endurecido de cansaço e de miséria, tem que se sustentar quando a ocasião se apresenta.

HENRI

Seu desjejum está servido. (*sentam-se*)

BRETÃO

(*destrinchando o ganso com muita destreza*) Doce Jesus! Essa é uma bela peça pros tempos que corre, não é?

HENRI

Sim, para uma região onde reina a míngua...

BRETÃO

Oh! Desde que os cachorro inglês nela desembarcou víveres, não tem faltado nada; mas isso não vai durar muito tempo! A distribuição é muito mal-feita, cada um pega pra si a parte dos outro, sem falar daquele que trafica comida. Não é um saque, meu Deus, é um verdadeiro ressaque! Mas isso não importa, a gente tem é que se aproveitar. Olha aí, o famoso vinho! À sua saúde!

HENRI

À sua!

BRETÃO

O que o senhor acha desse vinho?

HENRI

É um bordeaux de boa qualidade.

BRETÃO

O senhor veja esses maldito inglês que regala com essa coisa os seus oficial, ao passo que os senhor, vocês bebe água-suja de maçã! É assim que é, né?

HENRI

E se nós falássemos de coisas mais sérias, senhor Tremeur? O senhor me parece um bon vivant, e sua carta que recebi em Auray me deu confiança; mas o tempo é precioso...

BRETÃO

Paciência, paciência! Vamo começar pelo começo. O senhor conhece bem aquele Saint-Gueltas?

HENRI

Pessoalmente, não.

BRETÃO

No entanto, os senhor esteve bastante próximo na campanha do além-Loire?

HENRI

Penso que sim, mas nada o distinguia de seus soldados; se vi sua figura, ela não me chamou a atenção.

BRETÃO

Deixa pra lá!

HENRI

Por quê?

BRETÃO

Porque eu pretendia entregar ele pro senhor; mas, como o senhor sabe que não roubo seu dinheiro, se o senhor não puder dizer pra si “é uma maldita velha raposa que esse aí me traz”, então vai poder dizer “é mesmo um verdadeiro javali do mato que me dão pra esfolar”?

HENRI

O senhor quer me entregar essa coisa? Era esse o objetivo da entrevista que me pediu?

BRETÃO

Foi só esse e nenhum outro; combina com o senhor, eu acho.

HENRI

Pois bem, o senhor está enganado, meu caro; essa não é a minha de modo algum. *(levanta-se da mesa)*

BRETÃO

(tirando de sua cintura uma pistola, que coloca sobre a mesa, ao lado de seu prato) He he, isso agora ficou bastante engraçado!

HENRI

(sem olhar para ele) Mas não; ao contrário, ficou muito sério.

BRETÃO

(colocando sua outra pistola do outro lado do prato) Será que o senhor tá desconfiado de alguma coisa?

HENRI

(virando-se) É o senhor que tem alguma desconfiança. O que está fazendo aqui?

BRETÃO

O senhor me desculpe, isso tá atrapalhando minha refeição, e ainda tou com fome.

HENRI

(sentando-se novamente na frente dele) Fique à vontade! *(tira de sua roupa duas pistolas, que coloca ao mesmo tempo sobre a mesa à sua direita e à sua esquerda)* Sim, algum constrangimento, pouco prazer.

BRETÃO

Bem-dito! Então o senhor se recusa a esfolar aquela besta fera?

HENRI

Não sei esfolar, isso não está nos meus hábitos.

BRETÃO

Mas mandar ele pros teus juiz não é conveniente pro senhor, não é?

HENRI

Isso são procedimentos da polícia que não fazem parte de minhas atribuições. Se eu o pegar de armas na mão, vai ser diferente; mas negociar uma traição não me convém, como o senhor diz.

BRETÃO

O senhor é bastante delicado! O senhor não tá aqui, vestido de burguês, pra fazer espionagem, do jeito que é permitido na guerra?

HENRI

Realizar em terra inimiga um reconhecimento perigoso é o meio que se pro-

cura para poupar a vida dos homens, concluindo-a o mais rápido e seguro possível. É preciso cumprir a parte do sangue; mas o dever de um bom soldado e de um homem honesto é realizá-lo tão breve quanto possível com determinação da posição e dos recursos do inimigo, e com diminuição das chances do acaso cego. Até aqui, o decapitamos no escuro e muito frequentemente sem outra esperança senão a de vender caro sua vida. Não é esse o objetivo da guerra que fazemos. Esperamos poupar os camponeses quando os aproximarmos da impossibilidade de se sublevar e, quanto aos líderes e outros chefes, queremos tentar religá-los à pátria. O Sr. Saint-Gueltas, intimado a se pronunciar livremente, vai agir segundo sua consciência; mas, pego numa armadilha, vai desejar morrer bravamente, e não me encarrego de o assassinar.

BRETÃO

(esquecendo-se) O senhor é um homem honrado, tou vendo, senhor de Sauvières!... *(retomando sua linguagem e sua fisionomia de camponês)* Mas o senhor acha que vai subornar aquele velhaco?

HENRI

Comprar o Sr. Saint-Gueltas? Não ouvi dizer que fosse possível, e não creio nisso.

BRETÃO

O senhor não ouviu dizer que ele tava arruinado, reduzido a pedir migalhas, capaz de tudo a qualquer momento?

HENRI

Ouvi dizer que estava arruinado na devassidão; ou dizer que havia sacrificado a fortuna pela sua causa. Acredito que as duas versões são verdadeiras e que ele pôde encarar os prazeres e sua dedicação. Seja qual for seu verdadeiro caráter, tenho razões pessoais para desejar que ele sobreviva à guerra aceitando a paz. *(levanta-se novamente, deixando as pistolas sobre a mesa; o camponês também faz a mesma coisa e se aproxima dele com confiança)*

BRETÃO

Posso lhe perguntar qual é suas razão?

HENRI

Ele as conhece, e basta.

BRETÃO

Mas e se eu também conhecer elas?

HENRI

Vejamos.

BRETÃO

Ele se fez amar por uma mulher que o senhor ama, e o senhor deseja se bater em duelo com ele: coisa de cavalheiros!

HENRI

A mulher que eu amava como minha irmã e que me amava como seu irmão tornou-se sua esposa legítima. Estou prestes a me casar com uma pessoa que me ama e, a menos que o Sr. Saint-Gueltas, que passa por ser pouco fiel no amor, maltrate e rebaixe minha parente... Mas eu não suponho tal coisa; e o senhor?

BRETÃO

(esquecendo-se) Saint-Gueltas nunca rebaixou nem maltratou as mulher que se respeita.

HENRI

Então, como minha prima é dessas, provavelmente não tenho nenhuma reparação a exigir do senhor.

BRETÃO

Exigir *de mim?*

HENRI

Sim, senhor marquês, eu o reconheço agora, não por conta de uma lembrança bastante nítida, mas por causa de sua cara e de suas palavras. O senhor é o próprio Saint-Gueltas, e quis zombar de mim. Eu o perdoo, com a condição de que me dê para essa tentativa uma razão tão leal quanto minha resposta.

SAINT-GUeltas

O Sr. Conde de Sauvières aceita minhas excusas?

HENRI

Com certeza, senhor; mas ficaria mais sensibilizado com um desejo sincero do que com uma cortesia evasiva. Por que me preparou essa armadilha?

SAINT-GUeltas

(sorrindo) O senhor quer mesmo saber? Pois bem, vou lhe dizer. Eu queria matar o senhor!

HENRI

Como inimigo político?

SAINT-GUeltas

Como inimigo pessoal.

HENRI

O senhor pensava dever se desembaraçar de um inimigo da sua felicidade?

SAINT-GUELTAS

De um inimigo de minha felicidade.

HENRI

O que fez o senhor pensar...?

SAINT-GUELTAS

Um acaso, uma coincidência... o amor tem suas fraquezas, o cíume suas aberrações. O senhor não exige que eu me confesse mais? Fui desarmado por sua franqueza, desarme-se pela minha! (*estende-lhe a mão*)

HENRI

(*dando-lhe a mão*) Basta. E agora, senhor, vamos nos separar sem que o senhor refira alguma palavra minha de estima ao general em chefe? Ele é daqueles cujo caráter todas as facções respeitam, e o senhor o conheceu em Nantes no ano passado quando assinou um tratado de paz...

SAINT-GUELTAS

Que não foi respeitado por um lado nem pelo outro.

HENRI

Parecia-me que...

SAINT-GUELTAS

Perdão se o interrompo! Parecia-lhe que, a despeito de nossas promessas, nós tínhamos continuado a guerra de escaramuças que esgota suas tropas e impede a República de dormir tranquila? Pense, senhor, que nunca tivemos soldados alistados à força, e que os nossos se licenciam eles mesmos quando lhes apraz, ou retomam as armas por sua própria conta quando bem entendem. Nossos camponeses ficaram exasperados. Eles se vingam sem nós e com frequência sem nosso conhecimento, quando a ocasião se apresenta. Eles devolvem o mal que foi feito a eles. Foi culpa nossa, podemos condená-los? O senhor disse sob o Terror: "Viva a República apesar de tudo!" Permita que diante da chuanada nós digamos: "Viva o rei apesar de tudo!" Aquela gente não assinou o tratado da Mabilaye,⁴⁷ e não pudemos responder por nós mesmos. Sob o pre-

47 Tal como grafado no texto original. O *traité de La Mabilais* foi um acordo de paz assinado em 20 de abril de 1795 em Rennes, entre os chuãs e a República Francesa. A partir do final de 1794, as autoridades da República optaram por uma política de pacificação, conduzida notadamente pelos generais Hoche (Exército da costa de Brest) e Canclaux (Exército do Oeste) e pelo →

texto de contê-los e castigá-los, vocês nos cercaram com tropas que nos tornaram a existência impossível, contra o que é impossível não protestar.

HENRI

E é porque reprimimos os bandidos que continuam a roubar e assassinar em todas as estradas que o senhor chamou o estrangeiro para cá?

SAINT-GUeltas

Por favor! Isso é uma outra questão. Seus generais, Canclaux entre outros, nos haviam dado esperanças que não se realizaram.

HENRI

Esperanças?

SAINT-GUeltas

Eles não traíam seu mandato ao procurar fazer cessar a todo preço a guerra civil. Eles tinham horror às crueldades exercidas contra nós, eles as rejeitaram, queriam imprimir à tirania republicana um movimento de recuo que permitia à opinião se manifestar, e nós, que acreditamos saber que a França é monarquista, nós contamos com o triunfo pacífico de nossas ideias ao ver vocês rejeitarem seus procônsules derrubados e proibirem que fôssemos chamados de brigadistas. O evento frustrou as esperanças deles e as nossas; a Convenção ainda reina, os nossos amigos e parentes estão proscritos e lotam suas prisões. Os senhores estão sempre em armas ao nosso redor, enfim sua deusa Liberdade está sempre postada em seu pedestal vermelho, o cadafalso. Nesse estado de coisas, o grito do povo é sufocado, a guerra que os chuãs lhes fazem é um protesto indignado, mas sincero, contra o despotismo, que para eles é odioso. Nós vimos claramente que vocês não eram os mais fortes no conselho, e que a chusma de Robespierre prolongaria indefinidamente nossa agonia e a da França. Nós acreditamos que estamos livres para protestar e chamar vocês para a batalha... Chegou o dia! Daqui o senhor pode ver no mais belo porto da Europa catorze vasos de guerra que acabam de atacar os seus ao passar. Eles trouxeram munição para armar oitenta mil homens e uniformes para vestir sessenta mil...

HENRI

(sorrindo) Onde estão os homens?

representante oficial em Nantes Albert Ruelle. Desde o dia 17 de fevereiro de 1795, entrara em vigor um tratado provisório, o tratado de La Jaunaye, assinado pelos vários chefes vendeanos, em particular por Charette e Sapinaud.

SAINT-GUeltas

Tema vê-los brotar da terra e ter de contá-los, senhor! Somos senhores de uma península que contém cartorze aldeias e que fecha uma estrada fácil de defender com um punhado de soldados e o fogo de alguns barcos. O que nos importa sua abordagem, para nós que comandamos aqui, com forças que ocupam a região por quarenta léguas de profundidade? E os senhores, vocês mal completam quinze mil, disseminados em pequenos destacamentos de algumas centenas de indivíduos. Nesta aldeia, vocês são duzentos, nem um a mais! Eu é que teria de esmagar vocês até o último, antes de duas horas a partir de agora!

HENRI

Por que não tenta? Ficou calado agora, senhor marquês? Minha pergunta é indiscreta, mas seu silêncio é eloquente! O senhor tem suas razões para nos poupar, e eu as conheço. O senhor não está de acordo com a expedição que ameaça nossas costas, ou porque é um bom juiz das faltas que ela comete todos os dias, ou porque, como eu prefiro supor, seu patriotismo repugna compor com o estrangeiro para fazer triunfar sua causa!

SAINT-GUeltas

(perturbado) Há alguma verdade no que o senhor diz: não se aceita um socorro desses sem sofrimento... Mas creia que eu sofreria ainda mais por ter que exterminá-lo aqui, o senhor que acaba de me testemunhar uma lealdade cavaleiresca. Faça-me a honra de pensar que isso acontece antes de tudo para mim!

HENRI

(inclinando-se) Porque estamos em muito bons termos, senhor, permita-me dizer-lhe por minha vez o que penso de sua apreciação de nossa força material e moral. Fôssemos ainda menos numerosos do que não lhe agrada supor, não é por quarenta, é por duzentas léguas de profundidade que ocupamos a França. Nós somos uma nação, e se a liberdade de reestabelecer a realeza não nos é concedida, é porque a França nos proibiria de a conceder a vocês, apesar de sermos tentados a fazê-lo. A liberdade não reina, eu concordo: o sentimento que temos é bastante novo para não ser apaixonado, ciumento e sombrio; mas esse temor que temos de perdê-la que gerou e animou em nós o sistema do terror deveria provar aos senhores, de resto, que a França não é monarquista. Vocês alimentam um erro fatal que os coloca em guerra contra vocês mesmos; ele os engana em suas noções de patriotismo e de lealdade. Proibiram-nos de tratar vocês como bandidos... Nos saímos bem, sem dúvida, e estou longe de rir do título sentimental de irmãos perdidos que oficialmente vocês nos deram. Vocês o mereciam, ainda o merecem. Ai! Vocês não sabem o que fazem! Vocês rasgam o ventre que os carregou, desperdiçam o tesouro de uma bravura heroica, atraem todos os males para a mãe comum... Seus braços feridos e sangrando se fecham novamente e os sufocam!

SAINT-GUeltas

(emocionado, enrijecendo-se) Nós estamos jogando nossa última partida, eu sei; mas ela é bonita, confesse!

HENRI

Ela está perdida, vocês foram vitoriosos em Quiberon! Nossas legiões são indestrutíveis! É a cabeça da hidra que vão cortar em vão e que vai rebrotar com uma rapidez espantosa!

SAINT-GUeltas

O que, então, vais nos oferecer o general Hoche? Eu sei que o senhor é íntimo dele agora; deve conhecer seu pensamento.

HENRI

A tolerância religiosa mais absoluta, o perdão e o esquecimento dos erros cometidos.

SAINT-GUeltas

Tudo isso? é uma segunda edição do tratado de La Jaunaye; nós o rasgamos. Diga ao Sr. Hoche que ele nos enganou! Como homem galante que é, isto é, enganando-se antes. Atribuiu-se uma onipotência que não possui, porque a Convenção funciona sempre e mantém atrás da *palavra sagrada* do general, uma porta aberta para a traição. Ele quer combater esse poder iníquo? Que o diga, e nós nos juntamos a ele para marchar sobre Paris: que ele abjure, também ele, seus erros passados, e seremos nós que perdoaremos nossos irmãos perdidos! De outro modo, nós combateremos os senhores até à morte; essa é minha última palavra.

HENRI

Eu a lamento, mas aqui está a minha: nós rebrotamos a realeza com horror!

SAINT-GUeltas

Os senhores estão errados! Um dos seus generais, mais ousado ou mais ambicioso que os outros, vai nos entregar a realeza – a menos que a conserve para si mesmo, caso em que vocês apenas terão mudado de senhor! Adeus!
(Henri o leva para fora. Quando volta, Cadio saiu do quarto vizinho e se joga em seus braços)

Cena 8

(Henri, Cadio, depois Motus, Javotte, Rebec)

CADIO

Eu ouvia sua voz, parecia estar sonhando.

HENRI

Você não estava me esperando? Não recebeu minha carta da Alemanha?

CADIO

Não, onde ela me alcançaria? Faz três anos que só faço me despencar de oeste pro norte da Bretanha sem parar em canto algum. Na cabeça de uma companhia de elite, eu tinha que varrer a chuanada de suas tocas... Mas você, como veio parar aqui?

HENRI

Eu estou de licença. Hoche me escreveu para vir me encontrar com ele aqui. Marie está em Vannes, onde a vi por um instante... Ah! estou feliz, meu amigo! Ela tinha falado de mim ao general; ele se interessa pelo nosso amor; ele me ligou por um breve tempo à sua pessoa, o que vai me permitir fazer com ele esta campanha contra os ingleses. Ele confia em mim, e me caso com Maria assim que tivermos retomado Quiberon desses ingleses; é para conhecer o estado das forças deles e que uso querem fazer delas que vim para esses lados como observador, encarregado de ver, de compreender, de adivinhar se preciso, e de prestar contas de tudo que vir! Você sabe alguma coisa, você que estava ontem em Plouharnel?

CADIO

O inimigo ainda não resolveu nada. Está dividido. Discute e inveja. Perde seu tempo e sua pólvora em escaramuças. Não tem culhões para enfrentar uma luta verdadeira! Que o general chegue depressa, que os surpreenda de calças na mão, é a hora certa!

HENRI

Ele sabe disso, e está a caminho.

CADIO

Já devia ter chegado! Nossos pequenos destacamentos, suficientes contra a chuanada de varejo através dos bosques, não se sustentariam em terreno aberto contra um movimento ao qual a população das costas com certeza ia aderir.

HENRI

Tenho ordem para fazer você se retirar se for atacado.

CADIO

Nesses assuntos, não somos atacados; estamos cercados e a retirada daqui é impossível. No fim das contas não importa! Essa coisa já aconteceu tantas vezes que uma a mais ou a menos não vai mudar nada no destino dessa guerra. Se a gente tem de morrer aqui pra ganhar algumas horas pra caminhada dos patriotas, tudo bem! Era dever da gente. *(indo até à janela)* tá amanhecendo. O sol tá saindo da cama. Tá bonito! Olha! É a terra onde passei minha infância; tô aqui emocionado olhando de novo pra ela! Tá vendo lá pra baixo aquelas rochas? Foram meu berço. Foi lá que me encontraram, bebê abandonado. Tem aí pra cima uma baita estrela branca que ainda brilha. Ah! como o céu não liga pras nossas pequenas questões de vida e de morte! E a terra? Dá pra dizer, vendo esse mar tranquilo, essa praia ainda muda e como que mergulhada nas delícias do sono, que massas de homens procuram a sombra das colinas, esperando a hora de se degolarem? Nada se mexe... nenhum ruído anuncia combates! Quem sabe se, antes que o sol vermelho trnha substituído a estrela branca do zênite, não vai ter mais membros espalhados e pedaços de carne nos arbustos floridos... dizem que essas pedras do caminho marcavam em tempos antigos as sepulturas dos mortos caídos em batalhas... elas estão por aí esperando, mornas e ásperas. Tem muito tempo que elas não bebem; elas têm sede do sangue dos homens.

HENRI

Ah! meu poeta Cadio, veja só onde você está! Sabe que, entre teus soldados, você é um iluminado?

CADIO

Me acham um feiticeiro, isso sim, eu sei.

HENRI

Não é um pouco por sua culpa? Não acredita nem um pouco nas tuas visões?

CADIO

Não tenho mais visões, mas tenho o sentimento lógico e seguro daquilo que deve ter existido e do que deve existir.

HENRI

Você não é modesto, meu camarada.

CADIO

Por que eu teria vergonha ou orgulho? As ideias sempre me chegaram sem a

participação de minha vontade. Elas estavam no ar que respirei, elas me vieram sem ser chamadas; quem pode mandar nessas coisas?

HENRI

Sempre fatalista, hein?

CADIO

Não sei; não tive tempo de ler muitos livros para bem conhecer o sentido dos nomes que se dá aos pensamentos. Tenho na alma um mundo ainda obscuro, mas atravessado por luzes repentinas. Quando a verdade quer entrar aí, ela é bem-vinda. Ela entra nele como uma bala num batalhão, e tudo o que está em mim, não sendo ela, não existe mais.

HENRI

Não tem medo de trocar seus instintos por verdades, Cadio? Dizem que você se tornou vingativo.

CADIO

Eu não me tornei vingativo, permaneço inexorável. Não é a mesma coisa. Fui temeroso, me achavam suave... eu não era. Eu odiava o mal a ponto de odiar as pessoas e de fugir delas. Deus só me tinha dado uma alegria na solidão, um verbo interior que se traduzia pela música inspirada que eu acreditava ouvir, quando meu sopro e meus dedos animavam um instrumento rústico e grosseiro. Eu sonhei, naquele tempo, que eu me colocava, por meio daquele canto selvagem, em contato com a Divindade; eu estava imerso no erro. Deus não ouvia meu canto; mas eu elevava minha alma até ele, e me fazia eu mesmo o milagre da graça. Agora, sei que Deus é o lar da justiça eterna, e que sua bondade não pode se assemelhar à nossa fraqueza. Ele é bom quando cria e não menos grande quando destrói. A morte é sua obra tanto quanto a vida... talvez ele próprio viva e morra como a natureza toda, em todo instante de sua duração indestrutível. O que é a morte? A mesma coisa para os bons e para os maus. Morrer não é um mal. A infelicidade é renascer mal quando já se foi mal. Eis porque se deve fazer da vida uma expiação e vencer toda fraqueza para estabelecer o reino austero da virtude. O passado da França foi sujado, purificar esse passado é um dever sagrado. Eu só tenho um jeito: destruir o velho ídolo a golpes de sabre. Eu me valho desse meio com uma vontade fria, como a foice que apara tranquilamente a planície para que ela brote mais espessa e mais verde!

HENRI

Não posso te seguir nesse mundo de ideias estranhas que você evoca. Tenho uma religião mais humilde e mais doce. Faço meu Deus com o que tenho de mais puro e mais ideal no meu pensamento. Não posso concebê-lo fora daquilo com que me concebo. Está sorrindo com piedade? Que seja! Minha cren-

ça tem, pelo menos, efeitos melhores que a sua. Você persegue a selvagem tradição da vingança; eu, eu persigo o reino da fraternidade e nele trabalho, mesmo fazendo a guerra, na esperança de assegurar a paz.

CADIO

(*com um suspiro*) Vamos voltar para a realidade palpável, se você quiser. Acredito que você traz aqui as ideias de clemência de seus generais. É uma desgraça, uma grande desgraça! Eu protesto!

HENRI

Você vai quebrar sua espada porque te proíbem de enfiá-la no peito de teu vencido?

CADIO

Não! eu sei que vai ser preciso voltar ao terror vermelho ou perder o jogo contra o terror branco.⁴⁸ Os aristocratas jamais se entregarão em boa fé, você vai ver, Henri! Eles já estão levantando a cabeça bem alto! (*mostrando ao longe a esquadra inglesa*) E lá está o fruto dos tratados! Lá está o resultado do beijo de La Jaunaye! Eu os vi em Nantes, esses partidários reconciliados! Eles cuspiam em público na roseta tricolor,⁴⁹ e era preciso sofrer isso calado! Nosso sangue vai pagar pela covardia da diplomacia dos senhores, pacificadores ávidos de popularidade! Pouco importa! Nós somos os exaltados ferozes dos quais ninguém lamenta se livrar... Quando os senhores nos tiverem extirpado do solo, só vão ter que esperar uma coisa: serem cuspidos na cara!

HENRI

Vamos lá, acalme-se! Você está vendo tudo em trevas. Você precisa me devolver a esperança e a fé! Entre a embriaguez sanguinária e a paciência dos enganados existe um caminho possível e nunca a humanidade foi acuada para situações morais sem saída.

CADIO

Você se engana, isso sim! Você acredita em sua benigna Providência! Não conhece a verdadeira ação de Deus sobre os homens; ela é mais terrível que isso: tem seus dias misteriosos de destruição implacável, tal como o céu visível tem o granizo e o raio!

48 **Terreur blanche** (Terror branco, em oposição a **Terreur rouge**, o Terror vermelho 1793-1794) era as milícias royalistas que, de 1794 a 1796, importunavam os antigos militantes populares.

49 **La cocarde tricolore**: Insígnia oficial, na forma de uma roseta feita com uma fita azul, branca e vermelha, originada na crise de 1789, derivada da combinação das cores de Paris (vermelho e azul) e a do rei (branca) e substituta, em 1790, da antiga bandeira branca da monarquia – as mesmas cores se estabeleceram na bandeira instituída em 1794 como símbolo oficial da República.

HENRI

Essas devastações são rapidamente apagadas sobretudo na França. O sol ali é mais benéfico do que o raio é cruel; ele é como Deus, que fez um e outro. Vai chegar o momento em que vamos poder fechar os registros de homicídio, e Quiberon talvez seja a última de nossas tragédias. Será então que vamos poder ajudar o governo, ainda cambaleante, a entrar no bom caminho. Cabe a nós, jovens, a nossos generais imberbes, a homens como você e eu, frutos precoces ou produtos instantâneos da República, que pertence o replantio da árvore da liberdade caída no sangue. Esse é o pensamento de Hoche. Você deve entrevistá-lo para se conformar a ele. É apenas um pequeno oficial, Cadio; mas quis se tornar um homem, e conseguiu. Sua convicção e sua vontade têm tanta importância quanto as de qualquer outro, e não é um tempo de decadência e de agonia aquele em que se pode dizer: “eu recebi a luz e a dou; meu espírito pode se fortificar, minha influência pode se ampliar. Não sou mais uma cabeça de gado no rebanho, e não sou apenas um número nos exércitos... eu terei na pátria, no Estado, na sociedade, o lugar que saberei merecer. Se os governos ainda se iludem e se enganam, poderei fazer ouvir minha voz para os esclarecer.” Renuncia, então, ao seu fanatismo sombrio! Não é mais o tempo em que isso poderia parecer necessário para a salvação da República: uma experiência rápida e cruel nos desiludiu. Quanto mais ditadores atordoados pela raiva das proscricções e das súplicas, tanto mais homens ávidos de carnificina para nos dirigir! Tenhamos uma república maternal. Não valeria a pena ter sofrido tanto para não ter sabido dar descanso e felicidade à França!

CADIO

(triste) Henri! Henri! Você tem ideias de um cavalheiro dos tempos antigos! O senhor não vê que ainda estamos longe do objetivo que o senhor acredita tocar. O senhor é um nobre, e pouco lhe importa o governo que vai sair dessa tormenta, desde que sua casta seja anistiada e reconciliada. O senhor é tão leal e tão puro que acredita que isso vai ser fácil! Eu, eu lhe digo que vai ser impossível e que, se seus jovens generais se deixarem levar pela simpatia que já lhe inspiraram a bravura e a obstinação dos vendeanos, o reino da igualdade estará adiado por vários séculos! É o que penso, mas eu só posso dizê-lo a você, e toda a liberdade que me concedem consiste em me fazer matar neste barraco onde estou encarregado de defender cada um de meus homens contra cem!

HENRI

Vejo que isso te preocupa. Saiba que os chuãs não querem nos atacar, pelo menos hoje!

CADIO

Hoje vai acontecer alguma coisa grave, Henri! Sinto isso em meu peito. *(olha para ele)* Não vai acontecer nada com você, graças a Deus... mas falemos de

outra coisa! Espera um pouco! (*vai até à porta da cozinha*) você está aí, Motus?

MOTUS

(*aproximando-se*) Presente, meu capitão.

CADIO

Manda selarem meu cavalo, vou fazer um reconhecimento.

HENRI

Eu vou com você.

MOTUS

O galo da Índia... perdão! Quero dizer o cavalo do coronel vai tar pronto em cinco minutos. Tá comendo aveia agora. (*sai*)

HENRI

Aí está você emocionado de repente; o que você tem?

CADIO

Nada! Você vai me contar sobre suas campanhas, não vai? Deve ser muito bom fazer a guerra com soldados de verdade.

HENRI

Você não quis ir comigo.

CADIO

Não! meu lugar era aqui. As belas coisas que você fez vão consolar da triste tarefa que estou dedicado.

HENRI

Meu querido amigo, eu creio que não vou poder lhe contar. Eu me esqueci delas quando revi a mulher que amo. Foi ela que realizou prodígios de bravura, sua influência me mantinha numa região de entusiasmo onde se pode realizar o impossível.

CADIO

Então, você esqueceu... a outra? Isso me espanta; não acreditava que se pode amar duas vezes.

HENRI

É possível amar por um longo tempo quem desdenha da gente? Isso seria loucura!

CADIO

Mas o amor é que é loucura..., segundo o que dizem, pelo menos!

HENRI

Segundo o que dizem? Então você ainda não amou?

CADIO

Eu fiz uma promessa, Henri.

HENRI

Diga lá, o que foi.

CADIO

Sim, eu sou virgem. Eu jurei não pertencer a nenhuma mulher antes do dia em que tiver dado meu sangue para a República...

HENRI

Você não dá seu sangue todos os dias?

CADIO

Todos os dias eu o ofereço; mas as balas dos chuãs não querem romper minha carne e, diante dos meus olhos, parece que suas baionetas se derretem. Isso é bastante estranho, não é? Eu atravessei verdadeiros açougues onde algumas vezes o meu era o único corpo intacto. Não tive a honra de receber qualquer arranhão, e tenho vergonha disso. Eis porque acredito no destino. Ele deve ter reservado para mim uma bela morte, ou talvez tenha decidido que jamais serei digno de oferecer à minha mulher a mão que tantas vezes matou, sem ter de limpar de meu corpo o batismo de meu sangue! (*Motus entra e faz a saudação militar*) Os cavalos estão prontos?

MOTUS

Sim, meu capitão.

CADIO

(*com uma perturbação intransponível*) Muito bem, meu amigo! (*sai com Henri*)

MOTUS

Caralho!... meu amigo!... ele jamais disse isso pra qualquer soldado! E aquele olhar triste e bonito!... Caralho! Minha dedicação foi pro saco! Acabou! Deu por hoje. Santo Deus! E eu ainda tenho que vencer os ingleses! Inferno!

JAVOTTE

(*entrando para servir*) O que é que você tem, cidadão trompete? Tá com uma cara de contrariado!

MOTUS

É uma merda mesmo, bela Javotte; na condição da gente, ainda tem que tar sempre pronto pra atender qualquer chamado... mas me dá aí um beijinho desses lábio cor de rosa que eu vou encarar os inglês de fininho...

JAVOTTE

Um beijinho? Toma aí, por ter prestado atenção ni mim. *(dá um beijo na testa dele)*

REBEC

(entrando) E aí, Javotte, o que é que tá acontecendo aí?

MOTUS

Deixa ela, cidadão comilança; por acaso é sagrado isso? lembra de noite o que te disse de manhã, tá certo?

REBEC

O que que ele quer dizer?

Cena 9

(Mesmo local, mesmo dia, meio-dia; Henri, Javotte, depois La Korigane)

HENRI

(entrando) Onde está o capitão?

JAVOTTE

(que termina de arrumar e varrer) Por aí fora, no jardim junto com o patrão, que queria falar com ele. Quer que chame?

HENRI

(aproximando-se da mesa) Não, obrigado. Tem com o que escrever aqui?

JAVOTTE

Tá aqui, ô.

HENRI

É só o que me falta fazer. *(Javotte sai)* Querida Maria! Aposto que ela está preocupada comigo! *(ele escreve. Ao fim de alguns instantes, La Korigane entra sem barulho e olha para ele; voltando-se para ela)* O que você quer, pequena?

LA KORIGANE

Pequena eu sou, como dá pra ver; mas tenho uma vontade grande, e mereço diante de Deus o mesmo lugar que você, 'seu' Henri de Sauvières!

HENRI

Sim, sim! Tá uma coisa muito bem falada, minha brava bretã! Mas... espera, eu te conheço! Você é La Korigane de Saint-Gueltas!

LA KORIGANE

Então você me viu naquele fogaréu da Vendaia? Tu tava no exército do Norte quando eu era criadinha no teu castelo.

HENRI

Foi na fogueira mesmo que te vi... intrépida... e atroz... O que quer de mim, criatura perversa?

LA KORIGANE

Quero te falar.

HENRI

Você vem da parte de seu patrão?

LA KORIGANE

Não. Eu vim sem ele saber, com o risco de ele emputecer comigo.

HENRI

Ah! e você o está abandonando ou fingindo abandonar?

LA KORIGANE

Caí fora e odeio ele!... Mas responde depressa: tu ainda ama tua prima Louise?

HENRI

Uma pergunta por outra. O que você tem com isso?

LA KORIGANE

Tá desconfiado de mim: azar pra ela!

HENRI

Ela está correndo algum perigo?

LA KORIGANE

Só você pode salvar ela do maior perigo que ela pode correr. Ela fugiu do marido junto com a tia; ela queria ir pra Vannes encontrar a senhorita Hoche, que tá es-

perando ela. Aproveitou a ausência do patrão, que tinha dito: “Vou para Quiberon, mas antes vou passar por Sables-d’Olonne ver uns amigos”. A gente pegou um barco e veio pra Lockmariaker, na entrada do Morbihan; mas mal a gente entrou na cidade a gente soube que o marquês tava lá com um bando de chuã. Depressinha demo no pé de volta num barco pavoroso, o único que topou levar a gente pro lado dos inglês e que deixou a gente aqui na praia. Eu conheço a área, sou daqui. Trouxe a Louise pra esse burgo; escondi ela na casa de uma mulher que servi antes, mas não tou tranquila. Saint-Gueltas deve de tar na nossa cola. Em Lockmariaker, eu vi a cara do Tirefeuille no porto, e ele deve de ter reconhecido a gente. Louise tava morta de cansaço quando a gente se escondeu aqui de madrugada. Ela dormiu; eu, eu fiquei de vigia num quarto em baixo, e ali de repente dois soldado azul entrou e pediu pra beber, eu servi eles e eles dizia: “O coronel de Sauvières chegou, tá no albergue.” Fui lá no albergue sem falar com a Louise. Reconheci a Javotte ali, que eu tinha visto no tempo de Puy-la-Guerche, e tô aqui e lhe pergunto: Quer salvar tua prima? Sem você, ela vai tá perdida.

HENRI

Leve-me até ela.

LA KORIGANE

Não, iam te ver, e pode ser que Saint-Gueltas não tá longe. Ele ia te surpreender e matava os dois de uma vez só. Louise pode vir aqui, onde tu tem soldados pra defender ela. Vou procurar a mocinha.

HENRI

Vai, corre! Não! espera! Isso é uma armadilha à sua moda! O marido tem ciúme de mim; você é amante dele ou foi: você o ama apaixonadamente, todo mundo sabe. Você deve odiar Louise e deve traí-la. É para melhor perdê-la que você quer atraí-la para mim.

LA KORIGANE

Não tenho ciúme da pobre Louise, não; o patrão nem me ama mais!

HENRI

Você está mentindo! Ele te persegue, desconfia de você, quer te levar pra casa dele;... então, ele te ama.

LA KORIGANE

Ele quer impedir ela de trair o comportamento dela, é isso que ele quer! A madame du Rozeray, sua antiga amante, a bela das bela, a maldita das maldita... oh! É essa aí que eu odeio e que gostava de ver bem morta! Oh! Ela pegou de novo a Louise lá nas garra dela; ela reina, manda na casa dele, deixa ele louco! Ele mandou me expulsar de lá... eu... pra quem o patrão deve tudo!

HENRI

Você está despeitada... um despeito todo pessoal... você deve estar mentindo!

LA KORIGANE

(batendo o pé) Não acredita em mim? Miserave infortúnio! Isso que é... Ah! sei direitinho que, pro Saint-Gueltas, eu posso fazer tudo o que existe de pior; mas, quando quero fazer o bem uma vez na vida, me diz: "Tá mentindo"... Ora bolas, ele que ache ela onde ela tiver! Sabendo onde o senhor tá, ele não vai acusar ela de vir pra cá por vossa causa. Muito ruim pra você, pobre Louise! Mas Deus sabe que tive pena de você, tão desafortunada, e que, se eu tivesse podido amar alguém, é você que eu ia ter amado!

HENRI

(impressionado por vê-la chorar) Explique-se completamente; diga toda a verdade! Por que ela está deixando o marido? Ele a ameaçou? Ele a maltratou?

LA KORIGANE

Ele fez pior; ele aviltou ela! A outra foi morar lá na casa dele; ela tratou Louise feito uma verdadeira criada. Ela soube que por meu intermeio Louise enviava cartas em segredo: era cartas pra senhorita Hoche; fez o patrão acreditar que era cartas pro senhor.

HENRI

Ele não acredita mais nisso; tudo pode ser esclarecido. Vai buscar Louise e a tia.

LA KORIGANE

Vou correndo pra lá.

HENRI

E depois trate de achar Saint-Gueltas e diz a ele que o espero e que a mulher dele está em minha casa.

LA KORIGANE

Você quer se bater com ele?

HENRI

Eu quero que ele me preste contas de sua conduta vergonhosa para com Louise.

LA KORIGANE

Henri de Sauvières, não faça isso! Então, ninguém mata Saint-Gueltas, é ele que mata os outro?

HENRI

Isso quer dizer que você não quer que ele se exponha a ser morto por mim?

LA KORIGANE *(que está na soleira da porta da rua)*

Não tenho medo disso! Saint-Gueltas não vai morrer quando tiver cansado de viver. Além disso, ele tem muito mais homens que você; não procure rixa com ele, faça que Louise seja salva bem depressa e não diga nada... Mas... quem é que vem vindo ali? A própria Louise? Era destino dela! Você faça o que quiser; eu, eu vou tratar de derrotar Saint-Gueltas, se ele aparecer por aqui.

HENRI

Ao contrário, diga a ele que o espero de pé, firme e forte! *(La Korigane sai pela cozinha, Henri vai abrir a porta da escadaria; entram Louise e sua tia, disfarçadas de bretãs).*

Cena 10

(Henri, Louise, Roxane, depois Saint-Gueltas)

HENRI

Entrem, e não tenham qualquer medo. *(Louise, pálida e trêmula, lhe estende a mão sem nada dizer)*

ROXANE

Não tememos nada de sua parte, já que viemos procurar você. Estamos como Coriolano entre os... Não me lembro mais, isso nem importa!

LOUISE

Acabamos de saber que o senhor estava aqui, e viemos depressa para cá sem refletir.

HENRI

(segurando as mãos dela) As senhoras agiram bem, fiquem à vontade!

ROXANE

(para Louise) Eu te dizia que esse João-ninguém ficaria contente em nos ver. Ora, miserável jacobino, você não vai me abraçar não?

HENRI

(abraçando-a) Ah! com todo o meu coração, querida tia; mas falemos depressa, é preciso. É verdade tudo o que La Korigane me contou?

ROXANE

La Korigane? Você a viu?

HENRI

Ela acabou de sair daqui.

ROXANE

Pensei que ela nos tinha abandonado ou traído. O que ela disse?

HENRI

Mal ousou repetir diante de Louise.

LOUISE

Se ela acusou o Sr. De la Rochebrûlée, ela estava enganada. Eu deixo a casa dele porque, vendo-o atirado numa expedição perigosa e decisiva, que se resto não aprovo, serei para ele uma preocupação e um perigo a mais. Quando os chefes de insurreição deixam suas casas, elas são queimadas e as mulheres que se virem. Eu pedi asilo à Marie por alguns dias. Dalí, eu conto, com a proteção dela, chegar à Inglaterra, onde o Sr. De la Rochebrûlée vai me encontrar, se, como eu creio, a expedição fracassar pela traição dos ingleses.

HENRI

Então, é com a concordância de Saint-Gueltas que as senhoras vêm sozinhas se jogar numa região ocupada por nós em pé de guerra, com o risco de não encontrar um amigo sequer para as proteger? Falta verossimilhança em sua explicação, minha cara Louise, especialmente porque não é mulher de abandonar o homem cujo nome carrega, na véspera de eventos tão grandiosos, com o único medo de compartilhar infortúnios e perigos. A senhora tem outra razão; alguém a expulsa de sua casa e seu marido recusa sua dedicação.

LOUISE

Não acredite...

ROXANE

Louise, é muita consideração para com um celerado. Eu diria a verdade... Eu quero dizer a verdade!...

LOUISE

Titia, a senhora me jurou...

ROXANE

Tanto pior! Prefiro perjurar, prefiro morrer a tornar a entrar naquela medonha masmorra onde sofremos tudo o que se pode sofrer. Henri, você adivinhou certo, sim,

se foi isso o que te disse La Korigane, ela te disse a pura verdade; aquela menina é devotada a nós, não é mentirosa. Fomos humilhadas, atormentadas, Saint-Gueltas a fez sofrer sob o pretexto de um ciúme fingido; ele nos deixou sob a guarda da madame du Rozeray e de alguns bandidos prontos a tudo para o agradar. Nossa vida, nossa honra mesmo, estavam ameaçadas. Se La Korigane escondeu isso de você, ela não lhe disse tudo. Dê-nos um salvo-conduto, uma escolta, um meio qualquer para chegarmos a Vannes ou à Inglaterra. Não podemos nos refugiar em Quiberon, ali o marquês nos capturaria. Louise não quer solicitar ao comandante da esquadra os meios necessários para a fuga. Isso seria acusar abertamente seu marido e privá-lo das honras que ambiciona. Só a República pode nos salvar, a nós que nos atiramos nos braços dela. Se isso for uma vergonha para nós, que o pecado caia sobre a cabeça indigna que nos força a fazer isso.

SAINT-GUeltas

(saindo de um leito bretão disfarçado no madeirame como uma gaveta e fechado com uma tábua) Obrigado, senhorita de Sauvières! Muito bem falado! Sua doce voz me despertou de um sono profundo que o cansaço de correr atrás de vocês me havia tornado absolutamente necessário. Peço perdão ao coronel por ter-me introduzido dessa maneira em sua morada para repousar em segurança como na casa de um amigo; tive a melhor ideia do mundo, já que estou aqui para responder à sua eloquente acusação contra mim. *(Instintivamente, Roxane e Louise se refugiam atrás de Henri. Saint-Gueltas explode em risos)* Na verdade, senhor conde, essas senhoras o fazem representar, apesar do senhor, eu bem sei, um papel bastante cômico! Ei-lo instituído vingador da inocência! A um preço muito barato!

HENRI

Não sei quem representa aqui um papel de comédia, senhor. Se o senhor ouviu o que foi dito, sabe então que a senhora de la Rochebrûlée, longe de o trair, o defende; mas duas outras personagens, uma das quais é digna de meu respeito, o acusam e eu desconfio seriamente de que o senhor faltou a seus deveres para com minha parente. Eu sou o único apoio que lhe resta, e, ela aceite ou não, eu juro que ela a terá... Justifique-se, ou explique-me a razão de sua conduta.

LOUISE

(para Saint-Gueltas) Não responda, senhor, eu é que devo falar. Não tenho qualquer censura a lhe fazer. Declaro diante de meu primo, e, agradecendo a ele o interesse que dedica a mim, e lhe imploro não me oferecer uma proteção que só devo receber do senhor.

SAINT-GUeltas

Em outros termos, minha querida, você o incita a não se meter em nossas pequenas querelas de casal? Você tem razão. Eu, eu o perdoo de todo coração

esse movimento irrefletido, mas generoso. É um nobre caráter o seu. Nós nos conhecemos nesta manhã e eu lamentaria muito ofendê-lo. Diga-lhe, então, que, após um acesso de ciúme mal fundado, você reconhece sua injustiça e volta voluntariamente para o teto conjugal.

LOUISE

(pálida e prestes a desmaiar) Sim, meu primo, eu confirmo o que o Sr. De la Rochebrûlée acaba de dizer.

ROXANE

Então, eu menti. Não acredite nela, Henri! *(apontando Saint-Gueltas com medo)* Preserve-nos de sua vingança; estaremos perdidas, se voltarmos à casa dele!

SAINT-GUeltas

(zombeteiro) Se esse é seu pensamento, minha bela dama, parece-me que a senhora está sob a égide da República e que nada a força a seguir sua sobrinha... Quanto a mim, eu a reconduzo para sua casa, e lhe imploro que aceite meu braço.

HENRI

Um momento, senhor! Vejo minha tia seriamente assustada e Louise prestes a desmaiar. É exatamente para a casa dela que minha prima vai voltar?

SAINT-GUeltas

(tremendo) O que quer dizer, senhor?

HENRI

Quero dizer que uma mulher não está mais em sua casa quando uma rival tem mais autoridade que ela. Não tenho o direito, reconheço, de julgar o quanto de afeição sincera o senhor dedica à sua esposa; mas tenho o direito de julgar um fato exterior e impressionante. Se uma estranha reina em sua casa, ela não tem mais casa. A lei julga assim essa situação e dá ganho de causa à esposa espoliada de sua legítima dignidade. O senhor se coloca, pela guerra que move contra seu país, fora da lei, e Louise não poderia invocá-la. Cabe a mim substituí-la, e eu o convoco a dizer se pretende fazer sair de sua casa aquela madame...

SAINT-GUeltas

Não nomeie ninguém, senhor, pois essa que está caluniando também é sua parente. Ela não vai sair de minha casa, ela já saiu de lá. Ouvindo sobre a fuga dessas senhoras aqui, para não ver recomeçar aquela loucura, enviei mensageiro para Rochebrûlée. *(para Louise)* A senhora não vai mais encontrá-la naquela casa, dou-lhe minha palavra de honra... Está satisfeita?

LOUISE

Sim, senhor; vamos embora.

HENRI

Louise, você jura para mim que não duvida da promessa que me fez?

SAINT-GUELTAS

Diabo! O senhor é um obstinado, senhor de Sauvières! O senhor abusa do reconhecimento que devo aos seus bons atos.

LOUISE

(vivamente) Eu confio, Henri, eu lhe juro! *(para Roxane)* Adeus, minha tia!

ROXANE

Você acha que vou te deixar sozinha com esse pérfido? Não, eu vou morrer com você!

SAINT-GUELTAS

(rindo) Ora, ora! Que devotamento sublime! Adeus, senhor conde, sem rancor, hein!

LOUISE

(emocionada) Adeus, Henri!

Cena 11

*(Os mesmos, e Cadio,
que aparece no momento em que Saint-Gueltas abre a porta)*

CADIO

(sabre na mão) Desculpe, mas o senhor está preso!

SAINT-GUELTAS

(com escárnio) Essa agora! Que gracinha é essa, rapaz?

CADIO

Não tente resistir, todas as precauções foram tomadas. Renda-se!

HENRI

(segurando Saint-Gueltas, que levou a mão às suas pistolas) Deixe comigo, senhor, isso me diz respeito. *(para Cadio sob a soleira, diante dos militares que ocupam a cozinha)* Existem entre esse chefe e eu convenções que suspendem

as hostilidades que dizem respeito a ele pessoalmente. Deixe-o se retirar livremente.

CADIO

(para Saint-Gueltas, com uma espontaneidade de submissão) Passe. *(para Roxane)* Passe, senhora.

SAINT-GUeltas

(vendo-o deter Louise) Madame é minha esposa.

CADIO

Não.

SAINT-GUeltas

(voltando pela porta que havia franqueado) Como não? Tu ficou maluco?

CADIO

Fecha essa porta, vou responder ao senhor.

SAINT-GUeltas

(fechando a porta atrás de si) Vamos lá.

CADIO

Essa mulher não é sua; ela é minha esposa.

HENRI

O que você está dizendo, Cadio? Que absurdo!

SAINT-GUeltas

(muito surpreso) Cadio?... *(Louise e Roxane recuam, espantadas e inquietas)*

CADIO

(para Saint-Gueltas) Sim, aquele Cadio que o senhor mandou assassinar, e que está aqui, diante do senhor, como um espectro, para acusá-lo e para lhe dizer: O senhor não vai levar essa mulher. Não me agrada que ela continue seguindo do seu amante.

HENRI

Seu amante?

LOUISE

Não me ultraje, Cadio! Eu o acreditava morto quando um padre abençoou meu casamento com o senhor...

CADIO

Eu sei disso; mas esse seu casamento não conta sem o outro, e o outro não fica destruído por esse. Seu único marido, Louise de Sauvières, sou eu, e não me convém, repito, deixá-la viver com um amante!

SAINT-GUELTAS

(irônico) Se for verdade, é hora de o senhor se conformar, senhor Cadio.

CADIO

Sempre é tempo. Não faz uma hora que eu soube da validade de meu casamento com ela. *(ele abre a porta e faz um sinal. Rebec aparece)* Venha cá, o senhor! *(Rebec entra, um pouco perturbado; Cadio fecha a porta)* Fale! O que é que o senhor veio me dizer?

ROXANE

Ah! é ele?... O que ele está dizendo, o que ele pretende, esse malandro?

REBEC

(retomando um ar seguro) Eu disse a verdade. O casamento é legal, os atos tão conformes, e os verdadeiros nomes dos noivos tão neles consignados.

CADIO

Mostre a cópia.

REBEC

(colocando-a na mão de Henri) Isto é só uma cópia feita em papel comum; pode-se confrontá-la com a folha do registro da comuna onde eu era oficial municipal.

ROXANE

Mas essa folha foi rasgada naquele dia!

REBEC

Não, não foi.

ROXANE

É uma infâmia! Então, eu...

REBEC

A senhora também, madame, a senhora também tá casada; mas a incompatibilidade de gênios lhe assegura de minha parte a liberdade de viver onde e como a senhora quiser.

ROXANE

Muito bom isso! Você só queria minha fortuna, miserável!

REBEC

A gente se arranja, tenha calma!

HENRI

Isso é um truque desonesto, mestre Rebec! Não o imaginava tão ardiloso e tão corrompido.

REBEC

Perdão, senhor Henri. Minha primeira intenção foi apenas subtrair essas dama e eu mesmo à perseguição; mas, quando se tratou de redigir um documento falso, eu recuei diante da desonra. Essas dama podia ler o que elas assinou. Ignoro se elas tivesse incomodada. Todos tava muito perturbado naquela ocasião... Elas assinou seus verdadeiro nome quando observei que, reconhecidas pelo que são, só ia ser salvas ao preço de um casamento fingido. Elas deve se lembrar disso.

HENRI

Mas o próprio Cadio me jurou que foram lidos nomes falsos...

REBEC

Aquelas dama foi designada, diante das testemunha benévola e pouco atenta, com os nome de empréstimo que tinham sido dado a elas; mas aquelas testemunha tão morta, se assegurei disso. A fome e a epidemia passou por lá. Só sobrou um documento autêntico e regular.

ROXANE

Que tu devia ter destruído, preguiçoso intrigante!

REBEC

Que eu não destruí, madame, por não querer fazer a senhora carregar o nome de um homem condenado nas galé.

ROXANE

Ah! e você acha que vou usar seu nome desprezível?

REBEC

Na vida privada, pouco me importa; mas, em tudo ato civil, você vai ser, não se desagrade, a senhora Rebec, ou o casamento vai ser nulo.

SAINT-GUeltas

(que ouviu com calma e atenção; baixo, para Louise, secamente) – E você, minha cara, você vai ser simplesmente, legalmente e irrevogavelmente a senhora ou a viúva Cadio! A senhora entende perfeitamente que se deve a todo preço romper com as instituições revolucionárias e anular a República, em vez de se atirar nos braços dela!

LOUISE

(baixo) Leve-me daqui, senhor, queira me tirar dessa situação humilhante em que me encontro!

ROXANE

(baixo, para Henri) Tire-nos daqui, depressa! Prefiro a masmorra do marquês a semelhantes discussões.

HENRI

(alto) Essas dificuldades estranhas devem ser examinadas mais tarde, quando a lei puder ser invocada para as duas partes. Quanto ao presente, como isso é impossível, não vamos examiná-las agora, e nos separemos.

CADIO

Mas eu, eu não estou fora da lei; eu a invoco; ela sanciona meu direito, a mulher com quem me casei me pertence e, por isso, ela recobra seu estado civil, e se encaixa na lei comum.

SAINT-GUeltas

Então o senhor insiste?

CADIO

Sim, e é minha última palavra.

SAINT-GUeltas

Como o senhor é encantador! Mas agora digo eu: considero sua oposição como nula e sobreponho a minha, pois vou levar minha esposa – ou minha amante, tanto faz. Tenho por legítima aquela que me foi confiada e dada a mim, e que jamais teve a intenção de pertencer a qualquer outro.

LOUISE

Esse homem tem razão. Eu acreditava em sua devoção, em sua probidade. Nós nos explicamos de antemão, ele sabia da promessa que me ligava ao senhor. Ele considerava como inválido, e forçado pela violência da situação que me era imposta, o compromisso que íamos simular e cujos vestígios escritos deviam ser destruídos. Era simples e bom naquela ocasião o homem que agora

me ameça. Ei-lo ambicioso, dá-se ares de poder!... Não, não é possível! Tome, Cadio, seu anel de prata que eu conservei por estima e amizade por você. Queria que me envergonhasse por usá-lo?

CADIO

(emocionado) Fique com ele, ainda mereço estima por aquilo...

SAINT-GUELTAS

(interrompendo-o e segurando o braço de Louise) Bah! Chega dessa cantilena! Eu perdo a loucura de vocês. Seu servidor, senhor de Sauvières! *(para Cadio, que se colocou diante da porta)* Vamos, que chatice! Saia da frente!

CADIO

Para o senhor, que está coberto pela palavra do coronel, tudo fica certo! Mas para ela, não. Eu disse não, e é não!

SAINT-GUELTAS

O senhor está querendo me forçar a quebrar sua cara aqui?

HENRI

O senhor não pode nada aqui contra ninguém, senhor marquês, porque em razão de meus compromissos ninguém pode nada aqui contra o senhor. Eu lhe peço não se esquecer disso!

SAINT-GUELTAS

Parece que se pode reter aqui minha mulher como prisioneira para entregá-la a esse inconsequente? O senhor não acha que eu me submeteria a isso, senhor de Sauvières. Liberte-nos de imediato, ou faço um sinal que os entregará a todos para os homens que comando. Acredite que eles não estão longe e que não se cometerá violência contra mim impunemente. O senhor sem dúvida quer incitar expor nossos homens a se degolarem por um motivo que nos é estritamente pessoal? O senhor tem razão. Então faça respeitar sua autoridade, e meta em ferros esse oficial que se revolta.

HENRI

É inútil, senhor, ele vai ceder à razão e à justiça, eu o conheço. Permita-me lembrá-lo disso na sua frente. É preciso que minha prima seja liberada de uma vez por todas dos temores que uma situação tão bizarra poderia lhe acarretar. Acalme-se, meu dever é proteger a ambos; eu não deixarei de fazê-lo, nem que tenha de castigar rigorosamente meu melhor amigo. *(para Cadio)* Admitamos que você tenha razão na lei, o que ignoro, você de fato errou. Existe aí uma situação talvez sem precedente. Num momento a nova legislação poderia ter sido desconsiderada por toda uma facção resolvida a destruí-la; mi-

nha prima pertencia a esse grupo. Ela acreditou que estava pronunciando uma fórmula vazia. Ela errou, não se deve brincar com o que disse, e certamente ela não teria feito isso para salvar sua própria vida.

LOUISE

Não, nunca!

HENRI

Ela passou por cima do pavor de sua consciência por dedicação aos outros. Foi o maior sacrifício que uma alma como a dela poderia fazer pelo reconhecimento da humanidade. Você a compreendeu então, pois que seguiu seu exemplo, e ambos cometeram, num espírito religioso de entusiasmo, uma espécie de sacrilégio; você se esqueceu que os juramentos em nome da honra e da pátria são feitos para Deus, com ou sem altar, com ou sem padre! Mas seu erro foi ser sincero e completo. Antecipadamente, você manteve a senhorita de Sauvières esquecida de todo compromisso com você, você mesmo me disse; e ela se acreditou livre e, com você se retratando agora, você não é apenas insensato, você se torna culpado e perjuro.

CADIO

Diga o que quiser, ela não está legitimamente casada com esse homem! Ela não poderia sê-lo, não o será nunca, não vai ser a mãe dos filhos dele.

HENRI

Ora! Ela vai aceitar sem vergonha e sem crime a dor dessa situação, e vai viver com aquele com quem ela quis se casar diante de Deus ignorando o valor e a indissolubilidade do outro compromisso. Meu papel com relação a ela consiste em fazer respeitar sua liberdade moral, não me force a dar ordens a você.

CADIO

Eu o forçarei a isso, pois não me convenceram. Eu protesto contra a liberdade que quer dar a ela, e o desafio a me dar sem remorso uma ordem que me inflige desonra! (*para Saint-Gueltas*) Oh! O senhor pode achar bonito esse ar de desprezo. Eu não conheço seus códigos de saber-viver e sua maneira de entender as conveniências. Sei apenas uma coisa, é que sua existência pesa sobre mim e me rebaixa. Eu esperei tanto que cheguei a me acreditar sem direitos sobre essa mulher e sem deveres para com ela. Sei agora que fui ultrajado pela infidelidade dela, impedido de me casar com alguma outra e de ter filhos legítimos. Ela se apropriou de minha liberdade, não entendo como ela possa usar a dela. Ela devia prever onde nos levaria esse seu casamento. Eu, eu era um simplório, um ignorante, um selvagem; eu fiz o que ela me disse. Ela me tratou como um idiota cuja vontade era fácil de dominar para sempre, sem nada lhe oferecer em troca, nem respeito, nem estima, nem moderação.

Uma hora após o casamento, ele estava sendo sequestrada pelo senhor. O senhor acreditou se desembaraçar de mim; ela, me atirando uma bolsa, o senhor me dando um soco. Foi assim que o senhor agiu para comigo, e desde então ela se viu livre para se tornar marquesa. Entretanto, ela devia saber que não era. Seu partido estava esmagado, a República se impunha, a lei estava consolidada. Se ela não se dignasse a usar o nome obscuro do miserável que o havia dado para salvá-la, se ela não quisesse nunca rever sua cara insignificante e desprezível, eu teria compreendido e não teria pensado em inquietá-la; meu desdém teria correspondido ao seu; mas, antes de se entregar ao amor de um outro e de se tornar autorizada a sê-lo por um padre, ela devia ao menos ter assegurado seu direito, saber se seu primeiro casamento não a ligava a nada, ou se, graças ao seu amante, ela estava realmente viúva. Ela não estava nem mesmo em condições de se informar, talvez? Pois bem, era preciso, na dúvida, agir como mulher forte, como mulher de coração, saber esperar o momento em que ela pudesse invocar a anulação de nosso casamento; eu teria consentido e, se isso tivesse sido possível, era preciso sofrer as consequências e conservar o mérito de um ato de dedicação. Era preciso fazer voto de castidade como eu fiz... Sim, como eu; ria ainda marquês Saint-Gueltas, o senhor que fez voto de libertinagem. E que, reclamando essa mulher em nome de uma religião que o senhor despreza, a condena a sofrer o ultraje de vossas infidelidades! A infeliz lhe fugia, eu sei, eu sei tudo! Agora ela quer retornar à sua cadeia, ela prefere mais aquilo a aceitar minha proteção; eu, eu que não posso deixar sem covardia de exercer essa proteção, eu não quero que ela arraste por mais tempo minha vergonha e a dela a seus pés. – Veja, senhor de Sauvières, se o senhor consente em ver jogado por aí o nome que o senhor carrega. Quanto a mim, posso lhe perdoar o erro em que ela viveu até agora; ela acreditou em nossos elos ilusórios: sabendo que eles não existem, se ela não abandona seu amante agora mesmo, ela se torna culpada de antemão e autoriza minha vingança.

SAINT-GUELTAS

(sempre irônico) Responda, senhor de Sauvières! Palavra de honra, o debate está bastante curioso, e o senhor vê com que atenção eu o escuto.

HENRI

É sério, senhor, que o senhor me toma como juiz?

SAINT-GUELTAS

Como juiz, não; mas desejo saber sua opinião.

HENRI

E você, Louise?

LOUISE

(abatida) Eu também quero, diga sem demora. Eu reconheço de antemão que há muito de verdade nas censuras que me são feitas, e que cometi, em tudo isso, os maiores erros. Eu não sabia que eram erros, agora os compreendo assim.

SAINT-GUELTAS

(baixo, para Louise) Não lhe pedimos tanto! Não seja tão apressada em se arrepender!

LOUISE

(afastando-se dele) Fale, Henri.

HENRI

Louise, você deve viver, a partir deste dia, distanciada dos dois homens que acreditam possuir direitos sobre você. Um amigo sério e digno de confiança lhe oferece um asilo, aceite-o, obra os olhos. Nós estamos perto do triunfo definitivo da República na qual você poderá exigir abertamente a ruptura de seus dois casamentos com que não consentiu livremente. Até lá, os direitos do primeiro esposo são duvidosos e os do segundo são nulos. Se lhe for prescrito abandoná-los, não espere que um tal veredito a surpreenda numa situação condenável. – É essa minha opinião. Invoco ao Sr. Saint-Gueltas a adotá-la sem apelo.

LOUISE

(trêmula, mas resoluta) Eu aceito; sim, eu declaro que aceito sua opinião!...

SAINT-GUELTAS

Ele é muito bom, com certeza, mas tenho uma outra que acho muito melhor, senhor de Sauvières! O senhor me julga bastante calmo numa situação que seria odiosa e absurda, se eu fosse homem de resolução, dasdo a soluções extremas e às decisões repentinas. Acabo de ouvir o Sr. Cadio com surpresa, com interesse mesmo. Vejo nele um homem bastante superior à sua condição social, e o desprezo que sentia antes por seu papel para comigo tornou-se uma vontade de luta séria. Então, aceito o antagonismo e não me desagrade ter diante de mim um adversário desse valor. Consinto em reconhecer que nos termos da legislação atual os direitos do senhor são sustentáveis e que os meus não o são; mas, como não posso reconhecer a autoridade moral de uma lei feita pelos nossos inimigos e que fere minha crença política e social, como além da mulher que pediu minha proteção, por qualquer título que seja, não pode mais, a meu ver, invocar uma outra, é preciso que o debate termine pela supressão do Sr. Cadio ou da minha. Não tenho preconceitos tolos; um duelo de morte resolverá a questão, e eu o proponho para breve. Minha esposa ficará perto do senhor de Sauvières. Se eu sucumbir, sei que ela não cairá em poder do vencedor. Eu a confio à sua honra, à sua amizade por ela.

LOUISE

Oh! Meu Deus, que castigo para mim esse combate! *(para Saint-Gueltas)* Eu lhe suplico...

SAINT-GUeltas

(secamente) A senhora não tem mais nada a dizer. O senhor Cadio é que tem de responder.

CADIO

Então, o senhor me dá a honra de batê-lo em duelo, senhor marquês? É muito generoso de sua parte, em verdade! O senhor não tem mais ninguém à mão para me fazer matar por traição?

SAINT-GUeltas

(irritado) O senhor se recusa?

CADIO

Certamente que não! Eu me pergunto qual de nós dá a honra ao outro ao aceitar esse desafio!

HENRI

Não envenenemos ainda mais essa discussão com recriminações. *(alto)* Vamos andando; eu serei uma das suas testemunhas, e, enquanto o senhor vai procurar as suas, essas damas vão ficar em segurança aqui sob a guarda de seu tenente. Venha, vamos nos entender sobre o lugar e sobre as armas. *(Cadio e Saint-Gueltas saem; para Louise, que, sem conseguir falar, tenta detê-lo)* Calma, Louise! Tenha a força de alma que comanda uma situação como essa. Ela é inevitável! *(ele sai. Louise, aterrada por um instante, se lança até à porta, mas Henri a fecha antes de ela passar)*

Cena 12

(Louise, Roxane)

ROXANE

Então, somos prisioneiras?

LOUISE

Não, ainda não! *(ela caminha para a porta da escadaria e ouve Rebec, que saiu por ali, girar e retirar a chave; ela volta e se deixa cair numa poltrona)*

ROXANE

Aliás, onde você iria? O que faria para impedir esse duelo? Os homens, nesse

caso, se ocupam demais de nossos medos! E depois? Quando o marquês for morto, não sou eu que o vou banhar com minhas lágrimas.

LOUISE

Ah! não fale mais, não diga nada!... Vou acabar ficando louca!

ROXANE

Você está louca mesmo, se ama esse sujeito... e bem estou vendo que o ama para sempre!

LOUISE

O que é que eu sei disso? Não sei nada! Fui mortalmente ofendida, me parecia que tudo devia estar acabado entre nós, e que sua infidelidade, sua injustiça, sua ingratidão, haviam passado da medida. Me parecia também que ele desejava essa ruptura, ele só a retomava, orgulhoso que era, apenas para me impedir de tomar a iniciativa; mas você vê claro que ele ainda me ama, pois que afasta minha rival e, tendo ocasião de romper nossos laços, ele se recusa a isso com perigo de sua própria vida!...

ROXANE

Tudo isso é seu indomável espírito de tirania, sua fatuidade insaciável, que não querem ceder diante dos republicanos!

LOUISE

Pois bem, por esse orgulho eu o admiro ainda mais!

ROXANE

Ai! O que será de nós quando ele se livrar desse louco do Cadio?

LOUISE

(pensativa) Ele vai matar o Cadio?

ROXANE

Você pensa que, um idiota como Cadio, mesmo que ele tenha se tornado militar, não vai aguentar três minutos contra o primeiro pelotão da França. Te acalma, porque se você deseja o triunfo do seu déspota e a morte...

LOUISE

Desejar a morte desse infeliz!... porque é um duelo de morte!... eles disseram que tem de ser assim!... Oh! Funesta e miserável existência essa minha! Eu só tinha um consolo, uma esperança, uma razão de lutar e de viver...

ROXANE

Teu filhinho!... sim, é um anjo no céu e um infeliz a menos na terra!... Mas... o que é isso que estou ouvindo? Os azuis estão fazendo exercício de tiro?

LOUISE

(escutando) Não, é outra coisa... É um combate! *(ela corre para a janela)* Os que nos protegiam se afastam, estão correndo... estão soando o alerta... Meu Deus, o que está acontecendo? E nós trancadas aqui!

Cena 13

(os mesmos, La Korigane)

LA KORIGANE

(ela entra pela cozinha) Não tenha medo, sou eu. O marquês não duelou. Eu seguia ele com todo cuidado. Avisei os chuã. Eles pegou ele à força no fim da rua: os azul achou que foi traídos. Eles perseguiu ele até no campo; eles devia ter cavalos, os chuã têm sebo nas canela.

ROXANE

Por que você fez isso? Você quer, então, que meu sobrinho Henri seja acusado de nos ter recebido generosamente?

LA KORIGANE

Saint-Gueltas ia matar o Cadio, e eu não quero isso não!

ROXANE

Então você ama esse tal Cadio?

LA KORIGANE

Eu amei os anjo como a gente deve amar os anjo e o diabo como ele quer ser amado!

ROXANE

Para você o Cadio é um anjo? Por quê?

LA KORIGANE

Porque ele sempre detestou o mal, porque tem noites que vejo ele em sonho, quando tenho o mal no espírito e ele me censura, me ameaça... eu achava que tava morto. De repente vejo que ficou vivo, virou oficial, tava tranquilo e orgulhoso... e eu me disse pra mim: "tu não vai morrer por minha culpa; dessa vez, eu vou impedir!"

LOUISE

(*agitada*) Korigane, me diga, é verdade que o marquês mandou assassinar Cadio na fazenda do Mystère?

LA KORIGANE

É verdade.

LOUISE

(*amedrontada*) Com que sangue-frio ele me disse que aquele infeliz tinha se afogado no Loire ao querer nos perseguir!

ROXANE

Mas, meu Deus! A fuzilaria parece que está mais perto daqui... será que os azuis estão recuando?... Pobre Henri! Se lhe acontecer uma infelicidade! Se Saint-Gueltas voltar para nos levar! Ah! que merda! Pela primeira vez estou torcendo pelos *sans-culottes*!

LOUISE

(*para La Korigane*) Como então o marquês não te impede...? Então ele não tem autoridade sobre os chuãs?

LA KORIGANE

Os chuã ama ele por sua fama e querem ele pra chefe; mas não rola a mesma coisa com os vendeanos! Os bretão obedece como quer e quando quer!

LOUISE

Eles o mantêm prisioneiro sem dúvida e o fazem representar um papel odioso! É impossível. Vou ao encontro deles. Vou dizer a eles...

LA KORIGANE

O que você ia dizer pra eles? Nem sabe a língua deles! Aliás, eles te conhece? Vai deixar você chegar perto?

LOUISE

Vou tentar; vai que dá certo...

LA KORIGANE

Você não tá podendo nada, e eu só posso fazer uma coisa: te esconder; mas jura que vai abandonar o Saint-Gueltas.

LOUISE

Por que você tem tanto medo de me ver voltar para ele? Ele me jurou que não vou ver de novo sua amante lá no castelo; ele se arrependeu, tenho certeza, ele ainda me ama...

LA KORIGANE

Você acha mesmo isso?... Louise de Savières, eu vou ter, então, de lhe contar tudo? (*ouvem-se tiros de fuzil mais próximos*)

ROXANE

Ah! grande Deus! Catatraz!⁵⁰ Olha aí a gente de novo nessa bagaça! Vamos fugir daqui!

LA KORIGANE

A gente inda tem tempo. Os azul repelido tá defendendo a entrada da aldeia; mas eu não tenho tempo pra arrumar mais nada. Louise, olha pra mim e guenta firme. Fui eu que matei a primeira esposa de Saint-Gueltas e o filho deles!

LOUISE

(*recuando com espanto*) Você?

ROXANE

Ah! Que horror! Por ordem do seu patrão?

LA KORIGANE

Não, fiz essa encrenca por mim mesma; a morte dela era necessária, ele queria a morte dela, então me encarreguei daquilo. Ele me amaldiçoou, mas se aproveitou do meu crime pra se casar com você, Louise, mas porém já não te amava mais. Ele queria agradar lá a galera dele, aqueles que te protegia. Você percebeu isso e disse a ele, você ofendeu ele mortal. A grande condessa voltou, mais rica, mais hábil, mais poderosa que você. Ele não ama ela, mas precisa dela agora, e você incomoda ele... pois bem, no dia em que esse sujeito, que é o demônio, me disser: “Suma com a Louise, não quero vê-la nunca mais!...” eu mato você, por necessidade, vai ser mais forte que eu... E, como você foi boa pra mim, como você mostrou confiança e como depois de ter odiado você eu te amei por ordem dele, eu me mato depois de mais uma vez servir a ele matando você. Ah! me deixa fugir com você, não me deixe ver ele de novo! Ainda posso me arrepender e salvar minha alma, porque eu detesto ele e amaldiçoou ele; mas se ele falar comigo, se vier me bajular, se me pedir... não respondo por mim! Não, verdade! Não resisto!

LOUISE

Ah! então você era amante dele? Não, eu não posso acreditar!

50 A interjeição francesa (patatras) e a equivalente portuguesa expressam o ruído produzido por queda, pancada, desmoronamento etc.

LA KORIGANE

(com despeito) Por causa de que sou feia? Ora, ora, fui amante dele igual a você, já que você não é mulher dele.

LOUISE

Não sou...?

LA KORIGANE

Eu só consegui matar a criança. A mulher, o fantasma que você viu no dia do casamento, usando seu véu e seu vestido, aquela louca, que eu pensava que tinha se afogado, conseguiu se arranjar num rochedo onde, no fim do dia, aquele abade Sapience encontrou ela; ele levou ela num barquinho, escondeu ela por uns dias e mandou ela pra Nantes; ela tá viva, diz aí que a morte do filho devolveu os miolo dela. Deve vir coisa nova por aí pra ver se Saint-Gueltas faz ela reaparecer. É essa aí toda a verdade, te contei assim tão feia como fiz acontecer. Agora acredita em mim?

LOUISE

Some daqui ou me mata de uma vez se quiser! Tenho horror da vida, tenho horror de você, de Saint-Gueltas e de mim mesma! *(a fuzilaria explode bastante perto)*

ROXANE

Os chuãs estão por cima, está tudo perdido, Louise!

LOUISE

(espantada) O que que isso importa?

LA KORIGANE

Vem cá! Posso esconder vocês!

LOUISE

Leve minha tia, eu, eu quero morrer aqui. *(para Roxane)* Vai com ela!

LA KORIGANE

Vem, Louise, vem!

LOUISE

Não!

LA KORIGANE

(atirando-se aos pés dela) Vem! Me amaldiçoa, cospe na minha cara, mas me deixa te salvar! Vamo!... se você ainda ama o patrão, sofre tudo, aceita tudo, faz

como eu faço, faz o mal, bebe a vergonha, e, feito eu, pelo menos vai ter a amizade dele, como eu tive.

LOUISE

(exaltada) A amizade dele! Ela ia sujar minha vida! Fique com ele pra você que é digna dele e que aquele infame me odeie! Já chega que o odioso amor dele tenha murchado meu passado e destruído meu futuro. Deus de justiça, vingue-me e acabe com ele! Proteja os republicanos, perdoe a perplexidade de minha crença. Eles merecem receber tua luz mais que os que pretendem te servir e que se acreditam autorizados a cometer todos os crimes ou a se aproveitar deles, desde que tenham um emblema no peito e uma imagem tua no chapéu! Vergonha e infortúnio para esses bandidos que se divertem com as coisas sagradas, com o casamento e a igreja, com o amor e a verdade! E você, cúmplice abjeta de todas as empreitas de seu patrão, vai dizer a ele o que acabou de ouvir. Diz a ele que, se se aproximar desta casa, onde Henri e Cadio se deixarão matar para me defender, eu também me matarei com meu marido!

ROXANE

Cadio, seu marido? Ah! ficou louca mesmo!

LOUISE

Não! vejo tudo muito claramente agora! É ele, é Cadio que eu deveria ter amado! Ele é homem de bem, o homem sincero e puro que dava sua vida para lavar a vergonha que eu lhe causava! Orgulho de classe, preconceitos imbecis! Eu achava que me aviltaria se usasse o nome desse zíngaro de bom coração, e aceitei o nome sujo de um bandido de qualidades!

ROXANE

Acalme-se, Louise!... está delirando agora!

LOUISE

Não! estou bastante calma, fui curada como são curados os mortos. Não amo mais nada, nem ninguém! Ah! já fui bastante punida;... mas a hora da expiação chegou, e vou me reabilitar... escutem! A morte está se aproximando, os tiros de fuzil se tornam mais raros... os gritos mais surdos... ouvem os que ainda gritam "Viva a França"... é o hino de morte desses infelizes patriotas!... e lá longe, os uivos ferozes, a horda selvagem dos chuãs que me procuram... eles vêm vindo... *(para La Korigane, tirando dela as pistolas que tirou dos bolsos)* Me dê tuas armas, Saint-Gueltas não vai me ver viva!

Cena 14

(os mesmos, Henri, Cadio, Motus, Javotte, Rebec. A porta da cozinha se abre com impetuosidade. Henri, Cadio e Motus se atiram para dentro do cômodo)

HENRI

Aqui ficaremos bem.

MOTUS

Sim, sim, daqui inda dá pra matar mais uns dois. Nosso azar é que acabou a munição.

JAVOTTE

(vindo da cozinha) Veja, aqui nesse buraco tem uns punhado de cartucho, e ali adiante tem uns fuzil. Pega, pega tudo!

MOTUS

Essas flautinha inglesa? Que seja! Vai servir também.

CADIO

(na soleira da cozinha) Rebec! Cadê o Rebec?

JAVOTTE

Oh! Quem vai saber onde aquele lá tá amoitado? Mas fique vocês tranquilo, eles não vai chegar lá pela viela; é muito estreita, aí vocês ia se divertir! Vigia o lado da praça; eu, eu vigio desse lado daqui.

HENRI

(entrando na sala) Então, depressa aqui, uma barricada! A porta da escadaria é sólida. Vamos empilhar os móveis ali! Mulheres, passem para o outro quarto, depressa!

LOUISE

Não, nós vamos ajudar o senhor. Coragem, Henri! Coragem, Cadio! *(entregando-lhe as pistolas)* Peguem! Já estão carregados, defendam-me, vinguem-me!

CADIO

(perdido) A senhora disse?...

ROXANE

Sim, sim! Morte para Saint-Gueltas! Nós vamos te ajudar. Ah! Henri, meu pobre menino! Nós é que somos a causa...

MOTUS

(segurando La Korigane, que quer se lançar para fora) Espera! A espiã! Não sai daqui não!

CADIO

La Korigane? Deixe que ela se vá, nós seríamos obrigados a matar essa espiã.

MOTUS

Então, de joelho ali no canto, titica de merda.

LA KORIGANE

(recuando) Não, não vou fazer nada contra Cadio! Me deixa aqui! *(Motus se coloca na frente dos presentes, defendendo-os, os quais se assustam a cada batida; Henri e Cadio empurram o baú e a mesa contra a porta da escadaria. Os homens trazem sacos de farinha indicados por Javotte para consolidar a baricada e proteger a janela)*

MOTUS

(para Javotte, que carrega um saco) Coragem, a bonitinha! Forte como um rapagão do moinho!

HENRI

(para sua tia) Por favor, leve Louise, vão para o outro quarto. Assim que atirmos, vai chover balas aqui dentro. Se sucumbirmos, vocês não terão nada a temer dos assaltantes; vocês são amigos deles...

ROXANE

Nosso amigo é você, e é por você que vamos pedir. *(Ela passa para o quarto vizinho com Louise, que volta e se posta à soleira; La Korigane, sombria e triste, senta-se a um canto, não se misturando de modo algum ao acontecimento. Os preparativos são concluídos. Ficam à escuta. Um profundo silêncio reina do lado de fora.)*

HENRI

(para Cadio) É estranho, será que o inimigo foi embora?

CADIO

(que olha pelo buraco do guarda-vento) Não, vejo ali adiante as roupas vermelhas que os ingleses lhes trouxeram. Estão dando um tempo, se consultando. Não ousam atacar o nosso refúgio. Eles não sabem que temos um só refúgio e que estamos sozinhos.

MOTUS

Ah! esses velhacos! Deixar a gente aqui bloqueado, desse jeito, quando a gente bem podia fazer um belo ataque de cavalaria se eles não tinha estraçalhado as sela dos nosso cavalo!

CADIO

Mas os cavaleiros ainda montados dos quais fomos separados, por que não vieram para cá? A ordem foi dada...

MOTUS

O tenente é jovem; vai ver perdeu a cabeça, ou foi um mal-entendido.

HENRI

Onde eles podem estar? Com eles nada estará perdido.

CADIO

Atenção, o inimigo está decidindo.

SAINT-GUeltas

Saint-Gueltas é o comandante?

CADIO

Não vejo ele. O safado não ousa se mostrar.

LA KORIGANE

Saint-Gueltas foi preso pelos chuã. Eles não quer nem paz, nem trégua, nem assuntos de honra fora de seus interesse.

CADIO

Quem os advertiu?

LA KORIGANE

Fui eu.

CADIO

Foi você que permitiu o massacre de metade dos meus bravos soldados? Ah! Maldita! Só pode ter sido mesmo coisa sua.

LA KORIGANE

Eu não achava que eles ia atacar vocês. Eles não queria fazer isso; quando eles viu que vocês era tão pouco...

HENRI

(que olha pelo guarda-vento) Um parlamentar, esperem! *(ele o coloca em jogo)*
Fale daí onde está, não se aproxime.

UMA VOZ DE FORA

Entreguem-se! Saint-Gueltas os perdoa.

HENRI

Saint-Gueltas? Ele que se mostre primeiro!

VOZ

Ele não vem.

CADIO

Está com medo, é?

VOZ

Ele não é o chefe.

HENRI

Se ele não é o chefe, não pode prometer nada. Retire-se.

VOZ

Vamos perdoar vocês. Saiam!

HENRI

Nós conhecemos a paz dos chuãs. Vão pro diabo!

VOZ

Eu respondo por tudo aqui, vamos!

CADIO

Não!

VOZ

Os senhores não aceitam?

MOTUS

Vocês vão pra p... *(Um grupo de chuãs escondidos sob o mercado da praça atrás de pranchas atira na direção da janela, que volta a se fechar a tempo. Cadio atira no falso parlamentar)*

MOTUS

Ah! era assim? Tá ferrado, o traidor!

LA KORIGANE

Morto? Veja só, Cadio!... era Tirefeuille, o cara que matou você, tava reconhecendo a voz dele. *(ruído de combate. Os chuãs inundam a praça e atiram na casa. Henri, Cadio e Motus, protegidos por sacos de farinha, atiram pelo guarda-vento, cujos altos logo são crivados de balas)*

MOTUS

(para Henri) Meu coronel, se abaixe mais aí. A madeira ali já tá parecendo uma renda.

HENRI

Eles visam de bastante baixo, suas balas vão para o teto; veja, o gesso e as ripas caem nas nossas cabeças. Louise, proteja-se. Saia daí.

LOUISE

E quem vai lhe passar os fuzis?

LA KORIGANE

Eu passo eles. Se defende aí, Cadio!

CADIO

(sem o escutar) Ah! lá! Estão subindo no telhado! Vão poder ajustar o tiro!

MOTUS

Vamo fechar a janela. Vamo atirar ao acaso pelo meio dos saco, já que munição não falta.

CADIO

O acaso não acerta os caras! Saia daí, Henri! Saia daí, Motus! Inútil sucumbir os três ao mesmo tempo. Agora, cada um em seu lugar, isso vai durar muito tempo ainda! Eu começo! *(ele se apresenta à janela, mira tranquilamente e atira)* Uhu! Menos um! Depressa, outro fuzil; dois! Vou matar meia dúzia enquanto eles recarregam. *(continua, todos os seus tiros acertam o alvo, os chuãs gritam de raiva)*

MOTUS

Meu capitão, já chega. É minha vez!

CADIO

(que muda sempre de arma e sempre atira) Não! você não! não quero!

MOTUS

Eu só sei que eu tenho que ir embora hoje!

CADIO

Ficou maluco, é?

HENRI

Chega, Cadio! Vamos deixar que eles usem toda a munição que têm. É melhor que eles venham para a ponta de nossos sabres.

CADIO

Munição? Eles não têm mais. Veja, vão nos fazer um assalto. Estão subindo a escada!

HENRI

Então, fogo pela janela! Os três! *(eles atiram enquanto os chuãs batem à porta, que resiste, e atacam a janela a pedradas. Motus e Henri se refugiam atrás da barricada. Cadio fica exposto sem parecer se aperceber disso.)*

LOUISE

(na soleira da outra porta) Cadio! Quanta coragem!... Sai daí!

CADIO

(que atira sem parar) Vocês me disseram para defender e vingar vocês! Defendo hoje, vingo amanhã!

LOUISE

Você vai morrer aqui, sai daí!

CADIO

Não, eu sou invulnerável. Veja, eles estão se cansando!

HENRI

Estão desistindo do assalto à porta! O que vão fazer?

CADIO

Estão voltando com escadas. Então acham que não temos mais balas?

HENRI

Vamos esperar subirem um pouco.

MOTUS

Tão lá debaixo da janela. Apoiando a escada... vamo devolver as pedra que eles jogou na gente. Aí, seus cachorro lazarento, engole seus presente de volta!...

CADIO

Dez na escada! É agora! Você, Motus, empurre com o Henri, eu vou atirar nos que estão segurando a escada. *(Henri e Motus empurram a escada para um lado, que cai com todos que estavam nela. Xingamentos e gritos dos chuãs.)* Olha lá, parece que resolveram colocar fogo em tudo. Pior para eles! A gente da aldeia, que se escondeu, vai cair em cima deles pra defender suas casas.

MOTUS

Eles não ia ousar tanto, capitão! Sem querer contradizer o senhor, se a gente continua aqui, vamo ficar defumado feito um presunto. Eu acho, fora sua permissão, que era bem hora da gente dar uma bela saída e encarar esses cara na ponta do sabre, sabe?

HENRI

Sim, por causa das mulheres não devemos enfrentar um incêndio. Vamos sair pela cozinha... as mulheres vão ter tempo de se fazer reconhecer quando eles derrubarem a barricada.

LOUISE

Não se preocupem conosco, fujam!

CADIO

Eu? De modo algum! Vou dar volta na casa e pegar eles por trás. Se todos meus homem tão morto, também eu tenho que morrer aqui!

HENRI

Fica tranquilo, você não vai morrer sozinho.

MOTUS

Não, que merda! Eu sou igualzinho os senhor aí! *(os três se apertam as mãos precipitadamente e vão para a cozinha)*

JAVOTTE

(pegando um espeto) Tem uns ali na ruela; vou ajudar vocês!

LOUISE

(para La Korigane) Quero morrer com eles! Você, se livre de teus pecados, salve minha tia, fala com esses furiosos.

LA KORIGANE

Vou salvar todos vocês por causa de vocês e de Cadio! *(indo para a janela; falando bretão)* Aí seus azul! Bravos cavaleiro azul! Vocês aí em baixo! Eles tão dando a volta lá por trás! Corre pra lá, gente boa, aqui só tem mulher prisioneira! *(os chuãs recuam, hesitantes e agitados)*

CADIO

(que já estava no fundo da cozinha, voltando) O que ela está dizendo? Nossos cavaleiros estão voltando?

HENRI

(voltando também) Ainda é preciso esperar uns bons cinco minutos!

LA KORIGANE

Não, eu menti, eles não tão voltando pra cá não. Se salvem todos; eu fico.

CADIO

Você está mentindo! Eles estão voltando, estou vendo daqui!

MOTUS

(olhando também) Olha eles lá! São muito mais que cem. Mas tão espalhados!

LA KORIGANE

E os chuã são pelo menos mil. Vocês tão perdido! Foge, foge tudo mundo, ainda têm tempo. Os chuã vai encontrar vocês, já tão se afastando...

MOTUS

Sem querer dar ordens pro senhor, meu coronel, se eu desse agora o toque de recolher..., isso daria compaixão e união aos camaradas.

HENRI

Sim, sim, apresse-se! *(Motus salta pela janela e dá o toque. Tirefeuille, estendendo no chão, perto do mercado e mortalmente ferido, se levanta sobre os joelhos, agarra seu fuzil e mira em Motus. Cadio, que o viu, empurra Motus e, lançando-se na frente dele, recua e cai)*

MOTUS

Ah! infeliz! Morreu por mim!

CADIO

Não, só tou ferido. Podia ter sido pior! Termina seu toque, não tem mais nada pra perder! *(Louise e Henri correram para perto de Cadio, que se ajoelha aos pés de Louise. Ela enxuga o sangue da testa dele com seu lenço)*

LOUISE

(perturbada) Ah! pobre Cadio! Ele vai morrer!?

CADIO

Eu não teria essa chance de morrer aqui.

JAVOTTE

(lavando o ferimento) Eu acho que não é nada demais; a bala ricochetou.

MOTUS

Não, não é nada; mas senta aí, amigo.

CADIO

(apertando o lenço de Louise em sua testa e pegando do chão seu chapéu militar) Não, agora é hora de partir para a briga e lutar com o sabre.

MOTUS

(que terminou sua fanfarra) Desculpe, meu capitão. Os chuã se reagrupou... tão voltando pra praça... Ah! vamo atirar neles de novo!

HENRI

(que pegou um fuzil) Sim! Vamos fazer mais mal a eles daqui do que no corpo a corpo. *(O combate recomeça. Os cavaleiros, que chegam em carga à praça, atropelam os chuãs, que fogem em desordem pelas ruas adjacentes mas retornam ao ver o pequeno número de seus adversários. Henri, Cadio e Motus desfilaram a barricada e estão subindo a escada. Um hurra de seus cavaleiros os saúda; mas vários caem. Os chuãs se atiram nas patas dos cavalos, desventram-nos a golpes de facão e degolam os homens caídos ou os empurram para a parede do mercado para os mutilar. Louise e sua tia, mudas de horror e pavor, estão à janela. Javotte, armada de um machado, ataca os que se aproximam da escadaria. Henri, Motus e Cadio desceram por ela; mas, separados do resto do destacamento pela confusão, sabreiam sem conseguir avançar. A pequena tropa republicana diminui a olhos vistos. Luta-se corpo a corpo com fúria. De repente, um canhão estronda a alguma distância. O primeiro tiro mal é ouvido em meio aos clamores da luta. No segundo, um instante de profundo silêncio.)*

OS CHUÃS

Vitória! Os inglês! Viva o rei!

OS AZUIS

(Henri à frente) É o general Hoche! Viva a República! *(Um grupo de camponeses sem armas e saindo do mercado com mulheres, crianças e carneiros, grita meio perdido)* Os azul! Os azul, nós viu eles! *(seus bois e suas carroças acabam por*

aumentar a confusão e passar por cima de feridos e cadáveres. Num instante, a praça está juncada de cestos, aves e queijos que os chuãs pegam e fogem gritando em bretão: Se salve quem puder! Os cavaleiros e seus chefes lhes dão caça; Louise, Roxane e Javotte estão na escadaria)

REBEC

(reaparecendo, sem que se saiba de onde ele sai) Vitória!

JAVOTTE

Isso não é tudo, a gente venceu, mas tem muita desgraça pra arrumar! Vamo ajudar os ferido!

ROXANE

Sim, sim, vamos socorrer esses bravos republicanos! Onde você vai, Louise?

LOUISE

Seu cirurgião não foi morto, estou vendo ele lá embaixo... vou me colocar à disposição dele.

REBEC

Não, me ajude a organizar aqui a ambulância! Javotte, meu amorzinho...

JAVOTTE

Não sou mais seu amorzinho, você tava enfurnado em algum buraco enquanto eu lutava, você não é homem!

Cena 15

(Louise, Marie, Henri. Enquanto trazem e se cuida dos feridos; uma cadeira de rodas furada de balas entra com feridos, com uma escolta de gendarmes voluntários, alguns dos quais estão feridos. – Marie surge na escada. Louise se lança em seus braços.)

LOUISE

Ah! minha amiga, meu anjo! *(ela soluça. Roxane abraça Marie chorando também)*

MARIE

Cheguei aqui por acaso, a Providência me conduziu. Cruzamos com os chuãs no caminho, eles nos encheram de bala. Felizmente, não tinham muitas. Acabaram fugindo em desordem. Toda a população monarquista está refugiada na península. Por hoje pelo menos estamos aqui em segurança; mas, meu Deus, que luta brava aconteceu aqui?? Onde está Henri?

LOUISE

(mostrando-lhe Henri, que chega a galope com Cadio e Motus.) Olhe!

HENRI

(salta de seu cavalo e corre para beijar as mãos de Marie) Como sempre, você foi enviada do céu! Aperte a mão do capitão Cadio, e suba para uma carruagem com suas amigas. Cheguem a Auray antes da noite. Louise não deve ficar mais um só instante aqui. Ela lhe dirá por quê!

Parte 9

(16 de julho de 1793. Onze horas da noite, na ponta da península de Quiberon. Uma cabana na costa. Camponeses e chuãs estão acampados na praia entre os rochedos. Um chuã acaba de depenar uma ave e a tosta no fogo de uma fogueira baixa, alguns chuãs o rodeiam e falam em voz alta.)

Cena 1

(chuãs, camponeses, um oficial inglês, um emigrado, mulheres)

UM CHUÃ

(num dialeto) Sim, sim, a gente já arrastou tudo, feito quem tá levando carneiro pro mercado. Que que cê quer! Mais um medinho nas perna desses imbecil dos camponês!

UM CAMPONÊS

(que passa, num outro dialeto) De que inferno de lugar vocês é? Por acaso acha que não é mais camponês só porque tem aí umas arma e nós não tem nada?

O CHUÃ

Tinha de falar com os que dava elas, mas vocês preferiu vender elas do que usar e isso não livrou vocês de nada. Tão aí na mesma merda que nós.

O CAMPONÊS

Pode ser que a gente tivesse melhor que vocês, que se salvou primeiro, depois de saquear nossa aldeia.

OS OUTROS CHUÃS

O que que tá latindo esse um aí?

O PRIMEIRO CHUÃ

Tá quase xingando nossa mãezinha!

UM OUTRO

(para o camponês) Cuidado que ele te enfia num espeto ali na fogueira! Você tem uma cara escarrada de republicano com vergonha!

OUTROS CAMPONESES

(aproximando-se) Que que tá havendo aí? Ora, veja!

O PRIMEIRO CAMPONÊS

Foi essa cambada de ladrão aí que roubou a gente e tão aí comendo galinha embora a gente vai ter que dormir sem jantar.

UMA MULHER

Tá dizendo mais verdade do que tá pensando. Taí minha cesta como nunca vi, e as penas da minha galinha amarela. Devolve ela pra mim, vocês aí, meus filhote tão lá em casa gritando de fome!

O CHUÃ

Pois bem, chega aqui pra tirar ela da minha baioneta, vem, aquela galinha fêdida de dois centavos!

A MULHER

(aos camponeses) Vocês não tem mesmo coração se deixam seu mundo se desgovernar ao seu redor!

UM CAMPONÊS

Sim! Vocês tem de nos entregar o que é nosso. Esses canalha me roubou dois carneiro do curral.

UM DOS CHUÃS

Foi nós, não, mas tanto faz quem foi, nós responde uns pelos outro. Tudo aquilo que um chuã acha é dele. Mas fique tranquilo, amigos: nós é que defende essa terra, a gente tem direito de tudo que vocês tem.

UM OUTRO CAMPONÊS

Vocês defende essa terra? Mas quá! Vocês defende de cabo a rabo, e então, por causa de vocês, a gente vive numa terra grande como titica de cachorro e é assim que é.

UM DOS MORADORES DA PENÍNSULA

Vocês que é titica de cachorro, diz então: vocês vêm aqui perturbar e difamar a gente, e desprezar nossa terra cuspiendo nela! *(aos chuãs)* vocês aí, mete o pau nessas caras aí, a gente ajuda! *(os chuãs e os camponeses lutam. As mulheres, confusas, acorrem para ajudar os maridos. As crianças de refugiam nos rochedos, chorando e gritando. Uma patrulha da guarnição chega e separa com dificuldade os litigantes. Sem se fazer compreender, os soldados ingleses batem em todos e os ameaçam. Um velho emigrado a cavalo acorre e quer saber a causa do tumulto.)*

UM OFICIAL INGLÊS

(que fala francês) É de éste manéirra em todô cantô da penansýla, messiê, que essa jante se mata porr um alimanto que non tem.

O EMIGRADO

(para um camponês) Vocês distribuiu arroz essa tarde? A ordem foi dada...

UMA MULHER

Foi dada sim, mas cadê o arroz? Vintequatro já que nossas criança come essas lesma e caracol que dá na praia, e briga tudo mundo pra pegá um que seja!

O EMIGRADO

(ao oficial) Isso é intolerável, senhor! Existe entre vocês do exército uma tal indiferença... uma tal desordem...

O OFICIAL

Oh! Senhor, vai lá na administração, eu não tenho nada com isso, tô encarregado da polícia, não da alimentação.

O EMIGRADO

Um é mesmo pior que o outro nessa administração.

O OFICIAL

É a mim, pessoalmente, senhor, que o senhor dirige essa repreensão impertinente?

O EMIGRADO

O senhor? Eu nem lhe conheço, mas se a carapuça lhe serve!

O OFICIAL

O senhor me dará razão com essa afirmação?

O EMIGRADO

À sua disposição, senhor. Pode marcar a hora.

UM CAMPONÊS

(que os ouviu, falando a seus companheiros) Olha só o que se passa aqui. A gente se bate, se mata, porque nós tem fome, e esses chefe aí discute porque não se topa. A gente se enganou, povo do lugar. Os ingleses e os franceses não pode mesmo caminhar junto.

UMA MULHER

Enquanto a gente espera, vive nessa tristeza, e não é culpa de uns nem de outros se aqueles barco lá não trouxe nada pra alimentar essa terra que se ajoelha pra eles em vez de ir pras cabeças. Me disseram que a gente faz igual os passarinho morto de fome que cai em cima de uns grão enquanto as águia cai em cima deles.

UMA OUTRA MULHER

Devia dizer que a gente foi é besta de se pirar dos republicano. Eles num ia ter feito mal pra gente. E mesmo que tirasse nossos alimento, eles ia deixar suas mansão pra gente. Agora a gente tá aqui, dormindo de costa no chão, olhando as estrela, a barriga vazia, sem nada, feito os animal, sem poder sair desses rochedo onde os azul meteu a gente, Deus sabe por quanto tempo ainda!

UMA OUTRA

A gente tem que tentar sair daqui! De que vai adiantar pra eles segurar a gente aqui presa?

A PRIMEIRA

Serve pra dar fama de gente ruim pros inglês e pros emigrado, e eles vão deixar a gente aqui até a gente virar essas pedra aí.

A OUTRA

É nossos filho que tem de pagar por isso?

UMA VELHA

É seus marido que tinha de livrar a gente; se eles não faz nada, é que são covardes mesmo!

A OUTRA MULHER

Ah! sim, nossos marido! Eles não devia ter se salvado primeiro de tudo quando a gente entrou aqui; eles é que nos deu mais medo... mas os marido! É o que tem de mais covarde aqui!

UM HOMEM

Vocês só fala besteira! Ah! mulher é o que tem de mais chorona e briguenta! Cala a boca, vocês.

MULHERES

A gente só vai se calar se a gente quiser. *(Os homens e as mulheres discutem em desordem. Os chuãs caçoam deles. A luta recomeça. Os moradores se fecham de novo em suas casas amaldiçoando os intrusos.)*

Cena 2

(Raboisson, Saint-Gueltas.

Eles passeiam conversando, à beira-mas, um pouco mais longe)

RABOISSON

Então, você tem certeza de que ela não está aqui?

SAINT-GUeltas

Já percorri todas essas aldeias, não a encontrei. Não dá mais para duvidar, os republicanos a levaram de Carnac, e eis-me separado dela, desafiado e zombado pelo Sr. Cadio, acusado de traição por Sauvières, bloqueado aqui pelas pessoas que são hostis a mim, sob a proteção dos ingleses, que não creio serem sinceros.

RABOISSON

Quanto ao último ponto, você está sendo injusto: eles fazem por nós o que podem; mas nossas divisões, nossas invejas, a incapacidade de nossos chefes e o desencorajamento de nossos partidários, sem contar a infeliz chegada desses camponeses confusos e esfaimados – eis o que nossos aliados não podiam prever e não conseguem impedir. Vejamos, é preciso pedir um barco que, mesmo com risco, nos conduza para a costa. Os republicanos não estão por toda parte, que diabos! E temos condições de nos juntar a Vauban ou qualquer outro esquadrão em campo raso.

SAINT-GUeltas

Você está livre para ir se colocar sob as ordens do Sr de Vauban ou do Sr. Georges; mas Saint-Gueltas não recebe ordens, ele dá ordens.

RABOISSON

Uma demonstração de orgulho não é usual num momento tão crítico. Eu servirei como simples soldado, se for útil para alguma coisa. Você, você vai encontrar outros bandos de chuãs que provavelmente estão procurando você.

SAINT-GUeltas

Comandar chuãs? Não, jamais. Eu preferiria um exército de peles-vermelhas ou de canibais. Jamais perderei a eles terem levantado a mão contra mim! Fui forçado a matar uns três ou quatro; depois, esmagado pela quantidade...

RABOISSON

Tem aí alguma coisa inexplicada. Eles não permitiam que você matasse Cadio?

SAINT-GUeltas

Você não os conhece! Eles têm contra o duelo a mesma prevenção que têm contra os combates a céu aberto. Tudo o que é luta contra força igual é repugnante para a covardia deles. Como eles dizem, não quiseram me deixar tentar o diabo.

RABOISSON

Mas quem disse a eles que você ia se bater em duelo?

SAINT-GUeltas

Tenho minhas dúvidas. Vou descobrir mais tarde. Um inimigo, frágil como uma abelha, mas como ela obstinado e venenoso, me molesta e me persegue há algum tempo! Eu o suportei e controlei por piedade... por superstição talvez! Sim, eu imaginava que aquela Korigane, de apelido tão acertado, era meu amuleto da sorte, uma espécie de estrelinha vermelha encarregada de presidir meu destino sangrento e de manter com seu sopro infernal o fogo de minha vontade nas situações extremas; mas ela foi muito longe, não pude segui-la, eu a reneguei e a persegui. Agora, ela se virou contra mim e nada de bom acontece.

RABOISSON

(alçando os ombros) Você se rebaixa, meu pobre marquês! Não acredita em Deus, eu lhe falo tanto dele; mas aí está você: acreditando no diabo, é o começo da devoção.

SAINT-GUeltas

O homem com mais têmpera tem que fazer melhor do que contar apenas consigo mesmo... ele precisa invocar alguma influência misteriosa... Ora, noite dessas, eu tive, eu que estou aqui lhe falando, visões terríveis! Não podendo eu me decidir a marchar contra Sauvières, não desejando compreender que a lealdade dele induzia a minha, esses chuãs brutos, assustados pela ameaça que eu lhes fazia de me virar contra eles, se eles me deixassem livre, me haviam atirado num porão. Eu tinha lutado como um touro para me defender dessa vergonha. Abandonado ali sozinho, sem armas, com os braços machucados que não podiam me libertar, eu desmaiei, quebrado pela fadiga, sufocado pela raiva; é a primeira vez em minha vida que minha força física me falta, que minha persuasão desmoronou e que minha autoridade não é respeitada. Eu estava tão sobrecarregado, que não entendi nada do que se passava na frente do meu nariz nessa aldeia onde se lutou com tanto furor. Quando despertei daquela letargia, já era noite. Um silêncio lúgubre reinava por toda parte, eu estava imerso em trevas, eu não me lembrava mais de nada. Eu me vi enterado vivo com outros cadáveres que surgiam na luz glauca da alucinação. Eu vi o cadáver do pobre menino que me olhava com seus olhos arregalados e seu riso medonho. Vi a louca, que se rastejava ao longo de paredões úmidos

e cruzava a abóboda do salão como um morcego. Eu tinha medo, sim, eu, eu sentia muito medo. Um suor frio gelava meus membros. Finalmente, venci esse pesadelo, comandi minha energia. Eu torci e arranquei duas barras de ferro da janela, e saí! Errei pela aldeia sem encontrar ali um rosto amigo. Os moradores estavam trancados em suas casas. Da casa de Rebec convertida em hospital partiam gemidos dos feridos. Alguns soldados republicanos os guardavam. Escutei, escondido na sombra. Os oficiais haviam partido para se juntar a um dos destacamentos de Hoche com alguns homens que podiam lutar. Não consegui saber nada sobre Louise, sua tia e La Korigane, apenas que elas não estavam mais ali. Pensei que tivessem sido trazidas para cá pelos fujões, pois os azuis falavam de um pânico que havia empurrado para Quiberon chuãs e moradores da beira do rio. Atravessei miraculosamente os postos avançados republicanos, procurando perceber algum barco inglês que pudesse saudar e atingir a nado. Não vendo nenhum, caminhei durante muito tempo pela beira-mar, com água até o peito, e morrendo de fome e de sede. Finalmente uma barca se aproximou nos primeiros clarões da manhã e me atirei na onda. Sou bom nadador, você sabe, e, embora o trajeto fosse longo, ele não me inquietava. Pois bem, mal comecei a nadar, não sabia mais nada! Dez vezes ou mais fui engolido pelas águas e, toda vez, vi perto de mim a louca e o menino que flutuavam na espuma e tentavam me agarrar para me afundar. Quando a barca me recolheu, ainda estava desmaiado... Isso aconteceu comigo! Sofri as fraquezas e os terrores que são o fardo dos outros homens. Não espero mais nada. Vou morrer aqui e talvez esta seja a última vez que eu fale com você!

RABOISSON

Seu espírito está abatido, como o de tantos outros. Quem pudesse ver e identificar os fantasmas sinistros que os sonhos de nossas noites evocam produziria aqui, neste momento, um segundo inferno de Dante... todos nós fomos devotos, isto é, supersticiosos em nossa infância; alguns de nós ainda o são e, além disso, enfrentamos forçosamente o contragolpe de nossas agitações e de nossas fadigas, sem sermos sustentados pela esperança do triunfo. Você tem, mais que qualquer outro, que se alarmar. D'Hervilly, ferido, encerra nesta tarde seu comando, e trabalhou bem. Seus melhores amigos são forçados a reconhecer-lo incapaz. Puisaye não aprecia você. Se você desistir, se você se recusar a retomar a campanha com os partidários, você não vai ter, entre os emigrados, nenhuma ascendência, nenhum prestígio. O abade Sapience não pensa mais em você... e se sabe, ou se acredita, segundo o que ele diz, que, graças a ele, aquela cuja sombra te persegue está viva, sã e salva, pronta para te cobrir de infâmia.

SAINT-GUELTAS

O que está me dizendo?... Ah! esse é o último golpe! Vou comparecer amanhã ao conselho, quero me desculpar, narrar devidamente os fatos...

RABOISSON

Não precisa nem tentar. Ainda não te viram aqui: você tem que, para se subtrair às afrontas que poderiam levar você ao suicídio, você tem que ir embora esta noite. Você não sabe até que ponto estão sendo odiados e repelidos aqueles que d'Hervilly protegia e que agora estão sendo levados à derrota.

SAINT-GUELTAS

Eu não vou embora! Vou repelir todos os ultrajes, vou desmascarar todas as intrigas, vou frustrar todas as calúnias. Ah! diante da insolência de meus inimigos, sinto renascer minha coragem! Se recusarem fazer justiça e me propiciarem uma reparação, vou desafiar o destino dos combates. Não vou me esconder no mato para atacar o inimigo pelas costas e permitir que digam que só conheço guerrinha de bandidos e audácias de emboscada. Chefe de um bando para sempre, eu? É isso que querem e a isso me condenam? Não, não o sou mais, não quero mais ser! Esse papel é bom para uma iniciativa, ele se torna abjeto quando se prolonga. Me enchi o saco! Estou enojado, tenho aversão e horror a isso! Querem que eu me perca na sombra das florestas para que o mundo ignore os prodígios que ali eu poderia realizar e para que digam na corte que me escondi! O fim desses destinos é atroz, são assassinados pelos seus ou entregues a uma parelha inimiga que os fuzila no pé de uma árvore sem os conhecer, sem lhes conceder a alocação do processo político e a grande tragédia do cadafalso. Desaparece-se como se viveu, ignorado ou desconhecido; não se tem nem mesmo um túmulo, no máximo o lenhador da floresta ousa revelar aos seus amigos ao pé de qual carvalho ele enterrou você!

RABOISSON

Eu adverti você, você vai fazer o que quiser. Só tenho um conselho a lhe dar, um pedido a lhe fazer: não provoque ninguém para um duelo. Adeus! (*ele se distancia*)

SAINT-GUELTAS

(*sozinho*) Quer dizer que se decidiu mesmo não me propiciar a reparação da honra! Que ódio! Se agi mal, estou sendo demasiadamente punido!

Cena 3

(*Saint-Gueltas, La Korigane*)

SAINT-GUELTAS

(*para La Korigane, que desliza entre os rochedos e vai na direção dele*) Ah! você está aí? Muito bem, eu ainda vou te matar. Isso vai me livrar do diabo que me persegue.

LA KORIGANE

Me mata, se quiser. Não consigo viver sem você, e vim aqui buscar minha punição.

SAINT-GUELTAS

Vai receber sua punição! Confesse! Foi você que aconselhou a Louise a fugir de mim e lhe serviu de guia?

LA KORIGANE

Sim, fui eu.

SAINT-GUELTAS

O que você disse a Sauvières contra mim?

LA KORIGANE

Todo mal que tu fez pra Louise.

SAINT-GUELTAS

Você contou para ela o mal que lhe fiz?

LA KORIGANE

Tudo.

SAINT-GUELTAS

Foi você que ajudou o abade a salvar a louca?

LA KORIGANE

Não! eu ainda te amava, não me arrependia de nada

SAINT-GUELTAS

E agora?

LA KORIGANE

Eu me arrependo de tudo.

SAINT-GUELTAS

Ah! bom! Então, você sabe o que é arrependimento!...

LA KORIGANE

E o senhor, patrão?...

SAINT-GUELTAS

Eu? Não tive ocasião de saber o que é. Nada fiz que minha consciência não me tivesse permitido fazer, e eu acreditava que fosse ainda mais forte! Você não

é? Tem medo do inferno? Você é apenas uma mulher como as outras, e perde seu prestígio. Você não tem nada contra mim, nada a meu favor; vai embora, eu te desprezo!

LA KORIGANE

Ha! Essa é a coisa mais perversa que tu me disse. Prefiro a morte do que esse discurso aí, porque foi com orgulho que você sempre me tratou. Pois então, escuta, eu inda posso te servir pra alguma coisa. Ouvi o que você tava dizendo há pouco aqui; conheço suas pena e suas cólera. Você quer se livrar dos dois homem que te menospreza e te corre atrás? Eles tão aí, muito perto daqui, sim, o abade Sapience e aquele Sr. De Puisaye. Eles tão sozinho, ninguém tá vigiando eles. Ninguém vai desconfiar. Vai acreditar que, tchibum, caíram no mar. O abade é frágil feito uma mosquinha, eu dou conta dele. O outro não tem metade da tua força... O lugar é deserto. Amanhã vão precisar de um cabeça, vão ficar esfuziante de alegria de te encontrar e aquele que te ameaça de fazer a morte pintar no teu pedaço não vai mais falar! Tá me ouvindo? Hein? Preciso te levar lá? Ainda posso te ajudar, tu sabe!

SAINT-GUeltas

Onde eles estão?

LA KORIGANE

Me segue! (*Eles sobem num rochedo escarpado. La Korigane mostra uma pequena canoa que costeia o rio.*) Tão lá, tudos dois, eles acabou de dar uma espiada no lugar. Eles só tem um barqueiro. Eles vai falar com o barqueiro lá adiante, no meio daquelas duas pedra grande. O barqueiro, que na vera é um peixeiro da costa, vai voltar pra casa dele. Aqueles dois vão cruzar o campo deserto que tu vê daqui lá longe, pra pegar a estrada do forte. Surpreende eles, e volta pra cá; tu vai pegar o barco e vou te fazer embicar num outro ponto da península ou da costa, se tu quiser.

SAINT-GUeltas

(*confuso*) Eu ouvi você, e quero lhe dar essa última satisfação de saber que você tentou me ajudar; isso reabilita você um pouco. Você é bem o diabo, agora sei bem quem você é; mas o diabo dá maus conselhos quando ouve demais. É preciso a gente se livrar dele a tempo, e... (*levanta contra ela a coroa de sua pistola*) isso prova que sou mais forte que o diabo!

LA KORIGANE

(*segurando-lhe o braço*) Patrão, sei que tenho que me mandar! Tu se cansou de mim, também tô cheia disso! Não tira meu sangue não... não deve matar quem ama você – morre os dois! Me deixa me condenar sozinha, você vai poder pensar em mim e quem sabe ainda me estimar um pouco. Aliás, é pela

água que tenho de perecer porque foi na água que fiz perecer aquele menino inocente! Adeus! Patrão! – Ah! Cadio! Bem que ele previu essa!... *(Ela cruza os braços no peito e se atira ao mar que bate nos pés do rochedo)*

SAINT-GUELTAS

(vendo-a desaparecer) Teria sido melhor escutar essa diaba! Eu teria salvo a expedição! Meu escrúpulo perde a realeza e torna minha vida inútil! *(Arma sua pistola para dar um tiro na cabeça; depois, após um momento de hesitação)* Não, eu preciso de uma morte gloriosa!

Parte 10

*(25 de julho de 1795, entre Quiberon e Auray.
Uma estrada de areia nas ravinas bordada por moitas ressecadas.
Um comboio de prisioneiros sobe lentamente uma colina.
Soldados republicanos o escoltam a pé e a cavalo.
Chegam à costa. Param para os cavalos descansarem.)*

Cena 1

(Raboisson, Motus, La Tessonière, depois Cadio)

RABOISSON

(numa carroça) Soldados, estamos cruelmente encurralados aqui. Por que nos fazemos sofrer tão inutilmente?

MOTUS

Não é culpa nossa, cidadão prisioneiro; a gente não tem meios de transporte de luxo.

RABOISSON

Deixe caminhar os que não estão feridos.

MOTUS

Fala ali com o oficial, cidadão prisioneiro.

RABOISSON

(para Cadio, que se aproximou) Para começar, senhor oficial, não somos prisioneiros como qualquer um, já que nos entregamos em capitulação.

CADIO

Creio que o senhor se engana, mas não sou eu que decido nessa matéria.

RABOISSON

É justo. Então recorreremos à sua humanidade; deixe-nos caminhar.

CADIO

Sim, na próxima praia.

RABOISSON

Obrigado, capitão.

CADIO

(aos condutores) Para a frente, vamos! *(Os carroceiros assumem um ar mais decidido, os soldados modificam sua localização na escolta. Motus fica para trás para verificar a pata ferida de seu cavalo. Cadio volta sobre seus passos para chamá-lo.)* Vamos, se apresse soldado. Vai ficar sozinho aí até de noite.

MOTUS

Tá tranquilo, meu capitão; tenho um olho aqui atrás na cabeça... e, com sua permissão, tô vendo claro alguma coisa preta atrás daquela moita ali.

CADIO

(indo em direção à moita, pistola na mão) Um homem? O que está fazendo aí? Vai responder, ou não? Vou atirar.

LA TESSONIÈRE

(escondido atrás da moita) Calma! Calma, senhor!... Mas é você? Se eu soubesse!... Cadio, meu menino! Me salve! Se eu estivesse naquela última carroça!... Enquanto Raboisson te falava para chamar sua atenção, eu deslizei para aqui com o risco de me dar mal! Graças a Deus, não aconteceu nada; me ajude a sair daqui; me dê a mão. Obrigado! Agora me mostre o caminho, quero voltar para o meu domicílio.

MOTUS

(rindo) Ha ha! Taí um sujeito bem folgadinho, hein!

LA TESSONIÈRE

Motus querido, não estou falando com você; faça o gesto amigo de calar essa boquinha quando falo com seu superior.

MOTUS

Cidadão velhote, tu tem razão; não vou dizer mais nada.

CADIO

O que fazia em Quiberon?

LA TESSONIÈRE

Oh! Claro! Quiberon... Eu não estava combatendo. Não é coisa da minha idade; aliás, não amo os ingleses; mas não tinha outro jeito de emigrar senão pedindo a ajuda deles.

CADIO

Antes de ir para Quiberon, o senhor estava na casa de Saint-Gueltas?

LA TESSONIÈRE

Já tinha saído de lá fazia bastante tempo. É um homem mal-educado e difícil de conviver. Eu estava tranquilo em Ancenis; mas eu estava ficando entediado, e por causa da saúde precisava ir para o Sul. Uma vez na Inglaterra, fui dali para a Espanha. Os emigrados me receberam muito mal no forte Penthièvre. Aquela gente não tem coração nem razão. Eu estava tentando me retirar tranquilamente quando o senhor me fez prisioneiro inadvertidamente. Vamos! Emprésteme seu cavalo e me mostre a estrada para Ancenis.

CADIO

(para Motus, alçando os ombros) Vamos, Motus! (afastam-se a galope)

MOTUS

(quando alcançam o fim do comboio e se põem a passo) Desculpa aí, meu capitão, e me permita, sem ofender, rir como uma hiena daquele sujeito...

CADIO

Cale-se, meu amigo. Não devemos nos gabar daquele momento de indulgência. Aquele velhote é um idiota por causa de seu egoísmo. Ele não me interessa; mas ele não pode fazer nenhum mal; prefiro fechar os olhos para sua fuga a mandar fuzilá-lo.

MOTUS

Sem te questionar, meu capitão, acha que os outro...?

CADIO

Não sei de nada. Tem certeza que o Saint-Gueltas está na primeira carroça?

MOTUS

Foi o que ouvi me dizer, meu capitão. Assim como o senhor, eu não tava presente no embarque.

CADIO

Vamos! Não quero que esse aí nos escape.

MOTUS

Meu capitão, permita uma reflexão. Ele resgatou a covardia de Carnac. Se bateu como um leão na península; acuado para o mar, podia ter se salvado se jogando nele. Mas não quis. Eu tinha preferido passar ele pela ponta do meu sabre, mas como agora tá na carrocinha, não quero mais saber dele. E você, meu capitão? *(Cadio, sem lhe responder, retoma o galope e chega à frente da comitiva.)*

Cena 2

(Saint-Gueltas, Raboisson, depois Cadio. A duas léguas dali, numa floresta. Os oficiais comandam a parada. Os prisioneiros descem e se agrupam no centro do destacamento, que desfez as fileiras)

SAINT-GUeltas

(para Raboisson, baixo) Nosso contingente aqui é de mil, e nenhum soldado está ferido gravemente. Nossa escolta não tem mais de duzentos. Vamos ficar duas horas nesta floresta... A noite está muito escura. Não lhe parece uma boa oportunidade para fugir?

RABOISSON

Por que fugiríamos? Demos nossa palavra de prisioneiros; foi o contrato de nossa capitulação.

SAINT-GUeltas

A falta de vigilância é prova do contrário. Todos sabem que nos levam para a morte. O Sr. Hoche, que quer governar todo mundo, devia ordenar que nos deixassem amarrados às árvores da estrada.

RABOISSON

O Sr. Hoche tem um espírito bastante elevado para empregar tais subterfúgios. Ele fez um juramento para Sombreuil.

SAINT-GUeltas

Ele não jurou nada. Eu estava lá!

RABOISSAN

Eu também estava! Sombreuil nos disse...

SAINT-GUeltas

Sombreuil perdeu a cabeça! É um herói, mas é um louco! Depois de ter falado com Hoche ele quis se atirar ao mar. Seu cavalo resistiu. Se ele tivesse feito um acordo com o general, não teria procurado fugir ou se matar.

RABOISSAN

Mas eu ouvi os soldados gritarem: “Rendam-se! Terão perdão!”

SAINT-GUeltas

Outros diziam: “Salvem-se!” que significava: “Vocês vão ser mortos se continuarem aí!” Aliás, os soldados podem ter com os vencidos? Aconteceu lá, naquela ponta do rochedo, um drama inenarrável, uma confusão indescritível. Os

mesmos soldados que gritavam para fugirmos atiravam naqueles de nós que já estavam no mar. Eu estava calmo. Acreditando que ia morrer ali, eu caprichava meus tiros, todos no alvo. Eu sentia que era senhor de mim, o único que, não tendo ilusões sobre aquela última luta, podia contemplá-la sem raiva e sem terror. Sabe a quantos homens nós cedemos, nós que ainda éramos três mil e quinhentos? A setecentos soldados de infantaria que podíamos esmagar. Tínhamos todos a vertigem, eles a possuíam também. Eu senti ali pela primeira vez, quando vi os franceses se massacrarem sob a artilharia da esquadra inglesa, que a guerra civil ultrapassa seu objetivo quando chama o estrangeiro. Senti vergonha do papel que nos fizeram representar. Tive horror da sanha com que nossos companheiros se matavam uns aos outros para chegar aos barcos e neles ocupar um lugar. Eu também podia fugir, não quis, não tanto por escrúpulo quanto por amor próprio. Agora, lamento ter cedido àquela vergonha. Esses patriotas desarmados por um instante vão nos entregar a um tribunal militar que não pode nos perdoar, e, eu, eu não ratifiquei a palavra que o senhor formalmente me deu de não tentar escapar.

RABOISSON

Tente, então, se o coração lhe diz; eu, eu jurei de boa fé: eu fico. Pense apenas que tua fuga nos expõe a todos à reprovação de termos faltado ao nosso juramento, e que ela autoriza contra nós todos os rigores da vingança.

SAINT-GUeltas

Nesse caso, eu também fico. Entretanto... esta terra é monarquista... os azuis são imprudentes em nos transportar assim de noite. Se os camponeses que ainda não se entregaram quisessem... você se recusaria a ser libertado?

RABOISSON

Não, se eles se exibissem para nossa liberação, nós não poderíamos nos recusar a secundá-los.

SAINT-GUeltas

Pois bem, esperemos... Não posso acreditar que, nesta terra da Bretanha, não se encontrem ao nosso redor algumas centenas de homens que velem por nós. Esta manhã, em Carnac, levaram-nos frutos e flores. As mulheres choravam ao nos mostrar a seus filhos como se fôssemos semideuses... Escute! Parece que ouço o grito da coruja... são sombras humanas o que vejo lá embaixo sob as árvores?

CADIO

(que responde) Não está vendo nada, senhor. Eu também não, e tenho o olho bem aberto, e o grito que ressoa na floresta é na verdade o pássaro da noite que canta. Não somos imprudentes em escoltar os senhores com tão poucos.

Nós sabemos que os camponeses se alistam por conta própria para a guerra civil, e que, ao perder seus chefes, eles recobram o apreço pela paz e pela segurança. Nossa indulgência para com seu infortúnio não é uma falha do nosso patriotismo. Não tente fugir. Ninguém entre nós finge esquecer seu dever.

SAINT-GUeltas

Senhor Cadio, estou satisfeito em vê-lo para lhe dizer...

CADIO

Que os chuãs o impediram de se bater comigo? Eu sei disso, e lamento que o senhor tenha como amigos os inimigos de sua honra.

SAINT-GUeltas

Se o senhor fosse tão heroico quanto parece ser, o senhor agiria de modo que eu pudesse esvaziar com o senhor esse caso de honra.

CADIO

Acredite que custa ao meu ódio eu mesmo não mais poder castigar o ultraje que o senhor me infligiu. Faço votos para que lhe devolvam a liberdade; mas meu dever me é mais caro que minha vingança. O senhor pertence à República; não posso fazer nada aqui nem para o senhor e nem para mim.

Parte 11

*(Em Auray, 10 de agosto de 1795.
Quatro horas da manhã. Diante da delegacia.)*

Cena 1

(Cadio, Motus)

MOTUS

Meu capitão, é dia de feira. Ainda vamo levar umas coisinha ali pra eles; precisa de permissão, é?

CADIO

É preciso respeitar os testemunhos de amizade; os sentimentos são livres. Quanto aos prisioneiros, nossa tarefa não é privá-los de alguma coisa ou fazê-los sofrer.

MOTUS

Tô contigo, capitão. É demais mesmo tirar deles tudos dia a vida deles. De novecentos e cinquenta e dois, não tem mais de trezentos pra condenar.

CADIO

Sem reflexões aqui, Motus.

MOTUS

Aí capitão, se lhe ofendo... o senhor bem sabe que pelo senhor... Enfim, chega! Se tu me diz que fui além da linha do respeito que lhe devo eu me corto a barriga com meu sabre; mas às vezes o senhor permite, quando a gente não tá lutando, te falar como um simples cidadão, e então...

CADIO

Sim, fora de serviço, você é meu igual e meu amigo. E então, o que você quer me dizer?

MOTUS

Que essa corveia⁵¹ de vigiar essa espécie de cemitério é meio maçante para co-

51 Na França feudal, serviço gratuito que se prestava ao soberano ou ao senhor. Desde o Ancien Régime, regime de trabalho forçado. A corveia senhorial existia em 1789 sobretudo onde o feudalismo ainda era rigoroso; a corveia real, estabelecida em 1737 e que assumia a forma de trabalho nas estradas, era mais extensa, mais tinha sido trocada por pagamento em dinheiro em muitas regiões;

rações sensível e que a gente inda vai ter de ficar aqui pelo menos mais uma quinzena de dia! A gente faz o que manda na gente, mas bem posso despejar aí nos seus ouvido o desprazer que isso me dá. Se eu tivesse ferido, tu ia me cuidar com suas mão, como já fez mais de uma vez. Agora que minha alma tá sagrando, tu bem que podia me dar um fresco moral que tô bem precisado.

CADIO

Tá certo, escuta... Eu faço parte, sob pena de ser fuzilado em 24 horas, do conselho de guerra que se pronuncia sobre a sorte dos prisioneiros, e para todos os chefes eu ordeno a morte. Você acredita que eu agiria assim para agradar o general Lemoine e que o temor de ser fuzilado me impediria de recusar o metiê de juiz, se ele tivesse revoltado minha consciência?

MOTUS

Não, certo que não, meu capitão. Eu estendo essa coisa; tu pensa que a morte é justa.

CADIO

Sim, como metade da raça humana vai estar resolvida a cortar a garganta da outra metade para transformá-la em escravo, temos que atacar aqueles que servem a causa do mal. Eles nos provaram que não têm palavra e que o perdão era um crime para com a pátria.

MOTUS

Não digo mais nada, meu capitão: a consciência de um simples soldado deve entregar as arma pra consciência de seu superior. Mas taí uma velha cidadã que quer lhe falar, e que parece que conheço sem eu poder dizer que já vi!

CADIO

Eu a conheço; deixe-nos.

Cena 2

(Cadio, tia Corny)

TIA CORNY

Aí gente boa, é você mesmo?... você mesmo, Cadio? Eu bem sabia que você tava aqui... Tava te procurando... Mas aí, você tá mudado...

CADIO

Sim, sou eu mesmo. Como vocês estão, tia Corny?

TIA CORNY

Ai de mim! Meu filho, não muito bem. Os que tão viv tão curado já; mas meu pobre querido marido, minha nora, dois dos nossos neto e quase todos nosso vizinho morreu, no ano passado, da malária.

CADIO

Que coisa, mãe Corny, eu lamento muito... Mas por que veio de tão longe?

TIA CORNY

Eu vim pra ver as moça.... você sabe, a Françoise e a Marie-Jeanne! Elas conseguiu me avisar que podia achar elas em Vannes. Vim de lá, já que elas tão aqui...

CADIO

Estavam sim, não estão mais.

TIA CORNY

Tem certeza? Eu cheguei a pensar que ela tivesse naquela prisão de lá com aquele bando de infeliz...

CADIO

Elas nunca estiveram presas lá. Não havia lá uma única mulher. Suas brigadistas estão livres. Devem estar mesmo em Vannes.

TIA CORNY

Ah! meu bom Jesus! Tenho mesmo de voltar pra lá? Minhas perna e meu dinheiro tão no fim, no bagaço!

CADIO

Posso lhe economizar essa viagem? Vou escrever a elas, por um mensageiro especial.

TIA CORNY

Sangue de Jesus! Nem posso recusar... a menos que... é um segredo grave, Cadio!

CADIO

Se for alguma coisa contra a República, não me conte, eu seria obrigado a...

TIA CORNY

Não, não é nada desse tipo. Me diz, Cadio, confio na tua verdade. Você sempre foi honesto e justo! Me responde com franqueza: você ficou feliz ou triste por ter consentido numa forma de casamento com...?

CADIO

Aquele casamento, mãe Corny, foi a infelicidade da minha vida.

TIA CORNY

Ah! eu bem sabia! Então... vê o que se passa. Quando o cidadão Rebec deixou nossa paróquia por causa do medo que tinha das ameaça do delegado, ainda que os azul tivesse deixado a gente tranquilo, meu pobre marido foi nomeado principal e ficou bastante assustado quando achou no registro de estado civil aquelas duas folha que Rebec tinha prometido que ia rasgar.

CADIO

Eu soube por ele que elas ainda estão inteiras.

TIA CORNY

E isso não te deixa contrariado?

CADIO

Eu gostaria que elas jamais tivessem existido?

TIA CORNY

Elas não vai mais existir agora, é isso.

CADIO

(emocionado, olhando os papéis) Ah! De verdade? A senhora os está entregando para mim?

TIA CORNY

Pra você entregar pras minhas brigadista queridinha, que vão botar fogo nesses papel junto com você.

CADIO

Elas estão avisadas?

TIA CORNY

Não! E nem sabem de nada, a não ser que eu queria ver elas.

CADIO

Então foi seu marido que subtraiu...?

TIA CORNY

Não! ele não ousou tanto não! depois da morte dele, foi nomeado um velho monarquista pra ficar no lugar dele; aí eu falei pro novo tabelião: "Tem que achar esses papel aí, foi prometido!" Ele não teve medo não, ele! Achava que

a República ia nomear um rei. Tudo mundo acreditava nele, aquela boa gente, depois da paz de Nantes! Mas eis que tudo virou uma merda, porque vocês fuzilam todos monarquista! Essas folha aqui, ó, pega, vai entregar elas direitinho, num vai?

CADIO

Eu prometo, pode voltar pra sua casa. De minha parte, eu lhe agradeço. No que posso lhe ajudar?

TIA CORNY

Pode me ajudar muitamente. Eu tenho um dos meus menino, o mais jovem, que tá soldado no teu regimento, e que tá assim explodindo de vontade, veja só, de lutar por vocês. Segura ele perto de você, quando vocês for pruma batalha, impede ele de ir pra boca de um canhão!

CADIO

Está aí uma coisa que não posso lhe prometer, mas posso me empenhar por uma promoção, se ele a merecer, e, em todo caso, posso demonstrar algum interesse por ele.

TIA CORNY

(entregando-lhe um outro documento) Toma, taí escrito. Te agradecendo, Cadio; mas vou ver Rebec. Não tenho confiança nele, e tô fugindo: não diga a ele...

CADIO

Fique tranquila, eu sei como ele é!

Cena 3

(Cadio, Rebec)

CADIO

Por que está aqui? Não tinha me prometido não deixar Carnac enquanto houvesse doentes e feridos em seu albergue?

REBEC

Uma palavrinha em segredo, capitão!

CADIO

Estou ouvindo.

REBEC

Nossos bravo ferido tão bem, tão recebendo os melhor cuidado, e logo vai poder voltar. Trata-se de uma coisa... demasiado importante... e ia gostar de saber o que pensa disso.

CADIO

Sem preâmbulos, não tenho tempo de conversinha; diga o que quer.

REBEC

Com licença, com licença! O senhor tá sempre encarregado da guarda dos prisioneiro e da nobre função de despachar aqueles infame?

CADIO

O senhor sabe disso muito bem, mas se abstenha de qualificações; ninguém tem o direito de insultar os condenados.

REBEC

Bem capitão! O senhor fala nobremente... entretanto... sabe mesmo o que eles passa lá?

CADIO

Eu me atenho a cumprir meu dever.

REBEC

É um rude dever, vamo concordar.

CADIO

Isso não lhe diz respeito.

REBEC

Como não. Tudo cidadão probo como eu sou tem o direito de pensar.

CADIO

Não faça soar tão alto sua fidelidade, o senhor que tinha armas e munições inglesas escondidas em casa!

REBEC

Eu imaginei que elas havia de servir, e o senhor ia ser um ingrato se fizesse disso um crime.

CADIO

(sorrindo um pouco) Ah! o fato de que elas poderiam nos ter sido úteis.

REBEC

E depois, já paguei meu erro, se é que houve um, cuidando dos seus ferido.

CADIO

E agora, o que quer? Vamos acabar com essa conversinha.

REBEC

Eu dizia... eu tava dizendo que todos aqueles prisioneiro não é igualmente culpado. Aqueles que tava em Londres não tinha ratificado o tratado da Jaunaie.

CADIO

São solidários das mentiras e das traições do partido deles.

REBEC

(insinuando) Com licença, com licença! A prova de que eles não se entendia naquele tempo é que eles não conseguiu se entender no Quiberon. Não digo que a Convenção vai absolver todos eles; mas o general Hoche... é certo que, se ele puder, ele dava essa graça. Ele foi embora bastante depressa para não ver essa longa e sangrenta execução. Ele lava lá as mão, e as de gente como as do senhor tão condenadas a verter friamente o sangue dos vencido! É cômodo, vamos concordar, escapar impune de coisas desagradável! Eles coroa a gente com os louro da vitória, adorados pela população,... e o militar rude, o homem austero e resignado, tal como o general Lemoine... e o senhor mesmo, os senhores foi encarregado da tarefa do carrasco e da execração dos monarquista do passado, do presente e do futuro. A execução tá chegando ao final, já era tempo. Seus soldado tão se entediando e se entristecendo. Eu vejo, eu observo: eles não ri nem canta, e os cabaré, sim, no começo, eles ia lá para se distrair e se exaltar, os cabaré agora tá tudo mudo e deserto. O senhor mesmo, capitão Cadio, o senhor tá pálido, doente, tá morrendo!

CADIO

(perturbado) Não importa, irei até o fim!

REBEC

Parecem que morre bem aqueles infeliz!

CADIO

É a única coisa que possuem para se recuperar da vergonha.

REBEC

Então, você, você é incorruptíve?

CADIO

(endireitando-se) O que significa essa palavra?

REBEC

(embaraçado) Eu quis dizer inflexível!

CADIO

A palavra escapou de sua boca, mas ouvi direito. Você acredita que sou capaz de...

REBEC

Meu Deus, meu Deus! Você é um homem como os outro! Você me ouviu quando revelei pra você a validade de seu casamento; você aproveitou meu conselho para fazer valer seus direito. Eu prestei pra você um serviço que você não deve esquecer, Cadio.

CADIO

Você acreditou... Sim, eu me lembro, agora; você deve ter achado e achou que eu especularia sobre a situação como você. Imbecil!...

REBEC

(inquieta) Você tá aí irritado... tá mal-disposto pra uma conversa. Vou embora.

CADIO

(detendo-o) Não, de modo algum, você foi encarregado de negociar o resgate de algum prisioneiro, e achou que eu me prestaria a isso. Vai confessar, ou então...

REBEC

(atemorizado) Não, não! não me trate como suspeito... Diabo! Não tenho nenhuma vontade de me expor pra aquela senhora...

CADIO

Que senhora? Vamos, responda!

REBEC

Vou contar tudo, vou esclarecer suas suspeita. Eu vim pra lhe revelar um complô pra livrar dois prisioneiro condenado à morte na sessão de ontem, Saint-Gueltas e Raboisson. Confesso que o segundo me interessa, mas...

CADIO

Quem é essa mulher que está interessada em Saint-Gueltas? Diga o nome dela, eu lhe ordeno!

REBEC

É aquela que os insurgente chama de grande condessa, a cidadã du Rozeray.

CADIO

Quanto você recebeu?

REBEC

Eu acabei me envolvendo nessa maquinação infernal. (*abaixando a voz e observando Cadio*) Ela ia me oferecer duzentos mil franco...

CADIO

É muito bom saber disso.

REBEC

Que fique bem claro que você não ia estar mais tentado do que eu...

CADIO

Eu não estou, mas você sim. Você vai confessar tudo, ou te prendo.

REBEC

Me prender? Como se pudesse!... Eu vou revelar tudo o que sei. Que Saint-Gueltas e Raboisson, que são ou vai ser condenados, pode, no momento da execução, se atirar no pântano que rodeia a planície e atravessar o Loc'h a nado, e vão encontrar na outra margem tudo que vai ser preciso pra fugir.

CADIO

Você sabe mais alguma coisa

REBEC

Nada mais, juro.

CADIO

(*para dois soldados que passam para trocar a guarda*) Vocês, coloquem este cidadão a ferros.

REBEC

Você me ferra mesmo assim? Merda! Isso é errado, é injusto!

CADIO

Se você disse a verdade, não tem nada a temer, será libertado em duas horas.

Cena 4

(Cadio, Motus, alguns soldados.

Seis horas da manhã, mesmo dia.

Uma floresta que desce pela encosta à beira do rio Loc'h, perto de Auray.

À frente está o campo agora chamado Champ des Martyrs.⁵²

É o lugar da execução, ainda deserto.)

CADIO

(postando seus homens a uma distância marcada entre eles no talude que cerca a praia) Mantenham-se escondidos e abram fogo contra os prisioneiros que tentarem fugir por aqui, a menos que o clarim sinalize para esperar. (para Motus) Vem comigo. (sobem para um ponto acima na floresta)

MOTUS

Daqui, meu capitão, daqui a gente vai ver sem que ninguém veja a gente, e a gente vai ver com clareza o lugar da execução. A coisa não é de rir, mas a gente tá no posto pra se divertir..

CADIO

Sem dúvida que não; Raboisson era um bom homem, doce e mal-humorado, mas mão era do mal.

MOTUS

Você conheceu ele quando tu tocava aquela gaita de fole no tempo da guerra da Vendeia, não foi?

CADIO

Sim, eu vi lá muitas vezes aqueles que hoje sou forçado a condenar.

MOTUS

Você se lembra, meu capitão, do dia em que vendei os olho no castelo de Sauvières?...

CADIO

Sim, com certeza, me lembro daquilo, sobretudo hoje!

MOTUS

E eu, aquilo me volta como um sonho. A gente fingia que ia te fuzilar.

⁵² **Nota do original:** Essa praia foi cercada, e eergue-se uma capela expiatória durante a Restauração. Para ali se vai em peregrinação; há relatos de milagres.

CADIO

E eu morria de medo.

MOTUS

Ara! Tudo mundo tem medo na primeira vez na frente de um fuzil; mas, quando penso na humanidade e na paciência do capitão Ravaud, eu ia fuzilar como espião o homem mais corajoso que conheci?

CADIO

Eu te entendo: nós fuzilamos ali pessoas que morreram melhor do que eu saberia morrer então!

MOTUS

Sem te ofender, meu capitão, o emigrado Raboisson é um cidadão educado que eu ia lamentar abater...

CADIO

Você pode ficar tranquilo. Raboisson não vai tentar fugir.

MOTUS

Então, tanto faz. O bandido Saint-Gueltas não me interessa especialmente porque você quer.

CADIO

Agora, não, se ele aceita a prisão. O ódio se acaba diante dos túmulos. Silêncio! Atenção com o que está acontecendo lá!

MOTUS

(ao fim de um momento) Olha lá o desapego. Nem um só curioso hoje. Eles tão desgostoso de ser descartado da cena pela prudência dos camarada.

CADIO

O campo está deserto lá. As medidas de evasão estão concentradas aqui.

MOTUS

Meu capitão, tem lá umas pessoa cortando o mato do talude. É pra marcar ou indicar o caminho pros fugitivo.

CADIO

É possível; mas o que significa essa parada na entrada do campo? Os coveiros também pararam? Eles não terminaram de abrir a cova onde devem cair os condenados.

MOTUS

Meu capitão, eu conheço eles tudo; se tu me empresta esses óculo aí, te digo os nome deles tudo.

CADIO

Não quero saber. Eu seria obrigado a condenar todos à morte. Impeçamos a fuga, e não vamos ficar procurando aqueles que a favorecem.

MOTUS

Ah! daqui tô vendo Saint-Gueltas, pelo menos eu acho...

CADIO

Eu estou vendo, fique tranquilo!

Cena 5

(Saint-Gueltas, Raboisson, o abade Sapience, Stock, um suboficial, um soldado, dois jovens soldados. No campo em frente, uma cerca viva contorna o banco que sobe desde para a praia. Além está o rio, depois a floresta onde estão escondidos Motus, Cadio e seus homens. Grandes árvores bordam um caminho, do outro lado do campo. 40 condenados no centro de um destacamento de infantaria estão na entrada. Os soldados separam os condenados em grupos de vinte pessoas)

SAINT-GUeltas

(que observa tudo com atenção e curiosidade; para Raboisson, que está perto dele) Ainda não vejo como vão fazer para nos despachar.

RABOISSON

(tranquilo e sorridente) Nenhum dos que chegaram aqui antes de nós para a mesma coisa vai voltar para nos contar; mas eu vejo o que vai acontecer: estão cavando uma fossa de 25 ou 30 pés de comprimento, dividem-nos em pelotões de 20 indivíduos, colocam-nos em fila na eira da cova e vão nos fuzilar pelas costas de curta distância. Caímos de nariz no chão, e tudo está terminado. Somos mortos e enterrados ao mesmo tempo.

SAINT-GUeltas

É uma morte indigna! E ninguém aqui para nos ver caindo! Ninguém vai contar com que segurança ou graça soubemos morrer! Nem um só olhar amigo, nem uma só lágrima de amor!

UM SOLDADO

(baixo, para seu camarada) Esses atirador não vai terminar hoje não? Enche o saco ficar aqui esperando!

ABADE SAPIENCE

(que ouviu) Isso é uma infâmia, uma crueldade gratuita! Nossa angústia fica cada vez maior!

O SOLDADO

Ah! se o senhor acha que a gente tá se divertindo aqui pra fazer isso que tamo fazendo!

UM SUBOFICIAL

(para o soldado) Oito dias de solitária por ter falado aos condenado! *(corre para os cavadores)* Isso não vai acabar, não? Mil raios queimde vocês! Quem me encheu de poeira desse jeito? Tão querendo que despache vocês na ponta dessa baioneta?

UM SOLDADO BASTANTE JOVEM

(baixinho, para um outro) Se isso dura mais cinco minuto, meu fuzil vai despencar das minhas mão. A cabeça tá girando e o coração mancando.

O OUTRO

Vamo, vamo, aquele é o sinal, a gente tem de começar. *(o soldado jovem desmaia)*

SUBOFICIAL

O que está acontecendo aí, seus cabeças de tartaruga?

O OUTRO JOVEM SOLDADO

Desculpe aí, meu sargento, é o camarada aqui que não aguenta mais esperar. *(o suboficial esbraveja, e todos se reposicionam.)*

SAINT-GUELTAS

(para Raboisson na outra ponta do campo) Parece que querem nos dar tempo de fazer nossas orações! O que significa essa parada que estamos fazendo aqui?

RABOISSON

Não sei, o que importa? A vida não é bela, mas bem se pode suportar mais um quarto de hora. Olha esse soldado que está à minha esquerda.

SAINT-GUELTAS

O diabo o leve, é Stock! Um dos que vão nos matar. Ele se alistou nos azuis lá em Savenay para salvar a vida, o covarde! Tomara que morra pálido! *(alto)* Hoje

é 10 de agosto, acho! *(Stock faz um gesto de ameaça, como se quisesse pegar Saint-Gueltas pelo colete, e desliza um bilhete para a mão dele)*

RABOISSON

(baixo) O que é isso aí?

SAINT-GUeltas

(depois de ter lido furtivamente o bilhete) A condessa quer e pode nos salvar; só vai ser preciso um momento de audácia. *(passa o bilhete para Raboisson)*

RABOISSON

(depois de ler) Oh! Que amável da parte dela! Agradeça a ela por mim.

SAINT-GUeltas

Você não quer aproveitar?...

RABOISSON

Na verdade, não, já estou cansado de viver; todos nós estamos! Nossa causa está perdida, só podemos protestar com a nossa morte; saibamos morrer, não deve ser tão ruim.

SAINT-GUeltas

Ora, ora, eu não quero morrer assim bestamente! Me falta uma última aventura, uma última emoção! Vou correndo beijar minha bela condessa, e volto aqui para compartilhar tua sorte.

RABOISSON

Então, preste atenção no sinal que ela te indicou.

SAINT-GUeltas

Sim, tenho sangue-frio, mas meu coração está batendo forte! Graças a essa mulher terrível e encantadora, o amor terá minhas últimas palpitações!

RABOISSON

Vamos, você é feliz à sua maneira até o fim! Eu, eu vou mais tranqüilinho para meu repouso no nada absoluto. Veja como a natureza é insensível aos nossos desastres! O sol ri nessa paisagem encantadora. O rio canta lá embaixo sob os salgueiros, os pássaros fazem seus ninhos nesses arbustos que nos rodeiam. E os homens! Veja lá embaixo os pescadores que lançam suas redes!... como eles se preocupam pouco conosco! Ao tiro que nos matará eles mal levantarão a cabeça, e os pássaros, assustados por um instante, retomarão sua revoadada e suas canções!

SAINT-GUeltas

Eu, eu olho para esse solo e a grama pisada pelos nossos pés e que espera nossos cadáveres para ficar verde de novo. Sabe que escolheram um bom lugar para nossa sepultura? É bastante bonito mesmo, de verdade. Daqui a alguns anos vão vir aqui em peregrinação.

ABADE SAPIENCE

(que se aproximou dele) Virão aqui, sim, senhor. A República sacrifica perdendo-se em fiapos, o martírio vai nos santificar!

RABOISSON

(rindo) Então, meus ossos vão fazer milagres? Fale pelo senhor mesmo, senhor; mas eu, que nunca acreditei em nada, não vou fazer nenhum paraplégico andar.

SAINT-GUeltas

Nem eu! A menos que minhas cinzas sirvam para fazer filtros amorosos... *(ouvem-se gritos e imprecações no lado do campo oposto ao talude. É uma rixa simulada entre os camponeses para atrair a atenção)*

RABOISSON

É o sinal, adeus!

SAINT-GUeltas

Adeus não, até à vista! *(ele se abaixa, atravessa os arbustos, deixa-se rolar pela encosta, sobe pelo campo e termina por se atirar ao rio)*

UM SOLDADO

(percebendo e falando ao vizinho) Olha lá, pulou um pato! Não diga nada, já ganhou o que merecia.

O OUTRO

Mas é um chefe, e um grosseiro.

O PRIMEIRO

Ah! tanto faz, um a menos pra descer!

STOCK

(baixo, para Raboisson) E aí? Fai não?

RABOISSON

Obrigado, Stock, estou bem aqui.

STOCK

(à parte) Melhor que eu!

Cena 6

(Motus, Cadio, Saint-Gueltas, Louise, um suboficial, um soldado. Na floresta, na outra margem do Loc'h, Saint-Gueltas, no momento de sair da água, é visto pelos azuis em emboscada, que atiram nele. Ele desaparece)

MOTUS

(que observa de um pouco mais longe, com Cadio) O negócio tá feito, meu capitão.

CADIO

A menos que ele nade entre duas águas. Vamos continuar olhando.

MOTUS

(ao fim de alguns instantes) Ele não ia aguentar tanto tempo assim. Foi pro fundo já.

CADIO

Não! veja! *(ele divisa Saint-Gueltas, que surgiu sob os arbustos e sobe pela direita sem vê-lo)*

LOUISE

(saindo do talude ao lado de Cadio, se atira aos seus joelhos, que ela abraça) Perdão para ele, e eu sou sua! *(Cadio, confuso, deixa cair sua arma. Louise se lança para a frente de Saint-Gueltas)* Fuja!

SAINT-GUeltas

Louise?

LOUISE

Agi sob o nome de outra mulher para que o senhor se decidisse...

SAINT-GUeltas

Ah! Que generosa amiga!... Você vem comigo?

LOUISE

Jamais! Fuja!

SAINT-GUeltas

(vendo Cadio) Ah! compreendo... Não aceito!... Senhor Cadio, eu lhe agradeço; mas jurei a meus amigos voltar e morrer com eles. Vou para lá, não se irrite! *(corre na direção do rio, mergulha nele, e escapa às balas dos soldados emboscados; atravessa o palude sem que os soldados do campo que o vigiam*

atirem nele, e, subindo pela escada do cais, vai ocupar seu lugar perto de Raboisson para ser fuzilado, sob aclamações dos prisioneiros e dos soldados; Raboisson segura sua mão. No momento em que eles caem, ouve-se o grito “Viva o rei!” e um tiro de fuzil mais distante atrás deles)

UM SUBOFICIAL

O que foi esse tiro lá atrás?

UM SOLDADO

Foi aquele Stock que queimou os miolos, meu sargento. Preste atenção: era um suíço, sentia saudade lá da sua terra lá dele.

Cena 7

(Louise, Cadio. Na floresta.

Cadio e Motus trouxeram Louise desmaiada pelo loutro lado da colina.)

LOUISE

(voltando a si) Ah! meu Deus! Terminou?

CADIO

Você está livre, senhorita. Saint-Gueltas não existe mais, e era isso tudo o que ligava você a mim! *(ele entrega a ela as folhas do registro que haviam sido confiadas à tia Corny e se afasta precipitadamente fazendo sinal para que Motus acompanhe Louise para onde ela quiser.)*

Cena 8

(Marie, Roxane, Louise, Henri.

Meio-dia. Num regato no jardim de um convento entre Carnac e Auray)

MARIE

Sim, vamos deixar passar essa hora de grande calor. Louise precisa de uma hora de repouso. Aqui teremos sombra e solidão.

HENRI

Se a senhora está bem aqui, vou dar ordem ao postilhão para desatrelar os cavalos. *(afasta-se)*

LOUISE

(esgotada) Ah! Marie, quanta bondade para comigo! Como você conseguiu me encontrar? Não compreendo mais nada do que está me acontecendo.

ROXANE

Nós mais adivinhamos teu projeto do que descobrimos qual fosse; mas o segredo não foi tão bem guardado que não pudéssemos te seguir até Auray, onde aconteceu o que você já sabe. Ah! Louise, que loucura aquela de você se expor daquele modo para salvar aquele miserável! Então você ainda o amava?

LOUISE

Claro que não! Deixei de amá-lo no dia em que a esperança de ter um filho o deixou insensível e orgulhoso; mas a lembrança do filho é sagrada, e, por odioso que seja o pai, eu devia a ele o que tenho tentado fazer por ele. Ah! eu odeio todas as minhas lembranças, salvo a do pobre garoto e a da generosidade de Cadio!

MARIE

(abraçando-a) E a da minha amizade, ingrata?

LOUISE

(atirando-se ao seu abraço) Oh! Você!... Mas você não me reprova, estou certa disso!

MARIE

Não. Ao contrário, admiro tua grandeza d'alma, pois não se trata de uma última fraqueza do amor, eu sei. *(para Roxane)* Não a repreenda: isso seria, para nós republicanos, considerar que ela é culpada por ter querido salvar um dos nossos piores inimigos; mas eu, diante dos castigos e dos suplícios, também sou fraca, e teria feito como Cadio: não teria atirado contra Saint-Gueltas.

ROXANE

Cadio! Ora, ele não tem nada a dizer, tem um grande coração, nos devolveu esses documentos! Eu seria capaz de lhe dar um abraço, se ele estivesse aqui.

HENRI

(aproximando-se) Ele está vindo aí, acabei de entrevistá-lo ali adiante. Entrem nessa capela arruinada se não quiserem vê-lo.

ROXANE

Mas eu, eu quero vê-lo sim, agradecer-lhe...

HENRI

Ainda não, ele parece muito perturbado. Deixem-me conhecer o estado de sua alma. Marie pode ficar, ela o acalmará melhor que eu. *(Louise e Roxane se afastam)*

Cena 9

(Os mesmos, Cadio, Motus, depois Louise e Roxane, que se haviam retirado à chegada de Cadio)

CADIO

(vendo Motus atrás de si) O que veio fazer aqui? Onde está a pessoa que lhe disse para acompanhar...?

MOTUS

Meu capitão, cumpri suas ordem. Acompanhei a jovem cidadã na porta de Auray, ela disse que queria entrar sozinha. Dali fui na prisão, fazer colocar em liberdade o cidadão Rebec; após isso, pensando bem que o senhor viria aqui segundo teu costume, fiquei pra te fazer um pedido. Mas vejo que não é hora disso, tu não tá com boa cara pra isso.

CADIO

Diga aí o que quer. Está sempre falando.

MOTUS

Pois bem, é a cidadã Javotte, a lindinha e corajosa patriota que não quis se reunir ao seu burguês e que ia gostar de ter a honra de ser alocada na condição de cantineira, se isso não for desagradar o senhor.

CADIO

Concedido.

MOTUS

(emocionado) Obrigado, meu capitão.

CADIO

Agora me deixe.

MOTUS

Sem te ofender, eu capitão. Tu me parece mais incomodado que de costume...

HENRI

(chegando) Não se inquiete, meu bravo, estou aqui. *(Motus faz a saudação militar e se afasta)*

CADIO

(surpreso por ver Henri) Você? *(vendo Marie)* E você? Onde está a senhorita...?

HENRI

Em segurança, nós lhe providenciamos um lugar seguro.

CADIO

O senhor sabe o que se passou?

MARIE

Ela nos contou. Ela te admira e abençoa.

CADIO

(com amargura) De verdade?! Então ela está maravilhada por estar livre no momento em que, para salvar seu amante, consentiu em seguir o marido?

HENRI

Você acha, então, que ela está mesmo assim?

CADIO

Não, ela não representa mais nada para mim. Eu também, sou livre; vou esquecer isso.

MARIE

Mas o que, então, você veio fazer nesse ermo, Cadio?

CADIO

Não vim queimar meus miolos, não. Eu pertenço à pátria; sou todo dela no presente e não tenho qualquer injúria para vingar. Vim aqui buscar a calma que aqui encontrei algumas vezes. Esse é o convento onde me transformei num monge. Eu me pergunto se não seria esse o meu destino! Eu seria perseguido, seria um errante hoje em dia; mas teria no espírito uma ideia fixa: a de me preservar do amor para agradar a Deus, ao passo que me preservei dele para cumprir um dever quimérico, o de permanecer digno de uma mulher que me desprezava.

HENRI

O que está dizendo? Então você sempre amou a Louise?

CADIO

Neste momento eu posso confessar: eu a amei tanto quanto a odiei, apaixonadamente, sem qualquer esperança, e desgostoso com a escolha que ela havia feito, eu me obstinei em ser um homem mais forte, mais corajoso, mais casto do que aquele que ela preferia a mim. Ah! o trabalho terrível a que me condenei para dobrar minha natureza contemplativa a esses costumes de energia e de estoicismo! Não consegui ficar louco!... E, quando, depois de ter ven-

cido todos os meus instintos, eu conseguira me tornar terrível no lugar do sereno que eu era, eu sempre me via diante do impossível! Eu me dizia: “Ela não vai saber do teu sofrimento, ela não vai assistir os teus combates, você nunca vai ter um nome que preencha uma página da história, e cujo brilho apaga aquele que teu rival recebeu dos pais. Ela não vai se envergonhar de te ter conhecido, ela não vai duvidar de que tu és superior ao ídolo dela!” Era isso o que eu me dizia, Henri! Ah! por que me colocou no coração essa sede de me tornar um homem? Eu só podia aspirar à metade, eu que desde a infância me havia abandonado preguiçosamente à fácil doçura de nada ser! Eu era feliz como o pássaro da floresta e como a flor do campo! Você me fez acreditar que a raça humana era mais nobre, mais digna do olhar de Deus; ai! Eu me amarrei às asas da sanfona do boêmio, e segurei o sabre que dá vontade de matar, o cavalo inebriado pela corrida! Respirei o cheiro da pólvora, e me acreditei grande! Pobre louco! Eu me esquecia que o homem desenvolve nele, com a febre da luta, a febre do amor, e quanto mais barata a sua vida, mais sua vida se completa com a felicidade. Ah! meus amigos, não admirem minha coragem, vocês fizeram de mim um grande infeliz!

MARIE

(segurando sua mão) Se Louise tivesse deixado Saint-Gueltas bruscamente para ficar contigo, você a teria estimado?

CADIO

Houve um dia em que, no horror da carnificina, ela me colocou uma arma na mão dizendo: “Proteja-me, vingue-me!” Ela não sabia o que estava fazendo, talvez tenha se esquecido disso! Eu, eu me lembro porque, naquele dia, eu estava além de deus, eu estava invulnerável! Uma feridazinha fez correr meu sangue, ela o limpou, ela chorava. Eu estava feliz, estava louco! Eu deveria ter morrido naquele dia.

HENRI

E, hoje, você acha que o reconhecimento dela é mínimo, a amizade menos sincera?

CADIO

Agora ela ama Saint-Gueltas morto, tal como o amou vivo. O destino que me persegue deu uma bela morte àquele maldito, e a mim a afronta de permitir que ele a conquistasse, sob pena de ser frouxo matando um rival sem defesa. Louise se gabou de me ter desarmado prometendo para mim... Ah! diga-lhe que não foi por ela, que foi por mim mesmo que me abstive de atingi-lo! Diga-lhe que a promessa que me fez era frouxa e odiosa; ela acreditava que eu queria dela outra coisa e não seu amor! Ela me julgou segundo ele! Veja! Sua alma está murcha como sua pessoa, como sua vida, como sua honra. Tudo está fa-

nado nela, a alegria de ser mãe e a dor de o ter sido. Seu coração está gelado, os beijos de um libertino sujaram seus lábios... Não resta dela mais que a brigada inimiga de sua terra e aliada dos traidores. Seus votos são pela Inglaterra, o Deus para quem ela ora é o mesmo fetiche que os monges queriam me fazer adorar aqui; é o rei do céu que governa o mundo à maneira dos reis da terra, consagrando a escravidão! Ela despreza o povo de que se serviu para nos fazer a guerra e do qual se envergonhará ao aceitar uma aliança... ela é vã, ela está louca, está cega... e eu a amava, eu que a considerei indigna de ser a companheira de um soldado da República!

LOUISE

(surgindo) Sou mesmo indigna disso, Cadio, é verdade! Considere-me morta e me perdoe. Um eterno arrependimento vai expiar minha perplexidade.

CADIO

Que eu perdoe a senhora?! A senhora aceitaria meu perdão?

LOUISE

Pois sou eu que lhe peço...

CADIO

Ah! a senhora não aceitaria o perdão pelo amor...

MARIE

Agora, não! sua alma está estilhaçada; mas o tempo apaga as lembranças mais cruéis. *(baixo)* Volte daqui a um ano, Cadio, e responderei por ela.

CADIO

(com dor) Ela chora!... ela está chorando amargamente!... Louise, é por ele que está chorando?

LOUISE

Não, Cadio, é pelo mal que te fiz.

HENRI

A senhora poderá repará-lo, Louise. A senhora está vendo com clareza que ele a ama mais que nunca!

LOUISE

Pois bem, que ele volte em um ano. Até lá, vou viver pensando nele; isso vai purificar minha vida e revigorar minha vida! *(ela se afasta)*

CADIO

Um ano! Ela quer vestir luto por Saint-Gueltas...

MARIE

Não! ela ama você desde aquela terrível jornada de Carnac. Eu sei disso, tenho certeza; mas ela teme a amargura de teus ressentimentos e as reprovações que não merece de tua parte, porque essas recriminações já foram feitas.

CADIO

Ela me ama e tem medo de mim!... Ah! eu seria um frouxo se terminasse de despedaçar esse pobre coração de mulher! Não, não! Marie, diga a ela que não trabalhei em vão para me tornar forte. Eu conseguirei sufocar em mim as torturas do ciúme. É nisso que agora aplicarei minha vontade. Eu me sustentei pelo ódio, saberei me elevar pelo amor.

HENRI

Bem, Cadio! Eis você com a verdade; você está entrando na grande corrente que leva a pátria, cansada de violência, para a reconciliação. A necessidade de amar é o imperioso resultado de nossa dilaceração. Você vai deixar essa arena por algumas semanas, trago aqui sua licença. Você deve ir para Auray. Vá nos encontrar em Nantes, para onde levaremos Louise. Lá, vocês esquecerão que ambos representam os dois partidos extremos dessa luta; ela, o passado com seus erros; você, o presente com seus excessos. Marie me perdoou por ser cavalheiro da corte, Louise te perdoará ser sem família. Chegou o tempo em que cada um vale por si mesmo; a Revolução consagrou esse princípio, o amor deve santificar o fato.

ROXANE

(que escuta) É bastante forte o que disse, Henri!... Se pelo menos Cadio fosse general!

HENRI

Fique tranquila, ele vai chegar lá!

Fim.

Cronologia da ação

- Parte 1 – **primavera** de **1793**, castelo de Sauvières, na Vendéia.
- Parte 2 – castelo de Sauvières, fim do **verão** de **1793**.
- Parte 3 – cidade no Bocage conquistada pelos vendeanos, **outono** de **1793**.
- Parte 4 – beira do Loire, na Bretanha, começo do **inverno** de **1794**.
- Parte 5 – granja na Bretanha (talvez estrada de Savenay a Saint-Nazaire), fevereiro de **1794 (inverno)**.
- Parte 6 – Nantes. (1794, talvez **primavera**)
- Parte 7 – castelo de Rochebrûlée, 12 de setembro de **1794 (verão)**.
- Parte 8 – Carnac, julho de **1795 (verão)**.
- Parte 9 – pero de Quiberon, 16 de julho de **1795 (verão)**.
- Parte 10 – entre Quiberon e Auray, 25 de julho de **1795 (verão)**.
- Parte 11 – Auray, 10 de agosto de **1795 (verão)**.